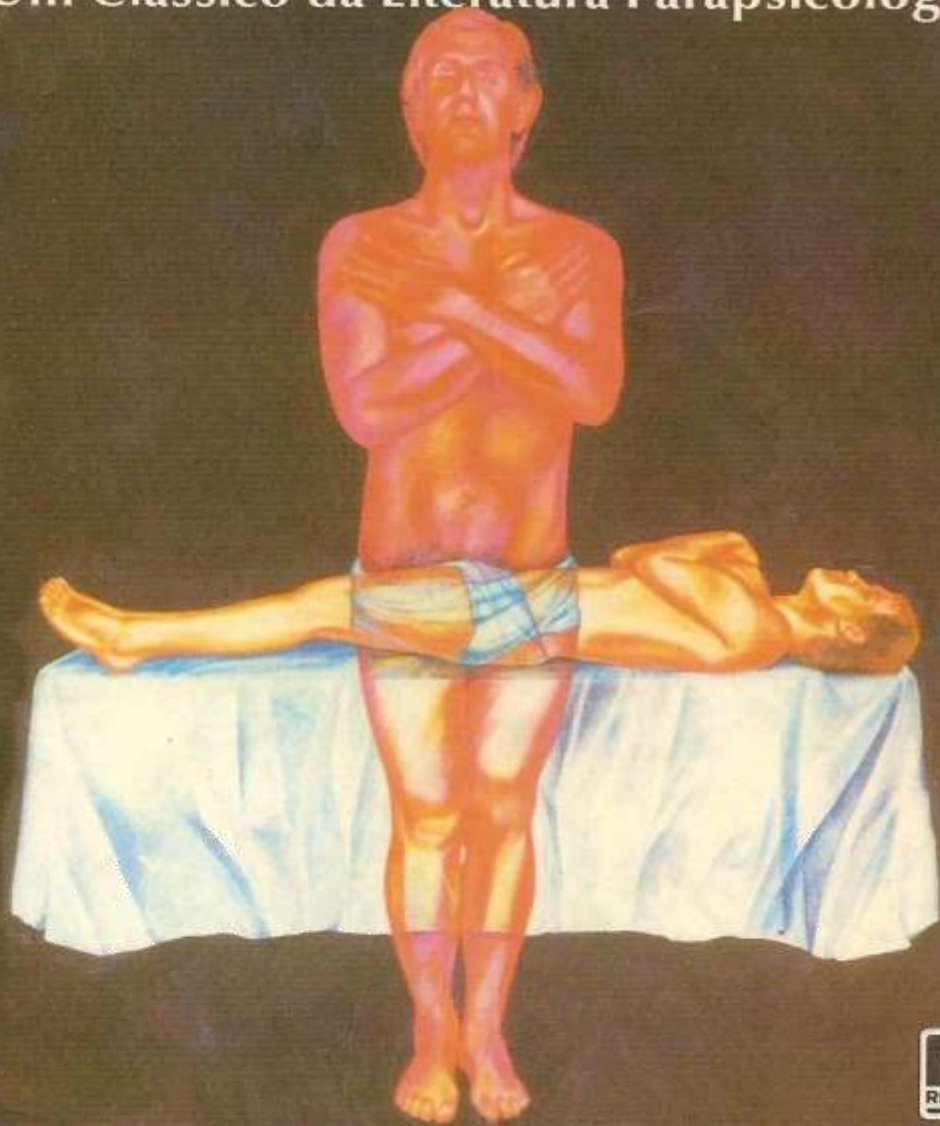


Robert A. Monroe

VIAGENS FORA DO CORPO

Um Clássico da Literatura Parapsicológica



VIAGENS FORA DO CORPO

Um livro de **ROBERT MONROE**

Todas as noites bilhões de pessoas passam por uma experiência que não compreendem, mas sem a qual não poderiam sobreviver – a experiência do sono. Pesadelos, sonhos, a sensação de “cair” – são todos fenômenos aceitos do sono; porém o que acontece exatamente a nossas mentes enquanto nossos corpos estão nesse estado peculiar?

Por centenas de anos os seguidores das religiões orientais têm aceito o sono como um meio de fuga às restrições do corpo físico – ocasião em que nosso espírito, ou corpo astral, é capaz de viajar num mundo não limitado pela distância ou pelo tempo. Este é o mundo que Robert Monroe explora em VIAGENS FORA DO CORPO. Numa avaliação passo a passo, ele descreve suas primeiras e assustadoras experiências, quando se deu conta de suas capacidades; e também dá instruções detalhadas sobre como iniciar uma experiência “fora do corpo”.

VIAGENS FORA DO CORPO é um magistral e inédito relato sobre essa mágica dimensão... quem quer que ouse visitar o país dos mortos, enquanto ainda vivo, deve ler este manual básico que contém truques do ofício muito preciosos.

O AUTOR

ROBERT MONROE tem tido ampla experiência na carreira de comunicações, escrevendo para jornais e revistas e trabalhando em televisão e eletrônica, sendo, atualmente, presidente de duas empresas ativas nesses ramos. Vive com a família numa fazenda no Estado da Virgínia, perto do Instituto de Pesquisas Mentais (*Mind Research Institute*) por ele fundado em 1971. Este é o seu primeiro livro publicado no Brasil pela Record.

ROBERT A. MONROE

**VIAGENS
FORA DO CORPO**

**TRADUÇÃO DE
ALMIRA B. GUIMARÃES**

11ª EDIÇÃO

EDITORA RECORD

Título do original norte-americano
JOURNEYS OUT OF THE BODY

Copyright © 1972 by Robert Monroe

Sumário

Introdução	7
1 – Não com uma vara de condão, nem levemente	26
2 – Busca e pesquisa	41
3 – Baseado em provas	56
4 – O aqui agora	71
5 – Infinito, eternidade	86
6 – Imagem invertida	102
7 – Após a morte	118
8 – “Por que a Bíblia me diz que é assim	136
9 – Anjos e arquétipos	149
10 – Animais inteligentes	157
11 – Dom ou estorvo	168
12 – Buracos redondos e cavilhas quadradas	178
13 – O segundo corpo	189
14 – Mente e supermente	202

15 – Sexualidade no segundo estado	215
16 – Exercícios preliminares	229
17 – O processo de separação	244
18 – Análise de acontecimentos	257
19 – Classificação estatística	273
20 – Inconclusivo.....	287
21 – Premissas: um fundamento lógico?	299
Glossário	313

Introdução

Em nossa sociedade orientada para a ação, quando um homem se deita para dormir está efetivamente fora do quadro. Ali jaz durante seis ou oito horas, de modo que não está “se comportando”, “pensando produtivamente”, ou fazendo algo de “significativo”. Todos sabemos que as pessoas sonham, mas criamos nossos filhos considerando os sonhos e outras experiências que ocorram durante o sono como sem importância, como não reais do modo como o são os acontecimentos do dia-a-dia. Assim muitas pessoas têm o hábito de esquecer seus sonhos e, nas ocasiões em que se lembram deles, usualmente os consideram meras extravagâncias.

Verdade é que psicólogos e psiquiatras consideram os sonhos dos pacientes como chaves úteis para o mau funcionamento de suas personalidades; porém, mesmo assim, sonhos e outras experiências noturnas geralmente não são tratados como reais de modo nenhum, mas apenas como uma espécie de processamento interno de dados do computador humano.

Há algumas exceções importantes a essa repressão geral de sonhos; todavia, para a grande maioria das pessoas em nossa sociedade hodierna, sonhos não são coisas com que se preocupem as pessoas sérias.

Que faremos com uma pessoa que é exceção a essa crença generalizada, que afirma haver tido experiências durante o sono ou outras formas de inconsciência que não foram apenas impressionantes para si, mas sente que foram reais?

Suponha que essa pessoa afirma haver, na noite precedente, tido uma experiência de voar até chegar sobre uma

grande cidade que logo reconheceu como Nova York. Posteriormente, disse-nos haver o sonho sido não só intensamente vívido como sabia, na ocasião, não ser apenas um sonho: “realmente estava no ar acima da cidade de Nova York”. E a convicção de que realmente lá estivera permaneceu com ele pelo resto de sua vida, embora lhe lembrássemos de que um homem adormecido não poderia voar por si mesmo, de verdade, acima da cidade de Nova York.

Provavelmente trataremos de ignorar a pessoa que narre tal coisa, ou polidamente (ou não tão polidamente...) a informemos de que está ficando “fraco da bola”, e sugeriremos que procure um psiquiatra. Se a pessoa insiste quanto à realidade de sua experiência, especialmente se também tem outras experiências estranhas, podemos, com a melhor das intenções, procurar interná-la num hospital para doentes mentais.

Por outro lado, se o nosso “viajante” for esperto, logo aprenderá a não comentar suas experiências. O único problema é, como descobri falando com muitas pessoas nessas condições, que pode pensar que está ficando biruta.

Em benefício da discussão, façamos o nosso “viajante” ainda mais perturbador. Suponha que em sua narrativa ele diga que, após voar sobre Nova York, baixou no apartamento de vocês. Ali viu você e duas outras pessoas que lhe são desconhecidas, conversando. Descreve as duas pessoas detalhadamente, e menciona alguns dos tópicos da conversa, que ocorreram, mais ou menos no minuto, em que ali esteve.

Suponhamos que esteja certo. Na ocasião em que ele teve sua experiência, você mantinha uma conversação sobre o assunto que ele menciona com duas pessoas cuja descrição se ajusta à que foi dada por nosso “viajante”. E agora? ...

A reação usual a uma situação hipotética deste tipo é que é muito interessante, mas como sabemos que não poderia

acontecer, não precisamos pensar seriamente no que isso significa. Ou poderemos nos consolar invocando a palavra “coincidência”, para aliviar perturbações mentais!

Felizmente para nossa paz de espírito, existem milhares de casos, narrados por pessoas normais, exatamente desse tipo de ocorrência. Não estamos lidando com uma situação puramente hipotética.

Tais acontecimentos foram chamados de clarividência viageira, projeção astral, ou, termo mais científico, experiência fora do corpo (EFDC)⁽¹⁾. Podemos formalmente definir uma EFDC como um acontecimento em que o experimentador (1) parece perceber alguma parte de algum ambiente que, possivelmente, não poderia ser percebida de onde se sabia estar seu corpo físico na ocasião; e (2) sabe na ocasião não estar sonhando ou fantasiando. O experimentador parece estar de posse de sua consciência normal na ocasião e, embora consiga raciocinar que isso não pode estar acontecendo, sentirá presentes todas as suas faculdades críticas normais e assim sabe não estar sonhando. Posteriormente, após despertar, não se decidirá a afirmar que se tratou de um sonho. Como, então, compreender tão estranho fenômeno?

Se buscarmos fontes científicas para informações a respeito das EsFDC, praticamente nada encontraremos. De modo geral os cientistas simplesmente não dão atenção a esses fenômenos. A situação se assemelha à da literatura científica sobre a percepção extrassensorial (PES). Fenômenos como telepatia, clarividência, premonição, e psicoquinesia⁽²⁾ são “impossíveis” em termos da visão atual do mundo físico. Desde que não podem acontecer, a maioria dos cientistas não

(1) Do original OOB = Out-of-the-body experiences. (N. da T.)

(2) Psychokinesis = Parapsicologia. (N. da T.)

se incomoda em ler as provas que indicam que sim, que acontecem; daí, não conhecendo as provas, fica reforçada sua crença na impossibilidade de tais fenômenos. Esse tipo de raciocínio circular em apoio de um confortável sistema de crenças de modo algum é único para os cientistas, mas resultou em bem pequena pesquisa científica sobre PES e EsFDC.

A despeito da falta de dados científicos “rígidos”, existe grande número de conclusões definitivas que podem ser feitas pela leitura do material.

Primeiro, EsFDC são experiências humanas universal, não no sentido de que acontecem a grande número de pessoas, mas no de que têm acontecido através de toda a História, havendo notáveis semelhanças na experiência de pessoas extremamente diferentes em termos de ambiente cultural. Encontramos relatos de EsFDC feitos por donas-de-casa em Kansas que se parecem estreitamente com os de fontes orientais ou do antigo Egito.

Segundo, a EFDC é geralmente uma experiência única na vida, aparentemente acontecida por “acidente”. Por vezes doenças a motiva, especialmente doenças quase fatais. Grande tensão emocional também pode provocá-la. Em muitos casos, simplesmente acontece durante o sono, sem que tenhamos a menor ideia sobre o que pode havê-la causado. Em casos muito raros parece haver sido provocada por tentativa deliberada.

Terceiro, a experiência de uma EFDC é usualmente uma das mais profundas experiências na vida de alguém e altera profundamente suas crenças. Habitualmente assim se expressam:

“Não acredito mais em sobrevivência após a morte ou em alma imortal: sei que sobreviverei além da morte.”

A pessoa sente que experimentou diretamente estar viva e consciente sem seu corpo físico, portanto sabe que possui

uma alma que sobreviverá à morte do corpo. Isso não se infere logicamente, pois mesmo sendo a EFDC mais do que apenas um sonho interessante ou alucinação, ocorre com o corpo físico ainda vivo e funcionando, e portanto pode depender do corpo físico. Entretanto, esse argumento não causa impressão aos que realmente passaram por uma EFDC. Assim, sem levar em conta que posição alguém quer adotar a respeito da “realidade” da EFDC, ela é claramente uma experiência a merecer considerável estudo psicológico. Estou certo de que nossas ideias referentes à existência de almas resultaram de experiências de pessoas passando por EsFDC. Considerando a importância da ideia da alma para a maioria das nossas religiões, e a importância da religião na vida das pessoas, parece inacreditável que a ciência possa haver varrido tão facilmente este problema pra baixo do tapete.

Quarto: em geral a EFDC é extremamente agradável para aqueles que passaram por ela. Numa estimativa assim por alto eu diria que entre 90 e 95 por cento dessas pessoas estão felizes e a acharam deliciosa, enquanto 5 por cento estão meio apavoradas, pois a interpretam como se estivessem morrendo. Ulteriores reações da pessoa ao tentar interpretar sua EFDC podem ser negativas. Quase todas as vezes que faço uma conferência sobre esse assunto, alguém vem me agradecer por falar a respeito: tivera a experiência algum tempo antes, mas não tinha meios de explicá-la, e se preocupava julgando estar ficando maluco.

Quinto: em alguns casos de EsFDC a descrição do que acontecia a distancia é correta e mais perfeita do que se poderia esperar por coincidência. Não a maioria delas, mas algumas. Para explicar isso devemos postular que a experiência “alucinante” da EFDC estava combinada com operação de PES ou que, de certa forma, a pessoa estava “lá” realmente.

Coloca-nos em duas sérias desvantagens o fato de que a maioria de nosso conhecimento a respeito da EFDC nos vem de narrativas de experiências únicas na vida. A primeira delas é que a maioria das pessoas não pode produzir uma EFDC à vontade, o que impede a possibilidade de estudá-las sob condições precisas de laboratório. A segunda desvantagem é: quando uma pessoa é subitamente empurrada por um breve período de tempo num ambiente inteiramente novo, pode não ser bom observador. Está demasiadamente excitada e ocupada demais tentando adaptar-se à singularidade de tudo. Assim, nossos relatórios de pessoas com experiência “única” na vida são bem toscos. Para estudar EsFDC seria de grande vantagem ter “viajantes” treinados à disposição, que pudessem produzir à vontade a experiência e que tivessem, em geral, as características de um bom repórter.

É muito raro o livro que você vai ler. Trata-se de uma narrativa em primeira mão de centenas de EsFDC feitas por alguém que é, creio, um bom repórter. Em muitos anos, nada como isso foi publicado.

Robert A. Monroe é um bem sucedido homem de negócios que começou a experimentar EsFDC inesperadamente há mais de uma década. Proveniente de uma família acadêmica e possuindo mais do que o adestramento intelectual médio, deu-se conta da raridade dessas experiências e começou a tomar notas sistemáticas desde o início. Eu não saberia dizer mais a respeito de suas experiências “*per se*”; suas narrativas no resto deste livro são demasiado fascinantes e lúcidas para fundamentar aqui uma apresentação adicional. Em vez disso, destacarei as qualidades que possui que fazem dele um bom repórter, e que me inspiram grande confiança em suas narrativas.

Quando a maioria das pessoas passa por uma profunda

experiência, especialmente sendo de significação religiosa, questioná-las com cuidado usualmente revelará que sua narrativa original não era tanto uma prestação de contas do que aconteceu como do que pensavam significar. Um exemplo: suponhamos que o que realmente acontece a uma pessoa é que se vê flutuando no ar acima de seu corpo, no meio da noite; enquanto ainda surpresa com isso, percebe na outra extremidade do quarto uma figura vaga, indistinta, e depois um círculo de luz azulada flutua pela figura da esquerda para a direita. Então nosso experimentador perde a consciência e acorda... encontrando-se em seu corpo. Um bom repórter descreveria essencialmente esta cena. Muitas pessoas diriam, na mais perfeita boa fé, algo como:

“Minha alma imortal se ergueu do túmulo do meu corpo pela graça de Deus, noite passada, e um anjo apareceu. Como símbolo do favor de Deus, o anjo demonstrou um símbolo de inteireza.”

Muitas vezes tenho visto distorções assim tão grandes quando me tem sido possível questionar um indivíduo a respeito do que aconteceu exatamente; porém a maioria das narrativas publicadas de EsFDC não foi sujeita a esse tipo de indagação. As declarações de que Deus causou a EFDC, que a figura vaga se transformou num anjo, que o círculo azulado era um símbolo de inteireza, tudo isso é *interpretação* da pessoa, não sua *experiência*. A maioria das pessoas não tem consciência da extensão em que sua mente automaticamente interpreta as coisas: pensam essas pessoas estar percebendo as coisas como são.

Robert Monroe é o único, entre o pequeno número de pessoas a escrever a respeito de repetidas EsFDC, a reconhecer a extensão em que sua mente trata de interpretar suas experiências, para forçá-los em moldes familiares. Assim suas

narrativas são particularmente valiosas, pois trabalha arduamente para tentar “contar a coisa como realmente foi”.

Outra das raras características de Monroe é sua boa vontade em submeter suas experiências a alheio escrutínio crítico, particularmente sua disposição em trabalhar com cientistas para investigar suas capacidades. Lamento acrescentar que tal boa vontade tem sido unilateral: fui o único cientista a gastar tempo trabalhando com ele. Descreverei os experimentos iniciais que fomos capazes de realizar juntos tentando aprender algo a respeito dos aspectos fisiológico e parapsicológico de suas EsFDC. Tais experimentos são, até agora, apenas um modesto começo, mas acrescentam algumas informações úteis.

A série inicial dos estudos de laboratório que fomos capazes de realizar ocorreu num período de vários meses entre setembro de 1965 e agosto de 1966, enquanto eu podia usar as facilidades do Laboratório Eletroencefalográfico da Universidade da Escola de Medicina da Virgínia.

Em oito ocasiões Monroe foi solicitado a produzir uma EFDC enquanto preso a vários instrumentos para mensuração de funções fisiológicas. Também lhe foi pedido que tentasse dirigir seus movimentos durante a EFDC para a sala pegada, não só para observar a atividade do técnico que cuidava do equipamento de registro como para tentar ler um número-alvo aleatório de cinco dígitos, colocado numa prateleira a uns dois metros do chão. Foram medidas as ondas cerebrais de Monroe (eletroencefalograma), movimentos dos olhos, e pulsação cardíaca (eletrocardiograma).

Infelizmente o laboratório não era muito confortável para ali estar deitado por períodos prolongados: tivemos de trazer uma cama portátil (estrado de madeira) do exército para a sala de gravações, já que ali não havia um leito. Uma das

conexões para gravar as ondas cerebrais (eletrodo de ouvido) era do tipo de um clipe, o que causava alguma irritação à orelha, e isso tornava a relaxação mais difícil.

Nas primeiras sete noites durante as quais tentou produzir uma EFDC, Monroe não foi bem sucedido. Na oitava noite foi capaz de produzir duas breves EsFDC, que são descritas em detalhe com suas próprias palavras no capítulo 4 (O AQUI AGORA). A primeira breve EFDC compreendia testemunhar algumas pessoas desconhecidas conversando num local também desconhecido, de modo que não houve meio de verificar se era uma “fantasia” ou uma percepção real de acontecimentos ocorrendo a distância. Na segunda breve EFDC, Monroe narrou que não podia controlar muito bem seus movimentos, e assim não pôde ver o número-alvo na sala ao lado. Corretamente descreveu que a técnica do laboratório estava fora da sala, e que um homem (mais tarde identificado como seu marido) estava com ela em um corredor. Como parapsicólogo, não posso dizer que isso “prova” que Monroe sabia realmente o que estava acontecendo a distância: é difícil avaliar a improbabilidade de tal evento ocorrendo após o fato. Entretanto, acho este resultado bastante encorajador para uma das tentativas iniciais de realizar em laboratório tal fenômeno raro.

Ambas essas breves EsFDC ocorreram juntamente com os padrões de ondas cerebrais classificados como Estágio 1. Este é o modelo de onda cerebral que usualmente ocorre no sono com sonhos. Em acréscimo, há alguns movimentos rápidos de olhos. Esse movimento de olhos também acontece durante o sono comum, e parece ser o esquadrinhar das imagens nos sonhos, isto é: os olhos continuam a examinar um quadro que só existe no cérebro em sonhos. Durante as EsFDC os batimentos cardíacos eram perfeitamente normais:

cerca de sessenta e cinco a setenta pulsações por minuto. À primeira vista, pois, parece que as EsFDC de Monroe aconteciam durante o mesmo estado cerebral comumente associado ao sonhar do Estágio 1. A principal discrepância a esta ideia é que Monroe estimou durar cada EFDC cerca de trinta segundos, enquanto cada período de sonhar do Estágio 1 durou cerca de três minutos. Mais detalhes na publicação original.⁽³⁾

Minha opinião seguinte de trabalhar com Monroe no laboratório foi quando me visitou na Califórnia no verão de 1968. Pudemos ter uma sessão de laboratório em circunstâncias muito mais confortáveis: obtivemos uma cama normal, e não um estrado de madeira, e usamos um tipo diferente de eletrodo para medir as ondas cerebrais, e que não era fisicamente tão desconfortável. Sob tais condições Monroe pôde produzir duas breves EsFDC.

Despertou quase imediatamente após terminada a primeira EFDC, e avaliou que havia durado oito a dez segundos. O registro da onde cerebral exatamente antes que ele acordasse mostrou novamente um padrão Estágio 1, talvez com um rápido movimento de olhos durante esse tempo. A pressão sanguínea acusou uma rápida queda, uma firme baixa que durou oito segundo, e súbita volta ao normal.

Nos termos da experiência de Monroe (veja sua descrição dessa técnica no capítulo 4 “O AQUI AGORA”), narrou que “rolou para fora” do seu corpo, achou-se no saguão que separava o seu quarto da sala de gravações (isso durante alguns segundos), e então sentiu necessidade de voltar ao seu corpo devido a uma dificuldade respiratória. Uma assistente,

(3) TART, C. “A second psychophysiological study of out-of-the-body experiences in a gifted subject” – International Journal of Parapsychology, 1967, Vol. 9, pp. 251-58.

Joan Crawford, e eu tínhamos estado a observá-lo num circuito fechado de televisão durante esse tempo e o vimos mover o braço levemente, afastando-o da garganta imediatamente antes de acordar e fazer seu relatório.

Monroe tentou novamente produzir outra EFDC que seria conclusiva em termos de PES, penetrando na sala de gravações e lendo o número-alvo numa prateleira naquela sala. Seu padrão de ondas cerebrais mostrou sono muito leve, de modo que após quarenta e cinco minutos chamei-o pelo interfone para lembrar-lhe que desejávamos que tentasse produzir uma EFDC. Pouco depois, narrou haver produzido uma EFDC, porém não estando certo de sua orientação, acompanhou um fio que julgou o levaria à sala de gravações mas, em vez disso, encontrou-se fora, numa área estranha que não recordava haver visto antes. Achou que estava irremediavelmente desorientado e voltou para seu corpo. Sua descrição daquela área combinava com um pátio interior do edifício que ele poderia na verdade haver descoberto durante uma EFDC se inadvertidamente seguisse exatamente na direção oposta à que deveria ir. Não há certeza absoluta de que ele nunca houvesse visto aquele pátio ao visitar meu gabinete, de modo que a experiência em si mesma não é boa prova como componente paranormal para uma EFDC.

Em termos de mudanças fisiológicas, tornou a mostrar um padrão de sonhar Estágio 1, com apenas dois rápidos movimentos de olhos em todo o período e sem nítida queda de pressão sanguínea nessa ocasião.

Resultados a marcar no laboratório, então, registraram o estado do cérebro e do corpo de Monroe durante quatro breves EsFDC. O padrão geral parece o seguinte: ocorrem num estado de onda cerebral comumente associado ao sonhar noturno e muitas vezes pode haver uma queda de pressão, po-

rém não mudança total no batimento cardíaco. Certamente não vi nenhum “transe semelhante à morte” indicado como necessário para EsFDC em certa literatura antiga sobre ocul-tismo, embora tal “transe” possa ser mais característico de prolongadas EsFDC. Superficialmente, pois, a atividade EFDC para Monroe parece ocorrer quando, em outras pes-soas, acontecem os sonhos comuns. Entretanto, seria uma supersimplificação a esta altura concluir que suas EsFDC são sonhos, por várias razões. Primeira: Monroe diferencia niti-damente sua experiência de sonhos da experiência EFDC. Segunda: ele raramente lembra experiências de sonhos desde que principiaram suas experiências EFDC. Terceira: se esti-véssemos lidando com manifestações fisiológicas de um esta-do comum de sonho, teríamos movimentos de olhos muito mais rápidos do que os que vi; isto é: se quisermos admitir que as EsFDC de Monroe são um tipo especial de sonhar, então o habitual relacionamento entre os movimentos dos olhos e as imagens dos sonhos parecem não resistir muito bem. Quarta: Monroe afirma que muitas de suas experiências EFDC acon-teceram quase imediatamente após ter ido para a cama à noite; é extremamente raro que o sonhar comum do Estágio 1 ocor-ra antes que o paciente haja tido de oitenta a noventa minutos de sono sem sonhos. Pode a atividade EFDC substituir aqui o sonho comum, ainda que o mesmo ou um estado fisiológico similar seja utilizado.

Todo o trabalho de laboratório com Monroe até agora tem sido de concepção direta, franca. Pedi-lhe que produzisse EsFDC enquanto eu media o que acontecia em seu corpo, na esperança de que poderia não só entender isso como, sabendo o que são as adequadas condições do corpo, ser capaz de pro-duzi-las por outras maneiras e assim provocar a experiência em outras pessoas. Parapsicologicamente, pedi-lhe que tentas-

se ler o número de um alvo localizado em outra sala como prova direta de que, de certa forma, suas habilidades perceptivas estavam “ali” e não apenas restritas a seu corpo físico. Ele afirmou não ser ainda capaz de controlar seus movimentos o suficiente para realizar a segunda tarefa, mas espera eventualmente poder fazê-lo, sob condições de laboratório; na verdade, uma jovem que estudei era capaz de fazê-lo⁽⁴⁾. Entretanto, como você descobrirá ao ler o fascinante livro de Robert Monroe, a “prova” pode não ser assim tão simples...

As experiências de Monroe, as de muitos místicos pre-eminentes através dos tempos, e todos os dados de PES indicam que nosso atual ponto de vista sobre o mundo é muito limitado, que as dimensões da realidade são bem mais amplas que nossos conceitos correntes. Minhas tentativas e as de outros investigadores para fazer com que essas experiências se comportem de modo aceitável podem não resultar tão bem quanto gostaríamos. Permitam-me dar-lhes dois exemplos de “experimentos” com Monroe que foram impressionantes para mim pessoalmente, porém muito difíceis de avaliar por nossos critérios científicos comuns.

Pouco depois de completar a primeira série de experimentos de laboratório, mudei-me da costa leste para a Califórnia. Alguns meses depois de mudar-me, minha mulher e eu decidimos realizar uma experiência. Uma noite nos concentramos intensamente, por meia hora, numa tentativa para ajudar Monroe a ter uma EFDC e vir à nossa casa. Se ele fosse

(4) Essa jovem senhora foi um caso completamente diferente do de Monroe, pois suas EsFDC eram mais acidentais, se bem que frequentes, e ela as tinha num estado diferente de onda cerebral. Entretanto, foi capaz de ler corretamente um número aleatório de cinco dígitos colocado numa prateleira bem acima dos seus olhos, em certa ocasião. Detalhes completos podem ser encontrados em meu artigo “A psychophysiological study of out-of-the-body experiences in a selected subject”, *Journal of the American Society for Psychical Research* 1968, Vol. 62, pp. 3-27.

então capaz de descrever nosso lar, isso produziria bons dados nos aspectos parapsicológicos de suas EsFDC. Telefonei-lhe naquela tarde: apenas lhe disse que tentaríamos dirigi-lo através do país para nossa casa a uma hora não especificada naquela noite, não lhe dando maiores detalhes.

Naquela noite, escolhi ao acaso uma hora que, julguei, viria a ser logo após Monroe haver adormecido. Minha escolha recaiu nas 11 horas da noite, hora da Califórnia, ou 2 da madrugada na costa leste. Às 11 da noite minha esposa e eu começamos nossa concentração. Às 11:05h o telefone tocou, interrompendo-a. Não atendemos ao telefone, mas tentamos continuar a concentração até às 11:30h. Na manhã seguinte telefonei a Monroe e apenas lhe disse que os resultados haviam sido encorajadores, e que ele devia escrever um relatório do que havia experimentado para posterior comparação com o nosso.

Na noite do experimento Robert Monroe teve a seguinte experiência, que cito de acordo com as notas que me enviou pelo correio:

“A noite se passou rotineiramente, e finalmente fui para a cama à 1:40 da madrugada, ainda bem acordado (posição norte-sul). O gato estava na cama comigo. Após longo período acalmando a mente, uma sensação de calor percorreu-me o corpo, sem quebra da consciência, nada de cochilos. Quase imediatamente senti algo (ou alguém) balançando meu corpo de lado a lado, depois me puxando os pés! (Ouvi o gato dar um miado lamentoso). Imediatamente dei-me conta de que isso tinha algo a ver com o experimento de Charlie, e com inteira confiança não senti minha precaução habitual (quanto a estranhos). Continuava o puxão em minhas pernas, e finalmente consegui separar um braço do Segundo Corpo e o ergui, Tateando em volta no escuro. Após um momento parou o puxão e uma mão pegou-me o pulso, primeiro gentilmente, depois com muita, muita firmeza, e me puxou facilmente pra fora do corpo. Ainda

confiando, e um pouco agitado, expressei disposição de ir até Charlie, para ver aonde ele queria me levar. Veio a resposta afirmativa (embora não houvesse senso de personalidade, muito eficiente). Com a mão segurando firmemente em torno do meu pulso eu podia sentir uma parte do braço a que ela pertencia (levemente cabeluda, masculinamente musculosa). Contudo não podia “ver” a quem pertencia o braço. Também ouvi meu nome pronunciado uma vez. Depois começamos a nos mover, com a familiar sensação de algo como ar correndo em torno do corpo. Após curta viagem (ao que me parecia, de uns cinco segundos apenas) paramos e a mão me soltou o pulso. Completo silêncio e escuridão. Depois desci flutuando no que me pareceu um quarto...”

Parei de citar Robert Monroe neste ponto, exceto para acrescentar que, quando ele acabou essa curta viagem e saiu da cama para me telefonar, eram 2:05 da madrugada, hora dele. Assim esteve muito boa a combinação de tempo em que minha esposa e eu começamos a nos concentrar: ele sentiu o puxão tirando-o de seu corpo dentro de um minuto mais ou menos a partir de quando começou a se concentrar. Por outro lado, sua descrição de nossa casa e do que fazíamos minha esposa e eu não foi boa em absoluto: “percebeu” pessoas demais na sala, “viu-me” fazendo coisas que não fiz, e sua descrição da própria sala foi muito vaga.

Que farei com isso? É um desses acontecimentos decepcionantes que os parapsicólogos descobrem quando trabalhando com fenômenos deficientemente controlados. Não é comprobatório o bastante para que se diga ser indubitavelmente um efeito paranormal, embora seja difícil simplesmente afirmar que nada aconteceu. É confortável manter-se fiel às suposições sensatas de que o mundo físico é o que aparenta, e que o homem (ou seus órgãos sensoriais) está colocado em determinado lugar e é capaz de observá-lo ou não o é. Algu-

mas EsFDC narradas na literatura parecem adaptar-se a esse ponto de vista, enquanto outras têm uma perturbadora mistura de percepções corretas da situação física, com “percepções” de coisas que lá não estavam ou não aconteceram (para nós, observadores comuns). Neste livro, Monroe narra grande número de tais experiências mistas, especialmente ao parecer “comunicar-se” com pessoas enquanto está passando por uma EFDC, mas nunca as relembra.

O segundo “experimento” enigmático ocorreu no outono de 1970, quando fiz uma breve visita a Monroe na Virgínia, a caminho para uma conferência em Washington. Ficando para passar a noite, pedi-lhe que, se tivesse uma EFDC nessa noite, viesse ao meu quarto e tentasse tirar-me do meu corpo de modo a que eu também tivesse uma dessas experiências. Na ocasião, dei-me conta de certa ambivalência enquanto lhe fazia tal solicitação: desejava que ele fosse bem sucedido... mas outra parte de mim não o desejava. Mais tarde voltarei a isso.

Nessa manhã, pouco após a aurora (eu dormira um tanto espasmodicamente, e a luz estava me acordando), eu estava sonhando quando comecei vagamente a lembrar de que Monroe iria tentar tirar-me do meu corpo. Fiquei parcialmente consciente, embora permanecendo no mundo dos sonhos,⁽⁵⁾ e tive a sensação de uma “vibração” em torno de mim no mundo dos sonhos, “vibração” que trazia em si certa ameaça indefinível. A despeito do medo que isso despertou, pensei que deveria tentar ter uma EFDC, mas a essa altura perdi de toda a consciência, e apenas recordo haver despertado um pouco mais tarde, sentindo que o experimento fora um fracasso.

(5) Ficar consciente de estar sonhando tem sido usado como técnica para produzir EsFDC, além de ser muito interessante por si mesmo. Veja meu *Altered States of Consciousness: A Book of Readings*, Nova York, John Wiley & Sons, 1969, para material como sonhos “lúcidos”.

Uma semana depois recebi uma carta de um colega de Nova York, o famoso psicólogo Dr. Stanley Krippner, e pus-me a cogitar se realmente fora um “fracasso”. Escrevia-me a respeito de uma experiência de sua enteada, Carie, da qual gosto muito, na mesma manhã em que eu estava tendo o meu “sonho”. Espontaneamente Carie contara ao pai haver-me visto em um restaurante na cidade de Nova York a caminho da escola, naquela manhã. Isso teria sido aproximadamente à hora em que eu tinha o meu sonho. Nem ela nem o pai sabiam que eu estava na costa leste.

Que fazer com isso? Foi a primeira vez, em anos, que conscientemente tentei uma EFDC (que eu soubesse, nunca tivera êxito), e enquanto conscientemente não tinha lembrança de haver passado pela experiência, uma amiga me viu em um restaurante em Nova York. Ainda mais embaraçoso: nunca na vida teria tido desejo de ir a um restaurante em Nova York, lugar que me desagrada fortemente, se estivesse passando por uma EFDC, embora visitar Carie e família seja sempre bastante agradável. Coincidência? Novamente, algo que jamais apresentaria como prova científica de coisa alguma, mas algo que não posso repudiar como sem sentido.

Este último incidente ilustra uma atitude para com as EsFDC que observei em mim mesmo, embora não goste de admiti-lo: de certa forma, tenho medo delas. Em mim, parte está muito interessada no fenômeno cientificamente, outra parte agitada ante a perspectiva de experimentá-lo pessoalmente. Uma terça parte de mim sabe que uma EFDC é assim como morrer, ou abrir parte de minha mente a um reino ignoto, e essa parte não está absolutamente ansiosa por dar-se bem com ele. Se as EsFDC são verdadeiras, se as coisas que Monroe descreve não podem ser rejeitadas como um interessante tipo de sonho ou fantasia, nosso ponto de vista universal irá

mudar radicalmente. E desconfortavelmente.

Uma coisa de que os psicólogos estão razoavelmente certos a respeito da natureza humana é que ela resiste a mudanças. Gostamos que o mundo seja do modo que pensamos que é, mesmo que o julguemos desagradável. Pelo menos podemos antecipar o que pode acontecer. Mudança e incerteza têm possibilidades de que aconteçam coisas não estabelecidas, especialmente quando essa mudança não toma em consideração nossos desejos, nossas aspirações, nossos egos.

Tentei falar principalmente a respeito, diretamente, do estudo científico de EsFDC ao apresentar este livro, porém agora vamos ao que pode ser o aspecto mais importante do tema. As experiências de Robert Monroe são amedrontadoras. Ele fala de morrer, e morrer não é um assunto polido em nossa sociedade. Deixamos que pastores e sacerdotes se encarreguem de dizer palavras confortadoras, ocasionalmente gracejamos a respeito do assunto, e temos muitas fantasias agressivas quanto à morte de outras pessoas, mas realmente não pensamos nisso. Esse livro vai fazê-lo pensar na morte. Você não gostará de algumas das coisas que ele afirma e de alguns dos pensamentos que inspira.

Tentador rejeitar Robert Monroe como se fosse um louco. Eu sugeriria que você não fizesse isso. Assim como sugeriria que não tomasse como verdades absolutas tudo que ele diz. É um bom repórter, homem por quem sinto imenso respeito, mas é um homem, criado em determinada cultura em determinado tempo: portanto são limitados seus poderes de observação. Se tiver isto em mente, porém dando séria atenção às experiências que ele descreve, você pode ficar perturbado, mas pode aprender algumas coisas muito importantes. A despeito de ficar amedrontado.

Se você mesmo já teve uma EFDC, este livro o ajudará

a ficar menos apavorado, ou a desenvolver seus potenciais para essa experiência num talento valioso.

Se você é muito, muito curioso e deseja ter uma EFDC, Monroe ensina, nos Capítulos 16 e 17, as técnicas que “trabalharam” por ele. Não sei se trabalharão bem para todos, simplesmente porque ninguém tentou a sério essas técnicas. E dizendo “a sério” quero significar *trabalhar* nelas de verdade, e não fazer apenas uma tentativa de uns dez minutos. Se você trabalhar nelas e obtiver êxito parcial ou completo produzindo uma EFDC, eu gostaria de ser informado sobre isso. Escreva-me para “Post Office Box 5366, New York, New York 10017”. Não posso prometer uma resposta rápida, porém se grande número de pessoas der parte de seus resultados usando as técnicas de Robert Monroe podemos aprender muito.

Leia cuidadosamente o livro e estude suas reações. Se realmente quer experimentar por si mesmo, boa sorte!

CHARLES T. TART

Davis, Califórnia
10 de janeiro, 1971

NÃO COM UMA VARA DE CONDÃO, NEM LEVEMENTE

O relato a seguir normalmente surgiria como prefácio ou introdução. Mas vem colocado aqui se presumindo que a maioria dos leitores evita essas preliminares e vai direto ao âmago da obra. Neste caso, o que vem adiante é o ponto crucial de tudo.

Os objetivos primários para a divulgação e publicação do material contido aqui são (1) que através da disseminação mais ampla possível algum outro ser humano, talvez um só, possa ser salvo da agonia e do terror do método das tentativas numa área onde ainda não há respostas concretas; para que possa haver conforto ao saber que outros sofreram as mesmas experiências; que reconhecerá em si mesmo os fenômenos, evitando assim o trauma da psicoterapia ou, pior ainda, o colapso mental e a internação em uma casa de saúde para doenças nervosas e (2) que amanhã, ou nos anos vindouros, as ciências formais e aceitas de nossa cultura expandirão seus horizontes, conceitos, postulados e pesquisas para ampliar os caminhos sugeridos aqui, para grande enriquecimento do saber humano e a compreensão do homem quanto a si próprio e a seu meio-ambiente integral.

Se alcançados um ou ambos os objetivos, quando ou onde o sejam, será realmente suficiente a recompensa.

A apresentação de tal material não se destina a qualquer grupo científico em particular. Melhor: a principal tentativa é a

de ser a mais específica possível, em linguagem inteligível tanto para cientistas quanto para leigos, evitando generalidades ambíguas. Médicos, químicos, cientistas biológicos, psiquiatras e filósofos podem, no seu campo, usar terminologia mais técnica ou especializada para definir o mesmo contexto: é de esperar tal interpretação. Indicará que o projeto de comunicação é elaborável; que a linguagem “simples” veicula o significado apropriado até uma base mais ampla em vez de conduzi-lo a um estreito pináculo de especialistas.

Calcula-se, também, que muitas interpretações serão contraditórias. O processo mental mais difícil de todos é analisar objetivamente qualquer conceito que, se aceito como fato, levará à descrença toda uma vida de treinamento e experiências. Não obstante, muita coisa já foi aceita como fato com muito menos provas diretas que as apresentadas aqui, e é hoje em dia “aceita”. Esperamos que o mesmo se aplique aos dados aqui relacionados.

É, sem dúvida, o processamento mental mais difícil de toda essa história de análise objetiva. Uma vez na vida já é bastante.

Vejamos o início desse sincero relatório sobre uma experiência predominantemente pessoal.

Na primavera de 1958 eu levava uma vida razoavelmente normal com uma família razoavelmente normal. Como gostávamos de natureza e de calma, nosso ambiente era campestre. A única atividade não ortodoxa eram meus experimentos com técnicas sobre dados aprendidos durante o sono, comigo mesmo como paciente principal.

O primeiro sinal de desvio dessa norma aconteceu numa tarde de domingo. Com o resto da família na missa, conduzi a experiência, ouvindo uma gravação especial em fita num ambiente altamente isolado. Era uma simples tentativa de

forçar minha concentração numa única fonte de impulso inteligente (auditiva) com entrada de sinal abaixo dos outros sentidos. O grau de retenção e recordação indicaria o êxito da técnica.

Isolado de outras imagens e sons, escutei a fita. Não continha sugestões incomuns ou dispersas. Em retrospecto, o mais importante era a forte sugestão para recordar-me de tudo o que ocorreu durante o exercício de descontração. A fita percorreu sua trajetória sem qualquer resultado invulgar. Minha lembrança foi total e completa porque produto de meus próprios esforços, estando eu assim familiarizado com ela. Talvez até demais, porque não foi possível, no meu caso, nenhuma retenção e memorização de material original ou novo. A técnica teria de ser utilizada com algum outro paciente.

Quando minha família regressou todos fizemos uma refeição reforçada, consistindo de ovos mexidos, bacon e café. Surgiu certa discussão não importante à mesa, porém não ligada ao problema.

Pouco mais de uma hora depois fui atacado por uma câibra forte, poderosa, que se estendeu pelo diafragma, ou área do plexo solar, logo abaixo da caixa torácica. Era uma sólida faixa de dor obstinada.

A princípio pensei tratar-se de alguma forma de envenenamento pela refeição. Desesperado, forcei o vômito, porém meu estômago não tinha nada. Outros membros da minha família que haviam comido as mesmas coisas não mostravam sinais de doença ou mal-estar. Tentei exercitar-me, andando, presumindo que fosse um músculo abdominal com a câibra. Appendicite não era: meu apêndice já fora extraído. Conseguia respirar normalmente, a despeito da dor, e parecia que meu coração mantinha a pulsação normal. Não havia transpiração ou quaisquer outros sintomas, apenas a rigidez

tensa, forte, concentrada no local de uma faixa de músculo do abdome superior.

Ocorreu-me que talvez algum fator da gravação tivesse causado aquilo. Reescutando a fita e reexaminando a cópia escrita da qual fora extraída nada encontrei de estranho. Usei toda sugestão que existia, procurando aliviar qualquer outra inconsciente que pudesse ter sido assimilada. Mesmo assim, nenhum alívio.

Talvez devesse ter telefonado imediatamente para um médico. Contudo, não parecia assim tão sério, e nem piorou. Mas também não melhorou. Finalmente telefonamos em busca de auxílio médico. Todos os médicos locais estavam jogando golfe.

Da uma e meia da tarde até mais ou menos meia-noite a câibra e a dor continuaram. Nenhuma medicação tipicamente doméstica me aliviava. Depois da meia-noite caí no sono, de pura exaustão.

Acordei de manhã cedo: a câibra e a dor haviam sumido. Havia musculatura dolorida por toda a região afetada, na maior parte devido a muita tosse, mas só isso. Permanece desconhecida a causa da câibra. Isso foi mencionado apenas porque foi o primeiro fato fora do normal, físico ou não, que aconteceu.

Em retrospecto: talvez fosse o toque de uma vara de condão, ou um malho, embora na ocasião eu não o reconhecesse.

Cerca de três semanas depois entrou em cena o segundo acontecimento de destaque. Não ouve mais experiências com fita gravada por ser forte a suspeita de que a câibra de certo modo a ela se relacionasse. Logo, nada existia, aparentemente, para provocar a ocorrência.

Novamente era tarde de domingo e a família fora à igre-

ja. Deitei-me no sofá da sala de estar para tirar uma soneca, aproveitando o silêncio da casa. Acabara de me ajeitar (cabeça para o norte, se isso tem algum significado) quando um feixe ou raio de luz deu a impressão de descer do céu ao norte, mais ou menos num ângulo de 30 graus do horizonte. Foi como ser atingido por uma luz quente. Só que estávamos à luz do dia e nenhum feixe de luz poderia ser visível, se é que houve algum.

No início pensei que era luz do sol, embora isso fosse impossível pelo lado norte da casa. O efeito, quando o raio de luz atingiu meu corpo inteiro, foi o de fazê-lo tremer violentamente, ou “vibrar”. Fiquei inteiramente sem forças para me mexer. Foi como se me mantivessem preso a um torno.

Chocado e assustado, forcei-me a mover-me. Foi como se empurrasse laços invisíveis. À medida que eu me sentava no sofá, a vibração lentamente desaparecia e fui capaz de me mexer livremente.

Levantei-me e andei pelo quarto. Que eu soubesse, não houvera perda de consciência, e o relógio mostrava que apenas alguns segundos se passaram desde que me estiquei no sofá. Não fechara os olhos, e enxergara o quarto e escutara ruídos exteriores durante o episódio todo. Olhei pela janela, especialmente para o norte, embora não soubesse por que e o que esperava enxergar. Tudo parecia normal e sereno. Fui caminhar lá fora, tentando desvendar a coisa estranha que me acontecera.

Nas seis semanas seguintes o mesmo estado específico se manifestou nove vezes. Ocorreu em momentos e locais diferentes, e o único fator comum era: começava logo após me deitar para descansar ou dormir. Sempre que acontecia eu lutava por me manter sentado, aí o “estremecimento” ia desaparecendo. Conquanto meu corpo “sentisse” o fenômeno, eu não percebia vestígio visível de que ele o fazia.

Meu limitado conhecimento de medicina me sugeria diversas possibilidades como causa. Pensei em epilepsia, mas sabia que epiléticos não têm memória ou sensações de tais ataques. E o que é mais: estava a par de que a epilepsia é hereditária e mostra sintomas em idade tenra. Nenhum dos dois detalhes no meu caso.

Havia, também, a possibilidade de uma disfunção cerebral, tal como um tumor. Novamente os sintomas não eram típicos, contudo poderia ser isso. Alarmando, fui ao nosso antigo médico de família, Dr. Richard Gordon, explicando-lhe os sintomas. Como clínico, habituado a fazer diagnósticos, ele deveria ter as respostas. Conhecia, ainda, meu histórico médico.

Após minucioso exame, sugeriu o Dr. Gordon que eu andava trabalhando demais, deveria dormir mais e perder algum peso. Em resumo: nada encontrou de errado no meu organismo. Riu diante da possibilidade de tumor cerebral ou epilepsia. Aceitei seu diagnóstico e regressei aliviado para casa.

Se não havia base física para o fenômeno, raciocinei, ele deve ser alucinatório, uma forma de sonho. Portanto, se o estado ressurgir, vou observá-lo o mais objetivamente possível. E ele me obsequiou “entrando” naquela mesma noite.

Começou uns dois minutos depois que me deitei para dormir. Dessa vez eu estava resolvido a deixá-lo ficar para ver o que acontecia, em vez de lutar para fugir da situação. Enquanto eu ali permanecia a “sensação” penetrou pela minha cabeça e invadiu-me o corpo inteiro. Não era um estremecimento, porém mais uma “vibração”, firme e de frequência invariável. Parecia um choque elétrico, sem dor, percorrendo o corpo todo. Ao mesmo tempo, a frequência parecia, de certa forma, abaixo da pulsação do ciclo sessenta: talvez na metade desse padrão.

Assustado permaneci com a coisa, tentando manter a calma. Eu ainda via o quarto à minha volta, mas escutava pouco acima do som trovejante causado pelas vibrações. Perguntei-me o que aconteceria em seguida.

Nada. Após cerca de cinco minutos a sensação se foi afastando lentamente; levantei-me sentindo-me perfeitamente normal. O ritmo de minha pulsação se elevara, evidentemente devido à perturbação, mas só isso. Com tal resultado perdi muito do meu medo daquele estado.

Nos quatro ou cinco aparecimentos seguintes das vibrações pouco mais descobri. Em pelo menos uma ocasião elas deram a impressão de se transformar num anel de faíscas com mais ou menos sessenta centímetros de diâmetro, tendo o eixo do meu corpo como centro do anel. Se fechasse os olhos eu podia, realmente, ver o anel. Principiava na minha cabeça e se arrastava vagarosamente até os dedos dos pés, voltando à cabeça; e mantinha isso em oscilação regular. O tempo do ciclo parecia ser de uns cinco segundos. À medida que o anel passava em cada seção do meu corpo eu sentia as vibrações como se uma faixa cortasse a seção.

Quando o anel passou pela cabeça, surgiu um grande estrondo e senti as vibrações no cérebro. Tentei estudar esse círculo chamejante aparentemente elétrico, mas não descobri motivo para sua existência, nem de que se tratava.

Tudo isso permanecia desconhecido para minha esposa e filhos. Eu não via razão para preocupá-los ou envolvê-los antes de saber alguma coisa definida a respeito. Entretanto contei o segredo a um amigo, psicólogo famoso, o Dr. Foster Bradshaw. Não fosse ele eu não poderia prever onde estaria a esta hora. Talvez num manicômio.

Discuti o assunto com ele, que ficou muito interessado. Sugeri a possibilidade de algum tipo de alucinação. Como o

Dr. Gordon, conhecia-me bem. Consequentemente riu da ideia de que eu me achava nos estágios iniciais da esquizofrenia, ou coisa semelhante. Perguntei-lhe o que achava que pudesse ser feito. Vou lembrar-me para sempre da sua resposta:

“Ora, não há nada que possa fazer além de examinar a coisa e descobrir do que se trata. De qualquer modo, parece que você não tem muita escolha. Se acontecesse comigo, eu iria me esconder no meio do mato e ficaria insistindo até descobrir a resposta.”

A diferença era que estava acontecendo comigo, e não com ele, e eu não me poderia dar o luxo de ir para a mata, fosse literal ou figurativamente. Tinha uma família para sustentar, para não falar em outros compromissos.

Vários meses se passaram, e o estado de vibração persistia. Quase se tornou maçante; até que certa noite, tarde, quando eu estava deitado pouco antes de adormecer, ele voltou, e aguardei exaustiva e pacientemente que fosse embora para que eu pudesse dormir. Enquanto ali estava meu braço foi lançado pelo lado direito da cama, os dedos apenas passando de raspão pelo tapete.

Inutilmente procurei mexer os dedos, mas descobri poder coçar o tapete. Sem pensar ou reconhecer que podia mover os dedos durante a vibração, empurrei as pontas dos dedos de encontro ao tapete. Após um instante de resistência eles deram a impressão de penetrar no material e tocar no chão abaixo. Com ligeira curiosidade avancei mais a mão. Os dedos atravessaram o piso... e lá estava a áspera superfície superior do teto do quarto de baixo. Tateei por ali, e senti uma pequena lasca triangular de madeira, um prego curvado e um pouco de serragem. Interessado apenas superficialmente nesta sensação de devaneio, fiz a mão descer mais ainda. Ela penetrou o teto do primeiro andar e senti como se todo o braço

tivesse atravessado o chão. Minha mão tocou em água. Sem me emocionar, chapinhei na água com os dedos.

De súbito fiquei totalmente a par da situação. Eu estava bem acordado. Podia ver o panorama iluminado pelo luar através da janela. Sentia-me deitado na cama, as cobertas sobre meu corpo, o travesseiro debaixo da cabeça, o peito subindo e descendo enquanto respirava. As vibrações continuavam presentes, porém em menor grau.

Entretanto, impossível, minha mão brincava numa poça d'água, e meu braço dava a impressão de estar enfiado chão abaixo. Sem dúvida eu estava em vigília total, mas a sensação persistia. Como podia estar acordado sob todos os outros aspectos e mesmo assim “sonhar” que o braço estava atravessando o piso?

As vibrações começaram a enfraquecer, e por algum motivo achei que havia certa conexão entre meu braço enfiado no chão e sua presença. Se elas sumissem antes que eu “retirasse” o braço, o piso poderia se fechar e eu perderia aquele membro. Talvez as vibrações houvessem provocado, temporariamente, um buraco no chão. Não parei para estudar o “como” daquilo.

Arranquei o braço do chão, puxei-o para a cama, e as vibrações cessaram logo após. Levantei-me, acendi a luz e observei o ponto ao lado da cama. Não havia buraco no chão ou no tapete. Estavam ali como sempre estiveram. Olhei para minha mão e o braço, e até procurei água na mão. Não havia, e o braço parecia perfeitamente normal. Perscrutei todo o quarto. Minha esposa dormia tranquila na cama, e nada parecia errado.

Pensei na alucinação durante longo tempo antes de me acalmar o suficiente para conseguir dormir. No dia seguinte levei realmente a sério a ideia de fazer um buraco no piso para

ver se o que havia sentido existia mesmo abaixo dele: o pedaço triangular de madeira, o prego curvado, e a serragem. Na ocasião eu não me podia imaginar desfigurando o chão devido a uma desvairada alucinação.

Contei o episódio ao Dr. Bradshaw, que concordou ser um devaneio bastante convincente. Foi a favor de cortar-se o piso para que se descobrisse o que havia nele. Apresentou-me ao Dr. Lewis Wolberg, psiquiatra de renome. Num jantar, mencionei casualmente o fenômeno das vibrações a este último. Ele se mostrou interessado apenas por uma questão de educação, evidentemente não disposto a “negócios”, pelo que não o culpo. Não tive coragem de lhe perguntar sobre o braço no chão.

A coisa tornava-se muito confusa. Meu meio ambiente e as experiências pessoais me haviam levado a esperar algum tipo de resposta, ou pelo menos opiniões promissoras da tecnologia moderna. Como leigo eu possuía uma base acima do normal de ciência, engenharia e medicina. Agora encarava um fato para o qual respostas ou mesmo extrapolações não eram rapidamente disponíveis. Recordando, continuo sem poder enfrentar o fato de que na ocasião desprezei inteiramente a questão. Pode ser que não reagisse desse modo, se tivesse tentado.

Se a essa altura pensei que enfrentava incongruências foi porque não sabia o que ainda estava por acontecer. Cerca de quatro semanas mais tarde, quando as “vibrações” reapareceram, fui convenientemente cauteloso quanto a tentar mover braço ou perna. Foi no meio daquela noite, e eu já estava deitado para dormir. Minha esposa caíra no sono ao meu lado. Senti como se uma onda me invadissem a cabeça: rapidamente esse estado se espalhou por todo o corpo. Tudo parecia igual. Deitado ali, tentando decidir como analisar a coisa de outra

maneira, eu simplesmente calculei como seria gostoso pegar um planador e voar na tarde seguinte (meu passatempo, na ocasião). Sem ponderar sobre quaisquer consequências, e sem saber se haveria alguma, pensei no prazer que aquilo me daria.

Após um instante tive consciência de alguma coisa fazendo pressão contra meu ombro. Meio curioso, movi o braço para trás para ver o que era. Minha mão encontrou uma parede macia. Passei a mão por ela até onde o braço alcançava. Ela continuava macia e uniforme.

Com os sentidos em alerta total, tentei enxergar na luz tênue. Era uma parede, e eu estava deitado de ombro nela. Imediatamente raciocinei que caíra no sono e também da cama (jamais me acontecera antes, mas, visto que todos os tipos de coisas estranhas vinham ocorrendo, cair da cama era bastante possível).

Então olhei novamente. Alguma coisa estava errada. A parede não tinha janelas, mobília encostada nela, nem portais. Não era uma parede do meu quarto. Mas, de certo modo, era-me familiar. A identificação foi instantânea. Não era uma parede, era o teto. Eu flutuava contra o teto, balouçando gentilmente em qualquer movimento que fizesse. Rolei no ar, espantado, e olhei para baixo. Lá, na luz fraca debaixo de mim, ficava a cama. Nela havia duas silhuetas. A da direita era da minha esposa. Ao lado, a de outra pessoa. Ambas pareciam dormir.

Este era um sonho esquisito, pensei. Fiquei curioso. Quem eu sonharia estar na cama com minha esposa? Olhei com mais atenção, e o choque foi intenso. Era eu a pessoa na cama!

Minha reação foi quase instantânea. Aqui estava eu, lá se achava meu corpo. Eu estava morrendo! Isso era a morte... mas eu não estava preparado para morrer. De alguma forma

as vibrações me matavam. Desesperadamente, igual a um mergulhador, voei de volta para meu corpo e nele mergulhei. Senti, então, a cama e as cobertas, e quando abri os olhos vi o quarto da perspectiva da minha cama.

Que acontecera? Eu realmente quase morrera? O coração disparava, porém isso não me era incomum. Mexi braços e pernas. Tudo parecia normal. Haviam sumido as vibrações. Levantei-me e passei pelo quarto, olhei pela janela, fumei um cigarro.

Passou-se muito tempo antes de ter coragem de voltar para a cama, deitar, e tentar dormir.

Na semana seguinte retornei ao Dr. Gordon para fazer outro exame físico. Não lhe revelei o motivo da consulta; todavia ele podia perceber que eu estava preocupado. Examinou-me cuidadosamente, fez testes de sangue, fluoroscopia, eletrocardiograma, apalpou todas as cavidades, fez análise de urina e tudo mais que pôde imaginar. Procurou muito cautelosamente indicações de lesões cerebrais, e me fez muitas perguntas relacionadas com ação motora de várias partes do corpo. Fez um EEG (eletroencefalograma) que evidentemente não mostrou problemas invulgares. Pelo menos o doutor jamais me revelou algum, o que tenho certeza faria, no caso.

O Dr. Gordon ministrou-me alguns tranquilizantes e mandou-me para casa com ordens de perder peso, descansar mais. Disse ainda que, se eu tinha um problema, não era físico.

Encontrei-me com o Dr. Bradshaw, meu amigo psicólogo. Foi de menor ajuda ainda e longe de simpático quando lhe relatei o caso. Disse-me que deveria repetir a experiência, se pudesse. Respondi-lhe não estar pronto para morrer.

- Oh! Creio que não acontecerá isso! – declarou calmamente o Dr. Bradshaw. – Alguns caras que praticam ioga e

aquelas outras religiões orientais afirmam poder fazer isso sempre que o desejam.

Perguntei-lhe o que era “isso”.

- Ora, sair do corpo físico durante algum tempo – replicou.

- Dizem que podem passear por todo o local. Você devia tentá-lo.

Respondi-lhe que seria ridículo. Ninguém podia viajar sem o corpo físico.

- Pois eu não teria tanta certeza – replicou o Dr. Bradshaw calmamente. – Você devia ler alguma coisa a respeito dos hindus. Chegou a estudar filosofia na faculdade?

Disse-lhe que sim, mas não me lembrava de coisa alguma acerca desse negócio de viajar sem o corpo.

- Talvez não tivesse o professor de filosofia adequado, é isso que penso.

O Dr. Bradshaw acendeu um cigarro e olhou para mim.

- Bem, não seja tão bitolado. Tente e descobrirá. Como dizia o meu velho professor de filosofia: “Se você é cego de um olho, vire a cabeça, e se for cego dos dois, então abra os ouvidos e escute”.

Perguntei-lhe o que fazer no caso de também ser surdo, mas não obtive resposta.

Claro, o Dr. Bradshaw tinha todos os motivos para tocar no assunto por alto: estava acontecendo comigo, não com ele. Não sei o que eu teria feito sem sua abordagem pragmática e seu esplêndido senso de humor. É uma dívida que jamais conseguirei pagar.

As vibrações voltaram mais seis vezes antes de eu ter a coragem de tentar repetir a experiência. Quando o fiz, foi um anticlímax. Com as vibrações em força total pensei em flutuar, e foi o que fiz.

Flutuei suavemente acima da cama, e quando desejei parar, consegui, no meio do ar. Não era uma sensação desagradável, de forma alguma; contudo eu estava nervoso com a ideia de cair subitamente. Após alguns segundos pensei em mim mesmo descendo, e um instante depois me senti na cama novamente, com todos os sentidos físicos normais funcionando totalmente. Não houvera descontinuidade de consciência desde o momento em que me deitei até que me levantei após cessarem as vibrações. Se não era real, somente alucinação, ou sonho, as coisas não iam bem para mim. Eu não sabia dizer onde a vigília se interrompia e começava o sonho.

Há milhares de pessoas em manicômios devido exatamente a esse problema.

Na segunda vez em que tentei me desligar deliberadamente, tive êxito. Novamente subi à altura do teto. Contudo, nessa ocasião senti um impulso sexual esmagadoramente forte: em nada mais podia pensar. Constrangido e irritado comigo mesmo devido à minha incapacidade de controlar essa faceta de emoção, retornei ao meu corpo físico.

Apenas cinco episódios mais tarde descobri o segredo de tal controle. A evidente importância da sexualidade na coisa toda é tão grande que adiante será descrita em detalhes. Naquela hora tornou-se exasperante bloqueio mental que me confinou ao âmbito do quarto, onde ficava meu corpo físico.

Sem outra terminologia aplicável, comecei a chamar o fenômeno de segundo Estado, e o outro fenômeno, o corpo não físico que parecemos possuir, de Segundo Corpo. Até agora essa terminologia adaptou-se bem como qualquer outra coisa.

Foi apenas na primeira experiência palpável e confirmável que verifiquei seriamente ser tudo, menos devaneios, alucinações, aberrações neuróticas, início de esquizofrenia, fanta-

sias causadas por auto-hipnose, ou pior.

Essa primeira experiência probatória foi realmente uma pancada! Se aceitei os dados como fatos, isso atingiu profundamente toda a minha vivência até aquela data, meu treinamento, meus conceitos, e meu senso de valores. E o que é mais importante: estremeceu minha fé na totalidade e na certeza de nosso conhecimento científico cultural. Eu tinha certeza de que nossos cientistas tinham todas as respostas. Ou a maioria delas.

Inversamente, se rejeitei o que era evidente para mim, se não para mais ninguém, então eu estaria rejeitando o que respeitava tanto: que a emancipação humana e a luta pelo progresso dependem principalmente dessa passagem do desconhecimento para o conhecido, não obstante o uso do seu intelecto e dos princípios científicos.

O dilema era esse. Pode ter sido realmente o toque de uma varinha de condão e um dom utilizado. Ainda não sei.

BUSCA E PESQUISA

O que faz alguém quando enfrenta o desconhecido? Vai embora e esquece? Neste caso dois fatores negaram tal possibilidade. Um, era nada mais que curiosidade. O segundo: como pode uma pessoa esquecer ou ignorar um elefante na sala de estar? Ou, mais diretamente, um fantasma no quarto de dormir?

No outro lado da escala apareciam os conflitos e ansiedades muito reais, muito perturbadores. Não havia dúvidas de que fiquei profundamente amedrontado com o que me poderia acontecer se aquele “estado” persistisse. Eu estava bem mais preocupado com a possibilidade de uma doença mental do que com a de uma deterioração física. Estudara psicologia o suficiente, e tinha muitos amigos psicólogos e psiquiatras para construir tais medos. Além disso, receava discutir o assunto com esses amigos. Tive receio de ser classificado, na hora, como seu “paciente” e perder a intimidade que a igualdade (normalidade) produz. Amigos não profissionais em negócios e na comunidade seria pior. Eu seria rotulado como “pirado” ou psicótico, o que poderia afetar seriamente minha vida e as vidas daqueles chegados a mim.

Finalmente, pareceu-me uma questão digna de ser mantida em segredo ante a minha família. Parecia desnecessário que se preocupassem junto comigo. Foi somente a necessidade definida de explicar gestos esquisitos que me forçou a revelar a história à minha esposa. Ela aceitou-a relutantemente já

que não havia outra escolha, tornando-se, assim, a testemunha preocupada de incidentes e fatos em enorme contradição com seu condicionamento religioso. As crianças eram, então, jovens demais para entender (mais tarde o assunto se tornou lugar-comum para elas). Minha filha mais velha me relatou que, longe, na faculdade, depois que ela e sua colega de quarto examinaram seu dormitório certa noite, ela falou:

- Papai, se você está aqui, acho bom sair agora. A gente quer tirar a roupa pra ir dormir.

Na realidade eu estava a trezentos e vinte quilômetros dali, na ocasião, tanto fisicamente quanto de qualquer outra maneira.

Gradualmente fui me acostumando a esse estranho acessório em minha vida. Mais e mais eu conseguia lentamente controlar seus movimentos. De alguma maneira ele se tornara realmente valioso: eu relutava em desfazer-me dele. O mistério de sua própria presença aguçara minha curiosidade.

Mesmo depois que estabeleci não haver causa fisiológica, e que eu não era mais louco do que a maioria dos outros em volta de mim os medos persistiram. Era uma insuficiência, doença, ou deformidade que tinha de ser escondida das pessoas “normais”. Não havia com quem discutir o problema, a não ser em algum encontro casual com o Dr. Bradshaw. A única outra solução parecia ser determinado tipo de psicoterapia. Porém um ano (ou cinco, ou dez) de entrevistas diárias custando milhares de dólares, sem resultados prometidos, não me parecia muito eficiente.

Havia muita solidão naqueles primeiros tempos.

Afinal comecei a fazer experiências com essa estranha aberração tomando notas de cada detalhe. Principiei, também, a ler áreas de estudos havia muito negligenciadas em meu padrão de vida. A religião não havia influenciado grandemente

minha forma de raciocinar; contudo, parecia o único setor remanescente nos escritos e no conhecimento dos homens no qual eu poderia procurar as respostas. Além das idas à igreja na infância e raros comparecimentos com um amigo, Deus, igreja e religião pouco me haviam significado. Na verdade eu nunca dera importância ao assunto, de um jeito ou de outro, já que simplesmente nunca me despertara interesse.

Na minha leitura superficial das filosofias e religiões ocidentais passadas e presentes, encontrei referências e generalidades vagas. Algumas pareciam se encaixar na tentativa de alguém para descrever ou explicar incidentes semelhantes. Os escritos bíblicos e cristãos ofereciam muitos deles, tudo sem causas ou curas específicas. O melhor conselho parecia ser orar, meditar, jejuar, ir à igreja, redimir-me dos meus pecados, aceitar a Trindade, acreditar no Pai, no Filho e no Espírito Santo, resistir ao demônio, ou não resistir ao demônio, e entregar-me a Deus.

Tudo isso apenas aumentou o conflito. Se esse novo fato na minha vida era “bom”, isto é, um “dom”, então evidentemente eu pertencia à espécie dos santos, ou pelo menos dos tipos santificados, de acordo com a história religiosa. Senti que tal qualificação de santidade estava sem dúvida acima e além de mim. Se essa coisa nova era um “mal”, então seria obra do demônio ou, pelo menos, um demônio tentando me dominar ou me encorajar, e eu deveria ser exorcizado.

Os padres ortodoxos de religiões organizadas com quem me encontrei aceitaram delicadamente a última versão, em graus variados. Tive a sensação de ser perigoso e herege aos seus olhos. Eram precavidos.

Nas religiões orientais achei mais aceitação da ideia, como indicara o Dr. Bradshaw. Falava-se muito da existência de um corpo não físico. Novamente, tal estado de existência

era produto de grande evolução espiritual. Somente Mestres, Gurus e outros Homens Santos com muitos anos de treinamento tinham a capacidade de abandonar temporariamente o corpo físico para adquirir indescritíveis luzes místicas. Não se viam detalhes e nenhuma explicação pragmática sobre o que chamavam evolução espiritual. Mas estava implícito que na prática de cultos secretos, seitas, lamaserias etc., tais itens eram do conhecimento comum.

Caso isso fosse verdadeiro, o que ou quem era eu? Certamente velho demais para recomençar a vida num convento tibetano. A solidão tornara-se aguda. Evidentemente não havia respostas. Não em nossa cultura.

Foi a essa altura que descobri a existência de um movimento secreto nos Estados Unidos. O único fator ausente é que não existem leis contra seu funcionamento, nem perseguição e processo oficial envolvidos. Esse movimento só ocasionalmente se funde, em parte, com o mundo dos negócios, ciência, política, academias, e as chamadas artes. E o que é mais: definitivamente não se limita aos Estados Unidos, mas infiltra-se por toda a civilização ocidental.

Muitas pessoas talvez tenham ouvido falar nele vagamente, ou casualmente tenham entrado em contato com ele, relegando-o como grupo de ideias excêntricas. Mas em geral uma coisa é certa: os membros de tal organização que são respeitados em suas comunidades não falam a respeito dos interesses ou crenças que os qualificam como participantes, a menos que o reconheçam como integrante. Aprenderam com a vivência que falar às claras provoca a censura por parte de seus líderes, clientes, patrões, ou mesmo amigos.

Acredito que os participantes somem milhões, se todos confessassem sua filiação. São encontrados em todos os setores de atividade: cientistas, psiquiatras, médicos, donas-de-ca-

sa, estudantes, comerciantes, adolescentes, e pelo menos alguns sacerdotes de religiões formais.

Esse grupo possui todas as qualificações de um movimento secreto. Reúnem-se em pequenos grupos, silenciosamente e com frequência semisecretamente (os eventos são bastante anunciados publicamente, mas você tem de “estar por dentro” para entender a notícia). Geralmente os participantes discutem assuntos secretos apenas com outros membros. Ao contrário da família ou amigos chegados (provavelmente membros também), a comunidade não conhece o interesse e a vida secretos de um membro do movimento. Se lhe perguntarem ele negará sua participação, porque de frequente não se dá conta de ser tão ligado a ele. Todos são, até certo ponto, emocional e intelectualmente delicados à causa. Finalmente: o movimento tem sua própria literatura, linguagem, tecnologia e, em termos, semideuses.

Atualmente o movimento secreto anda altamente desorganizado. Na verdade, não existe organização alguma, no sentido comum da palavra. Raramente, até, os grupos locais chegaram ao ponto de adotar título ou nome para si mesmos. Até agora são simplesmente reuniões pequenas porém regulares, efetuadas na sala de jantar de alguém ou no salão de conferências de um banco, ou muito possivelmente numa reitoria. Esse grupo de indivíduos ainda tateia, e dá a impressão de tomar diversos caminhos, entretanto o objetivo é o mesmo para todos. Todavia, tal como outros movimentos secretos, se você se tornar membro e visitar outras cidades, inevitavelmente encontrará outros participantes. Não é coisa planejada. Apenas “acontece”.

Quem está incluído nesse movimento? Primeiro os profissionais. Em uma extremidade ficam os parapsicólogos, bem poucos. São homens com diplomas legítimos de doutorado de

universidades reconhecidas, e que publicamente conduziram pesquisas sobre PES. O mais famoso desses é o Dr. J.B. Rhine, ex-atuante na Universidade Duke, e que conduziu e compôs cartões simples de teste de probabilidade estatística durante cerca de trinta anos. Para sua satisfação, provou estatisticamente que a PES é um fato. Seus resultados são encarados com reservas, sendo em grande parte inaceitáveis pela maioria dos psicólogos e psiquiatras dos Estados Unidos. Há outros na mesma categoria: Andrija Puharich, J.G. Pratt, Robert Crokall, Hornell Hart, Gardner Murphy, todos se encaixam nessa classificação. Se você é membro, esses nomes lhe são familiares.

O espectro profissional percorre uma gama que vai do parapsicólogo até a quiromante de beira de estrada que se proclama cigana ou filha de Nova Delhi, cobrando cinco dólares por uma trivial “leitura” de cinco minutos. As áreas de interesse são bastante diversas, mas todas possuem laços interconectivos de crença comum de uma forma ou de outra.

O grosso do movimento secreto procura os profissionais em busca de informações e orientação, e lhes empresta algo assim como a adoração a um herói. Qualquer um que escreve um livro, organiza uma fundação, conduz uma pesquisa, tem experiência profunda, estudou com um grande profissional, dá conferências psíquicas, conduz aulas de evolução mental e/ou espiritual ou cura pela fé, é um “astrólogo de confiança, sacerdote de ciência divina ou espiritualismo, médium de transe, devoto dos discos do espaço sideral ou hipnotizador”, são esses os profissionais.

A maioria obtém toda sua renda, ou parte dela, dessa atividade. Muitos nutrem profundo ciúme profissional uns pelos outros, e frequentemente se inclinam a suspeitar das técnicas e teorias propostas fora de suas atividades específicas.

Até mesmo ridicularizam sutilmente, ou olham com deboche tolerante, irônico, os resultados não ligados a suas especializações. Isso bem poderia explicar por que, até agora, não existe organização num movimento secreto. No entanto, a despeito de si mesmos, os profissionais são atraídos uns para os outros. Seu interesse comum força isso. Não há outros com quem possam compartilhar suas ideias e experiências em igualdade de condições e com entendimento.

Não tencionamos, de forma alguma, lançar calúnia ou descrédito sobre os profissionais. São um grupo de pessoas completamente fascinantes e maravilhosas. Cada qual a seu modo procura a Verdade. Que monótono seria o mundo sem eles, caso você se tornasse membro do movimento secreto.

Para o consumidor desse tipo de função existem revistas, jornais, conferências, clubes de livros (pelo menos cinquenta novos livros dos movimentos secretos são publicados a cada ano, muitos deles por editoras famosas), e mesmo programações de TV e de rádio. As últimas, evidentemente organizadas pelos membros mais velhos, não tiveram êxito porque esses movimentos ainda representam um grupo minoritário. A reação básica do público é:

“Você não acredita mesmo nesse negócio, não é?”

Quem, então, forma o grosso desses movimentos? Contrário ao que se podia esperar, eles não são apenas um conglomerado de desajustados tolos, incultos, supersticiosos, irracionais. Claro, alguns dos seus últimos vêm incluídos, mas não em porcentagem maior do que a encontrada entre a população comum. Para dizer a verdade, caso se fizesse um consenso, é muito provável que seu QI médio se mostrasse bem acima do grupo representativo da humanidade ocidental.

São simples os laços ou causas comuns que os unem. Todos têm a crença de que (1) o Eu Interior do homem não é

compreendido nem totalmente expresso em nossa sociedade contemporânea; e (2) esse Eu Interior tem capacidade para agir e realizar mental e materialmente em grau desconhecido, e não reconhecido pela ciência moderna. São pessoas cujo entretenimento primacial é ler, conversar, pensar, discutir, e participar de tudo que seja “psíquico” ou “espiritual”. É tudo que se necessita para ser membro participante. Talvez você faça parte da coisa e não o perceba.

Como essa gente “fica” desse jeito? A resposta mais comum é: por experimentar ou ser parte de algum fenômeno que não pode ser explicado pelos modernos ensinamentos científicos, filosóficos ou religiosos. Certo tipo de pessoa ignora o fato, varre-o para baixo do tapete e o esquece. Outro, que eventualmente se torna membro, tenta descobrir algumas respostas.

Habilitei-me para tal sociedade porque não consegui achar qualquer outra fonte de informação. Infelizmente as informações que eu procurava estavam realmente muito esparsas, mesmo neste estranho velho mundo novo. Porém houve os que estudaram seriamente pelo menos a possibilidade de que o Segundo Estado podia acontecer, e aconteceu mesmo.

Logo se tornou aparente que o movimento secreto começou há mais de cem anos, ou antes até, quando a ciência hodierna principiou a organizar os conceitos humanos e os livros dos “conhecimentos” irracionais, desprovidos de base.

Em meio a tais esforços de purificação qualquer coisa que ainda não se deparara com o teste do empirismo foi implacavelmente desprezado pela liderança intelectual. Aqueles que insistiram em manter suas crenças desprezadas caíram em desonra. Se teimosamente persistiam e ainda assim desejavam ser ativos e aceitos na sociedade, não tinham escolha senão

refugiar-se nos movimentos, com suas ideias secretas, ao mesmo tempo em que mantinham outra imagem diante do público. Muitos que se recusaram a praticar tal estratagema tornaram-se mártires.

Até hoje, nesta sociedade esclarecida, a mesma atitude continua a existir em grande extensão. Dentre os profissionais conhecidos pelos colegas como proponentes da parapsicologia ou qualquer coisa semelhante, talvez haja uns cinco que ainda atraíam admiração e respeito publicamente pelas suas ocupações: medicina, psicologia, psiquiatria, ou ciências físicas. No estágio atual acredito ter conhecido os cinco. Ironicamente, sou um pouco mais sábio que eles, embora não seja sua culpa. Simplesmente não conhecem muito sobre o Segundo Estado ou o Segundo Corpo.

Acima de tudo gostei das pessoas que conheci no movimento secreto. Encontrei-as em pequenas cidades, em grandes cidades, no comércio, em grupos religiosos, em universidades, e mesmo na Associação Psiquiátrica Americana! De modo geral são gente realmente gentil. São alegres, com forte senso de humor. Formam um grupo feliz que sabe rir, quando necessário, de seus próprios interesses sérios. Seja ou não intencionalmente, são o mais altruísta e vigoroso grupo representativo da humanidade que já conheci. Não deve ser acidental o fato de serem os mais religiosos, no verdadeiro sentido da palavra.

Se isso parecer uma sucinta rejeição de todas as outras fontes e material omitidos nos escritos “psíquicos” disponíveis, a intenção não é essa. Cada qual tem sua própria versão da Verdade, e talvez existam mesmo muitas Verdades. Já me sentei junto a médiuns em transe e fiz perguntas definidas, recebendo respostas vagas, que para mim foram pura evasiva, quando uma explicação direta teria significado muito mais.

Contudo, posteriormente, para meu espanto, em caso assim participei de uma experiência do Segundo Corpo que confirmou (para mim e outros) a autenticidade dos poderes de um médium. A verdade, aqui, é puro mistério!

O trabalho de Edgar Cayce, virtualmente santo contemporâneo no mundo psíquico, foi sem dúvida muito elucidativo e bem investigado, porém inacreditável em termos de ciência e medicina atuais. Definitivamente a verdade ali se mostrou, contudo a História talvez só registre o caso através de alguns poucos arquivos obscuros. Hoje, cerca de vinte anos após seu pensamento, não se conhece mais sobre como funcionava sua capacidade e o que ele era, do que se sabia no dia em que morreu.

Os escritos de Cayce foram de auxílio, mas extremamente difíceis de serem trazidos à luz da explicação quanto ao seu relato sobre a existência do Segundo Estado. Ele o confirmava, mas não explanava. Grande parte do seu material nesse setor é apagado pela névoa de um forte condicionamento religioso. Isso deixa a questão aberta à interpretação, por isso os tradutores (sacerdotes?) de Cayce apressaram-se em fornecer tal intercessão.

Hoje em dia existem outros que, evidentemente, funcionam de forma semelhante a Cayce. Um deles apresentou relatórios físicos bastante apurados a meu respeito e forneceu alguns dados gerais sobre minhas atividades no Segundo Estado, os quais não são esclarecedores nem demonstráveis. Sem embargo, não há dúvida de que me convenceram da validade e dos poderes do médium. De novo, outra Verdade (para mim e outros quer participaram), mas sem respostas diretas que pudessem ser usadas num tribunal.

Diversos “médiuns” fizeram “leituras do destino” para mim. Incluíram amplas generalizações, no entanto foram in-

capazes de dar respostas diretas, conclusivas a perguntas simples. Se forem autênticos (e quem sou eu para dizer que não são?), esses médiuns devem limitar-se definitivamente à sua percepção específica. Ou isso ou sofrem problemas na interpretação dos símbolos para a fala. Bem posso avaliar como ocorre este último.

Foi durante minhas leituras e contatos com esse setor do pensamento humano, a que chamo carinhosamente de secreto, que finalmente descobri fortes indícios do que me estava acontecendo. Se não me tivesse envolvido pessoalmente não teria acreditado no que encontrei. Ao mesmo tempo foi confortador saber que meu caso não era raro.

De que se tratava? Simplesmente eu estava realizando “projeção astral”. O Dr. Bradshaw me dera a pista, conquanto ele mesmo só remotamente tivesse ouvido falar dessas coisas. Projeção astral, para o não iniciado, é termo dado à técnica de deixar o corpo físico temporariamente e deslocar-se pelo espaço num corpo não material ou “astral”. Este último termo recebeu muitas conotações, bem como diversas interpretações, científicas ou não. A palavra “científica” é empregada com cautela porque o mundo científico moderno do ocidente, pelo menos, não reconhece nem está seriamente a par da simples possibilidade de tais fatos.

Na obscura história da humanidade, é coisa inteiramente diferente. O vocábulo “astral” possui origens apagadas em primordiais eventos místicos e de ocultismo, envolvendo feitiçaria, bruxaria, magia e outras tolices aparentes que o homem moderno encara como bobagem e superstição. Como nenhuma tentativa foi feita para revolver profundamente essa área, continuo sem saber o que significa a palavra “astral”. Logo, prefiro ater-me às usadas “segundo corpo” e “segundo estado”.

Tal tipo de literatura, que ainda prospera, retrata um mundo astral composto de muitos níveis ou planos, que são os locais para onde as pessoas vão quando “morrem”. A pessoa que viaja por aí em seu corpo astral pode fazer breves visitas a tais lugares, falar com gente “morta”, participar de atividades “lá”, e regressar ao corpo físico aparentemente sem nenhum desgaste. Houve ocasião em que desejei ardentemente fosse verdadeiro o último item.

Para realizar esse feito miraculoso tinha-se de ser arduamente treinado ou, melhor ainda: “evoluído espiritualmente”, segundo os ocultistas. Tais ensinamentos têm sido supostamente manejados em segredo através da História para esclarecer aqueles que se tornaram adiantados o bastante para recebê-los. Evidentemente, de quando em vez surgiam os que revelavam o segredo, ou acidentalmente aprendiam a técnica. No passado eles eram canonizados, castigados, cremados, ridicularizados e aprisionados por tal revelação pública. Isso não torna o futuro muito promissor no meu caso.

Paradoxalmente, muitos dos dados contidos em minhas anotações tendem a confirmar essa abordagem oculta do tema, o que irrompeu como um choque. Usando interpretação liberal e a tradução para o idioma moderno, grande parte disso encaixou-se perfeitamente no lugar. Ao mesmo tempo muito se deixou de dizer, embora eu não saiba por que.

Segundo a literatura do movimento secreto psíquico, a história religiosa-mística do homem se refere constantemente a esse segundo corpo. Muito antes de surgirem o cristianismo e a Bíblia, as culturas do Egito, Índia, China, para só mencionar algumas, apoiavam a tese do segundo corpo como procedimento padrão de operação. Historiadores encontraram essas referências sempre e sempre; mas, evidentemente, classificam-nas como integrantes da mitologia dos tempos.

Lendo-se a Bíblia desse ponto de vista, a crença é várias vezes confirmada, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento. Na Igreja Católica encontram-se relatórios consistentes de santos e outras figuras religiosas com essa experiência, algumas delas por livre vontade. Mesmo no protestantismo, seguidores devotos têm declarado experiências fora do corpo durante alguma forma de êxtase religioso.

No oriente, há muito tempo o conceito de um segundo corpo tem mantido uma posição natural e aceita de realidade. Novamente, isso é um estudo inteiro da coisa em si, e existem numerosos livros secretos e autoridades em culturas orientais que afirmam o conceito do segundo corpo. Supõe-se existam até hoje aqueles adeptos, lamas, monges, gurus e outros da mesma espécie que exercitam poderes mentais e psíquicos, inclusive atividades do segundo corpo, em completa discordância com o atual conhecimento científico. Frequentemente são ignorados por nossa sociedade materialista porque não podem ser repetidos em laboratório.

Nos arquivos de várias organizações de pesquisa psíquica daqui e de outros países há centenas de relatórios de anamnese a respeito de experiências fora do corpo. Tais relatórios retrocedem pelo menos cem anos, e muitos mais são encontrados em diversos escritos do passado. Estão lá para quem deseja investigar os fenômenos.

Virtualmente, todas as experiências relatadas são ocorrências espontâneas e sem repetição. Normalmente surgiram numa ocasião em que o indivíduo estava fisicamente doente ou debilitado, ou durante intensa crise emocional. Todas parecem altamente subjetivas; contudo, a maior parte desses relatórios é por si só comprobatória. No decorrer deste século têm sido publicados vários resumos impressionantes dessas experiências, e devem ser lidos, caso se deseje pesquisar o

tema. Em todos eles é aparente a fragilidade: a maioria é basicamente informativa, suplementada por conjecturas. Não se incluem os objetivos, baseados em exames ou experimentos diretos. Razão? Evidentemente não houve tal pesquisa sólida.

Em instâncias muito raras conhecem-se registros publicados de indivíduos que deliberadamente podem e voluntariamente faziam a indução ao segundo estado, deslocando-se por aí em seu segundo corpo. Talvez haja mais deles, porém só dois se destacam na História atual. Se existem outros que efetuam esse ato, guardaram os resultados para si mesmos.

O primeiro deles é Oliver Fox, inglês ativo nas áreas da pesquisa e da prática psíquica. Publicou relatórios generosamente detalhados sobre experiências fora do corpo e técnicas para atingir tal estado. A não ser no movimento secreto de 1920, seu trabalho recebeu pouca atenção. Não obstante tentou, muito decididamente, trazer a experiência à estrutura da compreensão de sua era.

O segundo, e muito famoso, foi Sylvan Muldoon, que republicou diversos trabalhos a respeito em colaboração com Hereward Carrington, no período 1938-51. Muldoon era o “projecionista” e Carrington pesquisador consistente dos fenômenos psíquicos. Até hoje suas obras têm sido as clássicas nesse terreno, e são leitura muito interessante. Na minha investigação em busca de fatos perguntei-me novamente o quanto fora obviamente omitido. Ao mesmo tempo, pouco ou nenhum experimento empírico foi realizado para fornecer dados a um investigador sério e objetivo. O mais recente foi um livro escrito por Yram (mulher? Mary, de trás para diante?). Ele (ou ela), também ofereceu diversos detalhes, mas nenhuma continuidade sólida relacionada com o meu caso.

Tentativas significantes de estudo e avaliação científicas foram efetuadas recentemente por diversos homens notáveis,

tais como Hornell Hart, Nandor Fodor, Robert Crookall, e outros com bom lastro acadêmico. A maioria deles é relativamente isenta da distorção de fatores, muito presente na literatura secreta. Todos servem para verificar o fato da existência do segundo corpo, mas apresentam poucos ou nenhum dado concreto em nível experimental não filosófico. De novo: como discutir experimentos que não aconteceram?

O problema mais consistente encontrado em associação com o movimento secreto tem sido o de evitar a submersão da abordagem analítica no vasto pantanal de pensamento e crença teológica. Certa vez, não faz muito tempo, o homem pensou que a eletricidade fosse Deus; antes disso, o sol, o raio, e o fogo. Nossas ciências nos dizem que essas ideias eram ridículas, e tentam nos mostrar isso por meio de experimentações. Talvez o segundo corpo, operando no segundo estado, possa fornecer o avanço do “quantum” para provar a existência de Deus empiricamente. Daí não mais haverá movimentos secretos.

O underground psíquico apresentou-me a muitos amigos novos, porém poucas respostas específicas a perguntas como: - que faço agora: Para surpresa minha, eles procuravam respostas em mim.

Pareceu-me haver somente um caminho a seguir. Centenas de experimentos efetuados durante doze anos, e ainda em curso, levantaram conclusões aparentemente iniludíveis, embora estranhos ao meu condicionamento ambiental. Na matéria a seguir, o teste será seu.

BASEADO EM PROVAS

No outono de 1964 houve interessante reunião certa noite, em Los Angeles. Compunha-se de cerca de vinte psiquiatras, psicólogos, cientistas, e eu mesmo. Foi uma noite muito gratificante. Era propósito da sessão examinar, com sinceridade e seriedade, as experiências e experimentos que aqui condensamos. Após várias horas de indagações feitas pelo grupo, chegou minha vez. Fiz duas simples perguntas a cada um deles.

“Se você estivesse passando pelo que eu estou, o que faria?”

Foi opinião clara da maioria, mais de dois terços, que todos os esforços deveriam ser enviados na continuação de tais experimentações, na esperança de esclarecer e expandir o conhecimento que o homem tem de si mesmo. Vários deles declararam seriamente que eu deveria ir correndo, não andando, ao psiquiatra mais próximo. Nenhum dos presentes ofereceu seus préstimos...

A segunda pergunta:

“Você tomaria parte em experimentos que levaria à criação, em si próprio, de tal atividade incomum?”

Aqui, de certa forma, o padrão mudou. Cerca de metade declarou desejo de participar. Estranhamente, nesse grupo estavam alguns dos mais céticos quanto à realidade de tais experiências. Claro, isso me deu a oportunidade de cutucar gentilmente os que se mostravam a favor de experimentos

contínuos. Quando chegava o momento de enfrentar uma parada dura, eles entregavam o problema a outros. Mas, de certo modo, não os culpo. Se a questão me tivesse sido apresentada há doze anos, duvido que me tivesse apresentado como voluntário.

Por que esse pessoal se deu ao trabalho de se reunir? Curiosidade, talvez. Ou, novamente, talvez certa parte de material probatório que fora acumulado. Espero que pelo último motivo. Vejamos alguns relatórios-chave extraídos das anotações e que atraíram as atenções deles.

10 de setembro de 1958.

Novamente flutuei, no intento de visitar o Dr. Bradshaw e esposa. Lembrando-me de que o doutor estava de cama, com um resfriado, pensei visitá-lo no quarto de dormir, quarto este que eu não vira em sua casa e, se pudesse descrevê-lo posteriormente, isso provaria minha visita. Novamente senti as voltas no ar, o mergulho no túnel, e desta vez a sensação de subir o morro (o Dr. Bradshaw e a esposa moram numa casa a uns oito quilômetros do meu escritório, montanha acima). Eu passava por sobre árvores, e acima havia um céu claro. Momentaneamente vislumbrei (no céu) a silhueta de uma forma humana redonda, aparentemente vestida com mantos e usando uma espécie de capacete (permanece o conceito oriental), sentada, braços no colo, talvez de pernas cruzadas à moda de Buda; depois sumiu. Não sei o significado disso. Após certo espaço de tempo a viagem morro acima se tornou difícil: tive a impressão de que a energia estava acabando, sentindo que não conseguiria.

Com esse pensamento aconteceu uma coisa espantosa. Foi precisamente como se alguém tivesse colocado a mão embaixo de cada braço meu, erguendo-me. Senti uma onda de força elevar-me, e viajei rapidamente para o alto da montanha. Depois avistei o Dr. Bradshaw e sua esposa. Estavam sentados do lado de fora da casa: por momentos fiquei confuso, já que os encontrara antes de entrar na casa. Não entendi, pois o

Dr. Bradshaw deveria estar na casa. Vestia um sobretudo leve e chapéu; e a esposa, casaco e o resto da roupa escuros. Vinham em minha direção, por isso parei. Pareciam contentes, e passaram por mim sem me ver, em direção a uma pequena construção igual a uma garagem; Brad vinha atrás, enquanto caminhavam.

Flutuei por ali, na frente deles, acenando, gritando para chamá-los a atenção, mas sem resultado. Então, sem que virasse a cabeça, penso que ouvi o Dr. Bradshaw dizer-me:

- Bem, parece que você não mais precisa de ajuda.

Achando que tinha feito contato, voltei ao chão e regressei ao escritório, entrei no corpo em rotação e abri os olhos. Tudo permanecia exatamente como eu deixara. A vibração ainda estava presente, mas achei que aquilo bastava para um dia.

Resultado importante: telefonamos para o Dr. Bradshaw e senhora naquela noite. Não comentei nada. Somente perguntei onde haviam estado naquela tarde, entre quatro e cinco horas (minha esposa, que soube da visita, afirmou não ser possível: não podia ser, já que o Dr. Bradshaw estava acamado, doente). Com a Sra. Bradshaw ao telefone, fiz a pergunta simples. Declarou-me que aproximadamente às quatro e vinte e cinco estavam caminhando fora de casa, em direção à garagem. Ela ia aos correios, e ele resolvera que talvez um pouco de ar puro pudesse ajudá-lo; vestiu-se e saíram juntos. Ela sabia a hora retrocedendo até o momento em que chegaram à agência dos correios, o que ocorreu aos vinte minutos para as cinco. São mais ou menos quinze minutos dos correios até a casa deles. Eu regressara de minha viagem até eles aproximadamente às quatro e vinte e sete. Perguntei o que vestiam na ocasião. Informou a Sra. Bradshaw ter usado calças pretas e suéter vermelho coberto por um casaco preto. O doutor, um chapéu claro e um sobretudo de cor alegre. Contudo, nenhum dos dois me “viu” de forma alguma, ou se deu conta da minha presença. O Dr. Bradshaw não se recordava haver dito coisa alguma. O detalhe importante é que eu esperava encontrá-lo na cama, o que não aconteceu.

Foram demasiadas as coincidências. Não era importante provar isso a outras pessoas. Apenas a mim mesmo. E provou-me, pela primeira vez, na verdade, que pode haver muito mais por trás disso do que o admitem a ciência normal, a psicologia e a psiquiatria. Mais do que aberração, trauma, ou alucinação, e eu precisava de algum tipo de prova mais do que qualquer um, tenho certeza. Foi um simples incidente, mas inescutível.

Nessa visita ao Dr. Bradshaw e esposa, a hora da visita coincide com a ocorrência física. O fator de alucinação por autossugestão é negativo. Esperei encontrar o Dr. Bradshaw na cama, em sua casa, mas não foi assim e fiquei intrigado com a incongruência. Relatórios idênticos sobre condições de fatos reais:

- 1) Localização do Dr. Bradshaw e esposa;
- 2) Posição dos dois em relação um ao outro;
- 3) As ações de ambos;
- 4) Roupas usadas pelos dois.

Possibilidade de pré-conhecimento inconsciente através de prévia observação dos fatos acima:

- 1) Negativo – não tinha informações sobre sua mudança de planos ou hábitos de horários das visitas ao correio;
- 2) Indeterminado – conscientemente, pelo menos, desconhecendo quem caminhava na frente;
- 3) Negativo – não teria pré-conhecimento de que caminhariam até a garagem vestindo tais roupas;
- 4) Indeterminado – posso ter observado ambos em tais vestimentas, mas esperava encontrar um só deles (o Dr. Bradshaw), em trajes de dormir.

5 de março, 59 – Manhã.

Num motel de Winston-Salem: acordei cedo e saí para tomar café às sete e meia; depois regressei para meu quarto por volta das oito e meia e deitei-me. Quando me descontrai as vibrações vieram, e com elas uma sensação de movimento. Logo após cessaram, e a primeira coisa que vi foi um garoto andando, jogando uma bola de beisebol para o alto e aparando-a. Brusca mudança e vi um homem tentando colocar algo no assento traseiro de um carro, um sedã grande. A coisa era um aparelho de aparência estranha que interpretei como um veículo pequeno, com rodas e motor elétrico. O homem torceu e virou o engenho até finalmente instalá-lo no banco traseiro do carro, e então bateu a porta. Outra mudança veloz e achei-me ao lado de uma mesa. Havia gente em torno dela, que estava coberta de pratos. Uma das pessoas manejava o que pareciam grandes cartas brancas de baralho, passando-as para as outras à mesa. Achei esquisito jogarem cartas na mesa tão coberta de pratos, e perguntei-me acerca do tamanho exagerado e da brancura das cartas.

Mais outra mudança rápida e me achei sobre ruas da cidade, a uns cento e cinquenta metros de altura, procurando meu “lar”. Depois divisei a torre de rádio, e lembrei-me de que o motel ficava perto dela: quase instantaneamente me vi de volta ao corpo. Sentei-me e olhei em volta: tudo parecia normal.

Resultado importante: na mesma noite visitei alguns amigos, o Sr. e Sra. Agnew Bahnson em sua casa. Estavam parcialmente cientes de minha “atividade” e, num palpite súbito, eu soube que o acontecimento matutino tinha ligação com eles. Perguntei-lhes a respeito do filho, e foram chamá-lo em seu quarto, perguntando-lhe o que fizera entre oito e meia e nove daquela manhã. Respondeu que ia para a escola. Quando inquirido mais detalhadamente sobre o que fazia no trajeto, disse que ia jogando a bola de beisebol para o alto e aparando-a (conquanto eu o conhecesse bem, não sabia que o rapaz se interessava por aquele esporte, embora isso fosse de presumir). Em seguida resolvi falar sobre o ato de carregar o carro. O Sr. Bahnson ficou atônito. Exatamente naquele momento, declarou-me,

estava colocando um gerador Van DeGraff no assento traseiro do seu carro. O gerador era um aparelho grande, esquisito, com rodas, motor elétrico e uma plataforma. Mostrou-me o aparelho (era atemorizante ver fisicamente uma coisa observada somente com o segundo corpo). Depois contei a respeito da mesa e das grandes cartas brancas. Sua esposa ficou perturbada. Parece que, pela primeira vez em dois anos e porque todos tinham acordado tarde, ela trouxera a correspondência para a mesa do desjejum e distribuía as cartas à medida que as selecionava. Grandes cartas de baralho brancas! O Casal ficou muito agitado com o ocorrido, e tenho certeza de que não estavam ironizando.

Nessa visita matinal ao Sr. Bahnson e família a hora da visita coincide com fatos reais. Alucinação por autossugestão, negativo; nenhuma intenção consciente da visita, embora possível a motivação inconsciente. Relatórios idênticos sobre condições de fatos reais:

- 1) Filho caminhando pela rua e atirando a bola para o ar;
- 2) O Sr. Bahnson no carro;
- 3) As ações do Sr. Bahnson no carro;
- 4) Aparelho que tinha no carro;
- 5) Ação da Sra. Bahnson à mesa: o lidar com “cartas”;
- 6) Tamanho das cartas e cor branca;
- 7) Pratos na mesa.

Possibilidade de pré-conhecimento inconsciente através de observação prévia do descrito acima:

- 1) Negativo - desconhecendo o interesse do filho por beisebol, e não consciente de suas atividades básicas;
- 2) Negativo - não tinha conhecimento das ações do Sr. Bahnson naquela manhã em torno do carro, e a ação relatada não era parte de sua rotina;

3) Negativo - conforme indicado tais ações não eram rotina, isto é, o carregamento do carro, logo não poderia ser parte de padrões de hábito do Sr. Bahnson pré-observados;

4) Indeterminado - possível que o aparelho tivesse sido observado anteriormente, mas não no local indicado;

5) Negativo - sem fazer parte de lembrança pré-observada, já que a Sr. Bahnson não faz de tal ação um hábito; distribuir correspondência à mesa era fato invulgar;

6) Negativo - por motivos há pouco apresentados, mais o fato de não haver tais hábitos no próprio padrão de vida, como distribuir cartas à mesa, mais interpretação errônea da própria ação;

7) Indeterminado - pré-observação poderia haver sido aplicada aqui em relação à família Bahnson, já que o escritor tomara café ali diversas vezes.

12 de outubro, 60 – Noite.

Os resultados são tão contraditórios que acreditei deveriam ser relatados em detalhe. Em nossas tentativas de encontrar certas respostas entramos em contato com a Sra. M., que denotava possuir poderes mediúnicos. Tive e ainda tenho grande respeito por ela como pessoa de enorme bondade e integridade. No entanto, em duas “sessões” das quais participamos, saí com a impressão de que a Sra. M., mesmo profundamente sincera, representava alguma espécie de personalidade esquizoide quando entrava em transe. Os “guias” que nela “incorporaram” e falaram por meio de suas cordas vocais eram, para mim, nada mais nada menos do que manifestações disso. O fato não implica haver pensado que a Sra. M. deliberadamente criou tal ilusão, mas que aconteceu como resultado de um estado hipnótico autoinduzido, e ela não tinha conhecimento do que estava ocorrendo. Tenho certeza de que de modo algum a Sra. M. tentou “fingir”. Não era e não é desse tipo de pessoa.

O que não me deixou convencido foi que, ao perguntar aos seus

guias, seu marido morto e um índio americano, certas coisas enquanto eles falavam através dela, recebi respostas evasivas. O melhor que obtive foi:

“Você descobrirá isso através de seus próprios recursos.”

Na ocasião isso me pareceu um meio simples de evitar uma resposta passível de ser verificada de outros modos. É importante que eu destaque meu completo ceticismo quanto à Sra. M. e seus guias.

Mesmo assim, o que aconteceu ontem à noite e o relatório de hoje me confundem totalmente. R.G., amiga da Sra. M., sugeriu que eu tentasse “visitar” uma sessão a realizar-se pela Sra. M. num apartamento de Nova York, na noite de sexta-feira (ontem à noite). Concordei mais ou menos, declarando que sem dúvida eu não tinha certeza de que seria possível. Francamente, quando chegou a noite de sexta-feira a reunião fugira de minha mente (pelo menos conscientemente).

Eis o que ocorreu: após um serão normal em casa, minha esposa e eu subimos para nos deitar por volta das onze e meia. Minha esposa dormiu quase imediatamente, o que senti por sua respiração compassada, pesada. Deitado ali, evidentemente descontraído ao máximo e possivelmente sonolento, de súbito senti aquele frio de quem “caminha sobre seu túmulo”, e os pelos das minhas costas começaram a se arrepiar. Olhei para a outra extremidade do quarto meio escuro, com medo, porém, fascinado. Não sabia o que esperar: parada no vão da porta que ligava o quarto ao saguão estava uma silhueta branca parecida com um fantasma. Realmente parecia a tradicional figura de um deles, cerca de um metro e oitenta, parado ali, com um tecido flutuante como um lençol caindo da cabeça ao chão. Uma das mãos se esticava e segurava a maçaneta da porta.

Fiquei totalmente assustado, e não tive oportunidade de ligar a figura a qualquer ato meu. No instante em que começaram a se mover em minha direção encolhi-me, meio aterrorizado, porém ao mesmo tempo tinha de ver do que se tratava. Quase imediatamente senti mãos tapando-me os olhos para que eu não pudesse enxergar. Fiquei tentando afastá-las, a despeito do terror, até que finalmente a figura fantasmagórica ficon

ao lado da cama, a centímetros de mim. Então alguém pegou meus antebraços gentilmente e eu saí da cama. Diante disso me acalmei, porque senti que, fosse o que fosse, era amistoso. Não lutei nem resisti.

Imediatamente houve uma rápida sensação de movimento e nós (senti, então, que eram dois deles, um de cada lado) de repente nos encontramos num pequeno cômodo, como se olhando para baixo, dentro dele, lá do teto. Na sala abaixo estavam quatro mulheres. Olhei para os dois seres ao meu lado. Um era um homem loiro, o outro moreno, quase oriental. Ambos pareciam bastante jovens, na casa dos vinte. Sorriam para mim.

Falei com eles, dizendo que teriam de perdoar minha atitude já que eu não estava seguro do que fazia. Em seguida desci flutuando até o único assento vazio e nele me sentei. Uma mulher alta, grande, numa roupa escura, ficou em frente a mim. Outra, no que parecia uma túnica branca à altura do tornozelo, colocou-se ao meu lado. As outras duas estavam indistintas. Uma voz feminina perguntou se eu me lembraria que estivera ali: assegurei-lhe que o faria, sem dúvida. Outra ainda falou qualquer coisa acerca de câncer, mas isso foi tudo que consegui “pegar”.

Então uma delas (a de roupa escura) aproximou-se, passando perto da minha cadeira, e aí se atirou bem no meu colo! Não lhe senti o peso mas, por algum motivo, ela se ergueu subitamente. Houve risadas, porém minha mente se ocupava com outras coisas. Evidentemente o contato com a mulher que se sentou no meu colo alterara os eventos. Exatamente nesse instante ouvi uma voz masculina:

“Creio que ele está ausente faz muito tempo: é melhor que o levemos de volta.”

Fiquei indeciso entre ir e ficar, mas não discuti. Quase instantaneamente eu estava de volta à cama, deitado, e foi só isso, exceto que minha esposa ficara acordada o tempo todo. Disse-me que alternadamente eu arfei, fiz sons de gemido e choramingo, e depois dei a impressão de estar respirando pouco ou nada. Fora isso ela não vira nem ouvira nada, a não ser que nosso gato, dormindo no quarto, acordara e ficara extre-

mamente nervoso. Minha esposa ficou muito preocupada e perturbada. Sem dúvida eu reagiria da mesma forma, caso passasse pelo mesmo que ela.

A “reunião certamente merecia verificação; portanto telefonei p ara R.G. e descobri diversas coisas. Primeira: houve quatro mulheres na sessão. A pedido meu achavam-se reunidas no mesmo apartamento (pequenina sala de estar) e usando as mesmas roupas. A mulher de roupa escura tinha mesma compleição que eu vira, e inadvertidamente “sentou-se” na cadeira “reservada” para mim. Isso ocorrera mais tarde naquela noite, após as onze e meia, quando a sessão já terminara havia muito e as quatro se haviam sentado para conversar. A alta pulara da “minha” cadeira quando as outras avisaram:

“Não sente no Bob!”

E riram com a piada. Uma das outras mulheres vestira um longo roupão branco. As palavras sobre a minha lembrança não foram emitidas oralmente (aquela comunicação da supermente ⁽⁶⁾ de novo?), mas uma das mulheres declarou que estaria trabalhando no Cancer Memorial Hospital, no dia seguinte. Eu já conhecia as outras duas, a Sra. M. e R.G., mas as duas aqui descritas me eram estranhas. Quatro mulheres, as roupas de duas, a compleição de uma delas, o sentar na cadeira, o sentar no meu colo e o pulo, as risadas, a sala pequenina, a referência ao câncer, é coincidência demais até para mim, e está além da minha capacidade de transmitir tudo por alucinação devidamente. Fiquei convencido.

Mas, e os dois homens? A Sra. M. realmente se comunica com o falecido marido e o índio? Só depois eu soube que ele fora loiro! Devo ser menos cético e mais acessível no que diz respeito à Sra. M.

Na visita ao apartamento, a hora coincide com o fato psíquico. Alucinação de autossugestão, indeterminada, visto que a ideia da viagem pode haver sido retida inconscientemen-

(6) Glossário.

te, embora sem tentativa consciente. Relatórios idênticos sobre condições de fatos reais:

- 1) Dimensões da sala;
- 2) Número de mulheres presentes: quatro;
- 3) Cadeira vazia;
- 4) Trajes de duas das mulheres;
- 5) Menção a “câncer”;
- 6) Ação da mulher sentada na cadeira;
- 7) Atitude do grupo quanto às gargalhadas.

Possibilidade de pré-conhecimento inconsciente através de observação anterior do citado acima:

- 1) Negativo – nenhuma visita ou descrição prévia do apartamento;
- 2) Indeterminado – R.G. pode ter revelado o número de pessoas que estariam presentes;
- 3) Negativo – ideia da cadeira vazia surgiu no grupo apenas no decorrer da mesma noite;
- 4) Negativo – jamais encontrei as mulheres antes, nem observei suas roupas;
- 5) Negativo – pelas mesmas razões aqui apresentadas. Não teria conhecimento do trabalho da mulher desconhecida no Cancer Memorial Hospital;
- 6) Negativo – já que a ação não foi planejada;
- 7) Negativo – já que a reação dos outros foi espontânea.

15 de agosto, 63 – Tarde.

Experimento produtivo após longa inatividade! R.W., a mulher de negócios que conheço muito bem através de sociedade profissional e amiga íntima a par de minhas atividades (mas de certa forma cética, ainda, a despeito de participação bastante involuntária), foi para fora esta semana, nas férias que passa subindo a costa de nova Jérsei. Não sei

exatamente onde passeia além desse local. Nem eu a informei sobre qualquer experiência planejada, simplesmente porque só pensei na coisa hoje (sábado). Esta tarde deitei-me para renovar as experiências, e resolvi fazer grande esforço para “visitar” R.W. onde quer que estivesse (regra número um no meu caso sempre tem sido a do êxito em alcançar alguém muito conhecido meu, e a oportunidade não surge com muita frequência). Deitei-me no quarto de dormir por volta das três da tarde, entrei em padrão de descontração (7) senti o calor (vibrações de ordem elevada), e depois pensei fortemente no desejo de “ir” até R.W.

Houve a sensação familiar para mim de movimento através de uma área enevoadada azul-claro, depois passei para o que parecia uma cozinha. R.W. sentava -se numa cadeira à direita. Estava com um copo na mão. Olhava para a minha esquerda, onde duas moças (cerca de dezessete e dezoito anos, uma loira e outra morena) também estavam de copo na mão, bebendo alguma coisa. As três conversavam, mas não consegui distinguir o que diziam.

Primeiro me aproximei das duas moças, diretamente frente a elas, mas não pude atrair-lhes a atenção. Virei-me, então, para R.W., perguntando-lhe se sabia que eu estava ali.

- Ah! Sim, sei que está aqui! — replicou (mentalmente, ou com aquela comunicação superconsciente, já que continuava a conversa oral com as duas moças).

Perguntei-lhe se tinha certeza de que se lembraria de que eu estive-ra ali.

- Ora, sem dúvida! — veio a resposta.

Eu disse que desta vez iria me certificar de que se recordasse.

- Vou me recordar; tenho certeza! — afirmou R.W., ainda em conversa oral simultânea.

Declarei que teria de me assegurar de que ela iria se lembrar, por

(7) Glossário

isso ia beliscá-la.

- Ah! Não precisa fazer isso! Vou me lembrar – falou R.W. rapidamente.

Insisti em que teria de me certificar; por isso estiquei o braço, tentando beliscá-la suavemente, ao que pensei. Fiz isso do lado do seu corpo, logo acima dos quadris e abaixo das costelas. Ela soltou um sonoro “Ai!” e eu recuei, porque fiquei de certa forma surpreso. Na verdade não esperava conseguir fazê-lo. Satisfeito por haver provocado algum vestígio, pelo menos, virei-me e parti, pensando no físico: regresssei quase imediatamente. Levantei-me (físicamente) e fui até a máquina de escrever, diante da qual me encontro agora. R.W. voltará apenas na segunda-feira, quando poderei verificar se fiz o contato ou se foi outra falha não identificável. Hora do regresso: três e trinta e cinco.

Resultado importante: é a terça-feira após o sábado do experimento. R.W. retornou ao trabalho ontem; perguntei-lhe o que andara fazendo sábado à tarde, entre três e quatro horas. Sabendo dos meus motivos para interrogá-la, disse-me que teria de pensar no caso e me avisaria na terça (hoje). Eis o que me relatou hoje: no sábado, entre três e quatro horas foi o único horário em que não havia um montão de gente na casinha de praia onde se alojara. Pela primeira vez ficou só com a sobrinha (morena, cerca de deztoito anos) e uma amiga dela (mais ou menos a mesma idade, loira). Ficaram na área de jantar da cozinha das três e quinze às quatro, e ela bebeu alguma coisa alcoólica enquanto as moças tomaram Cocas. Estavam apenas sentadas, conversando.

Perguntei se ela se lembrava de mais algum detalhe, mas a resposta foi negativa. Interroguei-a com mais minúcias, porém ela de nada mais se lembrou. Finalmente, impaciente, perguntei se estava lembrada do beliscão. Um olhar de completo assombro invadiu-lhe o rosto:

- Foi você?...

Olhou fixo para mim durante uns instantes; depois foi até a intimidade do meu gabinete e levantou (ligeiramente) a borda do suéter onde ele tocava na saia, do lado esquerdo: havia duas marcas, castanha e azul,

exatamente no pondo onde eu a tocara.

- Lá estava eu sentada, falando com as meninas – disse R.W. – quando de repente senti esse terrível beliscão. Acho que dei um pulo de meio metro. Pensei que meu cunhado tinha regressado e se escondera atrás de mim. Girei o corpo, mas não havia ninguém lá. Não podia nem imaginar que fosse você! Doeu!

Desculpei-me por haver exagerado no beliscão, e ela obteve de mim a promessa de que se eu tentasse isso novamente seria outra coisa que não um beliscão tão forte.

Nesse episódio a hora coincide com os fatos reais. Alucinação por autossugestão, indeterminada pois foi sugerido desejo voluntário, e o pré-conhecimento estava presente na localização geral de R.W., na ocasião. Relatórios idênticos sobre condições de fatos reais:

- 1) Localização (interior, em vez de exterior);
- 2) Número de pessoas presentes;
- 3) Descrição das moças;
- 4) Ações das pessoas presentes;
- 5) A conscientização do beliscão;
- 6) Marcas físicas provocadas pelo beliscão.

Possibilidades de pré-conhecimento inconsciente através de observação anterior do citado acima:

- 1) Negativo – pré-conhecimento implicava atividade externa, na praia, e não interna;
- 2) Negativo – pré-conhecimento implicava adultos em grupo, já que R.W. visitava irmã e cunhado;
- 3) Negativo-indeterminado – possibilidade de pré-conhecimento da sobrinha e cor de seu cabelo através de R.W. em alguma ocasião anterior; negativo quanto à amiga da sobrinha, cor de seus cabelos e idade;

4) Negativo – nenhum pré-conhecimento de padrão de hábito não existente para aquele momento específico do dia;

5) Negativo – R.W. não tinha pré-conhecimento da tentativa experimental, visto que essa tentativa não fora efetuada anteriormente nem o experimentador tinha o hábito de beliscar R.W.. Nunca o fizera;

6) Negativo – nenhum jeito possível de R.W. ter sabido onde deveria haver marcas do beliscão, combinado com a área declarada.

Existem relatórios adicionais de evidências, alguns dos quais foram incluídos em outras seções desta obra, onde poderão ajudar a ilustrar certos setores de “teoria e prática”. Uns poucos foram elaborados em condições de laboratórios.

Os incidentes podem ter sido simples e sem importância em si mesmos, porém eram vitais como diminutas peças de um mosaico. O padrão surgido dos traços de um todo tornou-se possível e aceitável para mim apenas através da inclusão de centenas de tais retalhos de provas. Talvez seja assim também para você.

O AQUI AGORA

Uma das indagações mais comuns que surgem durante qualquer discussão acerca do Segundo Estado é: aonde você vai? No cômputo de todos os experimentos originou-se o que pareciam três ambientes do Segundo Estado. O primeiro foi identificado como Local 1 – em falta de melhor nomenclatura. Mais apropriadamente poderia ser chamado de “Aqui agora”.

Local 1 é o mais verossímil. Consiste em pessoas e lugares que realmente existem no mundo material, notório no próprio momento da experiência. É o mundo representado para nós por nossos sentidos físicos, que a maioria de nós tem bastante certeza de que existe. Visitas ao Local 1, quando no Segundo Corpo, não devem conter seres, acontecimentos, ou locais estranhos. Não íntimos, talvez, porém não esquisitos e desconhecidos. Caso aconteça o último detalhe, então a percepção foi distorcida.

Assim é que os únicos resultados comprobatórios demonstráveis por métodos convencionais de confirmação têm ocorrido durante deslocamentos através do Segundo Corpo no Local 1. Todos os experimentos do Capítulo 3 foram realizados no Local 1. Mesmo assim, estes e outros da mesma categoria são penosamente poucos em proporção a todos os experimentos registrados. Por alto, parece muito simples: sair do físico e passar para o Segundo, depois ir visitar Fulano e fazer contato, regressar ao físico e relatar. Nada mais que isso.

Se fosse assim tão simples! Sem embargo, são identifi-

cáveis os fatores presentes que tornam o caso difícil. O reconhecimento de um problema presume solução eventual de um modo ou de outro, e talvez vá ser assim neste terreno.

Vejamos primeiro os fatores de direção e identificação. Suponhamos, por exemplo, que estando totalmente consciente e no seu corpo físico, você conseguisse pairar pelos ares em vez de andar pelo chão ou dirigir um carro. Você descobriu esse dom e resolveu voar até a casa de Fulano para demonstrar como funciona. Sua casa, ou laboratório, fica nos arrabaldes de uma cidade grande. Fulano mora num bairro do outro lado da cidade.

Numa tarde ensolarada você “dá a partida”. Naturalmente se eleva no ar para evitar obstáculos como árvores, edifícios etc. Inseguro, não sobe demais. Quer poder reconhecer pontos característicos que seriam difíceis de enxergar a mil e quinhentos metros de altitude. Portanto você ficaria baixo, a uns trinta metros do solo. Agora, para onde ir? Você procura pontos conhecidos. É nesse momento que descobre ter um problema; não tem rumo marcado por bússola para a casa de Fulano, e de nada adiantaria se tivesse: você não tem bússola. Estonteado, decide atravessar a cidade, usando como ponto de referência prédios e ruas conhecidos. Já passou por ali muitas vezes de carro, por isso deve achar o caminho com facilidade.

Começa a voar sobre casas e ruas, e quase imediatamente se torna confuso. O que lhe era familiar subitamente fica desconhecido. Olha para trás e tem dificuldade em achar sua própria casa, mesmo a pequena distância. Demora um pouco até descobrir o porquê disso. Você sempre esteve ligado a terra, todo o seu panorama tem sido descortinado de um nível de menos de um metro e oitenta. Na maior parte do tempo, habitualmente olhamos direto em frente ou para baixo. Só

ocasionalmente olhamos para cima, quando alguma coisa nos atrai a atenção. Mesmo tal ângulo de visão virado para cima tem pouco relacionamento com o olhar para baixo de uma altura de trinta metros. Quanto tempo levaria para reconhecer sua própria casa se lhe mostrassem uma fotografia tirada diretamente de cima dela? O mesmo se aplica a todas as vizinhanças que lhe são “familiares”, ruas, prédios, cidades e gente.

Você talvez chegue à casa de Fulano, mas levará bastante tempo. Talvez não a identifique de uma distância de quinze metros porque apenas conhece a parte da frente, enquanto agora se aproxima pro trás. Não é falha peculiar a você. Pilotos de avião, quando distraem a atenção por um momento, podem ficar “perdidos” num raio de três quilômetros do aeroporto, a baixa altura em plena luz do dia. Por alguns instantes, tudo lá embaixo fica totalmente desconhecido. Somente o voo por instrumentos pode trazer a necessária orientação rápida.

É fácil ver como esse problema se forma quando seu amigo Fulano mora em outra cidade a certa distância, que você nunca visitou, e quando jamais viu fotos da residência.

Claro, se ele pintasse um “X” fluorescente no telhado, usando um farol com dez milhões de velas de força, com marcas semelhantes pelas ruas e rodovias ao longo do caminho, você talvez conseguisse.

Agora façamos a mesma viagem no Segundo Corpo, examinando-a comparativamente. De novo você está a uma altura de trinta metros, flutuando no ar, desta vez sem corpo físico. Faz um lindo dia de sol, mas sua “visão” está um pouco nublada. Ainda não se acostumou inteiramente à técnica de “como” enxergar. Como resultado sua visão fica distorcida, de uma forma ou de outra. Você pode abrir seu caminho lentamente de sua casa até a de Fulano, da mesma forma como

faria se estivesse no corpo físico. Seria o mesmo processo vagaroso, sob condições visuais menos favoráveis.

Há modo melhor e mais rápido. Felizmente parecem existir sentidos direcionais inatos, se seu uso puder ser controlado. O problema é o “se”. Como anotado nesta obra, você “pensa” na mesma pessoa no final da sua estrada, nunca um local, mas a pessoa, e usa o método descrito. Dentro de alguns momentos você chega lá. Pode observar o panorama a se mover lá embaixo, se desejar, mas é um pouco desconcertante quando você voa de cabeça rumo a um edifício, ou árvore, e passa direto através dele ou dela. Com o fito de evitar esses traumas, esqueça a observação visual durante o processo de viagem. Você jamais domina totalmente o condicionamento do corpo físico quanto a essas coisas serem sólidas. Pelo menos eu não. Continuo com a tendência a caminhar em direção à porta na hora de ir embora, apenas para reanalisar a situação quando minha mão do Segundo Corpo atravessa a maçaneta. Irritado comigo mesmo, mergulho pela parede, em vez de pela porta, para reforçar a conscientização das características do Segundo Estado.

Em combinação com esse conveniente instinto doméstico, que não é afetado pela distância, você enfrenta outro problema, que é um sistema automático navegacional apurado demais. Funciona por meio do que e de quem você imagina. Deixar um só pequeno pensamento dispersivo emergir dominantemente por um microssegundo que seja é desviar-se do rumo. Acrescente a isso o fato de que sua mente consciente pode estar em conflito com a superconsciente quanto ao que deveria ser o ponto a que se destinava, e você pode começar a verificar por que têm dado errado tantos experimentos para produzir dados confirmativos sobre o Local 1. Isso às vezes nos obriga a ponderar como podem ter surgido aqueles resul-

tados, consideradas as dificuldades.

Como experiência, tente se concentrar por um minuto em uma simples ação, fato, ou coisa da qual você “não gosta” emocional e intelectualmente (o superconsciente expressando sua vontade), sem a intrusão de qualquer pensamento não relacionado. É preciso mais do que prática, como descobrirá.

Vejamos alguns exemplos de direção mal comandada, causada por pensamento interrompido, extraídos das anotações:

12 de abril, 63 – Final de Tarde.

Temp. 7°, baixa umidade, barômetro elevado. Utilizando técnica de contagem, sensação de calor surgiu à contagem de trinta e um. Desliguei-me facilmente, dentro do plano de visitar um amigo. Usei o método de “estiramento” (8), e tive a impressão de percorrer um trajeto invulgarmente extenso para um deslocamento de quatro quilômetros e meio... Parei, então. Olhei para ver onde me achava, descobrindo estar sentado na beira do telhado de uma casa de dois andares, e atrás de mim o que parecia o quintal traseiro. Lá havia uma mulher trabalhando de vassoura na mão. Enquanto eu observava, ela se virou para entrar na casa. Exatamente antes de entrar alguma coisa fez com que olhasse diretamente para cima, em minha direção. Num assustado sobressalto entrou correndo em casa, batendo a porta. Achei que deveria ir embora, envergonhado por haver apavorado a mulher. Usei o sinal de retorno em movimento físico (9) e regressei facilmente, penetrando no físico sem dificuldade. Tempo de afastamento: sete minutos e dez segundos. Comentário: que terá ela visto sentado na aba do telhado? Também: por que aquele lugar? Evidentemente, nova deficiência na concentração.

(8) Glossário

(9) Glossário

29 de junho, 60 – Ao anoitecer.

Temperatura 22°. Umidade média, barômetro médio, cansado fisicamente. Momentânea sensação de um fluxo de sangue na mente exatamente antes de adormecer, dentro do plano de visitar o Dr. Andrija Puharich em algum ponto da Califórnia. Movi-me às cegas por algum tempo, depois parei. Quatro pessoas sentadas em torno de uma mesa, três homens e um garoto de uns onze anos. Obviamente não era o Dr. Puharich, a menos que a situação fosse invulgar. Perguntei onde estavam, qual a localização: cidade ou estado. Não houve resposta, e senti muita prudência por parte deles. Perguntei de novo: o menino se virou e estava a ponto de responder quando um dos homens falou “não lhe diga!” Evidentemente tinham medo de mim, por alguma razão. Desculpei-me pelo meu nervosismo e expliquei ser ainda novato no campo não físico, virei-me e saí, não desejando deixá-los constrangidos. Calmo, regressei ao físico. Tempo de afastamento: deztoito minutos. Comentário: nenhuma conexão com as atividades do Dr. Puharich na ocasião, conforme relato seu. Destinação errada de novo, nenhuma validade possível. Por que minha presença inspira tanto medo?

Essa incapacidade para controlar o local de destino continua sendo a maior barreira à produção de coerência e repetição. Os resultados de tais tentativas provocaram muitas intrusões semelhantes à relatada acima, e muitas seguem padrão idêntico. Eis uma que trouxe dados comprobatórios, embora as pessoas envolvidas estivessem, como estão, conscientes de sua participação.

27 de novembro, 62 – Manhã.

Temperatura 7°, umidade média, barômetro abaixo da média, fisicamente descansado. Entrei em contagem de descontração, usei

padrão mental de centralização sexual, com respiração oral⁽¹⁰⁾ para criar condições. Usei o método de “descascar” (peel-off) ⁽¹¹⁾, para sair do corpo, como se a camada externa do físico estivesse sendo removida; depois fiquei livre e flutuando pelo quarto. O plano era visitar Agnew Babnson. Comecei a viagem lentamente para observar as cercanias tanto quanto possível. Atravessei vagarosamente a parede oeste, sentindo a textura de cada camada de material nela, depois entrei em outro cômodo, mobiliado como sala de estar, ainda em uma terceira sala, que era outra sala de estar: todas estavam desocupadas, e a velocidade aumentou. A única coisa visível era uma obscuridade preto-acinzentada. Ainda me concentrando no Sr. Babnson, finalmente parei. Achei-me num quarto de dormir de tamanho normal, com três pessoas. Havia uma cama grande à direita: dois adultos estavam nela. Uma garotinha, de uns cinco ou seis anos, sentava-se no chão ao lado da cama, e à esquerda. A menina olhou diretamente para mim e disse, agitada:

- Eu sei o que você é!

Virei-me para ela, tão gentil e carinhosamente como podia, para não assustá-la, e falei:

- É mesmo? Bom! O que sou eu?

Ela não estava com medo algum quando respondeu: - Você é uma projeção astral!

(Ela poderia ter usado outro termo, como “fantasma”, porém houve compreensão definida de sua parte, de uma forma ou de outra). Perguntei-lhe onde morava e em que ano estávamos, porém ela não me deu resposta, por isso me virei para os dois na cama. Tentei ser cuidadoso para evitar que ficassem amedrontados ou nervosos, mas era óbvio que já o estavam. Perguntei-lhes que ano era, mas pareceram não entender (não há conceito de tempo no superconsciente?). Concentrei-me no homem: perguntei-lhe nome e endereço. Replicou nervosamente. Afastei-me à me-

(10) Glossário

(11) Glossário

dida que ele ficava mais perturbado, e olhei para fora para identificar a área. Pela janela via-se um teto pequeno, como os que ficam acima de um alpendre. Além, uma rua, com muitas árvores e uma faixa de ilha gramada no meio. Havia um carro estacionado na curva, um sedã escuro.

Senti necessidade de regressar ao físico, e virei-me para as três pessoas. Perguntei se gostariam de me ver “decolar”: a menina ficou ansiosa, os dois adultos aparentemente aliviados. Usei a técnica de “estiramento”, atravessei o teto e retornei ao físico sem problemas. Motivo para lembrar: garganta seca devido à respiração oral. Tempo de afastamento: quarenta e dois minutos. Comentário: por meio de verificação telefônica localizei a família no endereço que o homem me dera. Seria aconselhável visitá-los fisicamente sob algum pretexto?

Por aí se vê que seria preciso um esforço muito mais extenso e organizado para a sólida validade das atividades do Segundo Corpo no Local 1. Um paciente e vários cientistas e psiquiatras reunidos não são o suficiente. Da mesma forma, pode-se notar que visitas inesperadas a pessoas despreparadas não podem ser evitadas nessa fase do controle. Talvez muito se ganhasse caso essas pessoas pudessem ser entrevistadas sobre o que viram e sentiram no momento da intrusão. A dificuldade está em localizar as pessoas. Torna-se exceção o se obter dados suficientes para identificar o local visitado, como no caso acima.

Igualmente é interessante, sempre que possível, estabelecer as inconsistências de observação das atividades do Local 1, quando no Segundo Estado. A não ser em circunstâncias incomuns, a maior parte das entradas “visuais” registra matices de branco e preto. Isso parece verdadeiro sob quaisquer condições de iluminação. Por exemplo: uma luz forte a refletir-se no cabelo escuro de um homem dá a impressão de que ele é loiro, em vez de moreno. Por exemplo: também, como

nas anotações:

5 de maio, 61.

Temperatura 17 graus, alta umidade, barômetro médio, fisicamente neutro. Depois de jantar, no começo da noite, numa tentativa planejada de visitar o Dr. Puharich, usei a técnica respiratória oral para desconcentração, obtendo o estado vibratório após certa dificuldade por meio da técnica de estiramento a 90°. Apliquei “decolagem” mental simples e concentrei-me no desejo mental de visitar o Dr. Puharich. Após curta viagem, parei num cômodo. Havia uma mesa comprida e estreita, diversas cadeiras e prateleiras com livros. E um homem sentado á mesa, escrevendo num papel. Parecia-se com o Dr. Puharich, com o cabelo mais claro, ou loiro. Cumprimentei-o, ele olhou para cima e sorriu, depois declarou que dedicaria mais tempo ao nosso projeto, desculpando-se pela negligência. Respondi que entendia, e em seguida senti-me em ânsias para retornar ao físico, explicando-lhe que teria de partir. Afirmou-me reconhecer minha necessidade de ser cauteloso; então virei-me e rapidamente dirigi-me ao físico, voltando. Reentrei sem dificuldade, com a circulação sanguínea do braço direito irregular por me haver apoiado nele indevidamente razão óbvia para o chamamento de retorno. Comentário: confirmando com o Dr. Puharich, o local estava correto, as ações também, porém, ele não tinha lembrança da visita. Forte luz acima da sua cabeça pode ter causado o reflexo de cabelo “loiro”.

O caso precedente também ilustra o problema da comunicação. O Dr. Puharich, acordado e a par de que vinham sendo feitas tentativas específicas de “visitá-lo”, não teve lembrança consciente de qualquer contato do gênero. Todos os outros fatores se encaixaram minuciosamente em tais casos que se tornou fonte de muita discussão. No princípio foi sugerido que eu fantasiava essas comunicações. Parecia provável que, ao fazê-lo, eu estava meramente apelando para meu co-

nhecimento com o visitado, em nível de consciência, para criar uma conversa “autêntica”. Essa teoria recebeu um revés quando certo número de tais comunicações provocou dados conhecidos apenas pela segunda parte.

Ainda outra dificuldade na viagem ao Local 1 está no fator horário. Inconvenientemente, os melhores períodos para descontração profunda, tão necessários para criar o Segundo Estado, ocorrem noite alta. Portanto é muito natural tirar vantagem de tais instâncias quando possível. Despende-se menor esforço e a separação é muito mais rápida. Entretanto, as condições fisiológicas e psicológicas que ajudam a provar tal estado são imprevisíveis e não totalmente conhecidas. Tal inconsistência produziu inúmeras ocasiões em que a experimentação em busca de dados puramente comprobatórios acabou em fracasso, a pessoa a ser visitada não apresentava outro ato relatável além de ficar deitada na cama em sono profundo. Essas ocorrências foram completamente afastadas como provas. A maioria das pessoas efetua esse “ato” todas as noites.

Da mesma forma, tentativas de validação durante as horas do dia trouxeram seu quinhão de complicações. Sem promessa de “contato” num minuto ou hora específicos, a maior parte das pessoas envolvidas continuou a tratar da sua vida cotidiana. Assim, quando tais “visitas” eram feitas, não acabavam necessariamente descobertas num ato ou condição rara ou invulgar. Como resultado, os pequenos e normalmente inconsequentes atos observados durante essas visitas frequentemente não passavam de vagas lembranças do contatado quando se precisava de uma confirmação. Temos grande tendência a esquecer detalhes das ações rotineiras da vida. Você pode provar isso a si mesmo: tente se lembrar precisamente, em detalhes, o que estava fazendo, digamos, às três e vinte e três da tarde de ontem. Se era tarefa rotineira, pelas possibili-

dades você quando muito recordará apenas tê-la efetuado. Os detalhes exatos escaparão à sua atenção.

Sem embargo, as experimentações em visitar o Local 1 são extremamente importantes: talvez, no momento, mais do que qualquer outra coisa a ser tentada. Pois só através de visitas evidenciais ao Local 1 podemos obter dados comprobatórios suficientes a respeito do Segundo Corpo e do Segundo Estado. Suficientes, digo, para provocarem estudos sérios por parte de autorizados grupos científicos de nosso tempo. Apenas por meio de tal estudo concentrado e extenso se poderá obter uma abertura de natureza revolucionária no que diz respeito ao Segundo Corpo, e aplicada ao conhecimento básico do homem. Qualquer detalhe a menos, e o assunto permanecerá como enigma sem solução, no máximo como fantasia ridícula e inaceitável tanto para filósofos quanto para cientistas. Por esse motivo, aparece insistentemente o seguinte tema nos relatórios das experiências: *Providencie dados evidentes*.

EXPERIMENTO Nº 5 ELETROENCEFALOGRAMA

19 de junho, 1966.

Cheguei ao laboratório de eletroencefalograma do hospital às 9 horas da noite, após dirigir durante cento e doze quilômetros, desde Richmond. Nenhuma sensação especial de fadiga. Sono mais cedo, durante o dia, por volta de uma da tarde, mas não descansei. Dia ativo desde mais ou menos as seis e meia da manhã.

Lá pelas nove e meia da noite todos os elétrodos haviam sido ligados pela técnica, única pessoa presente quando cheguei. Reclinei-me temporariamente numa pequena cama, num quarto semiescurecido, usando travesseiro e lençol, sem camisa mas de calças. Tive a dificuldade habitual

em ajeitar confortavelmente a cabeça especialmente a posição da orelha de encontro ao travesseiro. Como “dormidor de lado” não fez diferença qual o lado: ambos eram igualmente desconfortáveis devido aos elétrodos presos às minhas orelhas. Após certa ilusão de tranquilidade tentei descontraí-me naturalmente, sem êxito. Afinal entrei no padrão de relaxação fracionário (contagem a partir do número um, associando cada número a uma parte do corpo a começar dos pés, fixando os olhos fechados na direção daquela parte do corpo ao mesmo tempo em que se pensa no comando numérico e mental de relaxação). Senti invulgar divagação⁽¹²⁾ mental em vários pontos, e forcei a atenção de volta à técnica de relaxação. Efetuei a sequência inteira sem relaxar completamente, portanto comecei do início, novamente. Cerca de quarenta e cinco minutos depois disso, sem atingir uma relaxação completa, resolvi fazer uma interrupção: sentei-me (meio corpo) e chamei a técnica.

Sentei-me parcialmente, fumei um cigarro e conversei com a técnica durante cinco ou oito minutos; depois decidi tentar de novo. Após passar certo tempo tentando aliviar o desconforto dos elétrodos das orelhas, concentrei-me nelas para “amortecê-lo”, com êxito parcial. Depois passei novamente para a técnica de relaxação fracionária. A meio caminho desse padrão, pela segunda vez, tive a sensação de calor aparecendo com plena consciência (ou assim me pareceu) atuante. Resolvi tentar o método de

“rolar” (isto é: começar a girar suavemente, como se faz para girar na cama usando o corpo físico). Comecei a me sentir como se estivesse fazendo a volta, e a princípio pensei estar mexendo realmente o corpo físico. Senti-me rolando para fora da cama, pela beirada, e retesei-me, preparando-me, para a queda no chão. Quando não bati imediatamente, percebi haver-me “separado”. Separei-me do físico, atravessando uma área escura; depois me aproximei de dois homens e uma mulher. O “panorama” não foi muito bom, contudo melhorou à medida que me aproximava. A mulher, alta, cabelos pretos, cerca de quarenta anos (?), sentava-se

(12) Glossário

num sofá, não sei se duplo ou simples. Ao seu lado direito, um homem. Em frente a ela, e ligeiramente à esquerda, o segundo homem. Todos me eram desconhecidos; conversavam, e eu não os ouvia. Tentei atrair sua atenção, mas não consegui. Finalmente, estiquei o braço e belisquei a mulher (bem suavemente) no seu lado direito logo abaixo da caixa torácica. Parece que houve reação, mas comunicação ainda não. Decidi regressar ao físico para obter orientação e reiniciar.

A volta ao físico foi realizada simplesmente pela ação do pensamento. Abri os olhos físicos, tudo estava bem: engoli para molhar a garganta seca, fechei os olhos, deixei a onda de calor surgir, depois usei a mesma técnica de “rolar”. Desta vez deixei-me flutuar até o chão ao lado da cama. Cai suavemente e pude sentir -me passando pelos vários fios do eletroencefalograma durante a descida. Toquei de leve no chão, depois pude “ver” a luz passando pelo vão da porta rumo às salas externas de eletroencefalograma. Com cuidado para me manter no “local”, fui para baixo da cama, mantendo ligeiro contato com o chão e flutuando em posição horizontal; com as pontas dos dedos tocando nele para manter a posição, passei vagarosamente pelo vão da porta. Procurei pela técnica, mas não a encontrei. Não estava na sala à direita (sala do console de controle); passei à sala externa fortemente iluminada. Olhei em todas as direções, e subitamente lá estava ela. No entanto, não se achava sozinha. Havia um homem à sua esquerda quando olhou para mim.

Tentei chamar-lhe a atenção, e fui quase imediatamente recompensado com uma carinhosa explosão de alegria e felicidade, retratando o resultado afinal alcançado daquilo por que vínhamos trabalhando. Ela ficou realmente emocionada, abraçou-me feliz e animada. Correspondi, e somente ligeiras conotações sexuais ficaram presentes, as quais fui capaz de desprezar. Após um instante me afastei, pus as mãos gentilmente no seu rosto, uma em cada face, e agradei-lhe pelo auxílio. Todavia não existiu comunicação direta inteligente e objetiva com ela além da citada. Não se tentou nenhuma outra, porque fiquei emocionado demais por finalmente atingir a separação e permanecer no “local”.

Virei-me, então, para o homem, que era mais ou menos da altura dela e tinha cabelos encaracolados, uma mecha caída num dos lados da frente. Tentei chamar-lhe a atenção, mas fracassei. Novamente, relutante, resolvi beliscá-la suavemente, o que realizei: não provocou qualquer reação visível. Sentindo alguma coisa a pedir o regresso ao corpo físico, dei a volta e atravessei a porta, voltando facilmente ao físico. Razão do desconforto: garganta seca e ouvido latejante.

Após verificar que a integração foi completa, e que me “sentia” normal em todas as partes do corpo, abri os olhos, sentei-me e chamei a técnica. Ela veio, e afirmei-lhe ter finalmente conseguido; e também que a vira, com um homem, contudo. Explicou-me tratar-se do marido. Perguntei-lhe se ele estava lá fora e me respondeu que sim, viera para ficar em sua companhia durante aquelas últimas horas. Perguntei por que eu não o vira antes: replicou ser “política”, as pessoas estranhas ao ambiente não podiam ver os pacientes. Expressei-lhe o desejo de conhecê-lo, com o que ela concordou.

A técnica removeu os elétrodos e saiu com ela para conhecer o marido. Tinha mais ou menos a altura dela, e igualmente os cabelos encaracolados; após várias amenidades de conversa, saiu. Nada perguntei à técnica ou a seu marido se havia visto, reparado ou sentido alguma coisa. No entanto, tive a impressão de que, decididamente, ele era o homem que eu vira com ela durante a atividade não física. Minha segunda impressão me dizia que ela não estava na sala do painel quando os visitei, mas em outro cômodo, de pé, com ele. Isso pode ser difícil de estabelecer, caso exista uma regra fixa de que a técnica supostamente permanece o tempo todo perto do console. Se ela puder ser convencida de que a verdade é mais importante neste caso, talvez esse segundo aspecto possa ser comprovado. A única prova confirmatória, além do que pode ter sido registrado no eletroencefalograma, é a presença do marido, a qual eu desconhecia antes do experimento. Esse último fato pode ser verificado pela técnica.

Resultado importante: num relatório ao Dr. Tart, a técnica confirmou ter estado no saguão externo com o marido na hora da “separa-

ção” indicada. Confirmou também que eu não sabia da presença dele, e não o conhecera anteriormente. Declara o Dr. Tart que o eletroencefalograma mostra traços indiscutíveis, incomuns e raros, concernentes à hora da atividade.

INFINITO, ETERNIDADE

A melhor apresentação do Local 2 é sugerir uma sala com um cartaz acima da porta dizendo: “por favor verifique todos os conceitos sobre o físico aqui”. Se acostumar-se à ideia de um Segundo Corpo foi experiência árdua, o Local 2 poderá ser mais difícil de aceitar. Certamente produzirá efeitos emocionais à medida que avulte diante daquilo que sempre aceitamos como realidade. E o que é mais: muitas de nossas doutrinas religiosas e suas interpretações se tornam abertas ao questionamento.

Basta dizer que apenas pequena porção das visitas ao Local 2 através do Segundo Corpo forneceu dados evidenciais, já que essas visitas por si mesmas não levam facilmente a comprovações. Sendo assim, muito do material sobre o Local 2 é cautelosa extrapolação. No entanto, várias centenas de experimentos nessa área específica apresentaram consistência decisiva. Se A mais B é igual a C sessenta e três vezes, existe alto índice de probabilidade de que A mais B seja igual a C a sexagésima quarta vez.

Postulado: o Local 2 é um ambiente não material com leis de movimento e matéria apenas remotamente relacionadas com o mundo físico. É imensidade cujas fronteiras são desconhecidas (ao experimentador), e tem profundidade e dimensão incompreensíveis para a mente finita, consciente. Nessa vastidão jazem todos os aspectos que atribuímos a céu e inferno (veja capítulo 8), que não passam de parte do Local 2. É habi-

tado, se é esse o termo, por entidades com vários graus de inteligência, e com quem é possível a comunicação.

Como se viu em análise porcentual num dos últimos capítulos, as regras fundamentais são alteradas no Local 2: o tempo não existe pelos padrões do mundo físico. Existe, sim, uma sequência de acontecimentos, um passado e um futuro, mas nenhuma divisão cíclica. Ambos continuam a existir coincidentemente com o “agora”. Medidas, desde microssegundos até milênios, são inúteis. Outras medidas podem representar esses fatores em cálculos abstratos, mas sem uma garantia. Leis de conservação da energia, teorias de campos de força, mecânica ondulatória, gravidade, estrutura da matéria, todas aguardam comprovação pelos mais versados no assunto.

Suplantando tudo surge uma lei principal. É o Local 2 um estado, um modo de ser onde aquilo que rotulamos de pensamento é a mola-mestra da existência. É a força criativa vital que produz energia, agrupa “matéria” num formato, e fornece canais de percepção e comunicação. Suspeito que o próprio “eu”, ou alma, no Local 2 nada mais é do que um vórtice ou uma deformação organizada nessa regra fundamental. O que você pensa é o que você é.

Em tal ambiente não se encontram aparatos mecânicos, nenhum automóvel, barco, avião ou foguete é necessário para o transporte. Você pensa em movimento e ele existe. Nada de telefone, rádio, televisão e outros recursos de comunicação têm valor. A comunicação é instantânea. Nenhuma fazenda, jardim, rancho de criação, fábrica de beneficiamento ou mercado de varejo estão em evidência. Em todas as visitas experimentais não houve indicação da necessidade de energia alimentar. Como é substituída a energia, se for verdadeiramente despendida, não se sabe.

O “mero” pensamento é a força que supre qualquer ne-

cessidade ou desejo, e o que você pensa é a matriz de sua ação, situação e posição nessa realidade maior. Esta é essencialmente a mensagem que a religião e a filosofia têm procurado transmitir através dos séculos, embora talvez menos nebulosa e frequentemente deturpada. Um aspecto aprendido nessa atmosfera de pensamento explica muito; é o seguinte: *igual* atrai *igual*. Eu não sabia que existia essa regra funcionando tão especificamente. Até então fora para mim nada mais nada menos que uma abstração. Projete isso para fora e você começará a gozar das infinitas variações encontradas no Local 2. Seu destino parece fixado completamente inserido na moldura das mais íntimas e constantes motivações, emoções e desejos. Você pode não querer “ir” até lá, mas não tem escolha. Sua “supermente” (alma?) é mais forte e geralmente toma as decisões por você. *Igual* atrai *igual*.

O aspecto interessante desse mundo (ou mundos) de pensamentos do Local 2 é que se percebe o que parece matéria sólida, bem logicamente, por três fontes. Primeira: são produto do pensamento daqueles que certa vez viveram no mundo físico, cujos padrões persistem. Isso se efetua quase automaticamente, sem intenção proposital. Segunda fonte: são aqueles que gostaram de certas coisas materiais no mundo físico, as quais recriaram aparentemente para valorizar seu meio ambiente no Local 2. A terceira fonte presumo seja uma ordem mais elevada de seres inteligentes mais cônica do meio ambiente do Local 2 do que a maioria dos habitantes. Seu objetivo parece o de simular o ambiente físico temporariamente, pelo menos para benefício dos que emergem naquele momento do mundo físico, após a “morte”. Isso é feito para reduzir o trauma e o choque dos “recém-chegados” pela apresentação de figuras e ambientes, a eles familiares, nos primeiros estágios de entendimento.

A esta altura pode-se começar a entender o relacionamento do Segundo Corpo com o Local 2. Este é o meio ambiente natural do Segundo Corpo. Os princípios envolvidos em sua ação, composição, percepção e em seu controle correspondem todos aos do Local 2. Foi por isso, então, que a maioria das tentativas de viagens experimentais me levou involuntariamente a algum ponto no Local 2. Basicamente, o Segundo Corpo não é deste mundo físico. Aplicá-lo para visitar a casa de fulano ou outra destinação física é como pedir a um mergulhador para descer até o fundo do oceano sem aparelhagem ou traje de mergulho. Ele poderá fazê-lo, mas não durante muito tempo, e não por muitas vezes. Por outro lado, ele pode caminhar um quilômetro diariamente até o trabalho sem efeitos secundários. Logo, viajar para certos lugares do mundo físico é um processo “forçado” no estado do Segundo Corpo. Recebendo a oportunidade para a mais leve relaxação mental, a supermente o guiará, no seu Segundo Corpo, até o Local 2. Este é o ato “natural”.

Nosso conceito tradicional de lugar sofre duramente quando aplicado ao Local 2. Parece interpenetrar em nosso mundo físico, porém estende fronteiras sem limites além da compreensão. Têm surgido muitas teorias na literatura, através dos tempos, quanto ao “onde”, mas poucas inspiram a moderna mente científica.

Todas as visitas experimentais a essa área pouco ajudaram na formulação de teoria mais aceitável. A melhor é o conceito de vibrações de ondas, que presume a existência de uma infinidade de mundos, todos operando em sequências diferentes, uma das quais é este mundo físico. Assim como diversas frequências de ondas no espectro eletromagnético podem simultaneamente ocupar espaço com um mínimo de interação, também o mundo ou mundos do Local 2 se podem dispersar

pelo nosso mundo de matéria física. A não ser por condições raras ou invulgares, nossos sentidos “naturais” e nossos instrumentos, que são extensões deles, são totalmente incapazes de assimilar e relatar esse potencial. Se aceitarmos essa premissa, o “onde” é explicado minuciosamente. “Onde” é “aqui”.

A história das ciências humanas reforça essa premissa. Não tínhamos sequer a ideia de que existiam sons além do alcance do ouvido humano até inventarmos instrumentos para detectá-los, medi-los e criá-los. Até época relativamente recente, aqueles que afirmavam poder escutar o que outros não conseguiam eram considerados loucos ou perseguidos como bruxas e feiticeiros. Entendíamos o espectro eletromagnético apenas em termos de calor de luz até o último século. Desconhecemos ainda a capacidade do cérebro humano, organismo eletroquímico, em termos de transmissão e recepção de radiação eletromagnética. Com esse vácuo não preenchido é fácil compreender por que a ciência moderna não começou a levar a sério a capacidade da mente humana em penetrar numa área onde nenhuma teoria séria já foi promulgada.

Há tanta coisa para relatar acerca do Local 2 que seria impraticável repetir citações diretamente das centenas de páginas de anotações. Visitas próximas ou longínquas ao Local 2 resumem a maior parte dos relatórios no decorrer dos capítulos subsequentes. É a soma de experiências consistentes que pode deixar o padrão em evidência e apresentar perguntas a exigir respostas. Para cada fator conhecido pode haver um milhão de desconhecidos, mas pelo menos aqui existe um ponto de partida.

No Local 2 a realidade é composta dos mais profundos desejos e dos medos mais desvairados. Pensamento é ação, e nenhuma camada secreta de condicionamento ou inibição

protegerá o seu âmago contra os outros, onde a honestidade é a melhor política, porque não pode ser de outra forma.

Pelos padrões básicos descritos acima, a existência é com certeza diferente. É essa diferença que gera os maiores problemas de adaptação, mesmo quando tentando visitar lá enquanto no Segundo Corpo. A tosca emoção tão cuidadosamente reprimida em nossa civilização física é desencadeada a plena força. Dizer que no princípio é esmagador seria gigantesca atenuação da verdade. Na vida consciente física tal estado seria considerado psicótico.

Minhas primeiras visitas ao Local 2 trouxeram à tona todos os padrões emocionais reprimidos que eu nem mesmo remotamente supunha ter, mais outros tantos que eu não sabia existirem. E dominaram de tal forma minhas ações que reagi completamente confuso e envergonhado diante de sua enormidade e de minha incapacidade para controlá-los. Medo era o tema dominante, medo do desconhecido, de seres estranhos (não físicos), da “morte”, de Deus, do rompimento dos preconceitos, da descoberta, e da dor, para citar apenas alguns. Tais receios eram mais fortes do que o impulso sexual para a união, o qual, conforme relatado em algum outro ponto da obra, era por si só um tremendo obstáculo.

Um a um, dolorosa e laboriosamente, os incontroláveis padrões emocionais em explosão tiveram de ser “domados”.

Até se conseguir isso não foi possível nenhum pensamento racional. Sem consistência rigorosa, eles começam a retornar. A operação se assemelha a um lento aprendizado, desde a irracionalidade até o calmo e objetivo raciocínio. Uma criança aprende a ser “civilizada” durante seu crescimento na infância até o estado adulto. Desconfio que o mesmo ocorra integralmente, de novo, na adaptação ao Local 2. Se não acontece na vida física, torna-se fator primordial na morte.

Isso significa que as áreas do Local 2 “mais próximas” do mundo físico (em frequência vibratória?) são povoadas, na maior parte, por loucos ou quase loucos, seres impulsionados emocionalmente. Isso parece aplicar-se à maioria dos casos. Eles incluem os vivos, mas dormindo ou drogadas, e usando seu Segundo Corpo; e muito provavelmente os “mortos”, mas ainda impulsionados emocionalmente. Há provas em favor do primeiro caso, e o último parece provável.

Muito compreensivelmente, essa área próxima não é lugar de permanência agradável. É um nível ou plano ao qual você “pertence” até aprender mais. Não sei o que acontece àqueles que não aprendem. Talvez fiquem por ali eternamente. No instante em que você se dissocia do físico por meio do Segundo Corpo, coloca-se às margens dessa seção próxima do Local 2. Aqui se encontram todas as espécies de personalidades desajustadas e seres animados. Se existe algum mecanismo protetor do neófito, para mim não ficou aparente. Somente através de experimentos cautelosos e às vezes aterradores fui capaz de aprender a arte ou truque de atravessar essa área. Ainda não estou precisamente seguro acerca de todos os itens desse processo de aprendizado, pois somente presenciei o óbvio. Seja qual for o processo, felizmente não tenho encontrado problemas nessas paragens há vários anos.

À parte os atormentadores e os diversos conflitos totais inseridos nos relatórios seguintes, a principal motivação desses habitantes vizinhos é a liberdade sexual sob todas as formas. Se considerados como produto de civilizações recentes, incluindo tanto os “vivos”, porém dormindo” e os “mortos”, é muito simples entender a necessidade de libertação da repressão dessa função básica. A chave da coisa está em que todos nessa seção próxima tentam praticar sexualidade em termos de corpo físico. Não há conscientização ou conhecimento do

impulso sexual como ele se manifesta em partes mais distantes do Local 2. Com o prolongado condicionamento de nossa própria sociedade, foi difícil evitar participação, às vezes, já que a reação era automática. Promissoriamente, aprende-se a controlar tal fator.

Igual atrai igual.

Até hoje não observei o processo da morte em quaisquer experimentos. Contudo, a conclusão de que certa forma de existência no Local 2 imita atividade vital no mundo físico conhecido ultrapassa a conjectura.

Experiências semelhantes à seguinte, consistentes no seu conteúdo pelos últimos doze anos, podem ser explicadas por algum outro conceito. A esta altura nada mais se encaixa tão detalhadamente.

Certa ocasião eu acabara de deixar o físico quando senti necessidade urgente de ir a “algum lugar”. Obedecendo à insistência, desloquei-me pelo que me pareceu distância curta e parei subitamente num quarto de dormir. Um menino estava deitado sozinho. Parecia ter dez ou doze anos, e aquela percepção íntima de identidade, agora familiar para mim, funcionava, em vez de apenas “ver”. O garoto, solitário e amedrontado, parecia doente. Fiquei perto dele algum tempo, tentando confortá-lo; finalmente parti quando se acalmou, prometendo voltar. Foi rotineira a viagem de retorno ao físico, e não tive noção de onde estivera.

Várias semanas depois deixei o físico e estava a ponto de concentrar-me num destino definido quando o mesmo garoto entrou em cena. Viu-me e se aproximou de mim. Espantado, mas não com medo.

Olhou-me e perguntou:

- Que é que faço agora?

Não consegui pensar numa resposta de imediato, por is-

so passei meu braço pelo seu ombro e dei-lhe um apertão carinhoso. Pensei: quem sou eu para instruir ou dar conselhos no que parecia um momento vital? O menino sentiu-se seguro com minha presença e descontraíu-se.

- Para onde irei? - perguntou, automaticamente.

Dei-lhe a única resposta que pareceu lógica para o momento. Disse-lhe que aguardasse exatamente onde estava: que alguns amigos seus logo chegariam e o levariam para onde deveria ir.

Isso pareceu satisfazê-lo, e mantive meu braço em torno dele por algum tempo. Depois fiquei nervoso diante de um sinal do corpo físico, dei-lhe um tapinha no ombro e parti. Regressando ao físico descobri meu pescoço enrijecido devido a uma posição incômoda. Após endireitá-lo, tive êxito em reentrar no Segundo Corpo e procurar o garoto: ele se fora, pelo menos não consegui achá-lo.

Esclarecimento interessante: no dia seguinte os jornais traziam a história da morte de um menino de dez anos de idade após doença prolongada. Morrera à tarde, logo após o início de meu experimento. Tentei pensar em algum pretexto aceitável para abordar seus pais e obter uma confirmação, e talvez aliviar-lhes a dor, porém não achei saída.

Só quando você passa do estágio da “emoção irracional” é que penetra nos inúmeros, mas evidentemente organizados grupos de atividades do Local 2. Impossível transmitir a outra pessoa a “realidade” dessa eternidade não física. Como muitos já declararam em séculos passados: deve-se fazer a experiência.

Mais importante ainda: em diversos lugares visitados, os habitantes “ainda” são humanos. Diferentes, num ambiente diverso, porém ainda com atributos humanos (compreensível).

Em certa visita fui parar num local parecido com um

parque, onde havia flores, árvores e grama cuidadosamente tratadas, lembrando muito uma alameda com trilhas cortando a área. Havia bancos ao longo dos caminhos, e centenas de homens e mulheres passeando ou sentados nos bancos. Alguns, bastante calmos, outros um tanto apreensivos, e muitos apresentavam um olhar desorientado, aturdido, chocado. Pareciam inseguros, não sabendo o que fazer ou o que iria acontecer em seguida.

De certa forma eu sabia ser um ponto de encontro, aonde recém-chegados esperavam por amigos ou parentes. Dessa Praça de encontros tais amigos levariam cada novato ao devido lugar a que “pertencia”. Não consegui achar outro motivo para demorar mais, não havia ali ninguém que eu conhecesse, por isso regressei ao físico sem incidentes.

Em outra oportunidade, deliberadamente saí em exploração, na esperança de encontrar uma resposta para trazer de volta. Após dissociar-me e entrar no Segundo Corpo, comecei a me deslocar velozmente à medida que me concentrava no pensamento “desejo ir onde existam inteligências mais elevadas”. Permaneci concentrado enquanto percorria rapidamente um vácuo parecendo interminável. Finalmente parei. Estava num vale estreito de aparência normal. Havia homens e mulheres usando túnicas escuras até a altura dos tornozelos. Dessa vez resolvi, por alguma razão, mudar de estratégia. Aproximei-me de várias mulheres, perguntando-lhes se sabiam quem eu era. Foram todas muito delicadas, tratando-me com grande respeito, mas suas respostas foram negativas. Afastei-me e fiz a mesma pergunta a um homem que usava bata de monge, o qual me pareceu assustadoramente conhecido:

- Sim, eu o conheço – replicou o homem.

Havia forte senso de compreensão e amizade na sua atitude.

Perguntei-lhe se realmente sabia quem eu era. Olhou--me como se visse um velho amigo querido que agora sofresse de amnésia:

- Saberá – sorria gentilmente ao dizer isso. Perguntei-lhe se sabia quem eu fora ultimamente. Tentava forçá-lo a dizer meu nome.

- Ultimamente foi um monge em Coshocton, Pensilvânia – respondeu.

Comecei a ficar inquieto e saí me desculpando, regressando ao físico.

Recentemente um amigo meu, padre católico, teve o trabalho de investigar essa possibilidade de um monasticismo de vida pregressa. Para minha surpresa e contentamento existe um obscuro mosteiro perto de Coshocton. Ofereceu-se para me levar até lá numa visita, mas não houve tempo (coragem?)... Talvez algum dia...

Poderia descrever muitas outras dessas experiências sem detalhar completamente os objetivos e dimensões do Local 2. Houve visitas a um grupo aparentemente usando uniformes, e operando equipamento altamente técnico; identificava-se como “Exército do Alvo” (interpretação mental do que foi dito). Havia centenas deles, cada qual aguardando “missões”. Seus objetivos não foram revelados.

Outra visita me levou a uma bem organizada cidade, onde minha presença foi imediatamente interpretada como hostil. Só adotando ação evasiva, correndo, escondendo-me, e finalmente subindo direto, fui capaz de evitar a “captura”. Não sei que ameaça eu significava para eles.

Com característica mais direta, o surgimento de ações muito agressivas tendeu a confirmar novamente que o Local 2 não é tão somente um lugar de serenidade e não conflito. Em mais uma viagem fui abordado por um homem vestido con-

vencionalmente. Com cautela, aguardei para ver o que faria.

- Conhece ou lembra-se de Arrosio Le Franco? – perguntou-me abruptamente.

Respondi que não, ainda cuidadoso.

Tenho certeza de que se recordará, se pensar no passado – disse o homem, com firmeza.

Havia nele uma atitude dominadora que me tornou nervoso. Repliquei ter certeza de não me lembrar de ninguém com esse nome.

- Conhece alguém lá embaixo? - perguntou.

Eu acabara de explicar que não quando de súbito me senti vacilante, e então o homem me segurou. Pegou um dos meus braços enquanto eu sentia mais alguém pegar o outro, e começaram a me arrastar em direção ao que pareceram três fortes focos de luz. Lutei até me desvencilhar, quando me lembrei do sinal de “ir para o físico”. Mexi-me velozmente e, após curto prazo, achei-me de volta ao escritório e ao físico. Evidentemente, esperava, eu fora confundido com outrem.

Outra viagem, ainda, teve atributos “humanos”. Eu chegara a um lugar em nada específico, apenas tudo cinza, e tentava resolver o que fazer, quando uma mulher se aproximou de mim.

- Sou da igreja ... e estou aqui para ajudá-lo – falou calmamente. Chegou mais perto, e imediatamente senti a sexualidade latente porém me detive, pois achava que a igreja ... não pensava nesse tipo de ajuda. Enganei-me.

Após um instante agradeci-lhe e me virei para ver um homem de pé ali perto, vigiando.

“Falou” com voz forte, pesada de sarcasmo:

- Então, agora já está pronto para aprender os segredos do universo?

Disfarcei minha vergonha perguntando quem era.

- Albert Mather! – quase berrou. Também tive a impressão de que me chamava por esse nome.

- Espero que esteja preparado – prosseguiu, elevando a voz com raiva – porque ninguém se deu ao trabalho de me contar quando eu estava lá.

Não ouvi o resto. Foi como se houvesse interferência estática de um rugido. Afastei-me, sem saber ao certo como sua raiva iria desabafar, e retornei ao físico rotineiramente. Verificando depois, não descobri registro histórico significativo a respeito de Albert Mather (com “a” longo), que parece não ter relação com o sacerdote Cotton Mather, do século dezoito.

Outras experiências no Local 2 foram mais amistosas, conforme indicamos em outros pontos desta obra. Na maioria não há padrão discernível para o que me atraiu até algumas das estranhas situações. Talvez isto surja eventualmente.

Duas invulgares ocorrências repetidas devem ser acrescentadas aos acontecimentos nessa área. Certo número de vezes o movimento de viagem, geralmente rápido e suave, foi interrompido pelo que se assemelhava a uma forte rajada de vento, parecida com um furacão, no espaço através do qual nos deslocamos. É como se fôssemos empurrados para longe por essa força incontrolável, jogados pelos contos à revelia, como uma folha num temporal. Impossível alguém se mover contra essa torrente ou fazer qualquer coisa além de se deixar carregar. Finalmente se é cuspidor para a margem da corrente, depois se cai fora, ileso. Não há nada que identifique isso, mas parece de criação natural, em vez de artificial.

A segunda ocorrência é o sinal no céu. Observei isso em cinco ou seis ocasiões quando escoltado pelos “auxiliadores”. É uma série inacreditável de símbolos toscos pendurados em arco diretamente através de uma seção do Local 2. Quando

em movimento pela área, todo mundo tem de rodear essa barreira, pois é sólida, irremovível, imutável.

Os símbolos, pelo melhor que minha “visão” pôde estabelecer, eram toscos, ilustrações semelhantes a colagens de um homem, uma mulher idosa, uma casa, e o que pareciam equações algébricas. Foi com um dos “auxiliadores” que aprendi a história do sinal. Contou-me com certo humor, quase apologeticamente.

Parece que há um tempo quase infinito uma mulher muito rica (por que padrões não se sabe) e poderosa quis se certificar de que seu filho iria para o céu. Uma igreja ofereceu-lhe essa garantia desde que a mulher lhe desse enorme soma de dinheiro (*sic*). Ela pagou à igreja, mas o filho não entrou no céu. De raiva e por vingança a mãe empregou tudo que lhe sobrara em dinheiro e poder para mandar colocar o sinal nos céus para que, por toda a eternidade, todos soubessem da desonestidade e patifaria da igreja.

Foi um trabalho bem feito. Os nomes da mulher, de seu filho, e da igreja perderam-se no tempo. Mas o sinal permanece, intocável aos esforços dos cientistas, através dos tempos, para reduzi-lo ou destruí-lo. A origem da desculpa e do ligeiro constrangimento não é a perfídia de alguma seita obscura, mas a incapacidade de todos em retirar o sinal! Como resultado, todos os estudos científicos nesta parte do Local 2 devem necessariamente incluí-lo. Seria quase a mesma coisa se alguém criasse artificialmente um elemento entre cobalto e cobre. Se você estudasse química teria, por necessidade, de incluir esse elemento “esquisito”. Ou se uma gigantesca lua artificial fosse criada, e estivesse além de nossa ciência o trazê-la para baixo, estudantes de astronomia incluiriam isso em suas aulas como fato corriqueiro.

Essa é a história conforme me foi contada.

A maior dificuldade é a incapacidade da mente consciente, treinada e condicionada num mundo físico, aceitar a existência desse infinito Local 2. Nossas jovens ciências mentais ocidentais tendem a negar sua existência. Nossas religiões o afirmam numa abstração ampla, distorcida. As ciências aceitas contradizem tal possibilidade, mas não encontram provas confirmatórias através de seus instrumentos de pesquisa e mensuração.

Acima de tudo há a barreira. Por que existe, não é do real conhecimento de alguém, pelo menos no mundo ocidental. É a mesma tela que se abaixa quando você acorda do sono, apagando seu último sonho, ou a lembrança de sua visita ao Local 2. Não quero dizer que obrigatoriamente todo sonho é produto de uma visita ao Local 2. Mas alguns deles bem podem ser a configuração de experiências nesse terreno.

A configuração, simbolização da experiência no Local 2, não faz necessariamente parte da Barreira. Ao contrário, parece ser o esforço do consciente para interpretar eventos superconcentres no Local 2 que estão acima de sua capacidade de compreender ou definir. A observação por meio do Segundo Corpo no Local 2 (aqui agora) provou que as funções e ações mais comuns eram sujeitas à má interpretação, especialmente quando observadas fora do contexto. O Local 2, ambiente totalmente desconhecido do consciente, oferece essa margem tão maior de erro interpretativo.

Como se pode deduzir, desconfio que muitos, a maioria, ou todos os seres humanos visitam o Local 2 em algum momento durante o sono. Por que tais visitas são necessárias, não sei. Talvez um dia nossas ciências vitais desvendem esses conhecimentos, e nova era nascerá para a humanidade. Com ela virá uma ciência inteiramente inédita, baseada nos dados sobre o Local 2 e nosso relacionamento com esse mundo maravi-

lhoso.

Algum dia. Se a humanidade conseguir aguentar até lá.

IMAGEM INVERTIDA

Paradoxalmente, um cientista hoje em dia pode aceitar muito mais facilmente a possibilidade da existência da área aqui denominada Local 3 do que o Local 2. Por quê? Porque se encaixam nas mais recentes descobertas da Física pequenos traços evidenciais que o cientista viu se revelarem nos seus experimentos com bombardeamento da matéria, aceleradores, ciclotrons etc.

A melhor maneira de familiarizar-se com o Local 3 é estudar os significativos experimentos que levam a ele, diretamente das anotações.

5 de novembro, 58 – Tarde.

As vibrações surgiram rápida e facilmente, e não foram desagradáveis em absoluto. Quando se tornaram fortes, tentei sair do físico sem resultado. Independentemente do pensamento ou combinação que tentasse, permaneci confinado no mesmo lugar. Lembrei-me então do truque rotatório, que opera exatamente como se você estivesse girando o corpo na cama. Comecei a girar e descobri que meu físico não “fazia a volta” junto comigo. Movi-me lentamente e, um momento após, fiquei “de rosto para baixo” isto é: em oposição direta à colocação do meu corpo físico. No instante em que alcancei essa posição de 180 graus (fora de fase, polaridade oposta?), houve uma fenda! Essa é a única forma de descrever o que vi. Para os meus sentidos pareceu uma fenda numa parede, com cerca de sessenta centímetros e se esticando em todas as direções (no plano vertical). A periferia do buraco era precisamente do formato do meu corpo físico.

Toquei na parede: macia e firme. As beiradas da fenda eram relativamente ásperas (todos esses toques foram feitos com as mãos não físicas). Além, através do buraco, tudo era escuridão! Não a de um quarto escuro, mas a sensação de distância e espaço longínquo. Achei que se minha visão fosse boa o bastante eu provavelmente poderia enxergar estrelas e planetas próximos. Minha impressão, portanto, era de espaço profundo, exterior, além do sistema solar, a uma distância inacreditável.

Movi-me cautelosamente pela fenda, apoiando-me em suas bordas, e enfiei a cabeça com cuidado. Nada. Nada além da escuridão. Nenhuma pessoa, nada material. Voltei-me abaixando e apressadamente, devido ao desconhecido profundo. Girei 180 graus de volta, senti-me fundindo com o físico, e sentei-me. Era plena a luz do dia, exatamente como quando eu partira durante o que pareceram alguns minutos antes. Tempo de afastamento: uma hora e cinco minutos!

18 de novembro, 58 – Noite.

As vibrações vieram fortes, mas foi só isso. De novo pensei tentar a rotação. Assim que fiz, consegui, e girei lentamente para a posição de 180 graus. Lá estavam a parede, a fenda, e a escuridão além. Desta vez fui mais cauteloso. Cuidadosamente estiquei uma das mãos para dentro do negrume. Fiquei atônito quando outra pegou a minha e apertou-a! Dava a sensação de mão humana, normalmente quente. Após o aperto de mãos, recolhi a minha rapidamente. Devagar, fui alcançando o buraco de novo. A mão apertou a minha novamente, e nela colocou um cartão.

Retirei minha mão e “olhei” o cartão. Dava um endereço específico. Devolvi o cartão pela fenda, apertei mãos de novo, recolhi a mão, girei para voltar ao normal, fundi-me com o físico, e sentei-me. Muito incomum. Terei de investigar o tal endereço na Broadway, se for a Nova York.

5 de dezembro, 58 – Manhã.

Girei novamente, e mais uma vez encontrei a fenda. Ainda com certa cautela, aproximei-me e, desta vez, estiquei ambas as mãos para

dentro dela. Instantaneamente foram agarradas pelas outras duas. Então, pela primeira vez em todos os meus experimentos, meu nome foi chamado. A voz, feminina, suave, baixa, mas premente (como alguém tentando acordar outro sem assustá-lo) falou:

- Bob! Bob!

Fiquei espantado, no início, depois me recuperei e perguntei:

- Qual o seu nome? (sempre em busca de material que servisse de prova!)

Quando “falei” essas palavras creio que houve intensa emoção ou atividade, como se minhas palavras tivessem criado o efeito de largar uma pedra num lago, ou tanque com o espelho d’água imóvel como o rumor de uma onda, um trote de cavalos, estalidos etc. A voz repetiu meu nome e eu repeti a pergunta, ainda com aquelas duas mãos segurando as minhas.

Para assegurar-me de estar completamente consciente e na verdade dizendo as palavras corretamente, retirei as mãos, girei nos 180 graus, fundi-me com o físico, sentei-me fisicamente, e oralmente pronunciei a pergunta. Satisfeito, deitei-me, girei e fiz a pergunta novamente através da fenda. Nenhuma resposta. Continuei tentando, até começar a sentir o enfraquecimento das vibrações e perceber não poder sustentar a situação por mais tempo. Então girei de volta ao físico e à normalidade.

27 de dezembro, 58 — Noite.

Após provocar as vibrações, novamente encontrei o buraco, conforme esperava. Reuni coragem e vagarosamente enfiei a cabeça por ele. No momento em que o fiz escutei uma voz dizer em extrema agitação e surpresa:

- Veja cá depressa! Veja!

Eu não via ninguém (isto podia ocorrer ao meu condicionamento de ficar de olhos fechados a fim de manter o efeito vibratório, quero dizer: a visão física tira a concentração). Ainda havia escuridão. A outra parte parecia não estar chegando, por isso a voz chamou de novo, urgente e emocionadamente. As vibrações pareciam enfraquecer, portanto recuei da

fenda e girei para voltar ao físico sem incidentes.

15 de janeiro, 59 – Tarde.

As vibrações chegaram, finalmente, e girei para examinar o buraco de novo. Lá estava, a 180 graus. Fiquei um pouco nervoso quando estiquei uma das mãos para dentro dele. Aí então sorri mentalmente e descontraí-me, dizendo para mim mesmo: “ora, seja mão, garra ou pata, eu sou amistoso”. Foi quando certa mão pegou a minha e apertou-a, e eu devolvi o aperto. Decididamente tive uma sensação de amizade vinda do outro lado. Regressei ao físico por meio da rotação, depois de certa dificuldade. Na minha emoção esqueci tanto da rotação quanto do sinal para voltar ao normal!

21 de janeiro, 59 – Noite.

Como preliminar, tentei a fenda de novo. A rotação correu suavemente após o princípio das vibrações e depois estiquei um braço profundamente no buraco. Quando fiz isso com o outro braço, uma coisa afiada pareceu enterrar-se na palma da minha mão, como um gancho, e afundou-se mais ainda quando tentei retirá-la. Finalmente consegui, um pouco trêmulo. Parecia que o “gancho” atravessara de alguma forma a minha mão. Não foi necessariamente doloroso, mas de efeito perturbador. Girei para voltar ao físico e olhei para a mão direita, fisicamente. Não havia marcas ou sensibilidade (embora estivesse presente a sensação de efeito da penetração).

25 de janeiro, 59 – Noite.

Outro experimento com a fenda, usando o mesmo padrão de vibrações e os 180 graus. Novamente penetrei cautelosamente no buraco. De novo outra mão pegou a minha e segurou-a firme (sem gancho!). Depois essa mão passou a minha para outra. Lentamente soltei esta última e tateei mais para cima. Havia certamente um braço unido à mão e um ombro. Estava a ponto de explorar mais quando as vibrações pare-

ceram diminuir, então retraí meu braço e girei de volta ao físico. Não havia indicação da necessidade de regressar ao físico, nenhum braço ou perna com câibra, nem ruídos. Provavelmente algum som repentino provocou a volta.

5 de fevereiro, 59 — Tarde.

Talvez minha preocupação com a fenda seja justificada. Repeti o mesmo padrão de abordagem. Vibrações, rotação a 180 graus, avancei pela fenda adentro, e no início nada senti. Aprofundei-me mais, e subitamente foi como se tivesse metido a mão na água quente carregada de eletricidade (descrição mais apurada). Retirei-a muito depressa, girei e sentei-me fisicamente. A mão física ficou entorpecida e formigante. Pela posição do meu corpo não havia traços de circulação deficiente. O entorpecimento e o formigamento desapareceram lentamente depois de uns vinte minutos.

15 de fevereiro, 59 — Tarde.

Experimentei entrar e sair verticalmente, depois fiz a rotação até a fenda. Reunindo coragem penetrei em velocidade, assim como um nadador pode impulsionar-se através de espaços embaixo d'água. Senti o outro lado do buraco: a parede era semelhante ao "meu" lado. Tentei "enxergar", porém ainda não havia nada além de profundo negrume.

Resolvi decidir a questão de uma vez por todas. Afastei-me velozmente do buraco e realizei o estiramento numa direção exatamente em linha oposta à fenda.

*Comecei a me mover lentamente, e logo acelerei. Passei a me movimentar com maior velocidade, contudo havia apenas um ligeiro senso de fricção pelo corpo. Deslocando-me ao que dava ideia de alta velocidade, **prossigui, esperando e ansiando "chegar" a algum local.** Após o que pareceu longo período, **comecei a me preocupar.** Continuava sem **"ver"** nada, sem sentir nada. Afinal, comecei a ficar nervoso. Era invadido pelo medo de me perder. Diminuí a velocidade, parei, virei-me e estirei-me de*

volta, rumo ao buraco. Levei para voltar o mesmo tempo que para ir. Estava muito preocupado quando finalmente vi luz através da fenda adiante. Abaixei-me, passei, girei, e sentei-me fisicamente. Tempo de afastamento: três horas e quinze minutos!

23 de fevereiro, 59 – Noite.

O buraco é habitado! Nesta noite (sete e meia) efetuei a vibração e a rotação de 180 graus, e desta vez sem muita hesitação penetrei e fiquei de pé. Imediatamente senti-me na presença de alguém ali. Sentia sua presença em vez de vê-lo (impressão: homem). Por algum motivo inenarrável, que até hoje não entendi, mesmo agora, recolhido à tranquilidade, ajoelhei-me agradecidamente diante dele e soluzei. Após alguns instantes me acalmei, recuei cautelosamente, passei pela fenda, girei de volta ao físico, e sentei-me. Quem seria? E por que agi tão emocionalmente?

27 de fevereiro, 59 – Noite.

Decidido a obter mais (ou menos só uma!) respostas a respeito do buraco, realizei o padrão de vibrações e a rotação de 180 graus e atravessei deliberadamente. Continuava escuro, mas não era desagradável, não havia mãos nem presença. Eu sentia alguma coisa sólida abaixo de mim, por isso tentei arduamente abrir os olhos e “ver”. Consegui, e o panorama surgiu: eu estava perto de uma construção (mais semelhante a um celeiro que a uma casa) sobre uma área ampla, igual a uma campina. Pensei tentar ascender ao céu (azul claro e profundo, sem nuvens), mas não conseguia sair do solo. Talvez aqui eu tivesse peso. Havia o que se assemelhava a uma escada de trinta metros ou mais e aproximei-me dela, descobrindo se tratar de uma torre de algum tipo, com uns três metros de altura. Como um pássaro precisando de espaço para decolar, escalei a torre até o topo, pulei para decolar... e caí na mesma hora, batendo no solo com um barulho surdo! Acho que fiquei atônito como um pássaro de asas cortadas.

Levantei-me e reconheci que estava agindo tolamente. Não seguia o procedimento normal. Até “aqui” ele tinha de ser obedecido. Estiquei mãos e braços para cima, como se quisesse alcançar uma coisa, e ergui-me com facilidade. Desloquei-me lentamente pela campina, gozando do panorama e da exploração, quando de repente alguma coisa passou voando por mim. Virei-me bem a tempo de vê-la se dirigir para a parede e o buraco. Por algum motivo senti medo de que fosse uma coisa para atra-ressar e tentar penetrar no meu corpo: virei-me voando e atirei-me no buraco. Tarde demais, descobri que o que eu pensava ser a fenda era apenas uma janela no lado da construção, e então passei pela janela e entrei na escuridão. Tateei pelo negrume e lá estava o perfil do buraco. Atravessei, girei e sentei-me com o físico.

Tudo parecia normal, eu estava no lugar certo, e também a passagem de tempo foi ok; daí, lá fui eu de volta! As vibrações ainda eram fortes, por isso fiz a rotação de 180 graus, passei pela fenda e entrei na claridade. Mais observador nessa viagem, reparei em duas pessoas, um homem e uma mulher, sentados em cadeiras do lado de fora da construção. Não pude fazer contato com o homem, porém a mulher (nenhuma outra identificação física além dessa) parecia saber que eu estava ali. Perguntei-lhe se sabia quem eu era, mas a única reação de sua parte foi um sentido de percepção. As vibrações começaram a enfraquecer, por isso recuei, mergulhei na fenda, girei e sentei-me. Tempo total do episódio inteiro: quarenta minutos.

O que se pode fazer com esses experimentos? Em última análise eles representam, no mínimo, uma alucinação involuntária; e no máximo, as observações mostram um padrão de progressão.

Primeiro, parece não haver nada na história escrita a respeito de experiências iguais a estas que possam oferecer comparações. Não foram incidentes espontâneos, mas deliberadamente planejados e repetidos sistematicamente. Como tal,

parecem únicos no gênero.

Segundo, o experimento poderia ser repetido através de fórmula: (1) o estabelecimento do estado “vibratório”, seguido por (2) uma rotação de 180 graus, e (3) o surgimento da “fenda”. O experimento foi realizado não uma, mas pelo menos onze vezes.

A rotação de 180 graus oferece especulação interessante. A referência a “fora de fase” e o deslocamento aparentemente idêntico, em exata oposição, merecem a atenção dos físicos. Estudos dos formatos de ondas quanto ao relacionamento das fases, aplicados neste caso, podem fornecer uma teoria bem fundamentada.

A escuridão do buraco era, evidentemente, questão de minha própria limitação quanto ao “ver”. Durante a primeira experimentação a restrição visual foi autoimposta, pois eu achava que esse era um requisito para manter o estado vibratório. A prova parece apontar isso devido ao êxito em ver quando resolvi ou tentei ver e consegui. Teria sido muito interessante se eu houvesse utilizado a visão durante o longo “voo” exploratório. Poderia ter aprendido bastante.

A experiência das “mãos” desafia explicação. Não há vestígios a indicar que fui condicionado ou induzido à primeira descoberta da mão. A segunda e a última de tais experiências, entretanto, bem poderiam derivar dessa fonte. Todavia, isso não invalida de forma alguma a primeira das impressões. O cartão com endereço poderia cair para a classificação de lembranças passadas, associada ao aperto de mãos de um primeiro encontro. Inexplicado ainda é o “fundamento” do “gancho” na minha mão.

A chamada do nome de alguém não é incomum, sob outras circunstâncias. Há inúmeros registros de tais vozes sem origem, tanto em estados de vigília quanto nos de sono. Várias

teorias psicológicas têm sido formuladas para explicar a ocorrência, com sucesso parcial.

Muito interessante é o relatório concernente à óbvia descoberta de alguma outra parte quanto à minha penetração pela fenda. De acordo com relatórios publicados sobre outros experimentos, a penetração no “buraco” foi visível para uma pessoa ou inteligência em algum local que não nas vizinhanças imediatas. Se isso seguiu o padrão de tais outros relatórios, o elemento tempo seria idêntico. Não há meios de verificar isso, de uma forma ou de outra.

Minha reação emocional à reunião com o “alguém” teve muito dos aspectos de uma experiência mística. É significativo que eu haja tido uma sensação de humilde êxtase, o qual desencadeou uma crise emocional.

Esse foi o princípio. Uma série de experimentos seguindo-se a isso foi notável em sua consistência de dados, e desafiou qualquer explanação histórica. O intelecto curioso não pode repudiar a experiência coletiva, tachando-a de alucinação.

Em resumo: o Local 3 provou ser um mundo de matéria física “quase” idêntico ao nosso. O meio ambiente natural é o mesmo. Existem árvores, casas, cidades, gente, aparelhos, e todos os complementos de uma sociedade razoavelmente civilizada. Há lares, famílias, negócios, e as pessoas trabalham para sobreviver. Existem estradas onde trafegam veículos. Há ferrovias e trens.

Agora vamos ao “quase”. No início, pensava-se que o Local 3 não passava de uma parte de nosso mundo desconhecida para mim e para os outros envolvidos. Tudo nele indicava isso. No entanto, estudo mais minucioso mostrou que não pode ser o presente nem o passado do nosso mundo de matéria física.

A evolução científica, porém, é inconsistente. Não existem aparelhos elétricos de espécie alguma. Eletricidade, eletromagnéticos, e qualquer coisa assim relacionada não existe. Não há luzes elétricas, telefones, rádios, televisões, ou força elétrica.

Também combustão interna, gasolina, ou petróleo não foram achados como fontes de energia. Contudo, a força mecânica é usada. Exame cuidadoso de uma das locomotivas puxando uma série de vagões de aparência antiquada, para passageiros, mostrou que era impulsionada por um motor a vapor. Parecia que os vagões eram feitos de madeira, a locomotiva de metal, mas de formato diferente mesmo dos nossos tipos mais obsoletos. A bitola da ferrovia era muito menor do que a nossa padronizada, menor do que nossas cremalheiras para subir montanhas.

Observei detalhadamente a manutenção de uma das locomotivas. Nem madeira nem carvão eram usados como fonte termal para produzir vapor. Em vez disso, grandes recipientes semelhantes a tinas eram cuidadosamente deslizados de sob a caldeira, desatados, e levados por pequeninos carros de carga para uma construção de paredes maciças e grossas. Os recipientes tinham protuberâncias iguais a canos estendendo-se do topo. Homens trabalhando por trás de escudos efetuavam a remoção, normalmente cautelosa, e não relaxavam sua vigilância automática antes que os recipientes estivessem em segurança no prédio, e a porta fechada. O conteúdo era “quente”, fosse por calor ou radiação. Todos os gestos dos técnicos pareciam indicar a última.

As ruas e estradas são diferentes, principalmente em tamanho. A “alameda” na qual transitam os veículos é quase duas vezes mais larga do que as nossas. Sua versão do nosso automóvel é muito maior. Até o menor deles tem um único

assento que suporta cinco ou seis pessoas lado a lado. A unidade padrão possui apenas um assento fixo: o do motorista. Os outros parecem muito com cadeiras de salas de estar, colocadas em torno de um compartimento medindo cerca de três a seis metros. Usam-se rodas, mas sem pneus infláveis. A direção é feita com uma simples barra horizontal. Fica a força motora em algum ponto da traseira. Seu deslocamento não é muito rápido, mas ou menos vinte a trinta quilômetros por hora. Não é intenso o tráfego.

Existem veículos autoenergizados com formato de uma plataforma com quatro rodas, guiados pela ação dos pés sobre as rodas da frente. Um mecanismo bombeado pelos braços transfere a energia às rodas traseiras, assemelhando-se muito aos “rema-remas” das crianças, de algum tempo atrás. São usados para distâncias curtas.

Hábitos e tradições não são como os nossos. O pouco material compilado inclui um passado histórico com fatos, nomes, locais e datas diferentes. No entanto, ao passo que o estágio da evolução humana (a mente consciente traduz os habitantes como homens) parece ser idêntico, a evolução técnica e a social não são completamente as mesmas.

A principal descoberta surgiu logo após eu haver reunido coragem para estender as expedições Local 2 adentro. A despeito de indicações prévias, as pessoas lá não ficaram a par da minha presença antes que eu me “fundisse” temporária e involuntariamente com alguém que só pode ser descrito como o “Eu” que vive “lá”. A única explicação a que posso recorrer é que eu, totalmente consciente de estar morando e sendo “aqui”, fui atraído para o corpo de uma pessoa “lá”, muito parecida comigo, e é onde momentaneamente habito.

Quando isso aconteceu, e começou a ser processo automático quando ia ao Local 3, simplesmente tomei conta do

corpo “dele”. Não houve conhecimento de sua presença mental quando eu temporariamente o substituí. Minha conscientização dele e de suas atividades, bem como de seu passado, vieram de sua família e do que evidentemente era seu banco de memória. Embora eu soubesse que não era ele, podia sentir objetivamente os padrões emocionais do seu passado. Perguntei-me quais os constrangimentos que eu lhe causara como resultado de períodos de amnésia criados pelas minhas intrusões. Alguns deles lhe devem ter provocado muitos sofrimentos.

Eis sua vida: “Eu” Lá, na primeira intrusão, era homem bastante solitário, e não muito bem sucedido no seu campo de atividades (arquiteto-empreiteiro), assim como nada tinha de gregário. Veio do que se pode classificar como grupo de baixa renda, e conseguiu entrar para o equivalente a uma faculdade de segunda categoria. Passou grande parte do início de sua carreira numa cidade grande, num emprego comum. Morou no segundo andar de uma casa de cômodos e ia de ônibus para o trabalho. Era uma cidade desconhecida para ele, fez poucos amigos (por falar nisso, o ônibus era muito amplo: sentavam-se oito no mesmo banco, os assentos ficavam atrás do motorista em fileiras sucessivamente mais altas, para que todos pudessem enxergar a estrada à frente). Minha primeira intrusão pegou-o exatamente quando saltava do ônibus. O motorista olhou-o desconfiado quando tentei pagar a passagem: parece que não se cobra de ninguém.

A próxima intrusão foi durante uma crise emocional.

“Eu” Lá conheci Léa, uma jovem rica com dois filhos, um menino e uma menina, ambos com menos de quatro anos de idade. Léa era triste, ansiosa, e um tanto preocupada; parecia ter sofrido alguma grande tragédia na vida. Isso tinha ligação com seu ex-marido, mas não estava claro. “Eu” Lá a conhecia

muito por acaso, e fiquei profundamente atraído. As duas crianças encontraram nele grande companhia. Léa parecia apenas levemente interessada, nesse primeiro encontro. Sua reação maior era para a atenção e carinho dele para com as crianças.

Pouco tempo depois ocorreu uma intrusão assim que Léa e “Eu” Lá anunciaram aos amigos, amigos dela, que iam se “casar” (isso tem conotação ligeiramente diferente). Houve grande consternação entre os amigos, principalmente devido ao fato de que só se haviam passado trinta dias (?) desde que um fato importante ocorrera na vida de Léa (divórcio, a morte do marido, ou algum problema físico). “Eu” Lá ainda me sentia grandemente atraído, e Léa continuava triste e introspectiva.

Mais uma intrusão veio mais tarde, quando Léa e “Eu” Lá estávamos morando numa casa com arredores semipastoris. A casa ficava num morro baixo, tinha compridas janelas retangulares e abas do telhado muito abertas, como num pagode. A ferrovia fazia a curva em torno do morro a uns trezentos metros de distância; os trilhos surgiam da direita, em linha reta, depois cortavam a frente da colina, passavam para trás e pela esquerda. Havia grama muito verde saindo dos degraus da casa, descendo a lombada do morro. Atrás da casa “Eu” Lá possuía um escritório, construção de um só cômodo onde ele trabalhava.

A coisa aconteceu quando Léa entrou no escritório e aproximou-se da mesa quando eu acabara de substituir “Eu” Lá.

- Os trabalhadores querem algumas ferramentas suas emprestadas – falou.

Olhei para ela desconcertado. Não tinha certeza do que ia dizer, daí perguntei quais trabalhadores.

- Os homens que trabalham na estrada, é claro! – ela ainda não pressentira nada diferente.

Antes que eu descobrisse o efeito que ia produzir, retruquei não haver homens trabalhando na estrada. Diante disso ela me olhou atentamente, com suspeita crescente. Eu estava totalmente inseguro quanto a meu próximo passo, por isso deixei o corpo dele e retornei pela fenda.

Outra memorável intrusão surgiu quando “Eu” Lá montou seu laboratório. Ele não estava plenamente capacitado para realizar pesquisas, porém decidira que poderia fazer alguma espécie de novas descobertas. Adquiriu (talvez com assistência financeira de Léa) um enorme prédio para armazenamento, dividiu-o internamente em pequenos cômodos e começou a realizar alguns tipos de experimentos. Em meio a um deles eu o substituí em seu corpo, mas fui incapaz de calcular o que vinha em seguida na sua rotina de ação. Nessa hora Léa entrou com visitantes, principalmente para mostrar o tipo de trabalho que ele efetuara no prédio novo. Eu (no corpo de “Eu” Lá) ali fiquei, sem poder falar quando Léa me pediu que contasse a eles acerca do trabalho que eu vinha desenvolvendo.

Um pouco constrangida, Léa levou o casal para outro aposento. Hesitei quando talvez “Eu” Lá estivesse prosseguido. Tentei “sentir” qualquer padrão de atividade que ele pudesse estar seguindo. O melhor que consegui foi que ele procurava elaborar novas formas de entretenimento teatral; projetava palcos de teatro, iluminação, cenários; tudo na tentativa de tornar o ato de ver uma peça uma experiência fortemente subjetiva. Obtendo apenas esse êxito parcial na recordação dos atos dele, deixei seu corpo quando os escutei regressando: assim evitei mais complicações para sua vida.

Umás férias nas montanhas também dariam ensejo a

outro item de intrusão. “Eu” Lá, Léa e as duas crianças viajavamos por sinuosa estrada, cada um no seu veículo autopropulsionado, descrito em outro ponto deste livro. Inadvertidamente eu “tomei a iniciativa”: no momento em que eles alcançavam o sopé de uma colina, comecei a subir por outra. Calouro com aquele veículo tentei fazê-lo subir o morro próximo; contudo, na mesma hora rolei para fora da estrada e caí num pequeno monte de terra. O resto do pessoal aguardou enquanto eu procurava voltar à estrada, resmungando que havia melhores maneiras de passear do que aquela... Isso provocou alguma coisa em Léa, que ficou repentinamente calada. Por que, não sei (tenho certeza de que “Eu” Lá soube). Tentei contar-lhe que eu não era quem pensava, mas depois percebi que isso apenas pioraria as coisas. “Fui embora”, regressando ao buraco e ao corpo físico.

Em posteriores intrusões, “Eu” Lá e Léa não mais viviam juntos. Ele obtivera êxito relativo, porém algum gesto seu a afastara. Sozinho, pensava nela constantemente, e lamentava profundamente a falha que o obrigara a entristecê-la. Encontro-a por acaso certa vez, numa cidade grande, e rogou-lhe que o deixasse visitá-la. Ela respondeu que o deixaria fazer só para ver em que iam dar as coisas. Morava no equivalente a um apartamento, no terceiro andar de um edifício residencial. Ele prometeu ir.

Infelizmente, “Eu” Lá perdeu ou esqueceu o endereço que ela lhe dera e, na última intrusão, encontrei-o um homem solitário e frustrado. Tinha certeza de que Léa interpretaria a perda do endereço como indiferença de sua parte e outro exemplo de sua instabilidade. Trabalhava, porém passava seu tempo livre tentando achar Léa e as crianças.

Que se pode concluir disso tudo? Em vista das circunstâncias menos que idílicas, dificilmente pode ser tachado de

fuga da realidade através do inconsciente. E também não é o tipo de vida que alguém escolheria para gozar substitutivamente. Pode-se apenas especular, e tal especulação da coisa em si deve reconhecer conceitos inaceitáveis para a ciência atual. No entanto, a atividade vital “dupla, mas diferente” pode oferecer uma pista para o “onde” do Local 3.

A presunção mais importante é de que o Local 3 e o Local 1 (aqui agora) não são os mesmos. Isto se baseia em diferenças da evolução científica. O Local 3 não é mais avançado, talvez até seja menos. Não existe fase na nossa História conhecida onde a ciência tenha passado pelo estágio do Local 3. Se este não é o passado conhecido, nem o presente, e nem o provável futuro do Local 1, que é então? Não faz parte do Local 2, onde somente o pensamento é necessário, ou usado.

Pode ser uma lembrança, racial ou não, de uma civilização física da Terra que antecede a História conhecida. Talvez seja outro mundo com características terráqueas, localizado em outra parte do universo de certa forma acessível por meio de manipulação mental. Pode ser uma duplicata antimatéria deste mundo-Terra físico, onde somos iguais porém diferentes, unidos um a um através de uma força além de nossa hodierna compreensão.

O Dr. Leon M. Lederman, professor de Física na Universidade de Columbia, declarou:

“A Física básica é completamente consciente com a concepção cosmológica de um antimundo literal com estrelas e planetas, composto de átomos de antimatéria, quer dizer: núcleos negativos cercados por elétrons positivos. Podemos, hoje, alimentar a atraente ideia de que esses antimundos são habitados por antigente, cujos anticientistas podem estar neste momento emocionados com a descoberta da matéria.

APÓS A MORTE

Qualquer reconhecimento da existência do Segundo Corpo imediatamente provoca as perguntas a respeito das quais a humanidade tem ponderado desde o dia em que aprendeu a pensar: nós realmente vivemos? Existe vida além do túmulo? Nossas religiões mandam acreditar, ter fé. Isso não é suficiente para o pensador silogístico que busca premissas válidas e bem delineadas que levem a uma conclusão iniludível.

Tudo que posso fazer é ser tão informador e objetivo como possível numa experiência basicamente subjetiva. Talvez minhas premissas sejam válidas para você, quando as ler.

Encontrei o Dr. Richard Gordon pela primeira vez em 1942, em Nova York. Era médico, especialista em clínica geral. Tornamo-nos amigos, e ele ficou sendo o médico da família. Possuía uma clínica muito bem -sucedida, desenvolvida através dos anos, e era dotado de raro senso de humor cínico--sarcástico. Era um realista terra a terra, com a sabedoria da experiência. Tinha cerca de cinquenta anos quando nos conhecemos, portanto jamais o conheci jovem. Era baixo e magro, cabelos brancos lisos, tendendo à calvície.

Tinha o Dr. Gordon dois maneirismos patentes. Resolveu viver muito, evidentemente, por isso mantinha um ritmo de vida muito tranquilo. Andava a passo deliberadamente vagaroso, cauteloso. Só corria quando absolutamente necessário. Mais corretamente, passeava, com estudada despreocupação.

Segundo: quando alguém o visitava no consultório ele dava uma olhada do vão da porta interna e fixava a pessoa atentamente. Não dizia “olá”, não acenava, não cumprimentava. Simplesmente olhava firme como se dissesse: “Que droga será que ele tem?”

Sem jamais ter tocado no assunto, o Dr. Gordon e eu nos aproximamos de forma calorosa e íntima. Uma dessas coisas que acontecem sem explicações, sem razões lógicas. Não tínhamos muito em comum além do fato de sofrermos uma experiência na vida quase no mesmo momento da História.

Na primavera de 1961 visitei o Dr. Gordon no seu consultório e lá almocei com ele uma comida preparada num bico de Bunsen pela enfermeira que há muito o acompanhava. Parecia cansado e preocupado, o que comentei.

- Não tenho passado muito bem – replicou, e então voltou à irreverência do seu ego de sempre: - Que é que há? Médico não pode ficar doente de vez em quando?

Ri, mas sugeri que tomasse providências, como por exemplo consultar o médico da família.

- Farei isso – exclamou desatentemente, para depois voltar à atitude normal. – Mas primeiro vou à Europa.

Eu lhe disse que seria ótimo.

- Já comprei as passagens – prosseguiu. – Já fomos lá muitas vezes, porém desta quero ver uma porção dos lugares que jamais conhecemos. Você já foi à Grécia, ou à Turquia, Espanha, ao Egito, a Portugal?

Respondi que não.

- Pois deveria! – exclamou, afastando a comida. – Vá assim que tiver oportunidade. Não deve perder a vista de locais como esses. A minha oportunidade não vou perder.

Afirmei-lhe que faria o possível, só que eu não possuía

uma clínica rica que aguardasse o meu regresso. Então ele ficou sério de novo:

- Bob?

Esperai que continuasse.

- Não estou gostando do meu problema – falou lentamente. – Não gosto... por que você e sua mulher não vêm à Europa conosco?

Eu gostaria de ter ido.

O Dr. Gordon e a esposa pegaram navio para a Espanha cerca de uma semana depois. Não tive notícias deles, portanto, presumi que estivessem a bronzear-se em algum ponto do Mediterrâneo.

Seis semanas mais tarde a Sra. Gordon me telefonou. O marido adoecera na Europa e tiveram de abreviar a viagem. Ele se recusara a receber tratamento no exterior, insistindo para retornarem a casa imediatamente. Sofrera muita dor, e chegara direto para um hospital onde faria cirurgia exploratória.

Não pude vê-lo no hospital, porém me mantinha informado de seu estado através da esposa. A operação foi um êxito. Acharam o que estavam procurando: um câncer abdominal, sem tratamento. Nada poderia ser feito além de dar-lhe todo o conforto possível. Ele jamais sairia do hospital. Isto é, vivo. Ou, mais adequadamente, fisicamente vivo.

Diante da notícia achei que devia encontrar uma forma de ir visitá-lo. A situação era bastante clara, agora, como a maioria das coisas lembradas. Tenho certeza de que naquele dia no seu consultório ele já sabia de tudo. Afinal, era um clínico. Certamente deve ter lido os sinais e sintomas no seu próprio laboratório particular. Essa a razão verdadeira para a viagem à Europa. Decididamente, ele não iria perder sua última oportunidade! E não perdeu.

A necessidade de conversar com o Dr. Gordon pareceu premente. Em todos os nossos encontros eu jamais mencionei meu “talento intrépido”, ou o que se passava comigo.

Creio que tive medo de que jogasse a cabeça para trás às gargalhadas, para depois me mandar para o seu filho psiquiatra.

Agora era diferente. Ele enfrentava uma coisa na qual talvez eu pudesse ajudá-lo, para variar. Não sabia como poderia usar o que passei para auxiliá-lo, mas tinha profunda convicção de que o faria.

Tentei inúmeras vezes visitá-lo, mas só permitiam a presença da esposa no quarto. Finalmente pedi a Sra. Gordon me ajudasse a vê-lo. Ela me explicou que o médico sentia tantas dores que vinha sendo mantido à base de sedativos fortes a maior parte do tempo. Em consequência, muito raramente ficava lúcido e consciente. Normalmente ele a reconhecia de manhã cedo, mas até isso não ocorria todos os dias. Disse -lhe ter uma coisa importante para contar a ele. Não entrei em pormenores. Mesmo na sua dor ela pareceu reconhecer que eu tentava levar a ele certa mensagem além daquela de um amigo consolador. A mulher intuitiva achou uma solução:

- Por que não lhe escreve uma carta? – sugeriu. – Eu a levarei para ele.

Expressei-lhe meu temor de que não conseguisse lê-la.

- Se escrever – afirmou – eu a lerei para ele quando estiver consciente o bastante para entender.

E foi isso que fizemos. Ela ficava lendo sempre e sempre, em todos os instantes de consciência do Dr. Gordon. Mais tarde ela me disse que tais leituras repetidas eram a pedido dele, e não por sugestão dela. Haveria alguma coisa na carta que ele desejava formar na mente?

Quando soube disso eu senti grande remorso. Talvez ele não atirasse a cabeça para trás e risse, afinal. Poderíamos

ter compartilhado de muito mais, se pelo menos eu houvesse reunido coragem bastante para discutir minhas “atividades” com ele. Eis aqui trechos concernentes à carta ao Dr. Gordon:

“... e você está lembrado de todos os testes e exames que me fez porque me sabia preocupado com alguma coisa? Pois bem, foi quando a coisa começou. Agora, já que está passando uma temporada no hospital, pode tentar descobrir para seu próprio uso. Dessa maneira não precisará depender da minha palavra para crer. E ficará ocupado com alguma coisa enquanto se recupera.”

“Primeiro tem de aceitar a possibilidade, remota como possa apre-sentar-se à sua vivência, de que pode agir, pensar e existir sem a limita-ção de um corpo físico. E não diga à sua esposa para me mandar para o seu filho psiquiatra. É preciso mais que Freud na solução deste proble-ma. Além disso ele já anda faturando muito bem...”

“Sempre que conversávamos não me parecia adequado tocar no as-sunto. Mas, já que você vai ficar na cama, analise tudo seriamente. Pode-rá ser útil mais tarde, e espero consiga descobrir certos detalhes que eu deixe-i passar. Tudo depende, também, de você poder desenvolver a capaci-dade de „deixar” seu corpo físico enquanto está vadiando nessa cama de hospital. Se o realizar, talvez vá descobrir muitas formas pelas quais isso poderá ajudá-lo. Talvez seja um modo de aliviar a dor física. Não sei.

Experimente.”

“... com toda a sinceridade que posso exhibir conclamo que você, Dick, pense no caso. Marcará um tento importantíssimo quando fizer não mais do que aceitar a ideia de que esse segundo corpo seu, não físico, realmente existe. Conseguindo isso, sua única outra barreira será o medo. Porém ele nem precisa acontecer. Porque isso é como ter medo de sua própria sombra, medo de si mesmo. É mais natural do que estranho. Acostume-se à ideia de que sua falta de experiência consciente no assunto não significa necessariamente que é uma coisa da qual tenha de sentir medo. O desconhecido só provoca medo enquanto é desconhecido. Se tiver

isso em mente não precisará ficar amedrontado. Então, e somente então, experimente a fórmula 1 que escrevi aqui. Não conheço o efeito de qualquer remédio que possa estar tomando. Poderá ajudar ou estorvar a técnica. Mas tente. Pode funcionar e pode não funcionar a primeira vez.”

“... muito importante é me deixar saber como vai indo com o experimento. Quando melhorar, talvez eu possa aparecer para discutirmos a questão inteira em detalhes. Eu teria ido agora em pessoa, mas você sabe como o hospital é rigoroso quanto às normas. Se você contar à sua esposa sobre suas tentativas, tenho certeza de que ela as transmitirá a mim. Porém eu prefiro saber diretamente de você, mais tarde. Peço que me ponha a par...”

A Sra. Gordon não me avisou se ele realmente fez a tentativa. Senti-me totalmente desajeitado para interrogá-la especificamente, na ocasião. Ela estava muito triste, extremamente perturbada sabendo ser fatal o estado do marido. Ainda não tenho certeza de que reconheceu minha carta como sendo elaborada para treinamento sugestivo da morte.

O Dr. Gordon entrou em coma várias semanas depois. Morreu tranquilamente, sem recuperar a consciência.

Durante muitos meses pensei em tentar “ir” até ele, onde quer que estivesse. Foi a primeira pessoa chegada a mim que morrera desde a evolução do meu “talento especial”. Eu era curioso, e objetivo. Era a primeira oportunidade do gênero, e eu tinha certeza de que o Dr. Gordon não se incomodaria, se continuasse a existir.

Não conhecendo tais detalhes, concluí que provavelmente necessitaria de certo descanso antes que eu interferisse com qualquer coisa que estivesse fazendo. Além disso eu precisava tomar coragem extra por minha própria conta. Era uma experiência ainda não tentada. Poderia ser verdadeiramente perigosa.

Então, numa tarde de sábado, fiz a tentativa. Levei cerca de uma hora para entrar no estado vibratório, mas finalmente elevei-me para fora do corpo, gritando mentalmente: “Desejo falar com o Dr. Gordon!”

Após um instante comecei a mover-me velozmente para cima, e logo tudo que conseguia enxergar era uma cena enevoadada de movimento, e senti o que parecia uma lufada de vento muito fino. E também certa mão debaixo do meu cotovelo esquerdo: alguém me ajudava a chegar lá.

Após o que pareceu uma jornada infundável, parei subitamente (ou fui retido). Espantado, vi-me num grande aposento. Minha impressão foi de que se tratava de uma organização de algum tipo. A mão sob meu cotovelo me levou até uma porta aberta e me fez parar bem abaixo do seu vão, de onde pude olhar para a sala contígua. Uma voz masculina falou quase diretamente no meu ouvido esquerdo – Se quiser ficar aí mesmo o doutor virá vê-lo daqui a um minuto.

Acenei com a cabeça, concordando, e ali fiquei à espera. Havia um grupo de homens no cômodo. Três ou quatro ouviam um jovem de uns vinte e dois anos que lhes relatava agitamente alguma coisa. Complementando com gestos.

Não vi o Dr. Gordon, e fiquei esperando que surgisse a qualquer momento. Quanto mais eu aguardava, mais quente me sentia. Finalmente senti tanto calor que passei extremamente mal. Não sabia o que me causava todo esse calor, e não tinha certeza de suportá-lo durante muito mais tempo. Realmente era como se ondas de suor escorressem pelo meu rosto. Percebi não me poder demorar mais: não estava suportando o calor. Se o Dr. Gordon não aparecesse logo eu teria de regressar sem lhe falar.

Virei-me e olhei de novo para o grupo de homens, pensando que talvez devesse perguntar-lhes sobre meu amigo.

Exatamente nesse momento o jovem baixo e magro, de grande cabeleira emaranhada, interrompeu o que estava dizendo e olhou para mim firmemente durante um instante. Após a breve olhada, virou-se para os outros e continuou sua animada conversa.

O calor tornara-se insuportável: resolvi ir embora. Não podia esperar pelo Dr. Gordon. Usando um movimento que aprendera, subi rapidamente para fora da sala. Foi uma longa viagem de regresso. Após a reintegração verifiquei meu corpo físico. Senti frio, certo enrijecimento. Certamente não havia suor escorrendo pelo meu rosto.

Frustrado, sentei-me e fiz anotações sobre a viagem. Eu falhara por algum motivo: não conseguira encontrar o Dr. Gordon. O tempo de afastamento do físico fora de duas horas.

Existe uma veia de teimosia na minha hereditariedade. No sábado seguinte tentei de novo. Na hora exata em que deixei o físico e comecei a gritar pelo Dr. Gordon uma voz falou bem ao meu lado, quase irritada:

- Por que deseja vê-lo de novo? Já o viu sábado passado!...

Fiquei tão surpreso que caí de volta no físico quase instantaneamente. Sentei-me e dei uma espiada pelo meu escritório. Não havia ninguém ali. Tudo estava normal. Pensei em tentar novamente, porém achei tarde demais para outra experiência naquele dia.

Último sábado. Não havia nada de importante acerca do último sábado. Não dera certo. Repassei minhas anotações a respeito do “último sábado”. E lá estava:

“O doutor virá vê-lo daqui a um minuto”. E o que poderia ter sido um minuto depois, um jovem baixo, magro, com uma cabeleira emaranhada, virara-se e olhara para mim

atentamente. Olhara para mim sem dizer uma palavra, como se estivesse refletindo. O que eu anotara fora uma descrição perfeita do que o Dr. Gordon teria sido aos vinte e dois anos de idade, em vez de setenta.

Isso parecia emprestar mais crédito à experiência do que qualquer outro detalhe. Eu esperava ver um homem de setenta anos. Não o reconheci porque não era quem eu esperava. Se eu tivesse sofrido uma alucinação neste caso, compreensivelmente teria visto um Dr. Gordon de setenta anos.

Posteriormente, em visita ao lar da viúva do Dr. Gordon, consegui ver uma foto dele aos vinte e dois anos. Logicamente não confessei a Sra. Gordon o motivo de querer olhar o retrato. Combinava perfeitamente com o homem que eu vira, e que me viu “lá”. Ela declarou também que naquela idade ele era muito ativo e agitado, sempre com pressa, e tinha um grande emaranhado de cabelos louros.

Algum dia tentarei de novo visitar o Dr. Gordon.

Certo dia, como antecipação à nossa mudança de Estado, vendemos a velha casa quando de repente apareceu um comprador. Como medida temporária alugamos uma casa, no ano anterior à mudança.

Era um local interessante, erigido na culminância de uma rocha e diretamente acima de um rio. A casa foi alugada através de um corretor, e jamais conhecemos ou fizemos contato com o proprietário. Minha esposa e eu ficamos com o quarto principal, que era no térreo.

Mais ou menos uma semana depois que nos mudamos para lá, fomos para a cama e minha esposa caiu no sono quase imediatamente. Fiquei ali, na semiescuridão, olhando para o céu noturno através das janelas que iam do chão ao teto. Sem querer, senti começarem as tão conhecidas vibrações, e perguntei-me se não faria mal deixar aquilo acontecer na residên-

cia nova.

Nossa cama ficava perto da parede norte. À direita da cama, estando-se deitado, via-se a porta para o saguão. À esquerda, o vão da porta levando ao banheiro principal.

Eu estava no meio do ato de me erguer para sair do físico quando reparei em alguma coisa no vão da porta. Era uma silhueta branca no tamanho e formato gerais de uma pessoa.

Tendo-me tornado extremamente cauteloso quanto a “estranhos”, esperei para ver o que aconteceria. A silhueta branca vagueou pelo quarto, rodeou a cama, e passou alguns centímetros do pé da cama, no meu lado, como se fosse entrar no banheiro. Pude ver que era uma mulher de altura mediana, cabelo liso escuro e olhos marcadamente profundos, e não jovem nem velha.

Ficou no banheiro apenas alguns segundos, depois voltou e começou a rodear a cama de novo. Sentei-me não fisicamente, estou certo, e estiquei o braço para tocá-la, para ver se realmente conseguiria.

Vendo meu movimento, parou e olhou para mim. Quando falou, pude escutá-la com toda clareza. Consegui ver as janelas e cortinas por trás dela e através dela.

“Que vai fazer a respeito do quadro?”

Era voz feminina, e pude ver seus lábios se movendo.

Sem saber o que dizer, tentei dar uma resposta satisfatória: disse que tomaria conta dele, e que não se preocupasse.

Então ela sorriu ligeiramente. Depois estendeu as mãos e pôs uma das minhas no meio, apertando-a com as duas. As mãos transmitiam sensação real, normalmente quentes e vivas. Deu um leve aperto na minha, soltou-a delicadamente, e passou pela cama rumo à porta.

Aguardei, mas não regressou. Deitei-me, ativei o físico, depois saí da cama. Fui até a porta do saguão e olhei para os

outros aposentos: ninguém lá. Percorri todos os aposentos do andar de baixo, mas nada encontrei. Então passei a fazer minhas anotações, voltei para a cama e dormi.

Alguns dias depois conheci o psiquiatra que morava na casa ao lado, Dr. Samuel Kahn (eu vivia encontrando casualmente psiquiatras a toda hora!). Perguntei-lhe se conhecia o pessoal dono da nossa casa.

- Sim, sim os conheci muito bem – disse o Dr. Kahn. – A Sra. W. morreu há cerca de um ano. Depois disso, o Sr. W. recusou-se a entrar na casa. Simplesmente mudou-se e não voltou.

Comentei ser uma pena, a casa era ótima!

- Bem, mas era dela, o senhor compreende... – replicou o Dr. Kahn. – Aliás, ela faleceu dentro da casa, no quarto em que o senhor está dormindo.

- Interessante! Deveria gostar muito da casa.

- Ah! Sim! – respondeu-me. – E adorava pintura. Tinha quadros pendurados na casa inteira. Contudo, a própria casa era praticamente a sua vida, acima de tudo.

Perguntei-lhe se por acaso teria uma fotografia da Sra.

W.

- Não sei... – pensou por um instante. – Ah! Sim! Creio que aparece na foto de um grupo, tirada no clube. Vou ver se consigo achá-la.

Alguns minutos depois voltou. Na sua mão havia um retrato mostrando cerca de cinquenta ou sessenta homens e mulheres, a maioria só deixando ver as cabeças, já que estavam em fila.

O Dr. Kahn estudou a foto:

- Ela está aqui, tenho certeza.

Olhei para o retrato por cima de seu ombro. Na segunda fila havia um rosto que me era familiar. Toquei-o com o

dedo e perguntei ao doutor se era ela.

- Sim, sim, é a Sra. W.

Olhou para mim curioso, depois compreensivo:

- Ora, o senhor deve ter encontrado alguma foto dela pela casa!

Respondi que sim, era isso. De passagem, perguntei-lhe se a Sra. W. tivera algum maneirismo de qualquer espécie, ou algo parecido.

- Não, não que eu me lembre – explicou-me. – Mas vou pensar direito. Deve ter tido algum detalhe.

Agradei e encaminhei-me para a porta. Virei-me quando me chamou:

- Espere um pouco, há uma coisa – disse o Dr. Kahn.

Perguntei o que era.

- Sempre que estava feliz e agradecida, ela pegava a sua mão entre as dela, palma contra palma, e dava um leve aperto. Isso contribuiu?

Contribuiu.

Com a experiência me tornei um pouco mais convencido de que me poderia arriscar em setores certamente invulgarres. Um amigo muito chegado, Agnew Bahnson, tinha mais ou menos a minha idade e muito em comum comigo. Eu o conhecia há uns oito anos. Era piloto, entre outras coisas, e frequentemente voava no avião de sua empresa. Um dos seus objetivos de pesquisa era a antigravidade, sobre a qual discutíamos diversas vezes. Possuía um laboratório aonde conduzia experimentos nesse campo. No meio dos itens que discutíamos relativos aos seus estudos da gravidade havia a questão de como uma ou mesmo duas pessoas podiam demonstrar quaisquer resultados concretos sobre a antigravidade, nesta era de grupos de pesquisas maciças e instrumentações extremamente dispendiosas.

Numa viagem de negócios a Nova York, em 1964, vi-me no meu quarto de hotel com uma hora de sobra para gastar, à tarde. Resolvi tirar uma soneca. Deitei-me na cama, e mal começara a entrar no sono quando escutei a voz do Sr. Bahnson:

- Existe um modo de provar a antigravidade. Tudo que precisa fazer é demonstrá-la você mesmo; e você já foi treinado para isso.

Sentei-me, bem acordado. Eu sabia ao que a voz se referia, mas não tivera coragem de tentá-lo. No entanto, por que a voz do Sr. Bahnson parecia tão real nesse sonho? Olhei para o relógio ao lado da cama: exatamente três e quinze. Fiquei desperto demais para cair no sono de novo, portanto me levantei e saí.

Quando voltei a casa dois dias depois minha esposa estava muito calada. Perguntei-lhe se havia algum problema.

- Não queríamos que você se preocupasse, com tantos afazeres em Nova York – respondeu-me, – mas o Agnew Bahnson está morto. Aconteceu quando tentava aterrissar seu avião num pequeno campo perto de Ohio.

Lembrei-me da voz dele em Nova York. Perguntei a minha esposa se ele morrera há dois dias, por volta das três e quinze da tarde.

Ela olhou para mim durante longo tempo e falou:

- Sim. Foi quando aconteceu.

Não perguntou como eu sabia. Já passara dessa fase havia muito.

Não fiz qualquer tentativa para “ir” até o Sr. Bahnson durante vários meses. Presumi, por conta própria, que ele precisava de repouso. Tinha relação com morte violenta, e até hoje não tenho certeza de estar com a razão.

Finalmente fiquei impaciente. Numa tarde de domingo

deitei-me com a intenção deliberada de ir visitar o Sr. Bahnson.

Depois de mais ou menos uma hora de preparativos, afinal separei-me do físico e comecei a viajar rapidamente através do que pareceu não passar de escuridão. Eu gritava mentalmente: Agnew Bahnson!, o tempo todo durante a viagem.

Subitamente parei, ou fui parado. E num quarto muito escuro. Alguém me mantinha totalmente imóvel e de pé. Após instantes de espera, uma nuvem de gás branco deu a impressão de estar saindo através de um pequeno orifício no chão. A nuvem adquiriu formato, e algum sentido me informou tratar-se do Sr. Bahnson, embora eu não pudesse enxergá-lo com nitidez, ou identificar-lhe o rosto. Ele falou imediatamente, de forma emocionada e feliz:

- Bob, você jamais acreditará nas coisas todas que têm acontecido desde que estou aqui!

Não houve mais. Ao sinal de alguém, a nuvem de gás branca perdeu sua forma humana e me pareceu retroceder para o buraco no piso. As mãos no meu cotovelo me orientaram para longe, e eu decolei de volta ao físico.

Desse jeito é que o Sr. Bahnson teria sido. Interessado demais em coisas e experiências novas para gastar tempo no “então” ou no passado. Igual ao Dr. Gordon.

Se foi uma alucinação autoinduzida, pelo menos foi original. Eu jamais lera qualquer coisa igual. Aquilo explica a coincidência dos horários no quarto do hotel de Nova York?

Ainda há mais: em 1964 meu pai morreu, aos oitenta e dois anos. Embora na infância eu me houvesse rebelado contra a autoridade paterna, sentia-me muito chegado a ele nos últimos anos. E tenho certeza de que ele sentia o mesmo.

Sofrera um ataque, vários meses antes, que o deixara

quase completamente paralisado e incapaz de falar. O último problema era evidentemente mais atormentador, como não poderia deixar de ser para um linguista cuja vida fora devotada ao estudo e ensino de idiomas.

Durante esse período, quando eu o visitava, ele fazia tentativas desesperadas, de cortar o coração, para falar comigo, dizer-me alguma coisa. Seus olhos imploravam que eu entendesse. De seus lábios saíam apenas pequenos gemidos. Eu tentava consolá-lo, conversar com ele, que se esforçava ao máximo para responder. Nem posso dizer se compreendia minhas palavras.

Meu pai faleceu tranquilamente durante o sono, certa tarde. Tivera uma vida intensa e de muitos êxitos, e sua morte trouxe grande tristeza e também senso de libertação.

Mais uma vez reconheci a importância de algumas das crenças e conceitos terra a terra que aprendi com ele. Serei sempre grato.

Desta vez, alguém muito chegado a mim tendo morrido recentemente, senti muito menos trepidação que antes. Ou talvez a intimidade, pelo menos a sensação dela, gerasse um pouco menos de cautela e mais fé.

A única razão por que esperei vários meses foi a conveniência. Outros assuntos pressionadores na minha vida pessoal e profissional pareciam bloquear a necessária capacidade de relaxamento. Contudo, acordei por volta das 3 da madrugada num dia de semana, e senti que podia tentar visitar meu pai.

Efetuei meu ritual e as vibrações chegaram fácil e suavemente. Em seguida me desliguei sem esforço e subi livre para a escuridão. Dessa vez não usei o grito mental: concentrei-me na personalidade de meu pai e “projetei-me” para onde ele estava.

Comecei a me mover rapidamente através do negrume.

Nada via, porém notei o tremendo senso de movimento combinado com o correr do ar espesso, igual a líquido, pelo meu corpo. Parecia muito com a imersão na água depois do mergulho. Subitamente parei. Não me recordo de haver alguém me detendo, e dessa vez nem senti a mão no cotovelo. Achei-me num aposento sóbrio, de grandes proporções.

Tive a impressão de saber se tratar de algo parecido com um hospital, ou casa de saúde, mas ali não se aplicava nenhum tratamento igual aos nossos convencionais. Comecei a procurar meu pai. Não sabia o que iria enfrentar, mas pelo menos ansiava por uma alegre reunião.

Havia diversas salas pequenas além do salão principal onde eu estava. Dei uma olhada em duas delas: observei em cada uma várias pessoas que me deram pouca atenção. Comecei a perguntar-me se viera ao lugar errado.

A terceira sala não era maior do que a cela de um monge, com uma pequena janela a meia altura na parede oposta à porta. Havia um homem encostado na parede perto da janela, olhando para fora. Só lhe vi as costas, quando entrei.

Então ele se virou, olhando para mim seu rosto demonstrou completa surpresa, e meu pai “morto” falou comigo:

- O que você está fazendo aqui?

Falou isso exatamente da mesma forma que uma pessoa usa quando viajou metade do mundo e depois encontra alguém de quem se despedira no seu país.

Fiquei emocionado demais para falar, e simplesmente permaneci ali, ansiando pela feliz reunião que esperava. Aconteceu imediatamente. Meu pai estendeu os braços, agarrou-me por debaixo dos braços, e alegremente me girou bem por cima da sua cabeça, pondo-me no chão de novo, como me lembro que fazia quando eu era garotinho, e igual à maioria dos pais

brincando com seus filhos pequenos.

Ele me pôs de pé novamente, e senti confiança bastante para falar. Perguntei como estava passando.

- Muito melhor agora – respondeu. – A dor sumiu.

Foi quase como se eu lhe houvesse lembrado alguma coisa da qual desejasse esquecer. A energia deu a impressão de se esgotar nele, que se virou parecendo cansado. Enquanto eu o observava, pareceu se esquecer da minha presença ali. Achei-o mais magro, e com cerca de cinquenta anos, baseado nas fotografias que temos quando ele tinha essa idade.

Senti que o encontro terminara. Por ora, nada mais haveria. Rapidamente saí do quarto, virei -me e “projetei-me” para fora, retornando ao corpo físico. Levei muito menos tempo para voltar do que para ir.

Terá sido daquele jeito? Teria a dor sido tão intensa naqueles últimos dias que ele mesmo não compreendia como obter ajuda para aliviar a dor? Se isso é verdade, que prisão terrível deve ter sido seu corpo! A morte foi realmente uma bênção.

Tentarei “vê-lo” novamente? Não sei. Não sei se deveria.

Há muitas outras experiências, menos pessoais, porém igualmente impressionantes. Todas me levaram a uma irrefutável conclusão empírica, o que por si só justifica as muitas, muitas horas de angústia, incerteza, medo, solidão e desilusão; que foi um fator de embarque no que alguns chamam de Precipitação ao Quantum, em relação ao pensar e ao início de novos pontos de vista e perspectivas; que permitiu às dores e prazeres do “aqui agora” se encaixarem nas suas devidas categorias de importância (que é um minuto, uma hora, ou um ano, num infinito de existência?); que abriu uma porta à realidade que pode, em última análise, mostrar-se incompreensível

à mente humana consciente, e contudo continuará a atormen-
tar o curioso e incriminar o intelectual.

Será essa a minha resposta? Unam-se essas experiências
de reconhecimento de que a personalidade humana pode e
opera longe do corpo físico, e não haverá outra.

Se aqui deverá incluir-se uma grande mensagem, isso
pode ser o bastante.

PORQUE A BÍBLIA ME DIZ QUE É ASSIM

Se o ser humano tem um segundo corpo, e se esse segundo corpo sobrevive ao que chamamos morte; se personalidade e caráter continuam a existir com essa nova-velha característica, então como será? De novo uma pergunta secular que demanda resposta.

Até hoje, em doze anos de atividades não físicas, não encontrei indícios que justifiquem as noções bíblicas de Deus e de uma vida posterior num lugar chamado céu. Talvez eu o tenha visto e simplesmente não reconhecido. É muito possível. Pode ser que eu não tenha “gabarito” para tanto. Por outro lado, muito do que tenho achado pode ser o fundamental, que tem sido deturpado através de centenas de anos.

Comecemos pela prece, supostamente comunicação direta com Deus. Da forma como nos ensinam a rezar hoje em dia, é como se uma fórmula química fosse recitada sem qualquer conhecimento do conteúdo original ou do significado dos ingredientes. Ou da maneira pela qual nossas crianças cantam alguma coisa sem conhecer o primeiro significado da canção. Toda nossa civilização está cheia de tais hábitos irracionais. Evidentemente a oração é um deles.

Em algum lugar alguém sabia como rezar. Tentou ensinar aos outros. Alguns aprenderam a metodologia. Outros absorveram somente as palavras, que se alteraram com o correr dos anos. Gradualmente a técnica se foi perdendo, até ser por acaso (?) redescoberta periodicamente através dos tempos.

Nesses últimos casos só raramente o redescobridor conseguiu convencer outros de que a Velha e Convencional Forma não é tão certa assim.

Isso é tudo que posso relatar. A Velha e Convencional Forma não é suficiente. Ou, como costumo dizer, talvez eu não tenha gabarito para afirmá-lo. Pior ainda, pode ser que meu treinamento para rezar tenha sido insuficiente ou incorreto. De qualquer modo, para mim não funcionou.

Vejam um exemplo. Em certa excursão não física, eu corria pelo nada de volta ao físico, e tudo parecia sob controle. Sem aviso, bati de encontro a uma parede de certo material impenetrável. Não me machuquei, mas fiquei extremamente chocado.

O material era duro e sólido, e parecia feito de imensas placas de aço. Ligeiramente sobrepostas e soldadas em bloco. Cada uma tinha pequena curvatura, como se fosse parte de uma esfera.

Tentei atravessar, mas não consegui. Subi, desci, fui para a direita, para a esquerda. Eu tinha certeza absoluta de que meu corpo físico estava além da barreira.

Após o que pareceu uma hora de arranhar, bater e empurrar essa barreira, rezei. Usei todas as orações que aprendera, e inventei algumas especiais. Senti cada palavra mais do que sentira qualquer outra coisa em minha vida. Fiquei assustado a esse ponto.

Nada aconteceu. Ainda me encontrava grudado ao obstáculo, incapaz de superá-lo para regressar ao meu corpo físico.

Entrei em pânico, debati-me, berrei e soluzei. Depois que isso se mostrou inútil, finalmente acalmei-me, apenas por exaustão emocional. Sentindo-me perdido, deitei-me ali para descansar, agarrado ao muro frio e duro.

Não sei quanto tempo fiquei ali prostrado até retornar à capacidade de pensar objetivamente. Porém ela voltou. Eu não poderia ficar lá para sempre, ou pelo menos não queria. Parecia uma situação impossível. Onde antes havia encontrado uma situação aparentemente impossível?

Lembrei-me. Anos antes um amigo e eu havíamos comprado um avião cujas características de voo não conhecíamos. Os únicos motivos por que compramos esse aparelho específico foram seu preço baixo e o bom estado.

Após diversos voos de experiência em torno do campo, resolvemos fazer acrobacias com ele. Com paraquedas emprestados decolamos e subimos uns três mil metros.

Fizemos vários “oito” lentos, alguns loops enviesados, e diversos parafusos. Tudo parecia bem. Depois de procurarmos alcançar maior altitude, baixamos ligeiramente o nariz do avião e manobramos o manche e o leme de direção para entrarmos num *tonneau* rápido.

Quando fomos ver, estávamos num parafuso. Centralizamos o leme e jogamos a velocidade de translação, no procedimento de recuperação convencional. Isso funcionara lindamente antes. Mas não dessa vez. O parafuso se tornou mais chato, mais veloz, e desenvolveu ação de picada. Pusemos o leme oposto ao movimento do parafuso, provocamos explosões de motor, mas nada fez efeito contra o parafuso. Quando o fez, piorou-o, e o solo se aproximou muito depressa.

Bill olhou em volta, na sua carlinga dianteira, pálido. E berrou para mim, acima do rugido do ar:

- É melhor a gente sair daqui!

Eu também estava pronto para saltar. O único motivo que me manteve no lugar mais alguns segundos foi a possível perda do avião para cuja compra eu economizara por tanto tempo. Raciocinei: já tentamos tudo, menos o procedimento

que viola as regras; o contrário do que se deve fazer quando num parafuso: puxar o leme para trás. O que tinha eu a perder?

Fiz a manobra. O avião se endireitou, saindo imediatamente do parafuso, e recobrou velocidade de voo. Rolei-o até a terra ficar no seu devido lugar. Aterrissamos com segurança, saímos nos arrastando trêmulos, e nos sentamos no chão. Havíamos entrado num parafuso exterior. Nenhum dos dois vira tal parafuso antes, muito menos fora tentado a fazer um.

Lembrei-me do parafuso exterior. Tentei aplicar seu princípio enquanto deitava ali, arquejando contra a barreira. Para frente, para cima, para baixo, direita, esquerda, nada.

Só havia uma direção sobrando, conquanto meu conhecimento afirmasse decididamente que não era correto. Mas as coisas não poderiam piorar, portanto agi, e alguns instantes depois me vi de volta ao físico. Trêmulo, mas ileso.

Qual a solução? Óbvia, embora tardia: longe do obstáculo, de volta à direção na qual eu estivera viajando. Por que isso funcionou, não sei. Nem sei o que era a barreira.

Talvez se conclua que a prece realmente funcionou. Eu regressei, não foi? Se funcionou, não foi da maneira como a religião me ensinou. Nenhum anjo auxiliador veio correndo me ajudar e me consolar.

Em outra ocasião eu visitava meu irmão e sua família, passando a noite lá. Logo após me recolher ao quarto de hóspedes, fui para a cama, buscando um descanso muito necessário.

Se faz alguma diferença, a cabeceira da minha cama ficava de costas para a parede que separava meu quarto do da minha sobrinha de quatro anos de idade. Sua cama ficava diretamente encostada na mesma parede.

Quando me estirei no escuro, a conhecida onda de vi-

braços veio, e resolvi dar uma voltinha de alguns instantes só para testar esse estado de coisas longe de casa.

No momento em que deixei o físico me tornei ciente de três seres no quarto. Permaneci cautelosamente perto do meu corpo físico à medida que se aproximavam. Começaram a me puxar, não com força, mas com determinação, como se quisessem ver como eu reagiria. Estavam se divertindo com a cena. Tentei ficar calmo, contudo eles eram três. Eu não tinha certeza se poderia voltar ao físico depressa o bastante antes de me puxarem para longe.

Então rezei. Usei todas as orações que conhecia. Pedi a Deus que me ajudasse. Rezei em nome de Jesus Cristo, buscando auxílio. Tentei apelar para alguns santos de quem ouvira falar pela minha esposa católica.

Resultado? Meus atormentadores riram às gargalhadas, e se divertiram comigo mais entusiasmamente.

- vejam, rezando para os seus deuses! – zombou um, mais insolente. – Escutem só!

Acho que fiquei meio zangado depois disso. Comecei a empurrá-los, aproximei-me do meu corpo físico, e mergulhei. Não estava exatamente reagindo, mas certamente não fiquei passivo.

Sentei-me com o físico, muito aliviado por estar de volta. Mesmo sentado, ouvi uma criança chorar, vinha do quarto além da parede. Aguardei alguns minutos, esperando que minha cunhada viesse acalmar a garotinha e a fizesse dormir de novo.

Após cerca de dez minutos a menina, J., ainda não parara. Levantei-me e fui até o quarto contíguo. Minha cunhada estava com ela nos braços, ainda soluçando profundamente, tentando consolá-la.

Perguntei o que estava sentindo, e se eu podia ajudar.

- Suponho que daqui a pouco ela estará bem – replicou minha cunhada. – Ela deve ter tido um pesadelo, e parece que não consigo acordá-la.

Perguntei há quanto tempo ela estava chorando.

- Só há alguns minutos antes de você entrar. Ela não costuma fazer isso. Normalmente tem o sono pesado.

Ofereci-me novamente para auxiliar, se preciso, e voltei para meu quarto. Pouco tempo depois a pequena J. se acalmou e evidentemente voltou a dormir.

Terá o pesadelo da minha sobrinha, semelhante a um transe, sido uma coincidência? Ou talvez seja necessária alguma nova técnica de rezar da minha parte.

Há muitos outros incidentes análogos, porém seguiram o mesmo padrão quando tentei a abordagem convencional de orar.

Existem, no entanto, situações mais positivas para apresentar em relação a céu e inferno. Se são verdade, acham-se em algum ponto do Local 2.

Em viagens não físicas ao Local 2 percebi com frequência uma “camada” ou área pela qual se deve passar, conforme mencionamos antes. Parece ser a parte do Local 2 mais próxima ao “aqui agora”, e de certo modo a mais relacionada. É um oceano cinza-escuro onde o menor movimento atrai criaturas censuradoras e atormentadoras.

É como se você fosse uma isca pendurada nesse vasto mar. Se se mexer lentamente e não reagir aos “peixes” curiosos que vêm investigar, você passa sem muitos incidentes. Mova-se agitadamente e reaja, que mais animais irritados virão correndo para morder, empurrar, enxotar.

Poderia isso ser a porteira do inferno? É fácil concluir que uma penetração momentânea nessa camada vizinha faria com que os “demônios” parecessem os principais habitantes.

Eles parecem subumanos, contudo possuem evidente capacidade para agir e pensar independentemente.

Quem e o que são? Não sei. Não me dei ao trabalho de permanecer lá o tempo suficiente para descobrir. Somente pelo terrificante método das tentativas consegui assimilar o sistema para atravessar em razoável paz.

Nesses mundos onde os pensamentos são não apenas coisas, mas são tudo, inclusive você, seu prejuízo ou perfeição é de sua própria autoria. Se for um assassino sem remorso, poderá terminar naquela parte do Local 2 na qual todos são da mesma índole. Isso realmente seria um inferno para tais pessoas, pois não haveria vítimas inocentes nem indefesas.

Projete isso para fora e começará a perceber as múltiplas variações. Seu destino no céu ou no inferno do Local 2 parece estar completamente assentado dentro da moldura dos seus mais profundos e constantes (e talvez conscientes) motivações, emoções e impulsos de personalidade. O mais consistente e forte desses fatores age como seu dispositivo “caseiro” quando você penetra nesse reino.

Tenho certeza disso porque sempre funciona desse jeito quando viajo não fisicamente ao Local 2. E opera assim, quer eu queira ou não. O mais recente desejo disperso na hora errada, ou a emoção profunda da qual eu não estava a par, desvia minha viagem naquela “provável” direção.

Alguns dos meus pontos de destino resultantes têm me mostrado todos os aspectos do inferno. Outros possivelmente serão interpretados como céu, e mais outros diferem, na prática, apenas ligeiramente, de nossas atividades no “aqui agora.”

Assim, se o Local 2 parece ter setores do inferno e não mostra exatamente nossos conceitos de céu, então mostra o que? Onde procuramos placa de direção? Onde estão o Deus e o céu que adoramos? Teria eu deixado passar alguma coisa?

Entretanto, algumas vezes, ao visitar o Local 2, ocorre periodicamente um fato muito invulgar. Não faz diferença onde fica o Local 2, o evento é sempre o mesmo.

No meio da atividade normal, seja qual for, existe um sinal distante, quase igual às trombetas heráldicas. Todo mundo aceita o sinal calmamente e, ao seu toque, todos param de falar ou interrompem qualquer coisa que estejam fazendo. É o sinal de que Ele (ou Ela) está percorrendo Seu Reinado.

Não se vê prostração, atemorizada nem alguém caindo de joelhos. Em vez disso a atitude é muito mais trivial. É uma ocorrência à qual todos estão acostumados, mas aquiescer tem absoluta prioridade sobre tudo mais. Não há exceções.

Mediante o sinal toda coisa viva se deita. Minha impressão é de que o fazem de costas, com os corpos arqueados para exporem o abdome (não as partes genitais), com as cabeças viradas para um lado a fim de não O verem quando Ele passar. Parece que o propósito disso é formar uma estrada viva pela qual Ele possa viajar. Tenho alimentado a ideia de que ocasionalmente Ele seleciona alguém dessa ponte viva, e tal pessoa jamais é vista ou comentada de novo. O objetivo da exposição abdominal é uma expressão de fé e submissão completa, já que o abdome é a parte mais vulnerável do corpo, ou a área que pode sofrer problemas mais facilmente. Não há movimento, nem mesmo pensamento, quando Ele passa: tudo entra em imobilidade momentânea total e completa.

Nas diversas ocasiões em que presenciei isso, deitei-me junto com os outros. Na hora, o pensamento de agir contrariamente era inconcebível. À medida que Ele passa, ouve-se um trovejante som musical e uma sensação de radiante e irresistível força de extremo poder, que repica acima de nossas cabeças e desmaia na distância. Recordo de me haver perguntado em certa oportunidade o que me aconteceria se Ele descobris-

se minha presença, como visitante temporário. Não tive certeza de que queria descobrir.

Após Sua passagem todos se levantam de novo e reasumem suas atividades. Não se fazem comentários ou menções ao incidente, nem se pensa mais nele. Existe completa aceitação do fato como fazendo parte cotidiana de suas vidas, e essa é a grande, porém sutil diferença. É uma ação tão corriqueira como parar diante de um sinal de trânsito numa encruzilhada de tráfego intenso, ou aguardar na passagem de uma ferrovia quando o sinal indica que vem trem: você fica despreocupado, contudo sente respeito tácito pelo poder representado pela passagem da composição. O fato é também impessoal.

Será isso Deus? Ou o filho Dele? Ou Seu representante?

Três vezes “fui” a lugares que não me deixam encontrar palavras para descrevê-los minuciosamente. De novo, é essa visão, essa interpretação, a visitação temporária a esse “lugar” ou estado de ser que encerra a mensagem ouvida tão frequentemente no decorrer da história do homem. Estou seguro de que isso pode ser parte do supremo céu, como nossas religiões o classificam. Deve também ser o Nirvana, o Samadhi, a experiência suprema relatada para nós pelos místicos dos tempos. É verdadeiramente um estado de ser, muito provavelmente interpretado pelo indivíduo de formas bastante diversas.

Para mim era um lugar ou estado de pura paz, porém de emoção apurada. Era como se flutuasse em nuvens quentes e macias, onde não existe acima nem abaixo, onde nada existe como pedaço separado de matéria. O calor não paira meramente ao seu redor, vem de você e passa por dentro de você. Sua percepção fica ofuscada e assoberbada pelo Meio ambiente Perfeito.

A nuvem na qual você flutua é varrida por feixes de luz em formatos e matizes que variam constantemente, e cada um traz benefícios quando você se banha neles no instante em que lhe passam por cima. Raios de luz vermelho-rubi, ou alguma coisa além que chamamos de luz, já que nenhuma luz jamais se fez sentir tão expressivamente. Todas as cores do espectro vão e vêm constantemente, nunca de maneira desarmoniosa, e cada uma traz um calmante diferente, ou felicidade pacificadora. É como se você estivesse e fizesse parte das nuvens cercando um oco eternamente brilhante e, com todos os padrões transformadores de cores vivas, você também mudasse. Você reage e absorve a eternidade dos azuis, amarelos, verdes e vermelhos, e a complexidade das cores intermediárias. Todas lhe são familiares. Você pertence àquele local. Ele é sua Casa.

À medida que se descola lentamente e sem esforço pela nuvem, você ouve música à sua volta. Não é coisa que veja. Permanece por ali o tempo todo, e você vibra em harmonia com a música. É muito mais do que a música convencional de origem conhecida. São apenas aquelas harmonias, as delicadas e ativas passagens melódicas, os contrapontos em multivozes, os harmônicos pungentes. São apenas esses que lhe conseguem evocar as emoções profundas, incoerentes do mundo convencional. O terreno está faltando. Coros de vozes parecendo humanas ecoam canções sem palavras. Infinitos padrões de cordas, em todas as nuanças de sutil harmonia, entrelaçam-se em temas cíclicos, porém evolutivos, e você ressoa com eles. Não existe origem para essa Música. Ela está aqui, em torno de você, você faz parte dela, e ela é você.

É a pureza de uma verdade da qual teve apenas pequena amostra. Isto é o festim, e os minúsculos petiscos provados por você antes, no mundo convencional, fizeram-no ansiar

pela existência do Todo. Os indescritíveis estados de emoção, ânsia, nostalgia, senso de destino que sentia no mundo convencional, quando fitava o ocaso do Havaí, com as nuvens em camada; quando permanecia em silêncio no meio das árvores altas, ondulantes na floresta calma; quando uma seleção ou passagem musical, ou toda uma canção trazia recordações do passado, ou provocava um anseio sem imagem associada ao passado; quando sonhava com o lugar ao qual pertencia, fosse município, cidade, país ou família, agora isso está preenchido. Você está em Casa. Está no lugar a que pertence. Onde sempre deveria ter estado.

E o mais importante: não está sozinho! Ligados a você estão os outros. Não possuem nomes, nem você os conhece pelos formatos, mas os conhece, e está unido a eles por um grande e simples reconhecimento consciente. São exatamente como você; são você, iguais a você; estão em Casa. Você sente com eles, como suaves ondas de eletricidade passando por entre vocês, uma integração de amor, do qual todas as facetas por que você já passou são meros segmentos e porções incompletos. Somente aqui as emoções existem sem necessidade de exibição ou demonstração intensa. Você dá e recebe em ação automática, sem esforço deliberado. Não é uma coisa que você precise, ou que precise de você. O gesto de “querer alcançar” desapareceu. O intercâmbio flui naturalmente. Você desconhece diferenças de sexo; como parte do todo, você é também tanto macho quanto fêmea, é positivo e negativo, elétron e próton. O amor homem-mulher vem para você e sai de você; pai-filho-irmão-ídolo e idílio e ideal, tudo isso se afeta reciprocamente em suaves ondas à sua volta, dentro e através de você, que fica em equilíbrio perfeito porque está no lugar ao qual pertence. Está em Casa.

Inserido em tudo isso, contudo sem dele fazer parte,

you come to know the source of all the extension of your experience, of you yourself, of the vastness beyond your capacity of assimilation and/or imagination. Here you discover and easily accept the existence of the Father. Your Father of truth. The Father, the Creator of everything that exists and existed. You are one of His innumerable works. How or why it is not known. It is not important. You live happy simply because you are in your due place; that place to which you really belong.

Each one of the three times in which I was in Lá did not return voluntarily. I came back sad, reluctant. Someone helped me to return. Each time, after my return, I suffered intense nostalgia and loneliness, for many days. I felt like a stranger, I had to feel in the middle of unknowns, in a land where things are not “certain”; where everything and everyone is so different and “wrong”, when compared with things in the place where he came from. Loneliness, nostalgia, and a certain analogous thing to sadness. So big was it that I could not return to Lá again.

Was it the sky?

One time I tried to simulate Lá in this world. I remembered when I was a child, swimming in a pool that had those colorful lights embedded in the underwater walls. I remembered specifically the pool that had those lights.

Our country house had a pool, so I started to get into it. We had installed underwater lighting, and I used colors in the lamps. I tried hard, but I could not reproduce the deep shades of which I remembered. It took a lot of energy. Besides that, we installed an underwater sound system so that we could lie on the water with our ears submerged and listen to music coming from the system placed inside the house. It worked very well. But it was not equal to Lá, nor did it look like it.

There was a special item: visiting the place where pas-

sara minha infância, a piscina da qual me lembrara continuava lá, contudo amigos haviam nadado junto comigo, consegui recordar-me da piscina com luzes coloridas debaixo d'água.

Realidade, Realidade!

ANJOS E ARQUÉTIPOS

Um dos maiores enigmas de todo este assunto é que alguém, um, ou mais, tem me ajudado nestes experimentos, de vez em quando. Talvez estejam comigo o tempo todo, mas simplesmente não estou a par de sua presença. Não sei quem são esses auxiliares nem por que estão me ajudando.

Certamente não parecem ser anjos guardiães, conquanto uma personalidade mais convencionalmente orientada pudesse interpretá-los dessa forma. Nem sempre atendem quando necessito de socorro, nem sempre reagem à prece. Angústia e grito mental trazem às vezes um deles. Com maior frequência, porém, eles me ajudam quando não peço ajuda ou, novamente, quando não estou cômico de haver pedido. Sua assistência parece depender mais das suas escolhas e deliberações do que das minhas.

Raramente são “amistosos” no sentido que damos ao termo. No entanto, percebe-se um senso definido de compreensão, conscientização e objetividade em suas ações dirigidas a mim. De sua parte não percebo intenção de me trazer mal, e confio nas suas diretrizes.

Muito da sua ajuda já foi aplicada sutilmente. Por exemplo, as “mãos” que me impulsionaram colina acima até a casa do Dr. Bradshaw estavam claramente me auxiliando a alcançar o que eu desejava. Não vi quem me assistia. Contudo, imediatamente antes do auxílio, vi alguém sentado à moda ioga, de túnica e proteção para cabeça. Seria ele o “auxiliador”?

No Capítulo 10 o homem de túnica, com olhos e rosto assustadoramente familiares a mim, e que atendeu a meu apelo angustioso quando eu tentava me livrar dos “parasitas”, deu pouca atenção ao meu problema emocional. Mesmo assim, ele viera obviamente para me socorrer. Foi trazido como resultado do meu problema. Entretanto, não ofereceu palavras de conforto nem tentou me dar calma ou segurança.

Nunca vi o auxiliador que me levou pela viagem da visita ao Dr. Gordon no Local 2. Senti suas mãos e ouvi sua voz, nada mais. O mesmo se aplicou ao auxiliador que, uma semana depois, comentou que eu já empreendera aquela viagem, quando tentei repeti-la. Existe certa aceitação implícita de tal assistência sem discussão. Raramente me ocorreu, numa dessas ocasiões, virar-me para identificar o auxiliador. Parece-me, seria gesto muito natural.

Os dois rapazes que me levaram até o apartamento após a sessão não parecem se enquadrar na categoria típica daqui. Havia a impressão definida de que eles vieram com aquele propósito e nada mais. Isso invoca a próxima característica: de todos os auxiliadores de quem obtive alguma identificação repetida, somente um fui capaz de identificar uma segunda vez.

Na minha visita a Agnew Bahnson no Local 2 alguém me manteve em posição para recebê-lo. A sensação de mãos delicadas, porém firmes, em cada lado meu foi muito forte. As mesmas mãos, girando-me para ir embora, como se faz dirigindo um cego, não poderiam ter sido mais vivas. Era mais um caso de um auxiliador atendendo a um desejo específico de minha parte.

Quando entrei em pânico, berrei e rezei contra a barreira na minha viagem de vota, nenhum socorro apareceu. Quando eu estava sendo provocado e atormentado pelas enti-

dades, ninguém me ajudou. Quando fui atacado tão selvagemmente pelos seres, não houve auxílio algum. Ou melhor: se houve não fiquei a par. Qual a diferença? Como “eles” resolvem quando ajudar, e quando me deixar por minha própria conta? Não sei.

O que é mais: quem insistiu calmamente para que eu retornasse ao físico quando fiquei à deriva naquele aparentemente eterno estado de graça? Não sei se agradeço ou me entristeço devido a esse auxílio específico.

Não incluo o “anfitrião” (Capítulo 12), em um daqueles auxiliares, contudo bem poderia ter sido. É daqueles que eu não teria dificuldade em reconhecer, caso o visse novamente. Era diferente no que tive a impressão de ser amizade calorosa e camaradagem, porém não tão parecido comigo: mais velho, culto em outro terreno. Notei que era diferente assim que se adiantou e ofereceu ajuda. Essa, uma das raras oportunidades em que a opção foi minha.

Estranhamente, nas outras ocasiões em que necessitei profundamente de auxílio, ninguém apareceu. Por exemplo: durante as terríveis experiências em que pareci estar no corpo físico de outrem (Capítulo 12). Em primeira análise isso pareceria uma delicadíssima situação, exigindo socorro imediato. As anotações não trazem indicação alguma além de libertação através dos meus próprios esforços. Até agora não conheço padrão muito claro.

Aqui estão diversos dos muitos outros relatos extraídos das anotações, podendo ilustrar alguns pontos obscuros acerca dos auxiliares.

14/09/58

Começo da noite, na varanda, entrando no sistema de relaxe. Imediatamente iniciaram-se vibrações de alta frequência. Experimentei

entrar e sair de repente do físico. Em uma das vezes encontrei dificuldade ao reentrar. Duas mãos me pegaram pelos quadris e rolaram-me para a posição adequada. Mentalmente emiti agradecimentos, mas sem saber a quem.

18/03/62 – Tarde

E. W. nos visitava, e ambos resolvemos descansar antes do jantar, quando eram mais ou menos cinco da tarde. Fomos para quartos vizinhos. Quase imediatamente após me deitar ouvi vozes, e parecia que E. W. discutia com alguém. Na hora pensei ouvi-lo falar com outra pessoa no saguão em frente à porta (E. W. declarou ter ido imediatamente dormir, não falou com ninguém antes, e não se lembra do fato.)

Logo após ter ouvido a conversa abafada, ergui-me do meu corpo, e uma voz falou quase por sobre meu ombro:

- Se acha que deve saber, penso que teremos de contar-lhe.

Diante disso alguém me pegou pelo braço, e o acompanhei voluntariamente. Viajamos pelo que pareceu longa distância, e terminamos numa casa às escuras. Minha clara impressão foi a de que se tratava da sede de um clube, grêmio universitário, ou semelhante. Havia gente tranquila num quarto à direita, e eu parecia saber que havia outras pessoas em algum ponto distante e elevado.

Enquanto aguardava ali, começou o que parecia uma projeção de um filme de 16 mm: vi uma luz branca formar um quadro numa parede ou tela, com o formato bem parecido com o de um filme de cinema. Escrita a mão, em branco e preto, esta mensagem:

“Para resultados puramente psíquicos, pingue seis gotas de um produto químico num copo d’água.”

Fiquei agitado diante disso, e desloquei-me para o projetor a fim de tentar reverter-lhe a ação para ler a mensagem de novo e certificar-me de que a lera corretamente. Fiquei mexendo, tentando achar o botão de reversão, mas não consegui achá-lo (a essa altura a imagem havia sumido). Vi, então, o que pareceu o filme desenrolado no chão, e achei que eu

reventara o mecanismo quando mexi nele. Isso me deixou nervoso; dirigi-me de volta ao meu corpo com o intuito de evitar problemas. Regressei e reentrei facilmente.

03/05/60 – Tarde

Fiquei deitado ali, totalmente consciente. As vibrações se aceleraram a ponto de se transformarem em sensação de calor. Eu estava de olhos fechados. Quase a ponto de me erguer do corpo, duas mãos levaram um livro à altura dos meus olhos fechados. Foi remexido e revirado por todos os lados para que eu pudesse ver que se tratava de um livro. Foi, então, aberto, e comecei a ler. A essência do que li dizia que, para trazer-se espontaneamente de volta certas condições, era necessário recriar a sensação de uma experiência análoga; ocorrida no passado (isto é, fazendo parte de sua memória). Analisei isso como a pessoa tendo de pensar na “sensação”, em vez de nos detalhes do acidente. Forneceram-me diversas comparações, e então o livro gradualmente sai de foco à medida que as vibrações se dissolviam; embora tentasse, não consegui prosseguir a leitura. Finalmente me sentei fisicamente e fiz anotações.

09/03/59 – Noite

Deitado ali, com as vibrações fortes no escuro, a escuridão especial que eu podia “ver” de olhos fechados, as trevas começaram a clarear em determinado ponto, como nuvens se abrindo, rolando para trás, desfraldando-se, e finalmente um raio de luz branca surgiu de algum local acima da minha cabeça (eu ainda escutava os ruídos de atividades domésticas na casa, e continuava completamente consciente de tempo-espaço. Ainda estava em casa, e inteiramente consciente).

Fiquei agitado, mas consegui me manter em êxtase. Um pequeno pico de montanha pareceu crescer no meio do raio branco, bem no ponto em que encostava nas nuvens. Reuni coragem e pedi a resposta fundamental às minhas perguntas básicas. Não sei por que o fiz, mas me pareceu ser o que “deveria” fazer. Uma voz cheia, profunda, embora não fosse

voz, e certamente não minha mente consciente, pois eu aguardava com ansiedade, respondeu:

- Tem certeza de que realmente deseja saber?

Vinha do raio de luz.

Repliquei que sim.

- Você é forte o bastante para suportar as respostas?

Havia pouca inflexão e nenhuma emoção no aviso.

Expliquei acreditar que sim. Aguardei, e pareceu-me longo tempo antes que a voz falasse de novo.

- Peça ao seu pai que lhe conte o grande segredo.

Comecei a perguntar o que significava aquilo exatamente, mas alguém da família desceu a escada fazendo barulho e acendeu a luz no saguão em frente ao meu quarto. Com o estalido do interruptor o raio branco de luz se desvaneceu lentamente, indiferente ao meu esforço para tentar que permanecesse, e as nuvens passaram de cinza para negro. Assim que se dissolveram inteiramente, abri os olhos (não houve absolutamente transição alguma de “visão” do estado de sono para o de vigília.

Eu estivera acordado, pela nossa forma de defini -lo, e tudo indica isso, o período todo). Foi, sem dúvida, experiência com movimento, sem que se possa classificá-la de fora do corpo.

Desde então tenho explorado isso em dois sentidos. Tenho procurado recriar a experiência, mas sem êxito. Segundo: escrevi ao meu pai físico, que ainda vivia e era muito interessado nesses eventos. Apresentei-lhe a matéria sem indicar-lhe a fonte. Escreveu-me uma resposta evasiva, declarando haver talvez meia centena delas, e perguntava-me qual eu preferia. O outro “pai” ainda tem de dar-me a resposta, também.

15/03/59 – Noite

Na tentativa de prosseguir, eis o que aconteceu: deitado, no procedimento do relaxe, repeti mentalmente as palavras: “pai, guie-me. Pai, conte-me o grande segredo”. Após vários minutos houve um escurecimento súbito, e me vi num quarto com teto de vigas altas. Saí da casa e comecei

a atravessar uma plataforma para uma espécie de veículo que aguardava (como um trem), depois parei e virei-me. Alguém chamava.

Certa mulher alta, magra, com a pele bastante escura, num vestido ou túnica longa e lisa, estava quase ao meu lado. Minha primeira impressão foi a de que era negra, com feições pequenas e simétricas, cabelo liso preto, e franjas aparadas uniformemente em cima da testa (em referência ao passado, percebi pela descrição que ela poderia ter sido do Oriente Médio, ou Egito, mas não oriental, pois eu teria reparado na conformação dos olhos).

Ela me avisou que eu fizera alguma coisa errada, sendo a consequência ligada ao modo de agir e não ao mal em si. Perguntei-lhe o que fora, e ela disse que me mostraria. Em seguida começamos a nos movimentar, caminhando pela curva de uma enorme construção. Entramos num grande pátio calçado. Paramos, e foi exatamente como se assistíssemos a um filme tridimensional, com imagens em tamanho natural, e colorido.

Um grupo de pessoas ficava à esquerda, dando a impressão de autoridade. À direita, deitada no pátio, uma garota pequena, de cabelos escuros, parecendo ter doze ou treze anos de idade. Demonstrava estar presa a alguma coisa, ou indefesa de certa forma. Eu estava na cena, e simultaneamente ao lado da mulher, observando. Podia perceber todas as ações do “Eu” em cena, cada emoção.

As autoridades disseram ao “Eu” no cenário que ele deveria efetuar certos gestos maléficos em relação à garota. Ele achou que não deveria fazê-lo, ao mesmo tempo em que a menina lhe implorava a mesma coisa. Ele se virou para as autoridades, evitando realizar suas ordens. As autoridades foram muito insensíveis quanto à questão, especialmente às lágrimas da garota. Declararam que se ele não realizasse a função (religiosa?), outros chegariam em breve, e o fariam. Acrescentaram que seria melhor para ela se ele agisse, em vez dos outros: ela sofreria menos.

Relutantemente, o “Eu” na cena virou-se e obedeceu às ordens das autoridades. Poucos momentos depois a mulher me guiou para fora do

pátio, e novamente ficamos na plataforma (perdi contato com o “Eu” em cena no momento em que nos viramos para partir).

- Agora você entende? – perguntou-me.

Atônito, respondi que não, e ela me olhou firme, bastante triste, e foi embora. Sem saber o que fazer, pensei no físico. Demorei bastante para regressar, mas finalmente reentrei. Sentei-me e pensei neste caso durante muito tempo. Quem seria a mulher? Qual seria o grande segredo? Estudando aqui a história de minha própria vida, princípio a entender.

18/08/61 – Tarde

As mãos e o livro de novo. Desta vez, no meu escritório. Três horas da tarde, chovendo, tempo úmido, se é que isto tem algum significado. As vibrações estavam presentes, e eu completamente consciente e em vigília. Verifiquei e testei, abrindo os olhos físicos diversas vezes, e olhando para o relógio. A passagem de tempo foi como senti que deveria ser.

Novamente as mãos ergueram o livro à altura dos meus olhos fechados. Ele foi revirado, remexido e mantido em muitas posições, em vários movimentos óbvios, para se certificarem de que eu o reconhecia como um livro. Pensei em tentar ver o título no fim dele, e prontamente ele me foi exposto, mas os tipos eram pequenos demais, ou eu muito míope. Esforcei-me ao máximo, contudo não consegui lê-lo.

Finalmente desisti, mas o livro foi aberto e vi duas páginas impressas. De novo procurei ler, mas estavam fora de foco. Enfim, sugeri mentalmente que eu talvez conseguisse fazê-lo caso visse uma letra de cada vez. Como resposta, uma letra pulou para fora de uma linha, e mal pude enxergá-la quando passou voando. Verifiquei repetidamente, com cuidado e esforço, e captei quatro palavras: “evoque seres infelizes através...” Ten-tei e tentei ler mais, porém evidentemente me concentrei demais, pois a coisa se tornava mais difícil. Notei as grandes nuvens brancas e espessas acima, e isso me distraiu. A chuva cessara. Clareava. Eu queria sair para voar alto, em meio às montanhas e vales do céu. Depois disso comecei a erguer-me vagarosamente.

As mãos fecharam o livro, levaram-no dali, e um pensamento indulgente, divertido e amistoso percorreu minha mente: “bem, se voar alto é tão bom assim, vá fazê-lo”. Foi como se um professor houvesse desistido por um instante de tentar manter a atenção de uma criança irrequieta demais para se concentrar.

Levantei -me, atravessei a porta, subi ao céu, passei um período maravilhoso no meio das nuvens, e retornei sem incidentes (na realidade as nuvens estavam lá depois que me sentei fisicamente, conforme eu as observara, embora estivesse nublado quando iniciei o experimento).

Algum dia, talvez, os auxiliares se identificarão. Desconfio que a resposta venha a ser surpreendente.

ANIMAIS INTELIGENTES

No decorrer da história do homem os relatórios têm sido consistentes. Existem demônios, espíritos, duendes, gnomos e grupos de entidades subumanas sempre parando sobre a humanidade para tornar atormentadora a existência. Serão mitos? Alucinações? Uma vez só, suponhamos não desprezar a questão antes de analisarmos bem. Talvez tais coisas realmente se originem da imaginação. A questão é: qual a fonte usada pela imaginação para evocar tais seres? Os trechos seguintes, extraídos das anotações, oferecem diversas possibilidades.

18/04/60 – Manhã

Deitei-me no sofá por volta das dez horas, e comecei a relaxação fracional (13) O quarto estava iluminado pela luz da manhã. No meio da segunda tentativa as vibrações começaram. Após um momento de “virar” (com meu queixo), abri os olhos físicos para ver se as vibrações continuariam. Continuaram. Com os olhos físicos abertos resolvi tentar “decolar” para ver o que ocorreria à minha visão. O relógio estava bem à vista. Minha orientação temporal foi normal, de acordo com o ponteiro de segundos. Eu me achava a uns três centímetros acima do físico quando percebi um movimento com o canto dos olhos. Andando ao lado do meu corpo, outro corpo com aparência humana (só enxerguei a parte de baixo, pois minha cabeça estava virada de lado, e o vi girando os olhos para a direita). Estava nu, e era do sexo masculino. Pelo tamanho parecia ter dez anos de idade, cerca de um metro de altura, pernas finas, poucos pelos púbicos, e região genital não desenvolvida.

Calmamente, como se fosse ocorrência rotineira, como um garoto

(13) Glossário

montando no seu cavalo favorito, passou uma perna por cima de mim e “escalou -me”. Eu sentia suas pernas em torno de minha cintura, e seu pequeno corpo de encontro às minhas costas. Fiquei tão completamente surpreso que não me ocorreu ter medo (talvez seu tamanho tivesse alguma coisa a ver com essa reação)! Esperei firmemente e, virando o olhar para a direita, pude ver sua perna direita pendurada por sobre meu corpo, a menos de setenta centímetros de distância. Parecia uma perna perfeitamente normal de um menino de dez anos.

Eu ainda pairava perto do físico, e cautelosamente me perguntei quem e o que era aquilo. “Ele” parecia não estar preocupado em saber se eu notara a sua presença ou, se estava, não demonstrou. Senti que eu não queria enfrentar fosse lá ele quem fosse num ambiente onde obviamente se sentia mais à vontade do que eu, portanto retirei-me rapidamente, voltando ao corpo físico, eliminando as vibrações, e comecei, então, a escrever estas notas.

Não sei do que se tratava. Descobri que eu simplesmente não tinha coragem de virar-me e dar uma boa olhada “nele” (se me fosse possível). Certamente era humanoide no formato, contudo, pensando bem, não tinha a sensibilidade da inteligência humana. A coisa (ele) parecia mais animal, ou qualquer meio termo. Senti-me isolado diante da completa segurança com que surgiu e montou nas minhas costas. Parecia confiante de que não seria descoberto, talvez devido ao longo convívio com humanos, para os quais era invisível. Se ele era alucinação, foi imaginação muito real, em plena luz do dia, com o ponteiro de segundos do relógio trabalhando, e com dois sentidos emitindo sensações.

28/04/60 – Noite

Por volta das sete e meia, no escritório, efetuei o processamento da contagem, e as vibrações vieram suavemente. Comecei a sair cuidadosamente, e senti alguma coisa montar em minhas costas! Lembrei-me do sujeitinho de antes, e certamente não iria tentar ir a algum lugar com ele pendurado nas minhas costas. Deixei as vibrações prosseguirem, e esti-

queei o braço para o lado com o intuito de libertar-me da sua perna, sem estar certo de que minhas mãos não físicas não iriam atravessá-la. Fiquei bastante surpreso quando elas tocaram em alguma coisa! Pela consistência parecia muito com carne, normalmente com aquecimento corpóreo, e de certa forma flexível. Parecia esticar-se.

Puxei, e quanto mais puxava, mais esticava. Finalmente puxei o que pensei era a porção toda de cima das minhas costas, só não o fazendo com uma perna que parecia estar debaixo do meu corpo. Enfim retirei essa também, e empurrei a massa inteira para cima da estante ao lado do sofá (parecia ainda muito viva). Deu a impressão de tentar voltar para cima de mim, e tive de mantê-lo afastado. Começou uma verdadeira luta (não havia nenhuma perversidade de sua parte: apenas um esforço para voltar a me “montar”), e eu estava entrando em pânico. Vi-me por cima de minha cabeça, novamente! Pensei em acender fósforos para tentar queimá-lo; em fazer alguma coisa, qualquer coisa. Parecia não haver maneira de evitar que montasse nas minhas costas de novo, até que reentrei no físico.

Discutindo esse último episódio com várias pessoas, segui suas diversas instruções. Tentei manter-me calmo, mas não foi fácil. Persignei-me muitas vezes, sem efeito. Repeti a Oração a Deus fervorosamente, contudo isso não o deteve, então gritei pedindo socorro.

Nesse momento, enquanto eu tentava me libertar do primeiro, um segundo pulou para as minhas costas! Mantendo o primeiro afastado com uma das mãos, estiquei o braço e arranquei o segundo de perto de mim; depois flutuei no centro do escritório, segurando um em cada mão, e berrei por ajuda. Dei uma boa espiada em ambos e, ao fazê-lo, cada um deles se transformou num “fac-símile” de uma de minhas duas filhas (os psiquiatras vão se ver com esta!). Parece que senti imediatamente ser isso uma camuflagem proposital da parte deles para criar confusão emocional em mim e invocar meu amor pelas minhas filhas, evitando assim que eu lhes fizesse mais alguma coisa.

No instante em que percebi o truque os dois não mais se asseme-

lharam às minhas garotas. Desesperado por uma solução, pensei em fogo, mas isso provavelmente não ajudaria muito. No entanto tive a impressão de que ambos se divertiam, como se eu nada pudesse fazer para atingi-los. A essa altura eu soluçava, pedindo socorro.

Foi quando, com o canto dos olhos, vi mais alguém surgindo. Primeiro pensei que era mais um deles, contudo esse era definitivamente um homem. Simplesmente se deteve a pouca distância e observou o que ocorria, com expressão muito séria. Examinei-o atentamente. Primeiro, os olhos me eram familiares. Lembravam-me, de certa forma, um primo por parte de pai: claros, mas um tanto encovados. O cabelo era cortado por igual, inclusive as franjas na testa; curto, de modo geral, mas quase calvo. Usava uma túnica escura que ia até os tornozelos. Não dava para ver-lhe os pés.

Minha primeira reação foi a de que viera colaborar com as “entidades”, o que me assustou ainda mais. Eu ainda soluçava quando ele se aproximou lentamente de mim. Eu estava de joelhos, braços estendidos, segurando os dois pequenos seres. O homem era muito sério; não trocou palavras comigo, e pareceu nem mesmo olhar em minha direção. Quando ficamos mais próximos parei de lutar, e atirei-me ao solo pedindo socorro. Ainda sem dar-me importância, pegou os dois pequeninos seres, segurou um em cada braço, e olhou para ambos. Quando fez isso, pareceu que os dois se descontraíram e ficaram moles, “soltando” pernas, braços e pescoços.

Agradecendo, aos soluços, passei para o sofá e penetrei no físico, ainda sentindo as vibrações, e sentei-me fisicamente, olhando em volta: vazio, o quarto.

Após análise de vinte e quatro horas do ocorrido, cheguei pelo menos a certa especulação. Existe possibilidade de tudo ter sido alucinação ou sonho sobreposto à minha completa consciência. Sendo isso verdade, posso ver como os que sofrem de paranoia têm tamanha dificuldade em distinguir a realidade. Caso seja um simbolismo, a coisa é bastante evidente. As “entidades” à minha volta nada mais são do que um produto

men. A visualização deles como filhas minhas é muito difícil de interpretar de qualquer outra forma que não para me mostrar que são minhas (eu as criei: minhas filhas). Portanto me pertencem, e não são nem boas nem más. Não sei ainda o que são. Serão partes separadas de mim, ou entidades de pensamento que eu criei com a continuidade habitual de padrões de pensamento? Que faço a respeito deles? Quem o homem de túnica representa? Isso pedirá mais que vinte e quatro horas para entender. Entretanto, na próxima vez, se houver, certamente tentarei me manter com objetividade mais tranquila, com menos medo e usando abordagem analítica.

21/05/60 – Noite

Estava deitado, descansando profundamente, noite alta, no quarto de dormir. As vibrações principiaram tranquilamente, e logo notei a pequena perna jogada por cima do meu corpo (não físico, presumo). Senti o pequenino corpo pendurado nas minhas costas. Cautelosamente estiquei os braços em torno de mim, e senti as costas miúdas superpostas às minhas. Dei um tapinha carinhoso no reduzido ombro (tentando transmitir compreensão) e, com cuidado, ergui o corpo pequenino, empurrando-o para longe do meu. Aguardei, mas ele não regressou, nem tentou se aproximar. Não desejando abusar da sorte, reentrei no físico, sentei-me e fiz estas anotações.

27/05/60 – Noite

Após a decolagem, novamente senti o que eu sabia ser uma das entidades flexíveis nas minhas costas. Nenhuma palavra ou ação; apenas o pequeno corpo apertando-se contra minhas costas. Dessa vez não fiquei assustado demais, e consegui puxar a coisa lentamente. Puxei, chamei a Deus para me ajudar (diante às insistências de várias pessoas mais inclinadas do que eu à teologia). Novamente, a coisa se esticou à medida que eu puxava, mas não largou totalmente. Lembrei-me do pensamento visualizado de fogo, e que não pareceu muito útil, mas ajudou um pouco.

Dessa vez tentei pensar em eletricidade. Visualizei dois pedaços de fio altamente carregados. Mentalmente enfiêi -os no lado daquela porção da entidade que eu puxava. Imediatamente a massa desinflou-se, amoleceu, e deu a impressão de morrer. Nesse instante uma coisa semelhante a um morcego passou guinchando acima da minha cabeça e saiu pela janela. Achei que havia vencido. Senti profundo alívio, e voltei ao físico; reintegrei-me e me sentei (físicamente).

25/08/60 – Noite

Aconteceu de novo nesta viagem. No exato momento em que eu me preparava para partir, varais “coisas” prenderam-se a diversas partes do meu corpo (não físico). Digo coisas porque estava uma escuridão total, e eu não iria, ou não poderia, enxergar. Elas pareciam quase pequeninos peixes, com uns vinte e cinco centímetros de comprimento, e ficavam grudadas como sanguessugas. Puxei-as, para arrancá-las, e empurrei-as o máximo que pude, porém elas (ou outras) voltavam imediatamente. Não eram malvadas; somente atorrentadoras. Finalmente regresssei ao físico para livrar-me delas.

03/11/61 – Noite

Descobri coisa nova acerca das “sanguessugas”: existe quase uma camada delas; à vezes pode-se atravessar por ela, contudo a maior parte das vezes é impossível; ou você se desloca tão velozmente que nem repara nela. Nessa ocasião parei bem no meio da camada enquanto as “sanguessugas” surgiam em cardumes, atraídas por mim. Em vez de agir como antes, simplesmente aguardei, completamente imóvel. Após alguns momentos se separaram e foram embora. Então nada mais houve além de escuridão. Comecei a mexer-me, e lá vieram elas! Parei, esperei, e de novo se afastaram. Desta vez me movi com lentidão. Uma ou duas voltaram, mas foi só. Daí prossegui para cima e para os outros lugares. Sentia-me como uma isca num oceano de peixes.

13/07/60 – Noite

Isto deve ser registrado, pois talvez contribua de algum modo. No quarto de um hotel em Durbam, com minha esposa na cama ao meu lado, tarde da noite: eu estava quase entrando no sono quando senti alguém ou alguma coisa no quarto. Sem perceber de início o que ocorria, levantei-me correndo da cama para defender a mim e à minha esposa. Imediatamente fui atacado por alguma coisa que não consegui enxergar no escuro. Ela lutava em nível animalesco, quero dizer, tentava morder e arranhar e, pelo que pareceu uma eternidade, brigamos em três dimensões pelo quarto. Eu não enxergava no quarto escurecido (ou estariam meus olhos fechados?), e foi somente por meio de pura e firme resolução que eu combati a coisa passo a passo, até a janela, e expulsei-a. Aparentemente não possuía características humanas ou de inteligência. Parecia animal puro, e tinha pouco mais de um metro, igual a um cachorro comprido.

Perto da janela, após expulsá-la, virei-me e descobri, pela primeira vez, que eu não estava no físico (minha mão havia atravessado direto a janela fechada!). Flutuei por cima da cama, e percebi dois corpos debaixo das cobertas. Passei perto do relógio em cima da mesinha de cabeceira, e pude ver o mostrador luminoso marcando duas e trinta e cinco. Lembrei-me de que estava mais perto da mesinha, e flutuei, arrirei, fiz rotações, e voltei para “dentro”. Sentei-me fisicamente, enquanto o quarto estava em silêncio, escuro e vazio. Olhei para o relógio da mesinha. Eram cerca de duas e trinta e oito.

21/10/60 – Noite

Fui para a cama cansado. Era tarde, mais ou menos 1:30h da madrugada, e mentalmente me preparei para não entrar em “atividade”. Assim que comecei a dormir (nenhum lapso de consciência durante a sequência, nem separação visível do físico, mas tive sensação de libertação imediatamente antes), fui atacado por alguma coisa. Não tinha personalidade aparente, pelo menos eu não consegui vê-la. Entretanto, percebi que essa era incredivelmente perniciosa, com intenção de “tomar” qualquer

coisa minha, o que exigia, de saída livrar-se de “mim” (não necessariamente o físico “Eu”, mas o “Eu” com a capacidade de agir independentemente do físico).

Essa luta não foi como afastar um animal, foi um caso sem obstáculos a transpor: silencioso, terrivelmente rápido, e com o outro procurando qualquer fraqueza da minha parte. No princípio não reagi selvagemmente porque fiquei atônito. Meramente tentei me defender. Todavia, a “coisa” me combatendo parecia atacar passando de um centro nervoso para outro, e algumas das agarradas e pressões que aplicava eram cruciantes. Eu sabia que se não reagisse perderia, e perder parecia tão vital como perder a existência. Comecei, então, a responder aos ataques com igual intensidade e selvageria, desesperado. A coisa atacando-me conhecia todos os pontos fracos, e usou-os. Lutamos durante o que pareceram horas e gradualmente senti que poderia realmente perder. Achei que aquilo não deveria prosseguir eternamente, e descobri que de certa forma eu estava fora do físico. Ainda brigando, dirigi a batalha na direção do meu físico. Assim que chegamos bem perto e diretamente acima dele, larguei-me e “reentrei”. Era a única maneira que me ocorreu para dar fim ao combate sem perder.

Abri os olhos (fisicamente), e sentei-me. O quarto estava calmo e vazio. As roupas, intocadas: portanto, é lógico, não houve movimento físico envolvido. Minha esposa dormia ao meu lado, sem ser perturbada. Levantei-me e caminhei pelo quarto; depois dei uma espiada no saguão. Tudo parecia normal.

Pode ter sido um sonho. Nesse caso foi o mais vívido, e certamente não seguiu o padrão normal de sonhos que tenho (levei muito tempo até reconhecer os puros sonhos do tipo libertação, que refletem as tensões diárias, ou ansiedades profundas há muito sentidas, as quais podem ser comparadas à múltipla retroalimentação ou “conversa mole”). A superposição do quarto, agindo como perfeito cenário para a ação, mais o controle consciente das ações tendem a refutar a classificação de sonho.

Após levar uns vinte minutos tentando me acalmar, retornei à

cama. Naturalmente relutei em tentar imediatamente dormir de novo. Não desejava uma repetição do combate. Mas não sabia como evitá-lo. Tentei o que parecia a única solução (a alternativa era ficar acordado a noite inteira, só que eu estava cansado demais). Fiquei deitado ali, repetindo: “minha mente e meu corpo estão abertos somente a forças construtivas; em nome de Deus e do bem, vou ter um sono normal e reparador”.

Eu o fiz, e acordei de manhã à mesma hora de sempre. Antes de vir o sono eu repetira a frase pelo menos vinte vezes.

O uso de tais palavras indica a serenidade e a preocupação que empreguei na ocasião, o que será reconhecido pelos que me conhecem bem nos momentos em que preciso de auxílio e proteção. Na verdade não existia alternativa alguma. Puxando pela memória, ainda não consigo encontrar uma, nem conheço qualquer método, local, pessoa, prática religiosa (da qual eu estivesse seguro), droga, ou qualquer outra na minha reserva de conhecimento, experiência e informação que possa garantir absoluta proteção contra aquilo que me atacou. No entanto deve haver outro fator na defesa além da pura “reação”, mesmo não sabendo contra o que se está lutando.

Foi o mesmo mecanismo de defesa que você usaria se fosse atacado por um animal à noite, na floresta. Você não para a fim de achar um modo de lutar no meio do combate. Você não para no intuito de descobrir o que o atacou. Você briga para salvar-se, com o que tem na hora, no momento em que o animal ataca. Você luta desesperadamente, sem pensar na forma de lutar, por que está lutando, e quem está combatendo. Você foi atacado, o próprio ataque não provocado, em si, parece indicar que seu atacante, seja qual for, não é bom, senão jamais o atacaria de tal modo. A defesa é automática, instintiva, sem pensamento outro que não a sobrevivência, a qual se baseia na premissa: é errado render-se a alguém ou alguma

coisa cujas características (aparente ataque sem provocação; desejo cego de matar) você abomina⁽¹⁴⁾.

(14) Ultimamente as visitas dos “demônios” têm sido esporádicas.

DOM OU ESTORVO?

No início dos experimentos um efeito colateral começou a se manifestar. Não propriamente uma atividade fora do corpo, porém aconteceu em estados de profunda relaxação anteriores a qualquer separação. Evidentemente é chamado, no ramo, de “precognição”. Quando eu estava deitado, com a mente estacionária e o corpo descontraído, sem qualquer desejo, a “visão” ocorria.

Eu ouvia um som sibilante, localizado no prosencéfalo, e recebia a impressão de uma pequena porta retangular, com dobradiça em uma das pontas, que oscilava para baixo num ângulo de mais ou menos 45°. Isso mostrava um buraco perfeitamente redondo. Imediatamente após eu via e semiexperimentava um fato ou incidente igual a um sonho, só que eu mantinha toda a minha consciência e percepção sensorial. O sonho era superimposto diretamente por estímulos exteriores. Eu percebia ambos quase instantaneamente. Não podia, como não posso, produzir o efeito voluntariamente. Meramente acontecia ou era provocado por algum mecanismo não consciente.

No princípio não dei atenção especial ao fenômeno, atribuindo as visões-sonhos à liberação de material do inconsciente. Minha atenção, contudo, foi atraída por um fato importante. O bastante para selecioná-lo das anotações.

05/07/59

Nas primeiras horas da manhã a “válvula” abriu-se de novo, e o que vi me preocupou apenas porque foi por demais vívido. Eu estava a ponto de embarcar num avião comercial. Parado perto da porta do aparelho, D.D., homem que eu conhecia há mais de dez anos. Entrei no avião e ocupei meu assento. Reparei haver muitos assentos, e o avião estava quase pronto para subir, portanto tive certeza de que meu amigo embarcaria. Notei um grupo conversando em frente, perto da porta, a que se juntou um jovem negro que acabara de se aproximar. Eram muito alegres, e ficaram felizes porque o jovem negro ia acompanhá-los. O grupo compunha-se de dois negros mais idosos, um branco também de idade, e o jovem negro. Sentiram que o aparelho ia decolar, por isso todos desceram o corredor ao meu lado e ocuparam seus assentos. Inclinei-me para frente a fim de ver se meu amigo ia fazer o mesmo e, ao me inclinar, percebi que a mulher na minha frente estava agitada. Assim que o avião ligou os motores, meu amigo embarcou e se sentou. Eu já ia me levantar para ir falar com ele quando o aparelho começou a se mover, aí me sentei de novo. O avião percorreu, então, a pista, mas pareceu demorar para a decolagem, o que me deixou um pouco tenso. Finalmente subimos, e passamos em voo baixo por sobre bulevares (sinuosos, com interseções cheias de trevos). Permanecemos em baixa altitude, e o avião subiu pouco.

Após alguns momentos escutei a aeromoça falar pelo sistema de alto-falante. Declarou que dentro de mais alguns minutos o comandante resolveria qual a rota que pegaríamos, a da esquerda (fazendo a volta) ou a “por baixo dos fios”. Depois de uma espera de alguns instantes notei que o aparelho passara por um ponto demarcado (voando baixo por cima de uma cidade), e percebi, antes que a aeromoça falasse de novo, que estávamos na rota “por baixo dos fios”. Quando ela o anunciou, sua voz parecia um pouco suave e despretensiosa demais, e pude sentir ligeira tensão também nela.

Olhando pela janela do avião vi a área adiante com fios esticados em todas as direções. O aparelho se aproximou e passou por baixo deles,

permanecendo a pouca altura. Eu estava tenso, e olhei para frente, procurando aberturas nos fios que nos permitissem levantar mais. Então, lá adiante, divisei o final dos fios sobre nós, e além, a luz do sol. Comecei a me acalmar ligeiramente porque parecia que íamos conseguir. Naquele momento o aparelho caiu subitamente e bateu com força na rua. Ao fazê-lo alguma coisa rebentou por fora do avião, porém muito perto de mim, então pulei (ou caí) para a rua a uns dois metros abaixo de mim. Observei o local onde caíra enquanto o avião ia para cima e para longe de mim, após a batida; depois mergulhou para a direita e num espaço vazio entre dois prédios. Imensas nuvens de fumaça obscureceram parcialmente o desastre.

Minha primeira reação foi agradecer a Deus pelo milagre que me salvou. A segunda, a de que minha família ficaria preocupada, sabia que eu iria naquele voo, logo eu deveria entrar em contato com ela. A terceira, que eu deveria correr até o avião destruído para tentar salvar alguns dos outros, mesmo sabendo não adiantar. Levantei-me e fui até o aparelho sinistrado. À medida que chegava perto eu via as chamas através da fumaça. O piloto (com jaqueta de couro e quepe) se aproximou e me olhou completamente atônito, perguntando-me porque eu, dentre todos os passageiros, fui escolhido para ser salvo. Fiz a mesma pergunta a mim mesmo; então a válvula se fechou.

24/07/59

Estou na iminência de partir no que poderá ser a primeira dentre quatro viagens de avião. Esta será para a Carolina do Norte. Ao pensar nela sinto um tremor. Isso me fez parar para raciocinar, ainda mais com a lembrança de outros incidentes, como a experiência relatada de 05/07/59. Fico sempre meio preocupado quando viajo de avião, como acredito que todo mundo fique. Não creio que vá acontecer alguma coisa no voo para a Carolina do Norte, porém posso estar interpretando mal. No entanto, o que farei se um incidente semelhante ocorrer no princípio de uma dessas três viagens, num exato paralelo ao incidente de 05/07/59?

Deverei saltar do aparelho? Ou será impossível romper o padrão? Meus escritos declaram que sobreviverei, porém sobreviver pode significar, neste caso, transição da morte, ou que eu encaro a morte não como morte, mas como continuação do “eu” vivo. Sinceramente não sei de que forma agir.

Todavia, para todos os que me amam, e espero sejam muitos, no caso de ocorrer tal incidente, e de que a interpretação adequada signifique que realmente eu experimente a transição da morte em vez de prosseguir na vida aqui, por favor não fiquem infelizes por causa disso. Pois eu honestamente sinto, no fundo, que é uma transição; e, por mais que lamente as coisas que jamais faria aqui: nostalgia um tanto profunda, certa ânsia aguda que procurei preencher de maneira vacilante, acredito surgirão novamente, de verdade, se eu for para “Casa”. Pois, mais do que nunca, acredito que o corpo físico nada mais é do que a máquina para o uso do “Eu”. Portanto, uma vez tendo eu partido, o corpo nada significará. Nada de túmulos, urnas, pois o corpo não é importante assim. “Eu” não estarei lá.

Pelo mesmo motivo, devido ao meu interesse, se qualquer fato des- ses ocorrer, o “Eu” tentará estabelecer contato com os outros interessados (o que poderia evitar isso, certamente uma possibilidade, é que o “outro plano, lugar” possa apresentar as mesmas interrogações que aqui; pode haver assuntos mais importantes lá). Não sei. Nada prometo. Mas fiquem seguros, aqueles que me conhecem terão pouca dificuldade em reconhecer um contato real.

Não tenciono, nem de longe, ser mórbido, embora talvez eu esteja demasiadamente sensível estes dias, mas simplesmente desejo registrá-lo para que, de maneira modesta, outros possam ser esclarecidos caso isso se passe. Não quero que aconteça; não me sinto “pronto”, e a ideia de passar por isso me faz bastante pensativo e prudente. Contudo, estou pelo menos parcialmente preparado.

23/10/59

Escrevo isto cerca de doze semanas após o apontamento anterior.

Quatro das doze semanas foram passadas num hospital, o restante em casa, num período de convalescença.

Mas primeiro o mais importante. A anotação prévia acabou-me preocupado com o que parecia um problema de presságio e a definição de sobrevivência. Fazendo comparação com o “sonho”, eis como funcionou:

Reconhecimento 1: comecei a viagem para a Carolina do Norte, conforme mencionado. A primeira indicação de analogia ocorreu quando entrei no ônibus que leva os passageiros do terminal aéreo de Nova York para o aeroporto de Newark. Entrei e me sentei à direita, no segundo assento da frente. Ali sentado fui invadido por um senso de reconhecimento. Era a posição em que me achava relativamente à porta e o tipo de trilho dela, e também seu anteparo. Isso me deixou alerta, pois eu reconhecia perfeitamente essa “disposição” como a que originalmente interpretei na precognição, no avião. Não era o avião, mas o ônibus para o aeroporto.

Reconhecimento 2: quatro homens entraram no ônibus, três de roupa escura, um de roupa clara, rindo e brincando (ver comparação prévia; interpretação anterior de negro e branco).

Reconhecimento 3: uma mulher se sentou diretamente à minha frente. Ficou muito perturbada e agitada. Contudo, não era por minha causa, mas devido ao carregador segurando uma de suas malas lá fora.

Reconhecimento 4: a impressão de ver meu amigo D.D. parado perto da porta, aguardando, o último a entrar. Olhei para fora, onde o motorista esperava ao lado da porta por algum passageiro retardatário. Seu rosto e compleição me lembraram instantaneamente o meu amigo a ponto de poder ser irmão dele. Verificação fotográfica disso estaria por vir (a mente, quando incapaz de identificar com segurança, escolhe a coisa mais próxima que guarda por experiência). Então ele entrou, fechou a porta, sendo o último a entrar, e se sentou no banco do motorista, quase diretamente do meu lado contrário.

Reconhecimento 5: entrando na via principal de Nova Jersey, o ônibus “voa baixo e lento”, ou essa pode ser a impressão, se comparado

com um voo. A estrada passa por cima da maioria das ruas e bulevares e estradas secundárias. Quando olhei as estradas extensas e os sinuosos bulevares enquanto viajávamos acima deles, o senso instantâneo de conhecimento prévio surgiu de novo. Só que eu não estava no avião (o conceito errôneo original), mas no ônibus.

Reconhecimento 6: no aeroporto eu estava muito alerta, depois dos sinais anteriores. O avião estava atrasado, por isso aguardei no saguão. Sentando-me num banco, escutei a voz de uma mulher falando sobre a baldeação do oriente com ocidente pelo sistema de alto-falante. O som abafado me foi de novo fortemente familiar (oriente e ocidente, esquerda e direita).

Reconhecimento 7: quando finalmente o avião foi carregado, eu ponderei momentaneamente se entrava nele ou não; não devido ao medo, mas por causa da incerteza do que significou “sobrevivência”. Finalmente decidi que era inevitável; que se eu aguardasse um segundo voo isso apenas adiaría o incidente. Entrei no aparelho, muito alerta, e taxiamos para a decolagem. Então a aeromoça anunciou pelo interfone que viajaríamos a uma altura de mil e oitocentos metros, mais ou menos. Isso confirmava a baixa altitude. Finalmente levantamos voo e no mesmo instante encaramos uma tempestade que era um festival de raios. Isso confirmou minha impressão de um voo por baixo dos fios (eletricidade): há nisso um símbolo reconhecível por mim.

No meio da trovoada o comandante resolveu mudar de altitude (isso não foi anunciado), mas o aparelho voou para cima da tempestade, e aterrou na Carolina do Norte sem incidentes. Quando chegamos, concluí que minha interpretação do acidente fora incorreta, e imediatamente esqueci a coisa toda.

Quatro dias depois, numa segunda-feira de manhã, no meio de uma conversa amigável no escritório, sofri o que posteriormente foi diagnosticado como ataque cardíaco (oclusão coronária), e fui levado ao hospital. Não acreditei que fosse isso, e não tinha noção do fato até me informarem após um exame completo no hospital, incluindo um eletrocardio-

grama. Demoraram muito a me persuadir da verdade e por um motivo: em todo exame físico que eu fizera, inclusive dois na semana anterior, feitos por dois médicos de companhias seguradoras diferentes, meu coração foi sempre considerado muito firme, com declarações tais como: “você jamais terá problemas com seu coração”, e “disso você não vai morrer, problema cardíaco”. Minha mente condicionara -se inteiramente contra essa possibilidade. Parece que ela não aceitava a dedução precognitiva de um ataque cardíaco. Parecia impossível. Portanto escolheu uma catástrofe possível na experiência de sua memória, isto é, um desastre de avião (a mente escolhe o mais parecido, que lhe está mais próximo). Assim o ataque de coração aconteceu na forma de um acidente aéreo, o que foi aceito como possibilidade.

As quatro semanas no hospital foram amenizadas pelo uso de terapia sugestiva em fita gravada, o que produziu milagres em meu moral e pareceu acelerar minha recuperação. Nenhuma experiência de caráter psíquico aconteceu no hospital, e finalmente deduzi que foi assim devido aos sedativos (barbitúricos) que me ministravam a cada três horas. Em casa, minha convalescença seguiu procedimento padronizado, sem repetição de sintomas até hoje.

Desnecessário dizer que observei muito atentamente, depois disso, quando a “válvula” decidia se abrir. Cada vez a visão apresentada combinava exatamente com fatos que ocorreram dias, meses, ou até anos após.

Exemplos disso incluem uma descrição do interior de uma casa, inclusive a cor e a arrumação, selecionada por minha esposa para nós numa cidade sulina. Reconheci-a imediatamente, pois era idêntica à descrição nas anotações feitas dois anos antes. Muito invulgar foi o fato de que, na época da precognição, não tínhamos projetos ou intenção de ir para o sul.

Outro foi o de que cinco minutos antes de um programa gravado numa rádio a válvula se abriu e eu “vi” a fita se

partindo repentinamente e os carretéis disparando. Uns dez minutos depois durante a transmissão, a fita se rompeu, e foi velozmente emendada. Tal incidente jamais acontecera antes numa transmissão, portanto a preocupação não era uma constante. Além disso, eu mesmo fizera toda a montagem da edição, e sabia que as emendas estavam perfeitas. O rompimento foi causado por uma emenda feita por outra pessoa que usara a fita anteriormente.

Terceiro: no escritório a válvula se abriu e revelou uma luz vermelha com as palavras “pressão do óleo”. Uma hora depois, indo para casa num carro praticamente novo, a luz vermelha do óleo piscou. De novo, não era preocupação do subconsciente. O carro tinha menos de oitocentos quilômetros rodados, e acabara de sair da revisão. Pois o carro novo estava com um vazamento, coisa que não se espera num automóvel de pouca rodagem.

Há mais uns dezoito fatos incomuns, todos incidentes pessoais de grandeza variada, previstos por meio da válvula, e que mais tarde aconteceram exatamente como anotados, deixando margem mínima de erros na interpretação.

Até hoje ficou estabelecido um padrão de consistência: S (Som sibilante) + V (Sensação de abertura da Válvula) + F (Visão de fato futuro).

Com a premissa de que essa fórmula tem sido aplicável e confirmada vinte e duas vezes, e quanto aos outros casos registrados nas anotações onde F ainda não ocorreu? Sem mais comentários, eis alguns onde a fórmula não ficou comprovada até este momento.

03/08/60

Ar sibilante/válvula: um avião passa acima, obviamente com problemas, com freio aerodinâmico e trem de aterragem baixados. Bate

atrás de uma colina próxima, e minha família e eu corremos para tentar socorrer. Assim que chegamos lá vemos o aparelho incendiar-se lentamente, numa chama vermelho-escura. Percebo que o brilho da chama e o lento incêndio demonstram qualquer coisa diferente de um incêndio comum por gasolina, e aviso aos outros para que recuem e não sejam feridos, já que nada podemos fazer pelos ocupantes mortos.

05/11/61

Ar sibilante/válvula: estou sozinho do lado de fora da minha casa. O céu está bastante limpo, com uma nuvem ao norte. Vejo um grupo de aeronaves emergir da nuvem, logo acima dela. Aproximam-se e reparo não serem aeronaves típicas, nem foguetes. Atrás da primeira onda, fileira após fileira dos estranhos aparelhos; literalmente centenas deles. São diferentes de quaisquer aeronaves que já vi. Não têm asas visíveis, e cada aparelho é gigantesco, cerca de novecentos metros transversalmente. O formato é semelhante a uma ponta de flecha, em forma de “V”, mas sem fuselagem, como em nossos aviões de asas convencionais. O formato de V não é uma superfície em relevo, mas abriga os ocupantes em dois ou três conveses. Voam majestosamente, lá bem no alto, e sinto certa reverência diante do tremendo poder que representam. Sinto medo, também, porque de algum modo sei que não são feitas pelo homem.

20/10/62

Ar sibilante/válvula: estou com outras pessoas numa rua de subúrbio. Olhando para cima vejo o que parecem aviões, passando por uma grande brecha nas nuvens. Olho com mais atenção e verifico pertencerem a um tipo de aeronave que jamais vira antes, claramente impulsionadas por outra coisa que não hélices ou jatos (tive impressão de que eram tipo inédito de foguetes, mas não químico). Três dos aparelhos mergulharam num giro descendente, e vejo que têm laterais negras e janelas brancas e quadradas, porém asas não. Os três passam baixo sobre uma rua próxima. Casas e edifícios desmoronam à sua passagem, não por causa de

bombas, mas por alguma coisa emitida das próprias máquinas. Todos mergulhamos em busca de uma trincheira de proteção.

12/06/63

Ar sibilante/válvula: minha família e eu estamos numa situação na qual toda a população da cidade em que moramos tenta ir embora. Não há gasolina e a energia elétrica foi cortada. Um grande senso de fatalidade invade todos. Não parece produto de guerra atômica, e não há preocupação quanto à precipitação radiativa. Tem-se principalmente uma impressão de desastre final e desaparecimento da civilização que conhecemos, devido à ocorrência de alguma coisa solene, um fator além da capacidade humana de controle.

11/04/64

Ar sibilante/válvula: minha família e eu estamos numa cidade importante, e parece haver um grande problema. Todo mundo está querendo deixá-la. Saio do que parece um apartamento para tentar descobrir um modo de irmos para o campo. Nas ruas, a cidade inteira entrou em alvoroço e pânico, com os carros enguiçados e parados aos montes, como um formigueiro que foi perturbado.

Existem muitos outros casos pessoais, gerais, específicos, locais, universais. Só o tempo trará a confirmação. Espero que alguns deles sejam alucinações.

BURACOS REDONDOS E CAVILHAS QUADRADAS

Dentre os diversos mistérios enfrentados, muitos se destacam como aparentemente desmotivados, embora bastante profundos. Minha única esperança é que outros, mais técnica ou filosoficamente orientados, possam descobrir neles objetivos e razões que eu não consigo.

Vejamos alguns deles que parecem não ser dos Locais 2 ou 3:

23/08/63

Deitei-me para tirar uma soneca, e não para qualquer atividade extrafísica, às 7:17h, no sofá do meu quarto. No momento em que me pus na horizontal e fechei os olhos, houve uma tremenda explosão muda. Não houve defasagem de tempo. Ocorreu cerca de dois segundos depois que fechei os olhos. O estouro me jogou pelo quarto até me fazer bater na parede no canto oposto, de onde escorreguei para o chão. Meu primeiro pensamento foi o de que houvera uma espécie qualquer de explosão real na casa, pois as instalações de luz acima pareciam estar crepitando, lançando centelhas azuis, e em seguida a própria fiação derretendo-se (as luzes foram apagadas quando me deitei, e o quarto estava à meia-luz). Tive a impressão de que houve gigantesco curto-circuito na fiação. Ouve uma sensação de formigamento semelhante a um choque elétrico (não igual a vibrações já citadas). Em seguida dei uma olhada pelo quarto. Meu corpo físico permanecia descansando no sofá. Eu o via bem.

Foi então que reconheci seriamente outra possibilidade. Isso poderia ser a morte; a de verdade, em vez de a típica experiência fora do cor-

po. Tal situação era fato bastante invulgar. Talvez eu houvesse morrido, e meu coração parado. Ainda estava um tanto atordoado pela explosão, mas não com medo, nem em pânico. Se isso era a morte, então que fosse.

Fiquei deitado ali no canto durante algum tempo, tentando me recuperar. Comecei a tocar as coisas à minha volta, e pensei ter sentido o tapete, mas não tinha certeza. Pelo menos havia alguma coisa sólida embaixo de mim. Então resolvi que deveria tentar voltar ao físico, mesmo que falhasse. Nada perderia tentando.

Com grande força de vontade flutuei para cima, passei pelo sofá e depois desci. Houve um efeito de puxão, e me achei no corpo físico pela metade. Percebi o semiestado, e retorci-me, contorci-me, como se faz com a mão para enfiar uma luva. Dentro em breve fiquei “inteiro” de novo.

Sentei-me (fisicamente) e acendi a luz. Tudo parecia normal: a casa estava em silêncio. Meu corpo parecia normal, só que eu estava com a pele toda arrepiada, e até hoje não sei o que causou isso, nem por quê. Teria sido uma explosão de categoria não física? Seria coisa interna em mim, ou efeito de certo poder exterior? Fiz um retrospecto: parecia nada haver de extraordinário no meu estado físico, emocional, ou mental no momento para provocá-lo. Analisando o melhor de que me posso recordar quanto à lembrança do instante da explosão: foi como se um raio de luz disperso varresse o quarto e por acaso me pegasse em seu caminho, e seu efeito era o de fazer-me “rebentar” para fora do físico. Seguindo essa linha de pensamento tive a impressão de que o raio era produto de algum engenho experimental não integralmente aperfeiçoado pelos pesquisadores que o estavam testando, quero dizer, nem todos os efeitos lhes eram conhecidos. Isso evoca um relacionamento associativo de memória com a experiência do engenho de três fases.

05/05/59 – Tarde

Hoje conheci estranho aparelho que se supõe funcionar de três formas. Por volta das cinco horas decidi tentar elaborar uma fórmula para o

estado (I-20/LQ).(15) Deitei-me na cama, pensei no diagrama do campo de força e então comecei a contagem dos vinte. Eu não parecia chegar a resultado algum, e virei a cabeça. Meus olhos estavam abertos, e dei uma espiada no sol, pela janela (era um dia ensolarado, e a janela dava para oeste). Imediatamente as vibrações surgiram gradativamente, aí fechei os olhos e recostei-me. As vibrações formigavam na nuca. Obedeci ao processo de movimento do maxilar, e elas pareciam ficar mais fortes ou mais fracas dependendo da minha posição, conforme esperado. Finalmente estabeleci a posição de sintonia máxima do meu maxilar (essa é a maneira por que posso me expressar). As vibrações se intensificaram na minha cabeça, um pouco fortes demais, por isso “desloquei-as” para o peito, depois experimentei colocá-las em diversas partes do corpo, isto é, tornando mais fortes numa parte determinada. Cada vez, que passavam pelo meu lado direito inferior eu tinha uma sensação de queimadura, fosse no fígado, rins, ou no cólon direito inferior (corpo estranho ou químico ali?). Isso já ocorrera anteriormente, embora não me lembre de tê-lo mencionado. Mentalmente eu “desejava” subir, e então flutuava para cima. Algum pensamento dispersivo deve ter ocorrido, pois imediatamente rolei no ar e mergulhei pelo chão. Momentaneamente ouvi um conjunto musical tocando (como quando se passa por uma estação de rádio no mostrador, e em seguida me vi numa casa inacabada, sem janelas instaladas ainda, e material e entulho atirados pelo piso não trabalhado. Pela janela via-se uma paisagem rural, com árvores e campos; a casa evidentemente ficava do lado de uma colina, dominando um pequeno vale e um morro menor do outro lado.

Olhei para baixo e vi um dispositivo de uns cinquenta centímetros no chão. Parecia estar largado ali apenas temporariamente enquanto seu operador “fora almoçar”. Apanhei-o, curioso, pois nunca vira nada parecido. Parecia um bastão com três acessórios espaçados em sua extensão. Ergui-o e olhei ao longo do seu corpo, mirando-o inadvertida-

(15) Glossário

mente para um homem parado num quintal além da janela aberta, o qual eu não notara antes. Nada aconteceu, mas então ele se virou e me viu. Saiu de vista por um instante, depois entrou por um vão de porta à direita e se aproximou de onde eu estava. Sorriu, e segundo o que consigo lembrar parecia perfeitamente normal. Vendo o aparelho na minha mão, indicou-me que me mostraria seu funcionamento. Apontando para o tubo (um cilindro de ponta aberta) na parte dianteira, mostrou-me como “focalizar” o dispositivo movendo o tubo ou cilindro para frente e para trás, esticando-o se eu quisesse um raio estreito, e adiantando-o para obter um raio ou feixe de luz mais amplo e claramente mais suave.

Disse-me, então, para apontá-lo pela abertura de outra janela, onde um homem lá fora conversava contínua e animadamente com alguém fora do alcance de nossa visão. Sugeriu que eu empurrasse o cilindro para frente e produzisse assim um raio estreito. Obedeci, e apontei o dispositivo para o homem do lado exterior da mesma forma como usaria um rifle. Nada vi, nem raio nem feixe de luz emitido pelo cilindro. No entanto, o homem além da abertura da janela tombou na cadeira como se tivesse morrido. Virei-me para meu anfitrião, assustado e preocupado por ter possivelmente, matado não intencionalmente a pessoa lá fora. Ele sorriu e me mandou apontar o aparelho para o homem inconsciente (?) lá fora, dessa vez puxando o dispositivo de foco a fim de produzir um raio mais largo. Assim o fiz, e o homem inconsciente sentou-se e concluiu sua conversa como se nada houvesse acontecido.

Então meu anfitrião me levou para fora, e perguntei ao segundo homem se sentira alguma coisa. Ele interrompeu sua conversa, olhou-me intrigado e disse que não, nada sentira. Perguntei-lhe se lembrava de ter caído no sono ou ter sentido qualquer lapso no tempo, e novamente replicou-me negativamente, depois se virou e prosseguiu a conversa.

O primeiro homem olhou para mim e sorriu, e em seguida me levou até o outro lado da casa que se sobrepunha ao vale, indicando que me mostraria outra coisa que o aparelho podia fazer. Apontei para longe. Uma pequena fogueira brilhava na encosta da colina, uns trezentos me-

tros dali, e a fumaça subia em direção ao céu. Mandou-me usar o feixe estreito e apontar para o fogo. Obedeci e imediatamente o fogo foi apagado. As chamas sumiram como se subitamente extintas. A fumaça perdeu por alguns instantes, depois também desapareceu.

Fiquei extremamente interessado no dispositivo, e pedi ao meu anfitrião que o descrevesse para mim. Ele o fez alegremente. Era composto de três partes, segundo contou. O cilindro era o mecanismo de focalizar, o que entendi. No meio, a mola espiral que ele indicou ser a fonte de força. Atrás dessa fonte, três chapas iguais a barbatanas (como as de um retificador), que me explicou não serem muito importantes, pois não passavam de escudos para proteger o operador. Esfregou o polegar sobre elas, que se curvaram mostrando sua flexibilidade. Perguntou-me se eu tinha certeza de haver compreendido. Repliquei que o objeto lembrava um grande triodo (a coisa mais parecida de que recordei com o perfil externo). Ele balançou a cabeça, concordando emocionadamente e replicou:

- Sim! Um triodo!

Sentindo que teria de partir e não me demorar mais, agradeci-lhe por todas as informações, e ele afirmou que nos veríamos de novo em ...

(não me lembro). Minha mente reconheceu o local, evidentemente, e eu disse sim: o Cadena Azul (isso foi produto da minha visita à América do Sul, e pareceu maneira natural de dizer o que eu estava tentando dizer, fosse o que fosse, rede azul). Meu anfitrião começou a responder que sim com a cabeça, depois me lançou um olhar vazio, de incompreensão, para eu verificar que minha impressão da coisa estava certa, mas ele não entendera o termo em espanhol.

Em seguida regressei ao quarto vazio e “decolei” para cima num salto de estiramento. Subi o que me pareceu apenas dois ou três andares, e parei. O lugar parecia meu escritório, mas vazio. Sem mobília, sem divã, poeira no piso e nas janelas, e nenhum corpo físico! Descobri ser esse o “local” (momento?) errado; o que eu almejava ainda estava “acima”.

Reinicie a subida através do teto e, após oito ou dez pavimentos, emergi no meu próprio escritório, afundei no meu corpo físico (tive pequena difi-

culdade com um braço), e fiz a fusão completamente.

Sentei-me e abri os olhos. O relógio indicava que uma hora e cinco minutos haviam se passado. Desenhei o aparelho, depois comecei estas anotações. Um dispositivo que faz as pessoas dormirem, depois as acorda, e também apaga incêndios. Algum dia tentarei construí-lo.

11/03/61 – Noite

... e pensei ter feito um retorno normal ao físico. Abri os olhos e me vi numa cama desconhecida. Havia uma mulher também desconhecida ao lado dela, que sorriu quando me viu acordar. Outra, mais velha, achava-se ao seu lado. Expressaram felicidade por eu finalmente haver despertado, já que eu estivera doente por muito tempo, mas agora ficaria bem. Ajudaram-me a sair da cama, e fui vestido com uma espécie de túnica (igual a bata; seus vestidos me pareceram normais), e percebi, seguramente, que eu não era a pessoa que julgavam. Tentei revelar-lhes isso, mas apenas acharam graça e pensaram, creio, que eu continuava num tipo de delírio. Perguntei-lhes que dia era, mas simplesmente sorriam simpaticamente, como se eu não estivesse totalmente orientado (e eu não estava!). Ia pedir-lhes um calendário, mas achei melhor apenas descobrir qual era o ano. Perguntei isso à mais jovem, que parecia ser minha esposa (ou a esposa daquele corpo), e replicou-me ser 1924, de acordo com o método grego (?) de cálculo de tempo.

Tive certeza de que não mais poderia permanecer ali, e a despeito de suas fortes objeções, passei para o ar livre por uma porta. Fiquei ali, tentando subir e sentindo que teria de elevar-me e elevar-me para bem longe. Tentei decolar, porém elas não me largavam. Nada aconteceu, e fiquei preocupado. Eu sabia estar no local errado. Lembrei-me, então, do truque respiratório, e comecei a respirar ofegantemente com os lábios semi-cerrados. Iniciei uma lenta subida, e ultrapassei o prédio em forma de U, ainda sentindo-as na tentativa de reter-me. Respirei ofegante e rapidamente, cada vez mais depressa, e fui me deslocando até a mancha azul tão familiar me cercar totalmente. Subitamente parei, e me vi numa

grande altura, acima de uma paisagem campestre polvilhada de casas. Pareceu-me conhecida, e pensei ver o que seria nossa casa, e construções entre estrada e rio. Mergulhei para a casa, e no momento seguinte me fundia com o físico. Sentei-me no meu todo novamente, e olhei em volta agradecidamente. Estava no lugar certo!

17/08/60 – Noite

Essa foi uma tentativa dirigida erroneamente para expor os fatos muito simplificada. Obedeci ao procedimento I-20/LQ por volta das 11:30h da noite, no quarto de dormir. Saí com a intenção de visitar Agnes Bahnson, e principiei com o tipo de viagem “levado pelo vento”, mas regressei ao físico quase imediatamente, ou pelo menos achei assim. Não estava deitado na cama, mas de pé. O quarto não era meu. Um homem, grande e de ombros largos, apoiava-me no meu lado esquerdo. Era muito mais alto do que eu, e seus ombros pareciam cintilar. Apoiando-me pela direita, uma jovem. Ambos me forçavam a caminhar pelo quarto, e eu sentia dificuldade em andar, por isso os dois me seguravam por baixo dos braços. Ouvi quando comentaram a respeito de minhas mãos; que havia qualquer coisa esquisita, ou errada nelas. Não eram hostis, mas positivamente eu reconhecia estar no local errado! Mantive a cabeça fria, por sorte, e empreguei o estiramento e arranco para cima e para fora de onde ou do que eu estivesse metido, e só após alguns instantes me fundi de novo com o corpo físico. Dei uma espiada em volta com cautela (fisicamente) antes de me mexer. Estava de volta ao meu próprio corpo físico e meu próprio quarto de dormir. Passou-se muito tempo antes de me virar e conseguir dormir!

23/11/60 – Noite

Esta experiência foi bastante invulgar e vívida, e não sei se desejo repeti-la. Fui tarde para a cama, muito cansado, por volta das duas da manhã. As vibrações vieram prontamente, sem indução, e resolvi “fazer

alguma coisa”, a despeito da necessidade de descansar (talvez isso seja descansar). Após sair com facilidade e visitar diversos locais em rápida sequência, lembrei-me do descanso de que precisava, e tentei retornar ao físico. Pensei no meu corpo deitado na cama, e quase imediatamente realizei a imagem. Contudo, no mesmo instante percebi que havia qualquer coisa errada. Havia um aparelho igual a uma caixa perto dos meus pés, declaradamente para manter o lençol afastado das minhas pernas. Havia duas pessoas no quarto, um homem e uma mulher vestida de branco, que reconheci como enfermeira. Conversavam em voz baixa, a pequena distância da cama.

Meu primeiro raciocínio foi o de que havia alguma coisa estranha: que minha esposa me descobrira em alguma espécie de coma e correria comigo para o hospital. A enfermeira, a atmosfera esterilizada do quarto e a cama provocaram essa ideia. Contudo, ainda havia qualquer coisa diferente.

Após uns instantes os dois pararam de falar, e a mulher (enfermeira) virou-se e saiu do aposento, enquanto o homem se aproximava da cama. Entrei em pânico porque não sabia o que ele ia fazer. Pirei quando ele se inclinou por sobre a cama e segurou gentilmente, mas com firmeza, meus braços pela altura dos bíceps, e me observou com olhos esbugalhados e brilhantes. Pior ainda, tentei me mexer, mas não consegui. Era como se todos os músculos do meu corpo estivessem paralisados. Internamente eu me contorcia em pânico, tentando escapar quando ele aproximava seu rosto de mim.

Então, para meu total espanto, ele se inclinou mais ainda e me beijou em cada face, fazendo-me realmente sentir sua barba; o brilho nos seus olhos eram lágrimas. Em seguida se endireitou, soltou-me os braços, e saiu lentamente do quarto.

No meu terror eu soube que minha esposa não me havia levado até um hospital, que aquele homem era um desconhecido, e que eu estava de novo num lugar totalmente errado. Precisava fazer qualquer coisa, mas toda a vontade que pude reunir não surtiu efeito. Vagarosamente fui

percebendo um som agudo na cabeça, muito parecido com uma corrente forte de ar sibilante. Através de algum vago conhecimento me concentrei no som e comecei a pulsá-lo, isto é, fazê-lo modular suave e alto. Fiz a pulsação aumentar mais e mais em frequência, e, dentro de instantes, estava acelerada numa vibração de alto nível. Então procurei decolar, conseguindo suavemente. Momentos após, convergia para outro corpo físico.

Dessa vez fui cauteloso. Senti a cama. Ouvi sons que me eram familiares do lado de fora do quarto, que estava escuro quando abri os olhos. Estiquei o braço para alcançar o lugar onde estaria o interruptor da luz, e o achei. Acendi a luz e suspirei com grande, grande alívio. Eu voltara.

07/06/63 – Noite

Após algum tempo comecei a viajar e do lado externo da casa encontrei certa mulher que também “voava”, e ela me lembrou que chegaríamos tarde (não sei aonde), e teríamos dificuldade em entrar. Depois nos aproximamos do que pareceu uma grande organização (hospital?), e felizmente passamos direto por uma porta sem abri-la, aparentemente para evitar o guarda que esperava (para fazer verificação nos leitos ou num atraso, o que implicaria algum castigo). Lá dentro nos separamos, e imediatamente um homem (amistoso, tipo de médico) disse que tomaria conta de mim; que eu deveria aguardar na segunda sala à direita. Obede-ci, embora confuso em relação à sala, já que todas apresentavam diversas pessoas em conversas absorventes, e permaneci anônimo. No entanto, esperei na segunda delas, e finalmente o homem entrou e me examinou, declarando que eu precisaria de tratamento. Depois falou sobre titulação e um tratamento elevado para 1500 c.c., cedendo, após, de volta ao normal (seja lá o que for isso); perguntei-lhe por que o tratamento era necessário, e me replicou que era para que o universo (ou raça humana) pudesse se desenvolver e se aperfeiçoar. Novamente perguntei por que (quanto à necessidade de aperfeiçoamento), mas não respondeu. Fiquei um tanto

apreensivo quanto ao tratamento. Em seguida, e logo depois, senti necessidade de retornar ao físico, e o fiz sem incidentes.

13/07/61 – Tarde-Noite

Numa visita a Cape Cod cheguei a Hyannis um pouco cansado, e me deitei de tarde para descansar. Durante a relaxação, ocorreu o processo normal de decolagem, e me vi flutuando acima dos fundos de uma casa, perto da garagem. Um cão estava no pátio (da raça pastor alemão, e grande) e quando me viu latiu agitadamente. Um homem surgiu no canto da casa (lado direito, de frente para a traseira), puxou uma arma e apontou-a para mim. Retirei-me apressadamente antes de ponderar que talvez balas não pudessem me ferir. Regressei, deitei -me na cama, e achei que tudo havia acabado. Não consegui me recordar de nada além do fato de o homem parecer muito alto.

Naquela noite, após ir para a cama, o impulso veio de novo, e eu parti. Flutuava acima de muitas casas, tentando decidir o que fazer, quando subitamente aquele homem alto surgiu na minha frente (o mesmo), e me deteve simplesmente ficando no meu caminho. Tive impressão de uma força tranquila. Perguntou-me por que eu desejava falar com o presidente. De início fiquei surpreso, já que não tinha intenção específica de me encontrar com Eisenhower (era essa a noção de presidente em minha cabeça), mas elaborei a ideia de um plano para a paz, e contei isso ao homem alto. Retrucou perguntando-me como “poderiam ter certeza de que eu era leal aos Estados Unidos”. Repliquei, ainda co nfuso, que eu tinha certeza de haver as devidas informações sobre mim em Washington. Então ele disse, após um momento, que eu não poderia falar com o presidente na ocasião. Aceitei a resposta, e retornei. Deitado na cama, pensando no caso, primeiro me lembrei que Eisenhower não mais era o presidente. Também subitamente senti a mais profunda convicção de que Kennedy possuía um guarda -costas psíquico (ou melhor, guarda-mente). Concluí, então, que Kennedy poderia estar ali, em Hyannis naquela tarde (eu não lia jornal havia dois dias).

Esses “fatos” representam amostra dos muitos que desafiam uma análise, especialmente em termos de sonhos simples e diários. Pode ser que cada um deles não passe de fragmento de um mural vivo para ser visto algum dia na sua totalidade. Espero que não se tenha de “morrer” para desfrutar da visão integral.

O SEGUNDO CORPO

A maior prova da existência de qualquer fenômeno é a sua coerência através de repetidas observações. Somente por meio de tais experimentos analíticos razoavelmente cuidadosos, ou pelo máximo que deles pude extrair, cheguei à conclusão indubitável da existência do Segundo Corpo. Presumo que todos tenhamos um. Não posso conceber-me como sendo uma exceção.

Se ele existe, como será? Quais as características? Depois de várias centenas de testes, eis trechos extraídos das anotações.

11/06/58 – Tarde

Abri os olhos de novo, e tudo parecia normal, exceto a vibração e o ruído trovejante na minha cabeça. Fechei os olhos e ambos recrudesceram. Resolvi tentar decolar e flutuei acima do sofá, pelo centro do quarto e desci muito suavemente, como a queda de uma pena. Toquei no chão, e a cabeça e os ombros deram a impressão de estar encostados no tapete, enquanto meus quadris e pés formavam ângulo no ar. Foi como se minha cabeça tivesse mais peso do que o resto de mim, ou mais atração gravitacional, mas eu estava sendo levemente atraído de todo para a terra. Ainda parecia que eu tinha peso, por menor que fosse.

19/07/58 – Tarde

Novamente no sofá, sentindo cada vibração suave. Abri os olhos em volta, e tudo parecia normal, enquanto as vibrações persistiam. Então

mexi os braços, que estavam dobrados, e estiquei-os para cima, deitado de costas. Eles sentiram-se estendidos, e fiquei surpreso (já não uso mais o termo atônito) quando olhei, pois lá estavam meus braços, ainda dobrados sobre o peito.

Olhei para cima, no ponto onde os sentia, e percebi o brilho fraco do contorno dos meus braços e mão exatamente no local em que eu sentia que estavam! Olhei, então, para os braços dobrados e em seguida para a sombra brilhante deles, esticados. Através deles eu via a estante. Era como um perfil claro, cintilante, que se mexia quando eu o sentia mexer ou o fazia se mover voluntariamente. Encolhi os dedos, e os dedos cintilantes se encolheram; e eu os senti fazendo isso. Juntei as mãos, e as mãos brilhantes se juntaram, enquanto eu sentia as mãos juntando uma na outra. Pareciam mãos comuns; não havia diferença.

Durante quase dez minutos fiquei deitado ali, tentando comparar esse estranho acontecimento a fim de estabelecer as diferenças. Visualmente eu enxergava meus braços dobrados sobre o peito. Simultaneamente via o contorno brilhante das minhas mãos e braços se estendendo acima de mim. Tentei mexer os braços físicos, mas não consegui. Tentei deslocar os perfis cintilantes dos braços, e “funcionaram” com perfeição. Tentei sentir as coisas com meus braços físicos, mas não pude especificar uma sensação. Com os resplandecentes braços em perfil, bati palmas, e as mãos transmitiram sensação de completa normalidade. Esfreguei as mãos em contorno em cada perfil de antebraço, e os braços pareceram normais, sólidos ao toque. Desloquei uma das mãos em contorno para a estante perto da cama, e não senti a prateleira! A mão passou direto por dentro dela.

As vibrações começaram a diminuir, e rapidamente devolvi os braços e mãos, que brilhavam em seus contornos, ao meu peito. Senti exatamente como se houvesse calçado luvas de cano longo, e aí então pude mexer os braços físicos. Eu não queria ser apanhado lá fora, mesmo que só os braços, sem as vibrações. Não sei o que teria ocorrido se houvesse alguma coisa, e talvez não deseje descobrir.

05/05/60 – Noite

Diversas vezes eu sentira alguém, um corpo, quente e vivo, de encontro às minhas costas no instante em que deixava o corpo físico. Depois da experiência com as “formas de pensamento” e outros, eu tinha naturalmente de me tornar cauteloso.

Cada vez que sentia essa “entidade” nas minhas costas, eu voltava rapidamente para o físico. Tinha certeza de que haveria repetição das “crianças do pensamento”, ou talvez algum ser praticamente de sexo deturpado, embora eu não houvesse detectado sintomas sexuais. Tornei-me prudente, não exatamente pudico, mas sem dúvida assustado. A última impressão foi confirmada quando notei que a cara descansando na minha nuca não física usava barba! Barba cerrada, como a de alguém precisando se barbear. Além disso, eu ouvia o arfar de sua respiração bem no meu ouvido. Esse não era uma simples “criança-pensamento”, era uma pessoa adulta, do sexo masculino, arfando de paixão, sexualmente toda anormal, senão por que me escolheria, outro macho? Teria eu reagido diferentemente, fosse em forma feminina? Com toda honestidade, tenho certeza de que não. Terei de afastá-lo de mim.

22/05/60

A barba era a pista! Não mais precisava me preocupar com o “homem” nas minhas costas. Ele continua lá, mas agora sei quem é. Dessa vez, depois de me assustar a ponto de eu regressar ao físico umas cinco vezes, senti-me um pouco mais corajoso. Sai cautelosamente, pouco acima do físico, e senti o corpo em minhas costas da mesma forma que antes: o rosto barbado na minha nuca, a respiração arquejante em meu ouvido. Com cuidado, para que os movimentos não fossem considerados hostis, estiquei o braço para trás e passei a palma da mão na cara atrás de mim. Tinha barba, e muito real. A respiração pesada prosseguiu, o corpo continuou ali, pressionando contra minhas costas, e por isso reentrei no físico.

Sentei-me fisicamente, e estudei a questão. Durante esse processo

passsei a mão pensativamente pelo queixo. Precisava fazer a barba, pensei distraidamente, e então parei. Esfreguei o queixo de novo. A sensação me era por demais familiar. Exatamente a mesma de quando passei a mão no queixo... poderia ser? Aí reparei que minha garganta estava seca, como se eu tivesse respirado pela boca, com se faz quando...

Só havia um modo de descobri-lo. Deitei-me, e dentro em breve fui capaz de gerar as vibrações. Lentamente saí do físico. Sim, eu o sentia. Lá estava o corpo novamente, a barba na minha nuca, o arquejar no meu ouvido. Estiquei o braço para trás cautelosamente e senti a cara com a barba cerrada. Era igual à minha. Retive a respiração, ou pensei fazê-lo, e a respiração pesada no meu ouvido parou. Inalei novamente uma, duas vezes, depois novamente contive o fôlego. O “corpo” atrás de mim arquejou em sincronismo exato. O corpo quente colado às minhas costas era eu!

Voltei ao físico, sentei-me e fiquei ponderando. A pergunta é: qual é qual? Pensando bem, pareceu que o corpo nas costas, o que eu ouvia e sentia, era o “Eu” físico, e o “Eu” em frente era o “Eu” mental ou real. Presumo isso porque as sensações físicas e ações correlatas se concentraram no corpo de trás, enquanto o pensamento permaneceu no “Eu” da frente. Complicado, porém muito real.

Dali em diante não mais tive problemas quando tinha sensação. E diz-se que há gente com medo de sua própria sombra!

08/08/60

Realizei outro experimento interessante. Após me deitar e processar a contagem progressiva, as vibrações surgiram em ondas fortes e irregulares, para depois se suavizarem ao entrar numa frequência mais veloz (quando por volta dos 30 ciclos por segundo, pelo que pude perceber, e acelerando-se até eu senti-las apenas como uma impressão de calor). Resolvi decolar lentamente para examinar o processo. Tentei, e lá vieram as pernas brilhantes, depois os quadris, e nada mais, porém! Não pude retirar o peito e os ombros, por mais que tentasse. Foi muito estranho.

Passei o tempo inteiro balançando pernas e quadris para cima e para baixo. Observava-os com os olhos físicos, que pareciam astigmáticos. Várias vezes procurei mexer as pernas para cima, além do físico, depois para a direita, e deixava-as cair. Quando o fazia, flutuavam devagar para baixo, tocavam do lado do sofá, depois caíam frouxas no chão; curvavam-se em torno e por cima da beirada do sofá como se não tivessem ossos, como numa versão cinematográfica de um pedaço de cortina caindo solto e curvando-se onde fizesse contato com um objeto sólido. Não houve efeito secundário quando reentrei e sentei-me. Tempo de afastamento: vinte e dois minutos.

16/09/60

Eu estava fora do físico, de novo num sábado, tentando me manter no “local”, isto é, no mesmo quarto. Novamente reparei na esquisita elasticidade desse outro corpo. Eu podia ficar no meio do quarto e esticar o braço até encostar na parede a uns dois metros e meio de distância. No início meu braço nem chegou perto da parede. Depois fiquei esticando minha mão para longe, e subitamente a textura da parede estava de encontro à minha mão. Apenas pelo estiramento, meu braço se esticara até duas vezes seu comprimento sem que eu notasse alguma coisa diferente. Assim que desfiz o estiramento o braço voltou e pareceu normal. Isso confirma o fato de que você pode transformá-lo para qualquer formato que desejar, consciente ou inconscientemente. Se ele operar sozinho, reverte ao formato normal humanoide que você possui. E se você pensar conscientemente num determinado formato, desconfio que ele obedecerá. Você poderá convertê-lo temporariamente ao formato de, por exemplo, um galo ou um cachorro. Pode isso ser a fonte da mitologia do lobisomem e do morcego vampiro? Não tenho certeza de que desejo tentar saber.

10/10/62

Descobri outra pista para a questão do “como você fica quando não é o corpo físico”. No começo da noite, por volta das sete e meia resolvi

tentar visitar R. W. no apartamento dela, a uns treze quilômetros de distância. Eu tinha certeza de que estaria acordada (não fisicamente, é lógico). Não encontrei dificuldade, e me vi imediatamente numa sala de estar. Havia o que imaginei ser R. W. sentada numa cadeira perto de uma luz forte. Desloquei-me rumo a ela, que pareceu não me dar a mínima atenção. Em seguida fiquei certo de que me viu, contudo parecia assustada. Recuei, depois comecei a falar, mas alguma coisa me puxou de volta ao físico, e de novo entrei no meu quarto, no físico, e as vibrações esmaeceram. A razão do chamamento foi que meu braço ficou dormente, e formigava devido à falta de circulação do sangue. Eu me deitara em cima dele da maneira errada.

Houve consequências inusitadas: no dia seguinte R. W. perguntou-me o que eu fizera na noite anterior. Perguntei-lhe por que e ela declarou:

- Eu estava sentada na sala de estar. Depois do jantar, lendo jornal. Alguma coisa me fez olhar para cima, e lá, no outro lado da sala, havia uma coisa pendurada e acenando no ar.

Perguntei a ela qual a aparência.

- Era igual a um pedaço fino de chiffon cinza – afirmou. – Eu podia enxergar a parede e a cadeira atrás dele, mas começou a vir em minha direção. Fiquei com medo, e pensei que pudesse ser você, aí falei:

“Bob, é você?” Mas a coisa simplesmente ficou parada ali, no meio do espaço, acenando ligeiramente. Perguntei de novo, então, se era você, e caso fosse, por favor voltasse para casa e me deixasse em paz. Aí a coisa recuou e desapareceu rapidamente.

Ela me perguntou se realmente fui eu, ao que repliquei que poderia ter sido.

- Bem, da próxima vez diga qualquer coisa para eu ter certeza de que é você – respondeu-me. – Para não ficar tão assustada.

Assegurei-lhe que o faria. Pelo menos não sou um fantasma de cor brilhante, e não tenho formato humano, às vezes.

21/11/62

Desta vez resolvi fazer uma viagem puramente “local”. Comecei a flutuar pelo quarto, na direção da porta, depois me lembrei de que não precisava usar portas em tais condições. Virei-me e fui direto para a parede, esperando deslizar através dela. Não consegui! Quando encostei nela, deu a impressão de que era incapaz de penetrá-la. Parecia exatamente com a parede que você empurra fisicamente com as mãos. Concluí haver alguma coisa errada. Eu já atravessara paredes facilmente antes. Deveria ter conseguido passar por esta. Assim, empurrei a parede com meu braço esticado. Houve um instante de resistência, depois atravessei, com tanta facilidade como se a parede fosse de água. Mas com uma diferença. À medida que eu passava para o lado de fora, sentia e identificava cada camada de material nela: pintura, reboco, ripas de madeira, revestimento, e finalmente o cascalho externo. Lembrava muito a mão atravessando o chão. Por que a resistência no primeiro contato?

15/02/63

Esse foi um experimento bastante incomum. Após “decolar” com facilidade, e mantendo o controle no mesmo quarto, finalmente reuni coragem para regressar e cuidadosamente examinar o corpo físico ainda na cama. Comecei a descer lentamente, esticando-me na semiescuridão (havia luz apenas do crepúsculo, vindo pelas janelas, e eu não podia enxergar direito, o que talvez fosse bom). Existe certo tipo de reação quando você vê seu próprio corpo físico. Estendi o braço para baixo, cuidadosamente, a fim de tocar na minha cabeça física, porém as mãos tocaram nos pés! A princípio pensei haver divergido para algum outro ponto, mas senti os dedos dos pés. Meu dedão esquerdo tinha uma unha grossa devido a um antigo esmagamento provocado por um toro de lenha que caiu. Este (esquerdo), não! Senti o pé direito com as mãos. O dedão nele tinha essa unha grossa. Tudo era invertido, como imagem no espelho. Tateei o corpo lentamente, subindo, e, dos dedos dos pés em diante não sabia dizer se as coisas estavam invertidas ou não. A questão é que eu

podia sentir o físico. Minhas mãos não pareciam simplesmente alisá-lo. Era muito esquisito sentir meu rosto com os olhos fechados como se ele pertencesse a outra pessoa. Aproximei-me o bastante para realmente enxergá-lo. Era ele, sim, mas só um pouco distorcido. Ou isso, ou minha aparência é muito menos aceitável do que meu ego e meu orgulho confessam. Nunca me achei bonito, mas pelo menos pensei que era um pouco melhor que isso! Estranho, ver o contrário. Flutuando pela semiescuridão eu poderia ter voado pelo ambiente e me desorientado. Mas a unha espessa estava no pé direito, em vez de no esquerdo. Devo examinar isso mais detalhadamente.

18/03/60

Uma dúvida do Dr. Bradshaw provocou a lembrança deste caso. Após sair e ficar por perto, pensei em tentar descobrir se eu usava roupa no não físico a fim de procurar responder à pergunta dele. Nunca antes me preocupara em saber disso, e basicamente suponho que seja porque não tenho grande preocupação com roupas. Para mim representam principalmente conforto e aquecimento. Senti meu corpo não físico, o segundo. Havia pele irritada, mas roupa não. Pelo menos não desta vez.

23/02/61 – Noite

Saí do físico através o processo “rolamento de toro”, depois comecei a atravessar o quarto. Parecia que alguma coisa me retinha. Era como tentar andar devagar na água, puxando com braços e pernas sem sair do lugar. Subitamente houve um puxão nas minhas costas (sem dor) e eu retrocedi, formando um arco, com os pés acima da cabeça, e reentrei no físico. Sentei-me fisicamente, quando alguém bateu na porta (minha filha). Que me teria puxado para trás tão resolutamente? O “cordão” sobre o qual eu lera desde então?

07/07/60

Este foi um experimento que não desejo fazer de novo. Eu estava

numa caixa Farady carregada (tele de cobre, acima do solo; carga de corrente contínua de 50 kv). Tentei me deslocar pela caixa. Saí corretamente do físico, depois pareceu que fiquei enredado num grande saco feito de fios flexíveis. O saco cedeu quando fiz resistência contra ele, mas não consegui atravessá-lo. Lutei como um animal preso no laço da armadilha, e finalmente regressei ao físico. Analisando bem o ocorrido, logicamente não foi o próprio fio, mas o padrão do campo elétrico montado fundamentalmente no mesmo formato da caixa, porém mais flexível. Talvez isso possa ser a origem de um “apanhador de fantasmas”!

30/10/60 – Tarde

Por volta das três e quinze me deitei com o propósito de visitar E. W. na casa dele, a uns oito quilômetros dali. Após certa dificuldade consegui penetrar no estado vibratório, depois saí do quarto, afastando-me do físico. Com E. W. como alvo mental, decolei e desloquei-me lentamente (relativamente). Foi quando me vi acima de uma rua comercial, movendo-me vagarosamente a uns oito metros acima da calçada (logo acima da margem superior das janelas do segundo andar). Reconheci a rua como a principal da cidade, e também o quarteirão e a esquina pelas quais passei. Fiquei vagando acima da calçada vários minutos, e reparei num posto de gasolina na esquina, onde um carro branco estava sem as rodas traseiras, que se achavam diante de dois boxes de lubrificação. Fiquei decepcionado por não ter ido ao encontro de E. W., minha destinação. Nada mais vendo de interessante, decidi voltar ao físico, o que fiz sem incidentes. Ao retornar, sentei-me e procurei analisar por que não fora aonde tencionara. Num impulso me levantei, fui até a garagem e dirigi os oito quilômetros até a cidade dele. Minha ideia era tornar a viagem pelo menos proveitosa, verificando o que eu vira. Rumei para a mesma esquina da rua principal, e lá estava o carro branco diante dos dois boxes abertos. Pequenos vestígios evidenciais como esse ajudam! Olhei para cima, na posição aproximada em que eu estivera acima da calçada, e tive uma surpresa: exatamente à mesma altura em que eu flutuara havia indutores

de força, contendo corrente elétrica de razoável alta voltagem. Será que campos de eletricidade atraem esse Segundo Corpo? Será esse o meio pelo qual ele viaja? Esta noite finalmente alcancei E. W. em casa. Parece que meu alvo não estava muito distante. Aproximadamente às três e vinte e cinco E. W. estava caminhando pela rua principal, e eu o seguia diretamente acima, pelo que pudemos calcular.

09/01/61

Respondendo a uma pergunta feita em discussão com a Sra. Bradshaw, resolvi verificar se havia realmente um “cordão”, mas não me ficou visível; ou estava escuro demais, ou em outro ponto. Então tateei pela cabeça para ver se ele saía pela frente, topo ou nuca. Quando fiz isso minha mão esbarrou em qualquer coisa, e tateei por trás de mim com ambas as mãos. Seja lá o que for, estendeu-se a partir de um ponto atrás de mim, diretamente entre as omoplatas, pelo que pude perceber; e não da cabeça, como eu esperava. Senti a base, e parecia exatamente como as raízes de uma árvore se espalhando do tronco principal. As raízes se inclinavam para fora e desciam pelas minhas costas até o meio do tronco, subiam pelo pescoço e penetravam pelos ombros de cada lado. Estiquei os braços e vi que formavam um “cordão”, se alguém pode chamar um cabo de cinquenta milímetros de “cordão”. Ficava pendurado e solto; pude sentir sua textura com precisão. Tinha calor de um corpo, e parecia composto de centenas (milhares?) de fios iguais a tendões, unidos aos grupos, mas não torcidos nem espiralados. Era flexível, e não parecia ter pele por cima. Satisfeito por ver que existia mesmo, afastei-me e voltei.

As características básicas anotadas foram confirmadas muitas vezes, de diversos modos. Contudo, parece não haver método que comprove tal fator, a não ser pela experiência pessoal e observação de outros. Talvez isso aconteça, no devido tempo.

Vejamos, então, o que aprendemos no processamento.

Primeiro: esse Segundo Corpo tem o que chamamos de peso. É sujeito à atração da gravidade, conquanto muito menos do que o corpo físico. Uma pessoa formada em Física talvez explique isso, naturalmente, afirmando ser uma questão de massa, e que qualquer coisa podendo interpenetrar uma parede deve possuir tão pequena densidade que será capaz de se esgueirar através do espaço na estrutura da matéria molecular. Tal densidade reduzida indica muito pouca massa, mas continua podendo ser matéria. Isso também é confirmado pelo experimento da meia saída, em que as pernas e os quadris foram separados, depois deixados a flutuar para baixo, caindo frouxos sobre a cama. A massa de baixa densidade caiu como cairia uma pena. Atravessar a parede também pode ser um exemplo. A resistência inicial pode ser causada por alguma forma de tensão na superfície, vibratoriamente falando, a qual uma vez rompida permite que a massa menos densa passe entre as moléculas da parede. Talvez algum físico especulador possa prosseguir deste ponto.

Segundo: esse segundo corpo é visível em certas condições. Para ficar assim ele deve refletir ou irradiar luz do espectro conhecido por nós; ou pelo menos elemento semelhante, desse terreno. Baseado no relatório do experimento com braços e pernas, parece que eu via luz irradiada, mas somente em torno do perímetro do formato corporal. O resto permaneceu invisível, sob a luz do dia. Deve-se considerar, igualmente, que meus mecanismos perceptivo e sensorial podem ou devem ter estado em algum estado elevado ou alterado, que tornou possível essa “visão”. O “chiffon cinza” visto por R. W. em luz artificial, e num estado de consciência plena pode ser mais uma outra coisa, também. Pela descrição, isso pode se encaixar na categoria de luz refletida. Aceitando-se o que foi registrado, evidentemente existem estados nos quais um observa-

dor plenamente consciente pode ficar visualmente conhecendo a presença do segundo corpo. Porém que estados são esses, não sei.

Terceiro: o senso de toque no segundo corpo é muito semelhante ao do físico, isto é: quando as mãos sentiram uma a outra, a sensação foi idêntica. O mesmo pareceu verdade no relatório de busca pelo “cordão”. As mãos puderam sentir e tocar no eu não físico, e foi carne tocando carne, de acordo com os receptores sensoriais; com a exceção do tipo de folículo capilar das protuberâncias da pele. Além disso, há indícios de que as mãos não físicas podem tocar o corpo físico, e com os mesmos resultados, como comprovado no experimento com o regresso para exame direto, começando com os dedos dos pés. Isso aparece de novo no experimento do “homem nas costas”, através de partes do meu corpo que não as mãos. Parecia que num chamado “estado local”, o segundo corpo pode notar e tocar em objetos físicos, da mesma forma.

Quarto: o segundo corpo é muito maleável, e pode adquirir qualquer aparência conveniente ou desejada pelo indivíduo. A capacidade de “esticar” o braço até três vezes o comprimento normal demonstra tal elasticidade. Extrapolando, pode-se conceber toda a viagem não física como o inacreditável estiramento de certa substância emanando do físico. O

“voltar de repente” ao físico, ao término do desejo ou vontade de “ficar fora”, dá crédito à ideia. A aparência do segundo corpo como um ondulante pedaço de tecido fino desafia a análise de qualquer tipo até hoje, mas pode novamente indicar flexibilidade. Se nenhum formato é transmitido pela mente ou pela vontade num determinado momento, podemos presumir que o tão conhecido formato humanoide é mantido por meio de algum pensamento hábito automático.

Quinto: existe a possibilidade de que o segundo corpo

seja uma inversão direta do físico. Isso tem base pelo experimento da separação rotativa de “rolar o toro” e pelo experimento envolvendo a exploração do corpo físico enquanto fica deitado inerte no sofá. Houve ainda a descoberta cabeça ao pé, que bem pode ser explicada pelo deslocamento na semiescuridão. No entanto, combinada com a identificação do dedão, merece ser levada a sério. Há indicações disso em outros relatórios, que inicialmente foram relegados à desorientação e respostas puramente subjetivas. O conceito inverso pode, de certo modo, ser associado à teoria da antimatéria.

Sexto: a investigação direta tende a confirmar a premissa de que há um “cordão” que liga o físico ao segundo corpo, como descrito muitas vezes através dos tempos pela literatura esotérica. Até hoje se desconhece o propósito desse elo de ligação. Pode especular-se que o segundo corpo e a inteligência que nele habita ainda exercem controle sobre o físico por meio desse elo de comunicação. Parece provável que mensagens também viajam por esse método, do físico para o segundo corpo, e invoque-se a chamada para regressar devido à má circulação no braço com cãibra e à batida de aviso na porta. Se a conexão é mantida, deve ser verdadeiramente uma substância altamente elástica, muito semelhante ao próprio segundo corpo, para esticar as distâncias aparentemente infinitas requisitadas.

Sétimo: o relacionamento entre segundo corpo, eletricidade e campos eletromagnéticos dá ênfase a isso, como o faz também o posicionamento do segundo corpo acima da rua, dentro ou vizinho ao campo formado pela corrente elétrica primária, ou na própria corrente elétrica.

MENTE E SUPERMENTE

Tendo descrito os aspectos “físicos” do segundo corpo, pareceria muito importante examinar como a mente aparentemente opera em reação à experiência com o segundo corpo.

Estudantes das ciências mentais poderão questionar a terminologia aqui usada, pois não fazemos tentativa de rever o fenômeno em termos psiquiátricos, psicológicos ou fisiológicos. Ao contrário, esperamos que esta seção, bem como a anterior, tenha significado comum a todas as ciências e mentes científicas, e que possa atuar como ponte à posterior exploração para qualquer interesse intelectual.

A pergunta mais formulada é: como você sabe que não está sonhando, que a experiência sofrida nada mais é que um sonho vívido ou uma alucinação de alguma espécie?

Isso merece outra resposta que não a contrapergunta: como sei que minha experiência em vigília é a real? Como relatado em outro ponto, eu tinha certeza de que tais experimentos eram experiências ou alucinações, durante longos períodos dos primeiros estágios. Eram considerados seriamente como alguma coisa extra somente quando dados evidenciais começaram a se acumular.

As experiências diferem do típico estado de sonho principalmente das maneiras seguintes:

- (1) Continuidade de algum tipo de conscientização;
- (2) Decisões intelectuais ou emocionais (ou fusão das duas) feitas durante as experiências;

(3) Percepção de multivalores através de entradas sensoriais ou seus equivalentes;

(4) Não repetição de padrões idênticos;

(5) Decorrencia de fatos em sequência que parece indicar lapso de tempo.

A declaração mais segura que se pode fazer é: quando existe tal estado você fica tão consciente quanto ao “não sonhando” como fica quanto ao estar acordado. Os mesmos padrões de conscientização podem ser aplicados com os mesmos resultados positivos. Isso é que é mais desconcertante quando se fazem as primeiras experiências. A dualidade da existência é completamente contraditória para todo o treinamento científico conhecido e a experiência humana. De novo, a prova máxima de tal afirmação consiste em fazer a experiência consigo mesmo nesse estado de ser.

Será esse um produto da auto-hipnose com a consequente sugestão pós-hipnótica? Muito provavelmente o método de indução e o estabelecimento de tal estado se relacionam com hipnose de muitas formas. A própria hipnose é fenômeno bem pouco compreendido. A “sugestão”, como é empregada na hipnose, pode fazer parte do processo de ativação. Entretanto tem-se tomado muito cuidado para evitar qualquer sugestão indireta ou quaisquer estímulos que possam induzir experiência de alucinação. Quando se conhecer mais a respeito dos fatores envolvidos na hipnose, talvez apareça um inter-relacionamento com as práticas envolvidas aqui.

Se a mente age na realidade de forma diversa, quais os pontos de divergência? Geralmente parece que a mente consciente (ou a totalidade do indivíduo) passa gradativamente por um processo de aprendizagem. Rememorando: o efeito é uma adaptação evolucionária e aceitação da mente consciente quanto a uma porção relegada de um todo. O total

é uma fusão uniforme de consciente, inconsciente e supermente (ego transcendente?), todos plenamente a par dos outros. Contudo, esse amálgama só é eficaz no segundo estado. Se tiver continuidade no meio ambiente físico, o efeito só é notado em nível limitado.

Na penetração primária no segundo estado, pensamento e ação são dominados quase inteiramente pela mente inconsciente, subjetiva. Tentativas de compreensão racional parecem enterradas numa avalanche de reações emocionais. Todos os impulsos primários subjetivos são fortemente óbvios, exigindo serem atendidos e/ou satisfeitos. É impossível negar sua existência. Os medos básicos que você acreditou haviam desaparecido são os primeiros a vir à tona. Eles são seguidos ou acrescentados do impulso igualmente forte da união sexual, que será examinado posteriormente. Juntos, representam dois golpes sólidos contra o desenvolvimento contínuo do segundo estado. Por toda a história da humanidade, medo e sexualidade têm sido a principal motivação e características de controle em todas as formas de organização social. É compreensível, portanto, que formem parte tão vital do segundo estado.

Devagar a mente consciente começa a agir sobre essa massa aparentemente desorganizada e ilógica para emprestar-lhe ordem e percepção objetiva. No princípio parece tarefa impossível. Nos estágios posteriores, a mente consciente desenvolve um relacionamento simbiótico junto com ela. Só raramente o processamento foge ao controle. Isso não quer dizer que a mente consciente tem controle pleno do segundo estado. Em vez disso, é mera reguladora de uma força mestra ou impulsionadora. Quem é a mestra? Chame-a de supermente, alma maior, ego, o rótulo não importa.

É importante saber que a mente consciente reage automaticamente às ordens da mestra sem discussão. No estado

físico parecemos apenas ligeiramente cômicos disso. No segundo estado é consequência natural. A supermente sabe, indiscutivelmente, o que é “certo” e os problemas surgem só quando a mente consciente se recusa, teimosa, a reconhecer esse conhecimento superior. A fonte de saber da supermente nos leva por muitos caminhos, a maioria dos quais parece além de nossa percepção do mundo da mente consciente. A hereditariedade é o mais aceitável e o mais insuficiente deles.

Com essa contínua adaptação ao progresso, podemos chegar a certas premissas observáveis. Elas levam a conclusões aplicáveis ao meio ambiente do segundo estado.

Sincronismo pensamento-ação. Enquanto no estado físico a ação se segue ao pensamento, aqui ambos são um e o mesmo. Não há passagem mecânica de pensamento para ação. Gradualmente se observa a existência do pensamento como força, por si só, em vez de ser uma catapulta, ou catalisador. Primariamente é uma força de pensamento emocional, gradativamente moldada numa ação coerente. É o pensamento de movimento que cria a ação. É o pensamento sobre a pessoa que será visitada que estabelece a destinação. Além disso, são as necessidades da supermente que criam movimento para áreas desconhecidas, frequentemente sem imediata conscientização das forças motivadoras.

Padrões de pensamento transmitidos pelas atividades físicas influem fortemente nas reações nesse segundo estado de existência. É espantoso descobrir como se alimentam pequenos hábitos de pensamento, e como se fica envergonhado com frequência quanto à sua qualidade automática. Embora não pareça que hábitos, necessidades ou desejos puramente físicos (exemplo: fome, dor, fumar) sejam tão transmitidos assim, padrões menos importunadores de pensamento e condicionamento surgem para confundir e desviar a atenção. A

exceção disso tudo é o impulso sexual, e mesmo este é influenciado pelos padrões sociais artificiais e os hábitos que produziram.

Vejamos um exemplo de transposição de hábito secundário tirado das anotações.

11/06/63 – Noite

... quando se aproximaram de mim, cada um pegando em meu braço para me guiarem pela área, minha mão se dirigiu ao meu bolso direito do paletó para sentir se a carteira de dinheiro ainda estava lá, para que não fosse subtraída. Levei alguns instantes para perceber que não havia carteira (e talvez nem casaco), nem havia intenção alguma por parte dos dois que me levavam, de tirar minha carteira não existente. Esse é o preço pago por quem vive no meio das multidões em cidades grandes!

Pequenos hábitos como o citado atrapalham realmente, e você vive repetindo-os sempre e sempre. O método para eliminá-los é reconhecê-los, um a um. Uma vez identificados, não mais aborrecem. O mesmo ocorre com pensamentos relacionados às condições do corpo físico. Por exemplo: se você foi condicionado para uma aguda percepção da nudez, automaticamente pensará que está vestido, e estará. O aspecto do seu corpo físico é transmitido em réplica nos mínimos detalhes, até os últimos folículos capilares e cicatriz, a menos que deliberadamente você pense de outra forma.

Inversamente, se seus hábitos de pensar têm rumado em outra direção, você pode usar a aparência que mais lhe for conveniente, deliberadamente ou não. Desconfio que se possa modificar o segundo corpo para qualquer modelo desejado. Uma vez dispensado, o segundo corpo retornará sem aspecto humanoide habitual. Isso dá ensejo à interessante especulação

da mitologia do homem. Se alguém desejasse viver a existência de um quadrúpede, o segundo corpo poderia ser transformado temporariamente num grande cão, e alguém com visão do segundo estado (provavelmente há muitas pessoas assim) poderia enfrentar um lobisomem. Ou o resultado poderia ser uma das fábulas do meio homem, meio bode/cavalo. Outro poderia “pensar” que possuía asas e voar, e ser transformado momentaneamente num morcego vampiro. Parece menos impossível quando se fazem experimentos com a força do pensamento no segundo estado.

Em suma, parece não haver nada que o pensamento não possa produzir nessa outra vida nova - velha. Isso suscita um aviso de cautela em grandes letras vermelhas: **TENHA ABSOLUTA CERTEZA QUANTO AOS RESULTADOS QUE DESEJA E FIQUE EM CONTROLE CONSTANTE DOS PENSAMENTOS QUE EMITIR.**

Mudanças de percepção. Esta é a área de alteração mais significativa, porém mais incompreensível. Como não aprendemos outra forma de lidar com isso, toda entrada sensorial é interpretada de início com palavras e significados distinguidos pelos cinco sentidos físicos. Por exemplo, quando se começa a “ver” nesse aspecto desconhecido, a impressão é de que esse “ver” é muito semelhante à recepção ótima dos olhos físicos. Só mais tarde descobre-se empiricamente que esse não é o caso. Não se trata de forma alguma de “ver” fisicamente. E aprende-se que é possível “ver” em todas as direções ao mesmo tempo sem girar a cabeça, que se vê ou não de acordo com o pensamento e que, quando examinado objetivamente, é mais uma impressão de radiação do que uma reverberação de ondas luminosas.

O mesmo se aplica a outros sentidos físicos. Você acredita, a princípio, que está ouvindo as pessoas “falarem” com

você. Logo percebe que nenhum “ouvido” recebeu mensagem sensorial. De alguma outra maneira, recebeu a mensagem (pensamento), e sua mente a traduziu em palavras compreensíveis. O tato parece ser o mais explícito relacionamento com uma equivalente física. Olfato e paladar têm-se mantido patentemente ausentes. Muito interessante é o fato de que nenhuma dessas formas de percepção funciona totalmente automática: você pode “ligá-las” ou “desligá-las” à vontade.

Também parecem existir alguns novos meios de entrada sensorial. Um deles é a identificação de outros entes humanos (vivos, mortos?), não pela “aparência”, mas por uma conscientização indisfarçável de seus hábitos e pensamentos da personalidade original. Isso é notável porque aparentemente infalível; o ego mais profundo parece irradiar padrões, assemelhando-se muito isso com a composição de uma estrela ou pedaço de metal sendo analisado pelo seu espectrógrafo. Desconfio que tais emanções não possam ser evitadas pelo indivíduo, portanto não pode haver disfarce por parte do ego mais íntimo, procurando tirá-lo de vista.

Outro item é a capacidade de se comunicar com outros em nível acima do conhecimento consciente. Isso ocorreu a pessoas vivas, acordadas e dormindo. É bem possível que aconteça igualmente no meio de pessoas vivendo no estado físico, mas ignorando o fato inteiramente. No segundo estado é específico e totalmente natural. Há muitos incidentes relatados nas anotações de tais comunicações, por exemplo quando a outra pessoa trava conversa física consciente com uma terceira parte.

O mais frustrante do assunto é que o comunicante raramente tem qualquer lembrança da coisa, posteriormente. Além disso, só com dificuldade é que tal contato é feito com a pessoa fisicamente acordada. É como procurar despertar al-

guém de um sono profundo. Talvez essa porção comunicadora da mente fique, na verdade, dormindo nos períodos de consciência física. A associação livre, ou técnicas hipnóticas de regressão deverão provocar a lembrança de tais fontes, quando necessário.

Um problema é encontrado periodicamente na percepção durante o segundo estado. Talvez seja mais comum na percepção por meios físicos do que tem sido registrado, sendo, assim, ímpar. Refiro-me a questão da identificação mental de pessoas, lugares e coisas que, até o momento, vinham sendo desconhecidas e despercebidas previamente.

Na busca por dados comprobatórios e auto-orientação, a mente parece atuar firmemente em reação a uma incompleta ordem de pensamento para “identificar”, sem modificações ou erros. Portanto, quando se enfrentam situação, local, pessoa ou coisa desconhecida ou aparentemente impossível, a mente aparece com alguma espécie de resposta, e não com a omissão de uma resposta de qualquer tipo.

A resposta toma a forma de racionalização, se pode ser chamada assim; ou, mais vulgarmente, faz-se pesquisa de lembranças e experiências passadas com o fito de produzir identificação adequada. Ela compara a situação na qual o objeto ou ação é notado por meio de experiência pessoal passada. Se nada coincide exatamente com os dados observados, a mente invariavelmente relata a lembrança mais semelhante, e declara: “este é o objeto ou ação que você está vendo”. Somente após a análise crítica, certa analogia do que na realidade foi notado vem à luz.

Existem diversos bons exemplos de tal fenômeno. Um dos melhores é a visita do Sr. Bahnson de manhã. A mente, não tendo na sua memória referência do objeto sendo colocado na traseira do carro (o gerador Van DeGraff), identificou

adequadamente seu tamanho aproximado; a protuberância redonda, semelhante a uma roda num suporte; e a plataforma-base, relatando erroneamente que era um automóvel para criança. Depois, contudo, relatou corretamente o menino e a bola de beisebol porque fazia parte de seus dados no banco de memória. No entanto, enfrentou um problema quanto aos movimentos da Sr. Bahnson ao entregar a correspondência matutina. Esta foi relatada como “cartas de baralho”, porém a mente encarava a incompatibilidade de jogarem com cartas brancas e grandes na mesa cheia de pratos. A noção de “jogar cartas” era o fato semelhante menos impossível na associação de imagens, por isso a unidade ficou retida.

De igual interesse foi a experiência do desastre do avião, relatada no Capítulo 2. Nela houve toda uma série de acontecimentos cheios de muitos dados sensoriais filtrados pelas associações passadas da mente. Acrescentada a isso, a veloz superposição de informações, de tal forma que a sequência de fatos em tempo se somou à confusão. A impressão de fazer uma viagem de avião foi bastante precisa. Todavia, a mente “esqueceu” de que havia uma viagem de ônibus para o aeroporto primeiro. Consequentemente, relatando o carregamento do ônibus, a impressão foi a de que ele era o avião. Abordando o ônibus, a mente assimilou o motorista aguardando perto da porta. Numa tentativa de identificar o homem, a memória foi vasculhada, e a pessoa mais parecida na experiência passada (D.D.) foi escolhida como a pessoa encontrada (a semelhança física entre o motorista do ônibus e D.D., quando comparada posteriormente, mostrou-se notável).

O reconhecimento da mulher sentada no banco da frente, e seu mal-estar foi outra forma de interpretação incorreta. O mal-estar, ou desconforto, foi analisado com precisão, mas o motivo, errado. A mente não estabelecera as causas do mal-

-estar da mulher, por isso relacionou-o ao indivíduo, já que se exigia alguma resposta. Em seguida, o voo rasante e lento por cima das ruas foi descrição perfeita do próprio evento, o ônibus passando pela via principal para o aeroporto, exceto que a mente se achava ainda fixa na ideia de voar num avião.

A mente ainda se mantinha fixa no “fato” de que o voo no avião já havia começado. Quando o aparelho se deparou com a tempestade, a mente relatou o avião passando por baixo de fios elétricos e telefônicos porque não conseguiu traduzir diretamente o efeito da tempestade.

Muito significativa foi a interpretação da mente quanto ao “acidente”, ou catástrofe. Ela “viu” o que parecia uma interrupção das atividades cardíacas. Isso era uma situação impossível, um fato inconcebível, baseado na sua experiência.

Diante desses dados passados, a mente foi forçada a “identificar!” A experiência disse que a catástrofe observada não era possível. Portanto ela selecionou um desastre de avião como ocorrência que seria acreditada e aceita como possibilidade.

Daí pode-se compreender a dificuldade de relatar precisamente a observância de material desconhecido. Quando tal complexo é confirmado em ambientes já conhecidos, pode-se bem imaginar o que ocorre quando o que é notado não tem relação com alguma experiência prévia. Somente através de laborioso método das tentativas alguns poucos fatos foram agrupados, e destes nem todos podem ser comuns à interpretação de outras mentes com diferentes bases de experiência. Essa é a razão da necessidade de que outros experimentem as mesmas condições. O quadro todo pode se tornar claro com o auxílio desses relatórios extras.

Dentre os poucos fatos que foram devidamente rotulados, existem os chamados sonhos de “voar” e de “cair”. Tenho absoluta certeza de que tais sonhos não passam de lem-

branças, em determinado nível, da experiência no segundo estado. Frequentemente fico a par da experiência do sonho de voar durante o sono, só para descobrir que na verdade eu estava flutuando com o segundo corpo, quando trouxe consciência ao incidente. Essa ação involuntária ocorre, com mais frequência, sem qualquer esforço consciente. Pode muito bem ser que inúmeras pessoas sofram tal experiência durante o sono, mas simplesmente não se recordam disso.

Um sonho de passear num avião ou pilotá-lo tem conotação semelhante. A mente, recusando-se a aceitar a possibilidade de voar sem ajuda mecânica, devido à experiência guardada na memória, “inventa” um avião para racionalizar o acontecimento. Novamente, quando a conscientização e o pleno conhecimento são trazidos à cena, o “avião” desaparece. Lá está você, bem alto no espaço, sem recursos lógicos de apoio. É bastante perturbador, até você se acostumar à ideia.

Sonhos de quedas também foram repetidamente examinados nos meus primeiros experimentos. É “sensação” comum na rápida reintegração do segundo corpo com o físico. Evidentemente a proximidade com esse último força a aceitação de sinais sensoriais transmitidos pelo segundo corpo, que mandarão “cair” no físico. Pelos mesmos indícios, o processo de “cair” no sono frequentemente provoca uma sensação de “afundar”. Pelas tentativas repetidas o efeito é produzido pela separação entre o segundo e o físico, e as impressões sensoriais ficam divididas entre os dois. Talvez a mesma sensação de afundamento ocorra quando se perde a consciência por outras causas, tais como desmaio, aplicação de anestesia etc.

Medição de inteligência. Aparentemente, e exceto quanto à soma de capacidades sensoriais recentemente anotadas, não existem indícios de imediata abertura de novas perspectivas de conhecimento e informação. Não existe melhoramento do QI

pelos padrões aplicados ao mundo físico. Há, na verdade, novo gênero de intelecto funcionando, mas em certo aspecto que parece incompreensível. Essa mente composta usa as experiências sofridas no físico, porém somente as aplica quando se “encaixam” no fato ou incidente. Às vezes certas ações que ocorrem parecem completa bobagem à mente consciente, e sua validade só é reconhecida após o fato.

Após número significativo de experimentos, a pessoa descobre que a mente consciente em si, mesmo nos seus padrões de memorização, é insuficiente para a tarefa da compreensão integral. Há coisas demais para serem reconhecidas além do âmago da experiência pessoal consciente. De novo, isso exige necessidade permanente de se organizarem os dados disponíveis de maneira compreensível, e acrescentar-se isso àquele corpo de conhecimentos através da experiência comprobatória de outras mentes conscientes. Essa mente consciente reconheceu suas limitações!

Padrões de memória. Se o intelecto consciente não parece aperfeiçoado, o celeiro de memória é outro assunto. Uma das primeiras mudanças é a inundação gradual da memória com fatos, locais, gente e coisas sem relacionamento algum com as atuais atividades da vida física de alguém, ou com sua experiência passada. E que pareçam não ter qualquer conexão com as visitas aos Locais II e III.

A fonte dessas lembranças permanece um mistério. São sentidas e memorizadas enquanto no segundo estado. Por exemplo: eu tenho lembrança vívida de um lugar onde morei, das estradas levando até ele, do aspecto da terra, sua localização em relação à estrada, e a paisagem circundante. Não se trata de um bom pedaço de terra, mas parece que dei duro para consegui-lo e era tudo que eu podia comprar. Eu tinha intenção de construir uma casa nele, algum dia.

Existe a lembrança, também, de três prédios ligados numa rua da cidade, edifícios velhos, com uns oito andares. Os últimos andares (semelhantes a velhos edifícios de apartamentos) foram interligados, formando uma grande área habitacional, com quartos amplos, de teto alto. É preciso descer ou subir ligeiramente para passar de um aposento a outro, devido à diferença nos níveis do piso. Esse foi um lugar que visitei, não frequentemente, algum dia, em algum local

Existem muitos outros, provavelmente sem importância em relação ao todo. Mas é importante saber que são produto direto de experimentos do segundo estado. Qual seu valor, além de simplesmente confundir, ainda não sei.

SEXUALIDADE NO SEGUNDO ESTADO

No decorrer de toda a experimentação os fatos começaram a se somar num fator muito vital ao segundo estado. Contudo, em toda a literatura esotérica do movimento secreto, não há menção disso; nem uma só palavra de análise ou explanação. Tal fator é a sexualidade e o impulso do sexo físico. Se os dados sobre o segundo estado são rotulados como fatos, esse negócio de sexo entre os humanos se tornou, de certo modo, totalmente confuso, deturpado, e tristemente mal compreendido.

Num país onde mais de 90 por cento dos psiquiatras praticantes são freudianos, muito se comenta a respeito desse fator. Virtualmente nenhum pensamento ou ação se origina de qualquer outra motivação, se endossarmos integralmente essa teoria.

Com o rótulo de “pecado” há muito pregado no assunto, o movimento secreto provavelmente ignora-o como coisa grosseiramente “material” e não merecedora de qualquer colocação na evolução espiritual. Quase o mesmo padrão tem sido aplicado às religiões, formais ou não. Igual à alimentação, essa necessidade foi manipulada através da história da humanidade sempre e sempre sob regras artificiais e tabus, com o fito de exercer controle sobre a massa popular. Isso ainda se aplica generalizadamente como controle básico de nossos desejos e ações. Observe quase qualquer comercial na TV norte-americana, e perceberá uma faceta. Escute um dos pre-

gadores que falam em “fogo do inferno e condenação eterna”, e entenderá outra. Estude a história sem censura de qualquer civilização importante, ou religião, e terá o panorama geral.

No movimento secreto existiram boatos baseados em fracos vestígios, dizendo que muitos “médiuns” famosos eram indivíduos altamente sexuais. O grupo mais sofisticado afirmava conhecer tal paralelo, mas nada foi sintetizado daí. Gurdjieff, o famoso místico do início do século, teria declarado que, se tivessem existido dois obstáculos para atingir o estado místico, tal como se apresentava o sexual, ele não o teria alcançado.

É impossível descrever quão profundamente hoje em dia aprecio e entendo o comentário de Gurdjieff. Pois fui submetido aos mesmos conceitos e condicionamentos do meio ambiente, como qualquer norte-americano. Mesmo atualmente, após processo de descondicionamento, ouço ecos de culpa e pecado quando tento emprestar certo candor a esse item. Mesmo assim reconheço que este seria um relatório incompleto sem ele.

Vejamos alguns trechos das anotações do primeiro estágio experimental.

07/05/58

Tarde da noite, quarto de dormir, baixa umidade, ausência de lua. Eu estava fisicamente cansado, mentalmente calmo. Deitei-me para dormir e o padrão vibratório se estabeleceu uns cinco minutos depois. Reuni coragem para tentar um pensamento de “decolagem”, e saí lenta e firmemente até cerca de um metro e meio acima da cama. Eu tentava decidir o que fazer quando fui invadido por grande desejo de satisfação sexual. Foi tão forte que esqueci tudo mais. Olhei em volta e vi minha esposa deitada abaixo de mim, na cama. Desci e tentei acordá-la para podermos praticar o ato sexual, mas fracassei, pois ela não acordava.

Senti que a única maneira pela qual eu teria sucesso seria pelo físico, portanto mergulhei de volta no corpo. As vibrações começaram a sumir quase imediatamente. Quando me sentei fisicamente, o desejo sexual desaparecera totalmente. Isso é muito esquisito, eu não sabia que possuía tais fortes impulsos latentes de desejo.

01/06/58

Tarde da noite, quarto de dormir, umidade média, tempo nublado. Eu estava sonolento, mas mentalmente alerta. As vibrações apareceram uns dois minutos após me deitar para dormir. Subi direto para fora do corpo através do método de “pensar”, e fui invadido pelo apelo sexual pela quarta vez seguida. Não consigo isolá-lo, não importa quanto eu tente. Desgostoso comigo mesmo, regressei ao físico. As vibrações não estavam presentes quando me sentei. Deve haver um meio de ficar isolado disso!

29/06/58

Tarde da noite, no escritório, umidade média. Eu estava um pouco cansado, mas mentalmente alerta. Acho que encontrei a solução para o maníaco sexual que existe em mim: funcionou desta vez com resultados surpreendentes! As vibrações vieram suavemente, e esperei até ficarem fortes, depois “pensei” em subir, e lá estava eu acima da cama novamente. Mais uma vez procurei uma fêmea pelo escritório todo. Como já havia ocorrido, toda vez em que eu tentava ir além do corpo físico três metros, a ideia de sexo me detinha. A nova técnica consistiu em, em vez de combater a ideia de sexo, ignorá-la, ou mesmo negar sua existência, imaginei: sim, a ideia de sexo é muito boa, e nós (eu) temos de tomar alguma providência. Farei isso dentro em pouco, mas primeiro quero ir a certo lugar. Com um impulso atravessei o teto e, dentro de poucos segundos me vi em outro aposento. Havia duas pessoas sentadas a uma mesa, sobre a qual estava um livro grande e branco. Fiquei estimulado, mas logo me preocupei querendo regressar, e pensei urgentemente no meu corpo físico. Brus-

camente me senti retorcendo para entrar no corpo. Sentei-me fisicamente no divã, olhei em volta, e tudo parecia normal, inclusive eu mesmo. E consegui abandonar os arredores imediatos. Perguntei-me quem seriam as duas pessoas.

Daí pode-se ver que o impulso sexual nunca foi na verdade superado. Em vez disso, foi posto de lado, afastado momentaneamente enquanto eu reconhecia e me conscientizava completamente de sua existência. Para dizer a verdade, a ideia nasceu do que se costumava chamar aqui de “cena de amor do Gene Autry”. Nos seus típicos filmes de “banguê-banguê”, Gene lutava contra os vilões para salvar a “mocinha”, levando-a até a cerca do curral. Chegava perto dela e começava a tecer comentários a respeito da beleza do seu cabelo, igual a um cavalo alazão. A mocinha, com amor nos olhos, avançava. Então, na hora em que você (e a mocinha, também) ficava certo de que ia beijá-la mesmo já tendo ela pedido, inclusive, o velho Gene dizia:

“Claro que vou, Susy Jane, mas antes vou te cantar uma canção.”

E não se sabe onde ele arranjava um violão e cantava músicas sobre cavalos. Após a canção ele jamais chegava a beijar a mocinha porque o filme terminava antes que tomasse providências. A noção de adiamento, em vez de negação, mostrava ser o veículo de emancipação ao domínio do impulso sexual. O impulso permanecia, como ainda permanece, e reaparece à mais leve oportunidade. E a oportunidade surge no segundo estado, mas de forma diversa.

“Diversa” é, na verdade, descrição muito inadequada. A ação-reação sexual no físico parece apenas leve imitação ou fraca tentativa de duplicar sistema muito íntimo, no segundo estado, de comunhão e comunicação, o que não é nada “sexu-

al”, na forma como empregamos o termo. No impulso físico da união sexual é como se recordássemos vagamente o auge emocional que ocorre com as pessoas do segundo estado, e o traduzíssemos num ato sexual. Se você achar isso difícil de aceitar, tente examinar objetivamente seus próprios desejos sexuais especificamente, sem os fatores condicionadores aos quais tem sido exposto. Afaste as normas e tabus e estude de perto, sem prevenções emocionais. Pode ser feito. Talvez você também se pergunte como a humanidade pode ter sido tão mal dirigida.

Aqui está a mais parecida analogia com a experiência do segundo estado, da qual a sexualidade física é mera sombra. Se os polos opostos carregados da eletrostática pudessem “sentir” quando os terminais desiguais se aproximam um do outro, “precisariam” se unir. Não existe barreira para evitar isso. A necessidade aumenta progressivamente com a proximidade. Em determinado ponto dessa proximidade, a necessidade é premente; quando está muito próximo, é toda abrangedora; além de um ponto estabelecido dessa proximidade, a necessidade-atração exerce tremendo puxão, e então os dois polos diferentes se unem rápido, envolvendo-se mutuamente. De forma instantânea acontece um interfluxo de elétrons que abala a mente (alma?), um penetrando no outro; cargas em desequilíbrio se tornam uniformes; o pacífico equilíbrio de base é restaurado, e cada um revitalizado. Tudo isso ocorre num só instante, contudo se passou uma eternidade. Depois, segue-se uma separação calma e serena.

É simplesmente normal e natural. Pode ser difícil reduzir tal emoção funcional e vital a uma necessidade simples e verdadeiramente natural; a nada mais nada menos que a aplicação de uma lei da física em outro nível. Todavia, muitos testes apoiam consistentemente essa premissa.

A essência dessa conclusão não surgiu facilmente, já que havia obstáculos quase insuperáveis a vencer. O primeiro deles eram as respostas condicionadas, estabelecidas e impregnadas pelas regras e tabus de nossa estrutura social. Inicialmente estas foram transportadas para o segundo estado. Eis um bom exemplo disso nas anotações:

16/09/59

Depois de resolver “olhar”, verifiquei minha posição no quarto. O escritório estava fracamente iluminado, enquanto eu me achava acima da mesa e a uns dois metros e meio de distância do sofá, onde eu divisava meu corpo físico semivisível na escuridão. Então, perto da porta, vi uma silhueta, sem dúvida humanoide, deslocando-se em minha direção. Imediatamente “percebi” que tal pessoa era do sexo feminino. Eu continuava cauteloso, porém lutava contra o comando do sexo, que aumentava a despeito de qualquer vontade própria.

“Sou mulher”, pareceu murmurar uma voz feminina.

Retruquei afirmando saber disso, tentando me controlar. As nuances sexuais de sua voz eram inconfundíveis. Ela se aproximou mais ainda.

Minha mente traduziu que era realmente mulher, e a síntese da atração sexual. Recuei, invadido pelo desejo e pelo medo do que poderia acontecer caso eu realmente tivesse relações sexuais enquanto no segundo corpo, provocando possível “traição” à minha esposa. Finalmente meu medo de possíveis consequências desconhecidas sobrepujou o desejo, e rapidamente mergulhei de volta no corpo físico, fundi-me, e sentei. Olhei volta. O escritório estava vazio. No momento em que pensei no ocorrido, meu corpo físico reagiu e ficou estimulado. Saí para dar uma volta antes de regressar e fazer estas anotações. Talvez eu seja um covarde!

Foi preciso certo número desses encontros, em diversos níveis de intensidade, antes que eu começasse a avaliar o que

de “errado” neles me mantinha controlado. Parecia haver uma relação direta entre o que eu interpretava como impulso sexual e essa “força” que me permitia dissociar-me do corpo físico. Seria isso um redirecionamento de tal impulso básico que na verdade eu sentia com as “vibrações”? Ou seria o inverso? Seria o impulso sexual manifestação física e emocional da força?

Talvez haja um modo de examinar isso sob condições estritamente controladas, isto é, se existe uma sociedade amadurecida o bastante para aceitar os experimentos. Certamente a nossa não o é. O que se pode fazer aqui é tão somente tentar trazer certos itens à luz da investigação. Recentemente, em estudos científicos de sonhos e sono, notou-se que durante um sono com MRO (Movimento Rápido do Olho), os pacientes masculinos apresentaram ereção do pênis. Isso ocorreu independentemente do conteúdo do sonho. Um sonho não sexual também produziu o efeito. Foi só até aí que a ciência fez experiência até hoje. Mencionamos isso aqui apenas porque a mais consistente reação física assinalada quando no regresso do segundo estado é a ereção do pênis. É um indício, nada mais.

Fosse por meio do redirecionamento, fosse pela purificação, a sexualidade no segundo estado não é igual ao seu eco físico, mesmo que os hábitos e preconceitos do último sejam ignorados. Os obstáculos criados e continuamente reforçados pelo condicionamento social representam apenas metade disso. Os próprios elementos físico-mecânico não mais parecem se adequar. Durante muito tempo a mente continuará a considerar a sequência atração-ação-reação como função semelhante, ocorrendo não fisicamente. À medida que percepção e controle se aperfeiçoam, as diferenças se tornam mais visíveis.

Em primeiro lugar, e o que é mais óbvio, não há provas

da interpretação de macho-fêmea. Ao relembrares-se as tentativas de expressar a necessidade dessa maneira funcional, elas se tornam patéticas. Descobre-se, frustrantemente, que simplesmente não ocorre desse jeito no segundo estado. Além disso a sensualidade produzida pela forma física da contraparte sexual é inteiramente ausente. Não existe padrão distinto de aparência física, seja por visão ou por toque.

Como, então? Que, então? A analogia dos polos magnéticos opostos persiste. Há forte conscientização de “diferença”, que é igual à radiação (como bem pode ser, aliás) do sol, ou o calor de uma fogueira sentido por alguém tiritando de frio. É dinamicamente atraente e necessitado. Tal atração varia de intensidade de acordo com o indivíduo (define o que torna uma pessoa mais sexualmente atraente que outra; vai além das proporções físicas). Pode ser igual a cabos ou fluxos magnéticos.

O “ato” em si não é exatamente um ato, mas um rígido e imóvel estado de choque, onde os dois realmente se fundem, não apenas em nível superficial, e usando uma ou duas partes específicas do corpo, mas em dimensão total, átomo por átomo, por todo o segundo corpo. Ocorre um fluxo breve, não interrompido de elétrons (?), um para o outro. O momento atinge êxtase insuportável, e em seguida tranquilidade, uniformidade, e então acaba.

Por que isso ocorre, por que é preciso, não sei; não mais que o polo norte de um ímã compreende sua “necessidade” pelo polo sul de outro ímã. Diferentemente do ímã, porém, podemos assimilar objetivamente e perguntar “por que”. Um fato é certo: como no estado físico, o ato é igualmente necessário no segundo. Em algum ponto do Local II é tão comum como apertar mãos. Vejamos trechos das anotações:

12/09/63

Ceguei, por nenhum motivo perceptível, a uma área externa, e no meio de sete ou oito pessoas, todas formando um grupo ao acaso. Não me pareceram particularmente surpresos, mas fui cauteloso como sempre. Houve certa hesitação de sua parte, como se não soubessem como me tratar ou cumprimentar, mas nada de hostilidade. Finalmente um deles se adiantou de modo amistoso, como se para apertar minha mão. Eu estava na iminência de esticar a minha quando a pessoa se aproximou muito de mim, e subitamente deixou transparecer rápida e momentânea investida sexual. Fiquei surpreso e um pouco chocado. Em seguida, um após o outro se adiantou e me cumprimentou dessa forma, tão simples-mente como um apertar de mãos, formando uma fila. Finalmente o último deles também veio à frente; o único que fui realmente capaz de definir como do sexo feminino. Parecia muito mais velha que eu e os outros. Demonstrava amizade e bom humor.

- Bem, não faço isso há bastante tempo – e riu ao afirmá-lo – Mas estou disposta a tentar!

Dizendo isso se aproximou, e praticamos uma curta e bastante agitada investida sexual juntos. Ela recuou, sorriu ironicamente e foi se juntar de novo aos outros. Após instantes e algumas tentativas de descobrir onde eu me achava, comecei a me sentir mal, e achei que deveria retornar. Desloquei-me direto para cima, estirei-me em busca do físico, e voltei sem incidentes.

Seria a saudação tipo investida-sexual um hábito típico de lá, ou estaria eles tentando ser agradáveis com um forasteiro, adotando temporariamente um costume que parece lugar-comum na sua terra? Pode ser, se eles olhassem os egos mais profundos, secretos da maioria de nós no cativado “físico”.

Fantasias sexuais em sonhos causadas por alguma repressão sexual de infância? Essa poderia ser a resposta freudiana, e também a saída “fácil”; a classificação errada para evitar

enfrentar possibilidades não registradas. Qual a prova de que existe mais alguma coisa? Não há maneira de confirmar o citado acima porque não existem meios de definir o “onde” da coisa.

Na experiência acima, sim. Em outra? Novamente das anotações:

04/03/61

Tarde da noite, no estúdio, andar térreo. Eu não estava cansado demais, e estava mentalmente alerta. De propósito, induzi as vibrações através do método da contagem. Era uma noite de sábado, e estou escrevendo isto na tarde de domingo, baseando-me nas anotações feitas durante a noite e os últimos acontecimentos. Algumas informações preliminares: na tarde do sábado (ontem) uma amiga da minha esposa (J. F.) telefonou perguntando se poderia passar a noite conosco. Chegou na hora do jantar e, após uma noite tranquila e agradável nos recolhemos, indo nossa hóspede para o pequeno e quadrado quarto de hóspede lá em cima, na parte dianteira da casa, ou pelo menos presumi isso. Acreditei, também, que nossos dois filhos dormiam em seu próprio quarto, que é comprido e retangular, diretamente sobre o estúdio. Resolvi dormir neste, em vez de no quarto de dormir, com minha esposa, pois achei que poderia induzir as vibrações e não queria de forma alguma perturbar-lhe o sono.

Após muitas preliminares, as vibrações vieram fortes e aceleradas, numa frequência além da percepção, com pulsação individual. Saí do físico facilmente, com forte senso de libertação e controle, prossegui a subida, passando pelo teto, pelo piso acima, e entrando num aposento retangular. Estava escuro, e eu tinha certeza de que me achava no quarto das crianças, só que não via nenhuma delas. Já estava a ponto de ir para qualquer outro lugar quando percebi uma mulher no quarto, não muito longe de mim. Não consegui definir suas feições, porém me deu a impressão de ter uns trinta e poucos anos, e considerável experiência sexual (aquela tão conhecida “radiação” de características?). Esse último senso

provocon meu impulso sexual, e fui atraído para ela. Quando me aproximei, ela disse (?) que “preferia que não” porque estava muito cansada.

Recuei, respeitando seus desejos, e declarei que isso era perfeitamente normal. Ela pareceu grata, e eu fui delicado, mas fiquei decepcionado. Então notei uma segunda mulher bem à direita do fundo da cena. Era mais velha que a primeira, na casa dos quarenta, mas também mulher de vasta experiência sexual. Adiantou-se e ofereceu-se para “ficar” comigo, como se dissesse “vou de qualquer jeito” (insinuando que, se a primeira não quis, ela ia querer, ansiosa). Não precisei de mais convite a essa altura, e nos unimos rapidamente. Houve estonteante choque do tipo elétrico, e em seguida nos separamos. Agradei-lhe, e ela pareceu calma e satisfeita. Achando isso suficiente para uma noite, virei-me e mergulhei pelo chão, logo reentrando no físico. Sentei-me e acendi a luz. Tudo quieto na casa. Fumei um cigarro e depois me deitei e dormi o resto da noite, sem incidentes.

Esta manhã (domingo) levantei-me cedo, como sempre, e minha esposa veio tomar café na cozinha por volta das dez horas. Ela estava em dúvida sobre subir para acordar J. F., que iria à igreja. Por acaso mencionou que esperava J. F. tivesse dormido bem porque estava tão cansada. Isso não me chamou a atenção em especial, mas quando ela declarou que J. F. dormira no quarto das crianças e não no de hóspedes (numa cama supostamente mais confortável), e as crianças, por sua vez, no quarto de hóspedes, a coisa começou a esquentar. Conforme já declarei, o quarto das crianças é retangular e fica diretamente acima do estúdio. Além disso, J. F. tem uns trinta e poucos anos, é cantora profissional, e sem dúvida teve ampla experiência sexual (dois maridos, mais inúmeros casos amorosos). Acrescente-se a isso o fato de que estava muito cansada.

Levei alguns minutos para tomar coragem bastante e perguntar mas eu tinha de saber. Minha esposa está razoavelmente doutrinada, a essa altura. Pedi-lhe que fosse lá em cima e perguntasse a J. F. se estava sexualmente “cansada”. Minha esposa quis saber o que eu queria dizer, e então lhe expliquei. Em seguida, lógico, ela desejou saber por que, e

disse que não faria tal pergunta à amiga. Afirmei-lhe ter certeza de que ela conseguiria descobrir, pois era importante. Finalmente concordou e subiu para acordar J. F. Esperei muito tempo, e enfim minha esposa desceu sozinha. Olhou para mim fixamente.

- Como você sabia?

Graças a Deus ela não fez a pergunta desconfiada. E prosseguiu.

- Foi por isso que ela nos telefonou, pedindo para vir para cá. A semana inteira ela teve um romance violento, fazendo sexo toda noite. Disse-me que estava simplesmente cansada demais para aguentar mais uma noite.

Pouco tempo depois J. F. desceu para o desjejum. Minha mulher, claro, nada lhe contara sobre meu interesse pelo seu estado. J. F. parecer ser a mesma de sempre durante o resto do dia. Normalmente ela me trata muito casualmente, como simples marido de uma velha amiga. Hoje a peguei olhando para mim fixamente várias vezes, como se estivesse querendo recordar alguma coisa sobre mim, mas não conseguindo. Não dei a perceber que notara esse súbito interesse. O fato era identificação bastante boa. Mas quem seria a outra mulher, a mais velha?

Resultados: 07/03/61. Quarta-feira à noite. Durante os últimos dias venho tentando calcular o que deve significar a mulher mais idosa. Eu acabara de concluir que era uma pessoa não vivente, ainda profundamente atraída ao relacionamento sexual físico, e que seguiu J. F. por aí só para desfrutar indiretamente das atividades sexuais da última, se isso for possível. Ontem, contudo, um amigo passou pelo meu escritório. No decorrer da conversação mencionou que uma amiga comum, R. W., declarou ter sonhado comigo no último sábado à noite.

Diante da menção de sábado à noite fiquei imediatamente alerta. R. W. era mulher de negócios, quarentona. Embora casada, ela decididamente classificava-se como pessoa de ampla experiência sexual, de acordo com minhas próprias observações (sem participação, porém). R. W. foi evasiva quanto ao conteúdo do sonho. Diante de minha gentil insistência, contudo, declarou-me que no sonho eu lhe fizera minucioso

“exame físico”. Não entrou em mais detalhes. Ou realmente não se recordava de outras coisas, ou o assunto era íntimo demais para contar-me. No entanto, o fato de haver sonhado isso na mesma noite de sábado; de que o sonho sugeria algum tipo de intimidade, sendo importante para ela mencioná-lo; e de que R. W. apresenta as características que eu declinara previamente são aspectos difíceis de rotular-se como coincidência.

Se houve qualquer desejo sexual secreto por J. F. e R. W. de minha parte, não fiquei a par. Há certo consolo em saber que essas duas continuam fazendo parte dos “vivos”.

Muitos dos experimentos nas anotações são igualmente “íntimos demais” para que eu os relate. Confio em que o que foi apresentado até agora dará indicações suficientes. Basta dizer que houve experiência de todos os tipos, como existem, evidentemente, todos os tipos no segundo estado, tanto no Local I quanto no II. Os seguidores do conceito dos “planos astrais” diriam que a “qualidade” dos já conhecidos determinaria o “nível” do plano visitado, “qualidade” no sentido de intensidade, e/ou degradação ou eliminação da experiência sexual. Isso dependeria de interpretação. Aqueles que não começaram a entender os estados do segundo estado (“vivo” ou “morto”) ainda podem bem relacionar o padrão ao do físico, apenas sem as inibições e limitações da “civilizada” sociedade física. Nós continuamos a avaliar a sexualidade como boa ou má estritamente em termos de tais inibições, restrições, e estrutura social. A falha desse ponto de vista é demonstrada porque em nosso próprio “continuum” de espaço-tempo não podemos harmonizar a prática sexual com as regras sociais, nem concordar com o assunto, dentre as várias ordens sociais hoje existentes.

O impulso sexual em si pode ser catalisador do estado vibratório, que é o portal para o segundo estado. Entretanto,

tal questão é uma armadilha. É igual a uma criança agitada, constantemente testando a autoridade acima dela, e ameaçando dominar e sair correndo em outra direção. Mas de forma alguma representa maldade no segundo estado.

EXERCÍCIOS PRELIMINARES

No decorrer deste livro tenho feito diversas referências a um fato óbvio: a única maneira possível de um indivíduo analisar a verdade do segundo corpo e a existência dentro dele é pela experiência própria.

Logicamente, se isso fosse incumbência fácil, seria hoje lugar-comum. Desconfio que somente uma curiosidade inata permita às pessoas vencerem os obstáculos no caminho dessa conquista. Conquanto existam muitos casos de existência sofridos à parte do corpo físico, eles têm sido, em sua maioria, pelo menos no mundo ocidental, de natureza espontânea e antiga, ocorrendo nos momentos de tensão ou incapacidade física.

Estamos falando de coisa inteiramente diferente, que pode ser investigada objetivamente. O experimentador desejará proceder de maneira a produzir resultados consistentes; talvez não o tempo todo, mas com frequência bastante para comprovar os indícios, para sua própria satisfação. Acredito que todo mundo pode sentir a existência num segundo corpo, se o desejo for grande o bastante. Se todo mundo deveria fazê-lo está além da essência do meu julgamento.

As provas me têm levado a crer que a maior parte, se não todos, dos seres humanos abandona seus corpos físicos, de várias formas, durante o sono. Leitura subsequente confirma que essa concepção tem milhares de anos de idade na história do homem. Se ela é uma premissa válida, então o es-

tado em si não é antinatural. Por outro lado, parece que a prática consciente, voluntária da separação do físico é contrária do padrão, em face dos limitados dados disponíveis.

Efeitos físicos maléficos derivados de tal atividade são indefinidos. Não verifiquei (nem médico nenhum) quaisquer mudanças fisiológicas, boas ou ruins, que possam ser atribuídas diretamente à experiência fora do corpo.

Houve, sim, diversas transformações psicológicas que confirmo, e provavelmente muitas mais de que não fiquei a par. No entanto, mesmo meus amigos da profissão psiquiátrica não afirmaram que elas têm sido prejudiciais. Minha revisão gradativa dos conceitos e crenças básicas é visível, em certas atitudes, no decorrer desta obra. Se tais mudanças psicológicas e de personalidade são realmente nocivas, atualmente não há muito que se possa fazer a respeito.

Recomenda -se cautela àqueles interessados em experimentar pois, uma vez aberta a porta para essa experiência não pode ser fechada. Ou mais exatamente: é o caso típico de “você não pode viver com isso, e você não pode viver sem isso”.

A atividade e resultante conscientização se mostram bastante incompatíveis com a ciência, religião e outros aspectos da sociedade em que vivemos. A História está semeada de mártires cujo crime único foi o não conformismo. Quando seus objetivo e pesquisa se tornam conhecidos por todos, você corre o risco de ser rotulado de louco, charlatão ou pior, e de cair no ostracismo. A despeito disso, alguma coisa extremamente vital estaria faltando se não se continuasse a explorar e investigar. Nos incontáveis períodos de “baixa”, quando não consegue produzir os fenômenos, não importa quão cuidadosamente tente, você percebe isso profundamente. Tem forte sensação de estar sendo deixado por fora das coisas, do encerramento de uma fonte de grande significado para a vida.

Eis a melhor descrição escrita que posso oferecer da técnica da elaboração da experiência não física.

A BARREIRA DO MEDO

Existe um imenso obstáculo à investigação do segundo corpo e do meio ambiente no qual ele opera. Talvez seja o único obstáculo significativo. Está presente em todas as pessoas, sem exceção. Pode estar escondido por camadas de inibição e condicionamento, mas quando elas são arrancadas, o obstáculo permanece. É a barreira do medo cego, irracional. Ao receber simplesmente pequenos ímpetus, transforma-se em pânico, e depois em terror. Se você ultrapassa conscientemente a barreira do medo, terá vencido um marco importante na sua investigação.

Estou razoavelmente seguro de que essa barreira é ultrapassada inconscientemente por muitos de nós toda noite. Quando essa parte de nós além da consciência tem o domínio das coisas, ela não é inibida pelo medo, embora pareça sofrer influência do pensamento e ação da mente consciente. Parece estar acostumada a operar além da barreira do temor, e compreende melhor as normas de existência desse outro mundo. Quando a mente consciente se aquieta para dormir, essa supermente (alma?) assume o controle.

O processo investigador relativo ao segundo corpo e seu meio ambiente parece ser fusão ou mistura do consciente com essa supermente. Se isso é verdade, a barreira do medo é superada.

Tal barreira é multifacetada. O mais temerário dentre nós acredita que ela não existe até, muito para nossa surpresa, a encontrarmos dentro de nós mesmos. Primeiro e principal-

mente há medo da morte. Devido à separação do corpo físico ser muito parecida com o que se encara como morte, são automáticas as reações imediatas à experiência. Você pensa:

“volte pro físico, depressa! Você está morrendo! A vida é lá no físico! Volte rápido!”

Tais reações aparecem, a despeito de qualquer treinamento intelectual ou emocional. Somente após repetir o processo dezoito ou vinte vezes é que finalmente reuni coragem suficiente (e curiosidade) para permanecer fora mais que alguns segundos, para observar objetivamente. O medo da morte foi limitado, ou amenizado por me ser familiar. Outros que têm praticado essa técnica interrompem tudo após a primeira ou segunda experiência, incapazes de suprimir o primeiro aspecto da barreira.

O segundo aspecto dela também é ligado ao medo da morte: será que conseguirei retornar ao físico ou voltar para “dentro dele?” Sem diretrizes ou instruções específicas isso persistiu como meu primeiro medo durante vários anos, até que descobri uma resposta simples que fez a coisa funcionar toda vez. O meu caso foi uma questão de racionalização. Eu estivera “fora” várias centenas de vezes, e os indícios mostravam que eu conseguia regressar com segurança, de um modo ou de outro. Portanto a probabilidade era a de que eu retornaria ileso também na próxima vez.

O terceiro medo básico era o do desconhecido. As regras e perigos do nosso ambiente físico podem ser numerados em grau razoável. Passamos a vida inteira elaborando reflexos que os combatam. Agora, subitamente, surge mais outro conjunto de normas completamente diverso; outro mundo de possibilidades inteiramente diferentes, habitado por seres que parecem conhecê-las todas. Não se tem um regulamento, nem mapa de estradas, nem livro de etiqueta, nem cursos apropria-

dos de física e química, nem autoridade incontestável a quem se possa apelar para conselhos e respostas. Muitos missionários foram mortos em regiões remotas, sob tais condições!

Devo confessar que esse terceiro medo ainda aflora, e com razão. O desconhecido continua assim em grande parte. Penetração como eu fiz levantou lamentavelmente poucos critérios inalteráveis e consistentes. Só posso dizer que até hoje sobrevivi a essas explicações. Há muita coisa que não entendo, porque está além da minha capacidade de compreensão.

Outro medo são os efeitos consequentes no corpo físico, bem como na mente consciente, da participação e experimentação dessa forma de atividade. Isso também é muito real, já que nossa história, pelo menos que eu saiba, parece não conter registros precisos sobre essa área. Temos estudos de paranoia, esquizofrenia, fobias, epilepsia, alcoolismo, doença do sono, acne, doenças virulentas etc., mas nenhum conjunto de dados objetivos sobre a patologia do segundo corpo.

Não sei como enganar a barreira do medo, a não ser por cautelosos passos iniciais que criem conhecimento íntimo, pouco a pouco, à medida que você avança. Espero que esta obra, no seu todo, vá fornecer um “passo” psicológico para transpor a barreira. Talvez ajude no reconhecimento de estados e padrões que são familiares a pelo menos uma pessoa que teve experiências semelhantes e sobreviveu.

A seguir, a necessária progressão do procedimento:

1. RELAXAMENTO

A capacidade de descontrair-se é o requisito preliminar, talvez mesmo a própria fase primeira. É deliberadamente ge-

rada e é tanto física quanto mental. Incluído no estado de relaxamento deverá estar o alívio de qualquer senso de premência de tempo. Você não pode estar com hora marcada. Nenhum compromisso ou telefonema marcado, senão a atenção porá seus pensamentos em desordem. Impaciência de qualquer gênero poderá efetivamente refrear suas perspectivas de sucesso. Há muitas técnicas disponíveis para a obtenção desse tipo de descontração, e certo número de bons livros abordam o assunto. Simplesmente selecione o método que funciona melhor para você. Existem três métodos gerais que parecem dar certo, dois dos quais inseridos nestes exercícios:

Auto-hipnose. A maior parte dos livros sobre autoestudo oferece esse método em versões diferentes. Novamente é assunto mais eficaz para você individualmente. O meio mais veloz e eficiente é aprender auto-hipnose por meio de treinamento com hipnotizador experiente. Ele saberá impor a sugestão pós-hipnótica que trará resultados imediatos. Contudo, selecione um professor com cuidado. São raros os praticantes de responsabilidade, mas numerosos os neófitos. Formas de meditação podem ser convertidas em relaxamento eficaz.

Estado de sono fronteiroço. Esse é talvez o método mais fácil e natural, e geralmente assegura descontração simultânea do corpo e da mente. A dificuldade está na preservação daquela delicada “fronteira” entre o sono e a vigília total. Com muita frequência a pessoa simplesmente cai no sono e isso encerra o experimento, por enquanto.

Com a prática, a conscientização pode ser transportada para esse estado fronteiroço, penetrar nele, e atravessá-lo, chegando, após, à sua destinação. Que eu saiba não existe outra maneira de alcançar isso a não ser pela prática. A técnica é a seguinte: deite-se, de preferência cansado e sonolento.

Quando se descontrair e começar a cair no sono, mantenha a atenção em alguma coisa, qualquer coisa, com os olhos fechados. Uma vez conseguindo manter indefinidamente o estado fronteiroço sem cair no sono, é sinal que passou pelo primeiro estágio. Entretanto é padrão normal cair no sono muitas vezes durante esse processo de aprofundamento da consciência. Você não poderá ajudar a si mesmo, porém não deixe que isso o desanime. Não se aprende o processo da noite para o dia. Você perceberá que teve êxito quando sentir monotonia e desejar que aconteça mais alguma coisa!

Se as tentativas de permanecer no estado fronteiroço o tornarem nervoso, essa também é uma reação normal. A mente consciente parece não gostar de partilhar a autoridade de que dispõe quando em vigília. Se tal ocorrer, interrompa o relaxamento, levante-se e caminhe um pouco, faça exercícios, e deite-se de novo. Se isso não aliviar o nervosismo, vá dormir e tente em outra ocasião. Você simplesmente não está disposto.

Quando seu “fixativo”, isto é, a imagem pensada na qual vinha se apoiando, fugir e você se vir pensando em alguma outra coisa, é porque está na iminência de completar o Estado A.

Uma vez lá chegando, a capacidade para se manter calmamente no estado fronteiroço indefinidamente, com a mente num pensamento exclusivo, você estará pronto para a fase seguinte. O Estado B é análogo, mas elimina-se a concentração. Não pense em coisa alguma, e permaneça equilibrado entre vigília e sono. Apenas olhe através dos olhos fechados para a escuridão à sua frente. Não faça mais nada. Após certo número de exercícios você poderá: “inventar imagens mentais” ou padrões luminosos. Tais efeitos não têm grande significado, e podem meramente ser formas de descarga nervosa.

Lembro-me, por exemplo, de quanto tentei alcançar esse estado após assistir a um jogo de futebol na TV durante horas. Tudo que eu via eram imagens mentais de jogadores de futebol americano se agarrando, correndo, passando a bola etc. Levou pelo menos meia hora para o padrão se desvanecer. Essas imagens mentais são aparentemente relacionadas à sua concentração visual nas oito ou dez horas precedentes. Quanto mais intensa a concentração, maior parece ser a demora para eliminar as impressões.

Você terá conquistado o Estado B quando conseguir ficar deitado indefinidamente após o desaparecimento das impressões, sem nervosismo, e vendo tão somente a escuridão.

O Estado C é o aprofundamento sistemático da consciência enquanto no Estado B. Isso é atingido quando se libera cuidadosamente a firme preservação da fase fronteira do sono e se aprofunda pouco a pouco durante cada exercício. Você aprenderá a estabelecer os graus desse aprofundamento da consciência “descendo” até determinado nível, e regressando voluntariamente. E reconhecerá tais graus pelo fechamento de várias entradas do mecanismo sensorial. O sentido do tato aparentemente some primeiro. Você tem a impressão de não sentir nada em qualquer parte do corpo. Olfato e paladar vêm em seguida. Os sinais de audição somem, em sequência, e o último a desaparecer é a visão (às vezes os dois últimos são invertidos. Desconfio que o motivo pelo qual a visão vai por último é que o exercício requer o uso da rede visual, mesmo na escuridão).

O Estado D é a consecução do C quando se está inteiramente descansado e revigorado, em vez de cansado e sonolento, o princípio do exercício. Isso é muito importante, e nem de perto tão fácil de atingir como de escrever a respeito. Entrar no estado de relaxamento cheio de energia e consciên-

cia é forte garantia para manter controle consciente. A melhor abordagem nas primeiras tentativas dos exercícios no Estado D é começar imediatamente após acordar de uma soneca ou uma noite completa de nosso. Princípie o exercício antes de se mexer fisicamente na cama, enquanto seu corpo ainda se acha entorpecido pelo sono, e a mente em alerta total. Não tome muito líquido antes de dormir, para não sentir necessidade imediata de esvaziar a bexiga assim que acordar.

Indução por drogas. Nenhum dos remédios que produzem relaxamento e que são prontamente acessíveis parece ajudar. Os barbitúricos forçam a perda do controle consciente e somente provocam estado de confusão quando em consciência profunda. O mesmo ocorre em grau menor com tranquilizantes. Atinge-se o relaxamento, sim, mas a custo da percepção. O álcool sob qualquer aspecto provoca efeitos análogos. Compostos mais exóticos, tais como alcaloides e alucinógenos, podem ser mais produtivos. Não tenho tido bastante experiência ou contato com os últimos a ponto de poder fornecer uma opinião, ou mesmo adivinhação com base em conhecimento. Parece-me que uma pesquisa a longo prazo é indicada para esse caso.

Já utilizei os três métodos e rejeitei o relaxamento por meio de drogas bem no início, pois resultou tanto em muita perda do controle consciente quanto na deturpação da percepção. Na primeira técnica, fitas para indução hipnótica foram especialmente preparadas para o experimento. Mostraram-me bastante úteis e eficazes. As técnicas do estado de sono fronteiro têm sido empregadas com muita frequência. A despeito do procedimento aparentemente complicado, para mim é o método mais natural.

2. ESTADO DE VIBRAÇÃO

A produção desse efeito é a mais crítica de todas. A impressão sensorial subjetiva que ela cria vem descrita em outro ponto da obra. Uma vez alcançado, sem dúvida não lhe precisarão dizer que teve êxito, e então terá passado por outro grande obstáculo.

Tudo o que se pode fornecer são pistas. Ao nível atual de conhecimento, não se sabe por que essas coisas funcionam. É muito parecido com o ato de se ligar um interruptor para obter luz sem noção alguma de como o interruptor opera, de onde vem a eletricidade, ou por que e como ele atua numa lâmpada protegendo filamentos e tungstênio.

Todo o material aqui contido foi constituído tão empiricamente como possível. À parte o principal laboratório humano, este escritor, vários outros indivíduos tentaram. Basta dizer que obtiveram resultados positivos.

Complementos para o estado vibratório. Deite-se em qualquer posição mais propícia ao seu estado de relaxamento, mas com o corpo seguindo um eixo norte-sul, e a cabeça para o norte magnético. Afrouxe qualquer roupa que estiver usando. Mantenha-se coberto para se sentir ligeiramente mais aquecido do que geralmente o confortável para você. Afaste qualquer joia ou objeto de metal perto ou tocando a sua pele. Certifique-se de que seus braços, pernas e pescoço se descontraírem numa posição que não impedirá a circulação sanguínea. Escureça o aposento o bastante para se assegurar de que nenhuma luz possa ser percebida através de suas pálpebras. Não utilize um aposento totalmente escuro, pois assim não terá ponto visual de referência.

Requisitos absolutos. Certifique-se de que não será interrompido de maneira alguma, seja por intervenção física direta,

por telefone tocando, ou outros ruídos interruptores. Não estabeleça limite de tempo ou de prazo. O tempo que despende no experimento não será mais valiosamente empregado em outra coisa, e você não deverá ter assunto pendente, o que poderia tornar breve a sua atividade.

Atinja o estado de relaxamento. Faça isso por qualquer método que tenha achado operável para o seu caso individual. Trabalhe até o Estado D, ou seu equivalente, e mantenha-se no mais profundo estado de relaxamento possível, sem enfraquecer a consciência. Assim que houver gasto tanto tempo quanto necessário para alcançar isso, repita mentalmente: “eu reconhecerei e me lembrarei de tudo o que encontrar durante esse período de relaxamento. Vou recordar com detalhes, quando estiver completamente acordado, somente aqueles assuntos que serão benéficos às minhas condições mental e física”. Diga isso mentalmente cinco vezes. Depois comece a respirar pela boca semiaberta.

Organize as ondas vibratórias. Enquanto continua respirando pela boca semiaberta, concentre-se na escuridão diante dos seus olhos fechados. Primeiro olhe para um ponto na escuridão a trinta centímetros da sua frente. Agora desloque seu ponto de concentração para um metro de distância, e depois dois metros. Mantenha-o assim até se tornar firme. Daí vire o ponto 90° para cima, numa linha paralela ao eixo do corpo e acima da cabeça. Alcance as vibrações naquele ponto. Quando as encontrar, puxe-as mentalmente de volta à sua cabeça.

Essa descrição simples deve provocar muitas perguntas: alcançar o quê? Puxar o quê de volta à cabeça? Tentemos outro sistema de explanação. Inicie uma concentração mental, como se duas linhas se estendessem dos lados externos de seus olhos fechados. Pense nelas convergindo para um ponto a trinta centímetros de sua frente. Visualize uma resistência,

ou pressão quando as duas linhas se encontrarem, como se dois fios elétricos se unissem, ou os polos de um ímã fossem forçados a se tocar. Agora estenda essa junção até cerca de um metro afora, ou a extensão de seu braço esticado. Divido à diferença angular, o padrão de pressão será alterado. Uma compressão do espaço (forças?) entre as linha convergentes deverá ser o resultado, e a pressão deverá, por conseguinte, aumentar para manter a convergência. Depois que a extensão de um metro foi efetuada e preservada, estenda o ponto de interseção para um metro de distância da sua cabeça, ou 30° (para que você possa visualizar devidamente o ângulo exato que 30° representam: talvez ajude estabelecer um ângulo de 30° no papel, com um transferidor, e decorar seu desenho).

Uma vez tendo aprendido a realizar e manter o ângulo de 30° para fora (ou mais ou menos a uns dois metros de distância), curve o ponto de interseção 90° (ou faça um “L”) para cima, na direção de sua cabeça, mas paralelo ao eixo do corpo. Você faz o “estiramento” com esse ponto de interseção. Esticar ou estirar mais com esse ponto até obter uma reação. Novamente, você saberá quando conseguiu-la. É como se uma onda sibilante, ritmicamente pulsante, cheia de faíscas, viesse rugindo para dentro da sua cabeça. E daí ela parece ir varrendo o resto do corpo, tornando-o rígido e imóvel.

Depois que você aprender o processo ou o conceito, não mais será necessário efetuar todas as operações rotineiras. Precisarás apenas pensar nas vibrações, enquanto no estado de relaxamento, e elas começarão a formar-se. Instituiu-se um reflexo condicionado, ou uma trilha nos neurônios, que pode ser seguida sempre e sempre. Ainda uma vez, não é técnica possível de se realizar na primeira tentativa. A probabilidade de êxito aumenta a cada esforço sucessivo. Quanto maior a frequência com o tentar, maiores as possibilidades de obter

resultas positivos. No entanto, uma vez alcançando o sucesso, nem sempre o ato se repete voluntariamente. Existem ainda muitos desvios que interferem, e que ainda não foram isolados e identificados. Porém, a coisa “funciona” com frequência bastante para ser objeto de contínuo estudo.

3. CONTROLE DAS VIBRAÇÕES

Quando você conquistar o estado vibratório, haverá diretrizes definidas para seguir. A utilização desse estado sob controle consciente é o objetivo que você almeja. Para realizar isso terá de observar medidas cautelosas. Elas deverão, lógico, ser mantidas em sequência e na ordem apresentada.

Não há vestígios indicando que esse estado vibratório tem efeito nocivo sobre a mente ou o corpo físico. Vejamos, então, alguns esquemas que podem adaptar sistematicamente. Eles são o resumo de literalmente centenas de experimentos pelo método das tentativas.

Aclimação e adaptação. Essa é uma forma de dizer que você deve se deixar acostumar com a sensação desse estado invulgar. Qualquer medo ou pânico deve ser eliminado quando sentir ondas iguais a um choque elétrico sem dor, invadindo seu corpo. O melhor método parece ser o de não fazer nada quando elas surgirem. Fique deitado quieto, e analise-as objetivamente até sumirem de modo espontâneo. Isso costuma acontecer no espaço de cinco minutos. Após diversas experiências do gênero você perceberá não estar sendo eletrocutado. Tente evitar entrar em pânico, lutando para romper a sensação de paralisia. Você pode interrompê-la sentando-se com grande força de vontade, mas ficará decepcionado consigo mesmo por tê-lo feito. Afinal, era isso que estava querendo

realizar.

Manipulação e modulação. Uma vez tendo eliminado as reações de medo, você está pronto para as fases de controle. Primeiro “dirija” mentalmente as vibrações para um anel ou force-as todas para dentro da sua cabeça. Depois mentalmente empurre-as pelo seu corpo abaixo, até os dedos dos pés, devolvendo-as à cabeça. Em seguida comece a impulsioná-las em onda, acima do corpo, e ritmadamente, da cabeça aos pés, e depois voltando novamente. Após ter efetuado o movimento de onda, deixe-o agir espontaneamente até desvanecer-se. Isso deverá levar uns dez segundos, cinco para baixo, cinco na volta, até que a onda complete o circuito desde a cabeça até os pés, e volte. Pratique isso até a onda vibratória começar instantaneamente após a ordem mental, e deslocar-se firmemente até desaparecer.

A essa altura você terá notado a “rudeza” das vibrações, como se seu corpo estivesse sendo sacudido severamente até o nível molecular, ou atômico. Isso pode ser um tanto desagradável, e você vai sentir vontade de “amaciá-las”. Pode fazê-lo, obrigando-as a “pulsar” mentalmente a fim de aumentá-lhes a frequência. Seu padrão vibratório original parece ser da ordem de uns vinte e sete ciclos por segundo (esse é o padrão da própria vibração, não da frequência cabeça aos pés). O padrão reage a essa ordem de pulsação muito sutilmente, e lentamente, no princípio. Sua primeira indicação de êxito vem quando as vibrações não mais parecem grosseiras e trêmulas. Você está na iminência de controlá-las quando produzirem efeito firme e sólido.

É essencial que aprenda e pratique esse processo de aceleração. O efeito de vibração acelerada é a forma que permite a dissociação do físico. Uma vez tendo determinado o momento da aceleração, ela parece acontecer automaticamente.

Eventualmente você poderá sentir as vibrações apenas quando se iniciam. Elas elevarão sua frequência, como um motor sendo acelerado, até ficar tão alta que você não consegue distingui-la. Nessa fase o efeito sensorial é de calor no corpo, e de formigamento, mas sem excessos.

A conquista consistente desse estágio é sinal de que você se acha pronto para os experimentos de dissociação física iniciais. Outro conselho aqui: além desse ponto acredito que você não consiga recuar. Como consequência você se envolverá com a realidade dessa outra existência. Como isso afetará sua personalidade, sua vida diária, seu futuro e suas filosofias dependem inteiramente de você, como indivíduo. Depois que você for “aberto” a essa outra realidade, não poderá evitá-la, por mais que se esforce. A pressão dos problemas materiais poderá sublimá-la durante certo período, porém ela regressará. Você não poderá ficar sempre de guarda contra sua reabertura. Quando começar a dormir, ou em vigília; quando meramente descansar, a onda de vibrações poderá surgir sem ser chamada. Claro que você poderá detê-la, mas eventualmente estará cansado demais para se dar ao trabalho, e lá vai você em outra excursão. Sentirá que estará lutando contra si mesmo.

E quem deseja lutar contra si próprio ao preço de uma boa noite de sono?

O PROCESSO DE SEPARAÇÃO

Após ter atingido o estado vibratório e certo controle do seu estágio de relaxamento, um fator adicional deve ser levado em consideração. É provável que você já o tenha dominado, tratando-se normalmente de um produto dos exercícios prévios. Contudo, deve ser enfatizado.

Esse fator é o controle do pensamento. No estado de vibração você fica aparentemente sujeito a qualquer pensamento, tanto voluntário quanto involuntário, que passe pela sua mente. Assim, você deve se colocar o mais próximo possível dos estados de “nenhum pensamento”, ou “pensamento único” (concentração). Se alguma ideia dispersa passa pela sua mente, você reage instantaneamente, e às vezes de maneira indesejável. Desconfio que jamais se esteja livre dessa orientação errônea. Pelo menos tem sido assim comigo, o que talvez explique as muitas inexplicáveis viagens a lugares e pessoas que não conheço. Parece que elas são produzidas por pensamentos ou ideias que eu não sabia que me ocorriam, e abaixo do nível consciente. A melhor abordagem é fazer o melhor que você puder.

Tendo isso em mente, as primeiras experiências na dissociação do segundo corpo físico deveriam se limitar a tempo e ação. O que se segue é elaborado basicamente como técnica de familiarização e orientação, que deverá permitir uma abordagem à dissociação, sem medo nem preocupação.

Liberção das extremidades. Isso serve para familiarizar vo-

cê com as sensações do segundo corpo, sem entrega total. Procure relaxar-se, e após a criação do estado vibratório, trabalhe com braço e mão direitos, ou esquerdos, um de cada vez. Isso é tão importante como o será sua primeira confirmação da verdade do segundo corpo. Com uma das mãos tente tocar um objeto qualquer: chão, parede, porta, ou outros, que você se lembre como estando longe do seu braço físico. Tente atingir o objeto. Realize o processo de estiramento, mas não para cima ou para baixo, mas na direção em que seu braço estiver apontando. Faça isso como se estivesse esticando o braço, sem levantá-lo ou abaixá-lo. Uma variação consiste simplesmente em esticar mão e braço da mesma maneira, sem objeto específico em mente. Esse método é frequentemente melhor, pois na hora você não tem ideia preconcebida do que “tocará”.

Quando se “alcança” desse modo e nada se sente, recomenda-se adiantar a mão um pouco mais e continuar suavemente, como se estivesse estendendo o braço, até a mão encontrar algum objeto material. Se o padrão estiver fazendo efeito, ela funcionará, e sua mão finalmente sentirá ou tocará em qualquer coisa. Assim que o fizer, examine, com seu sentido de tato, os detalhes físicos do objeto. Procure quaisquer rachaduras, entalhes ou detalhes incomuns que mais tarde poderá identificar. A essa altura nada parecerá invulgar. Seus mecanismos sensoriais lhe dirão que está tocando no objeto com a mão física.

Eis, então, seu primeiro teste. Depois de familiarizar-se com o objeto por meio da mão esticada, endireite-a e pressione o objeto com as pontas dos dedos. No início encontrará resistência. Empurre um pouco mais, e suavemente vença a resistência que estiver sentindo. A essa altura sua mão parecerá atravessar direto o objeto. Continue fazendo pressão até

sua mão atravessá-lo completamente e achar algum outro objeto físico. Identifique o segundo objeto pelo toque. Depois retire cuidadosamente sua mão, recue através do primeiro objeto, e recue lentamente até o normal para que ela se sinta no lugar ao qual “pertence”.

Depois disso diminua as vibrações. A melhor maneira de fazer isso é tentar vagarosamente mexer o corpo físico. Pense nele e abra os olhos. Traga de volta seus sentidos físicos deliberadamente.

Depois que as vibrações se esvaírem completamente, fique deitado quieto durante alguns minutos até o retorno integral. A seguir levante-se e faça anotações a respeito do objeto que “sentiu”, localizando-o de acordo com a posição de sua mão e braço quando estava deitado. Anote os detalhes tanto do primeiro quanto do segundo objeto que sentiu. Tendo feito isso, compare sua descrição com o primeiro objeto real. Faça registro especial dos pequenos detalhes que não poderia ter enxergado de longe. Sinta o objeto pelo tato a fim de compará-lo com o que sentiu sob influência das vibrações.

Examine o segundo objeto da mesma forma. Talvez você não tenha reconhecido conscientemente sua presença ou posição anterior à experiência. Isso também é muito importante. Teste a linha de direção desde o ponto onde ficou sua mão física; quando atravessou o primeiro objeto, e até o segundo. Será uma linha reta?

Verifique os resultados. Esteve o primeiro objeto que tocou fisicamente localizado numa distância na qual teria sido absolutamente impossível alcançá-lo sem movimento físico? Os detalhes do objeto especialmente os detalhes mínimos, coincidem com as anotações feitas por você? Faça a mesma comparação com o segundo objeto.

Se suas respostas forem afirmativas é porque alcançou

seu primeiro êxito. Se os fatos não conferirem, tente de novo outro dia. Se você produziu o estado vibratório, pode efetuar esse exercício quase sem restrições.

Poderá igualmente realizar o seguinte com muita facilidade: após produzir o estado vibratório, deitado de costas, com os braços ou nos lados, ou em cima do peito, erga-os levemente sem olhar para eles, e una os dedos. Faça isso distraidamente, e recorde-se dos resultados sensoriais. Depois de ter cruzado as mãos sobre o peito, olhe-as primeiro com os olhos fechados. Se você se moveu com relativa facilidade, verá tanto os braços físicos quanto os não físicos. Os físicos estarão descansando do seu lado ou em cima do peito. As impressões sensoriais estarão com os braços e mãos não físicos acima do seu corpo físico. Você deverá testar esse fenômeno quantas vezes desejar, e como quer que deseje. Prove para si mesmo que não está deslocando seus braços físicos, mas outra coisa. Faça-o pelos meios que forem necessários para lhe garantir inteiramente essa verdade.

É sempre importante devolver seus braços não físicos à conexão plena, com suas contrapartes físicas, antes de “desligar” o estado vibratório. Conquanto possa não haver efeitos posteriores graves, caso isso não seja feito, acho melhor não tentar isso nos primeiros estágios.

Técnica de dissociação. O método mais simples de usar quando na separação do físico é o processo de “decolagem”.

O alvo, neste caso, não é viajar para lugares muito distantes, mas sim familiarizar-se com as sensações no seu próprio quarto, em ambiente já conhecido. A razão disso é que a primeira experiência de verdade será, então, examinada e explorada com pontos de referencia identificáveis.

Com o fito de reforçar essa orientação é melhor que esses primeiros, exercícios de completa dissociação sejam con-

duzidos à luz do dia. Teste suas próprias necessidades quanto à quantidade de luz no quarto. Evite luz elétrica, se possível.

Para alcançar as condições, atinja o estado vibratório e mantenha completo controle dos seus processos de pensar. Você vai permanecer apenas nos limites do seu quarto, o qual lhe é familiar. Pense que está ficando mais leve; que está flutuando e subindo, e como seria gostoso flutuar em direção ao alto. Certifique-se de pensar em como seria gostoso, já que o pensamento associado subjetivo é muito importante. Você deseja fazê-lo porque é uma coisa à qual reagirá emocionalmente; reagirá mesmo antes do ato, por antecipação. Se persistir apenas nesses pensamentos acabará dissociando, e flutuará suavemente para cima, saindo do físico. Talvez não o consiga na primeira oportunidade, nem na segunda. Mas, sem dúvida alguma, se conseguiu superar as etapas anteriores de exercícios, conseguirá.

Um segundo sistema é a técnica de “rotação”, mencionada em algum ponto do livro. Sob as mesmas condições já descritas, procure se virar lentamente, como se procurasse uma posição mais cômoda na cama. Não tente se ajudar a virar com braços ou pernas. Comece torcendo a parte superior do corpo, cabeça e ombros em primeiro lugar. A todo custo mexa-se vagarosamente, exercendo pressão suave, mas firme. Se não o fizer poderá se soltar e girar como um toro de lenha no rio, antes de conseguir modificar a pressão. Esse gesto é perturbador somente porque você pode perder toda a orientação e ser forçado a encontrar o caminho de volta cautelosamente, conectando-se em rotação.

A tranquilidade com que você começa a girar, sem fricção ou senso de peso, vai informá-lo de que começou a ter sucesso na dissociação. À medida que isso for acontecendo, gire lentamente até sentir que se mexeu 180° e, sem orienta-

ção, é fácil de sentir.

Uma vez na posição de 180° , cesse a rotação simplesmente pensando em fazê-lo. Sem hesitar, pense em flutuar para cima, afastando-se do corpo físico. Novamente, se alcançou o estado vibratório com êxito, esse método certamente lhe trará resultados.

Das duas técnicas de separação, a primeira deveria ser tentada antes da segunda. Então, depois de ambas serem examinadas e testadas, a que parecer mais fácil deverá ser utilizada.

Experimentos locais e familiarização. Depois que você tiver êxito no processo de separação, é muito importante para sua própria continuidade de objeto que permaneça em completo controle. A única maneira possível de fazer isso é ficando perto do físico nos primeiros estágios. Tudo o que sentir emocionalmente mantenha bem próximo do físico. Essa advertência não é feita por causa de qualquer perigo conhecido, mas para que você mantenha uma familiarização gradativa, reconhecendo assim exatamente o que está acontecendo. As viagens loucas e sem controle nessa altura das coisas bem podem produzir situação e condições desagradáveis, que o forçarão a reaprender muito do que já assimilou. O processo de adaptação mental será diferente de qualquer um que você já tenha praticado conscientemente. A adaptação gradual realçará grandemente sua paz interior e confiança.

A essa altura o exercício principal é o do retorno. Mantenha sua distância separatória a não mais de um metro, pairando sobre o físico. Não faça tentativa alguma, nessa ocasião, para se mexer lateralmente ou mais “para cima”. Como saber a que distância está? De novo, isso é coisa que você sente. Sua visão agora é zero. Você se condicionou a não abrir os olhos e deixá-los fechados por ora. Fique próximo ao físico. A noção

mental disso o manterá na distância devida.

Durante os três ou quatro próximos exercícios não faça mais nada além de “sair” e regressar para o físico. Para retornar sob tais condições, simplesmente “pense” em si mesmo voltando para dentro dele, e voltará. Se usou o primeiro método de separação, a reintegração será relativamente simples. Assim que se vir de volta num alinhamento exato, poderá mexer qualquer porção do corpo físico, e reativar qualquer um ou todos os sentidos. Cada vez que regressar abra os olhos e sente -se fisicamente para saber que está completamente “de volta e uno”. Isso é para assegurar uma orientação: instilar confiança no fato de você poder retornar à vontade e, o que é mais importante, para garantir-lhe o contato não interrompido com o mundo material ao qual pertence atualmente. Seja lá em que acredite, essa afirmação é muito necessária.

Se você aplicou o método rotativo, desloque-o lentamente de volta ao físico, de novo pensando nele e, quando sentir que fez contato completo, inicie sua rotação de 180° para se ligar com o físico. Parece não haver diferença se você continua o círculo de rotação ou inverte e regressa num movimento oposto àquele que o ajudou na liberação.

Em ambas as técnicas parece haver ligeiro sacolejão, semelhante a um estalido, quando você entra de novo em junção com o físico. É extremamente difícil a descrição de tal sensação, mas você a reconhecerá. Aguarde sempre alguns momentos antes de sentar-se após o regresso, basicamente para evitar qualquer possível desassossego. Dê algum tempo a si mesmo para se readaptar ao meio ambiente físico. O ato físico de sentar-se oferece prova de continuidade em forma demonstrável: você saberá que pode consciente e voluntariamente atuar num movimento físico intercalado com experimentos no ambiente não físico, e ainda reter a conscientização

das coisas no decorrer do processo.

Você terá completado o ciclo quando conseguir se separar, voltar ao físico, sentar-se e anotar o tempo despendido; repetir o processo de separação e regressar ao físico uma segunda vez, tudo sem perda da continuidade de consciência. A leitura da numeração do relógio auxiliará na tarefa.

O próximo passo na familiarização é se separar até uma distância ligeiramente maior, aplicando os mesmos procedimentos. Qualquer distância até três metros serve. Mantenha sempre a concentração mental num só propósito, sem padrões de pensamentos dispersivos, especialmente nesses exercícios alongados. Após você ficar acostumado com a sensação de estar meio “separado”, diga mentalmente para si mesmo que pode enxergar. Não pense no ato de abrir os olhos, pois isso pode muito bem transferir você para o físico, enfraquecendo o estado vibratório. Em vez disso, pense em ver; pense que consegue ver, e verá. Não haverá sensação de olhos se abrindo. A escuridão simplesmente sumirá de repente. No começo sua visão poderá ser fraca, como na meia-luz, indistinta ou míope. Até hoje não se sabe por que é assim mas, com a prática, sua visão se tornará mais aguda.

A primeira imagem do seu corpo físico deitado abaixo de você não deverá ser desalentadora, caso tenha efetuado os primeiros exercícios. Depois de certificar-se de que é “você” deitado ali, examine visualmente o quarto, no novo elemento, se quiser, sempre permanecendo dentro do limite prescrito do seu físico.

Neste estágio você poderá ser invadido por fortes desejos, que talvez sejam quase irresistíveis. Esse é o maior problema que poderá enfrentar. Esses desejos, surgindo sem aviso, inesperadamente, são subjetivos e emocionais e podem facilmente anular a posição racional *a priori* que elaborou com

tanto esmero. O mais importante conselho é que eles não devem ser rotulados de mal nem de erro. Simplesmente existem, e você deve aprender a lidar com eles. A regra é: não negue a existência de tais desejos. Reconheça-os como parte profunda e integrante de você que não pode ser agastada pelo “pensar”. Até conseguir isso você estará incapaz para controlá-los.

Os desejos incluem liberdade (deleitar-se com a libertação das limitações físicas e efeitos gravitacionais), contato sexual (primeiro com a pessoa amada, depois em nível estritamente sensorial), êxtase religioso (variável baseado na intensidade do condicionamento da vida pregressa), e outros que se podem originar de invulgares experiências ambientais do indivíduo. A crença apresentada aqui é a de que todo mundo sofrerá esses desejos subjetivos, a despeito da maior disciplina rígida e autoanálise. Referimo-nos a esses elementos muito abaixo da consciência superficial que abrange nosso caráter fundamental e nossa personalidade. Como já foi explicado anteriormente, esses elementos surgem porque você não é mais simplesmente um ego consciente, intelectual. Você é, e talvez pela primeira vez, uma totalidade. Cada parte sua ficará conhecida, e deverá ser levada em consideração em todas as ações em que tomar parte. O truque é manter o você consciente e racional (aquele mais informado no mundo físico) numa posição dominante. Não é fácil.

Sendo assim, você enfrentará problemas se tentar negar seu ego. Em vez disso, deve aceitar esses por vezes surpreendentes impulsos como eles são: parte sua, e seguir em frente. Não poderá eliminá-los, mas sim colocá-los de lado por ora. Ofereça a promessa de realização futura, e não verá resistência. Essas necessidades sabem identificar um engodo, já que foram submetidas a ele toda a sua vida!

Quando você tiver lidado razoavelmente com essas outras partes suas e demonstrando isso para sua satisfação, cinco a sete vezes num estado de quase separação (no mesmo aposento, em proximidade imediata), estará pronto para viagens mais distantes e específicas. O que se segue neste livro presume que você venceu a maior parte dos medos que encontrou até esta fase. Caso contrário, repita os exercícios que produzem medo até que sua familiarização com eles elimine o receio.

Sinal infalível de retorno. Como já registrado, o medo de ser incapaz de reentrar no físico é restrição básica para deixar o corpo. Nos meus primeiros experimentos encontrei esse problema diversas vezes. Felizmente uma solução era achada sempre que tal dificuldade se apresentava. Após cuidadosa análise de centenas de testes, uma técnica infalível foi elaborada. A única garantia disponível foi a de que continuou funcionando para mim.

Primeiro: se tiver dificuldades, não entre em pânico. Acima de tudo mantenha dominados seus processos de pensamento racional. O terror apenas agrava a situação. Assimile essa fórmula simples e use-a: para retornar ao físico de qualquer lugar onde esteja, pense no seu corpo físico. Comece mentalmente a mexer alguma parte do seu corpo físico. Mexa um dedo da mão ou do pé. Fisicamente faça uma inalação profunda. Reative seus cinco sentidos, ou somente qualquer um deles. Mova o maxilar. Engula, ou mexa com a língua. Qualquer ato que deva envolver movimento físico, ou usar energia física serve. Se um não tiver efeito imediato, tente outro. Sem dúvida, tal ação de pensamento o levará de volta ao físico. É apenas questão de decidir qual funciona melhor no seu caso.

Quando essa técnica é aplicada, o regresso é virtualmen-

te imediato. É uma combinação de descobridor automático de direção com a detonação de um foguete. A reintegração parece instantânea quando isso é realizado. Contudo, esse método de retorno imediato elimina seu poder de opção ou decisão. Uma vez posto para funcionar, você não consegue detê-lo. E regressará ao físico sem qualquer oportunidade de saber o quê e como está acontecendo. Logo, isso deve ser considerado como medida de reserva de emergência, em vez de um passo consistente na sua metodologia.

Sob condições normais você deverá pensar ou sentir a direção e a localização do seu corpo físico. Então, sem pressa, e de maneira calma e voluntária, inicie o retorno.

A mecânica do movimento. Agora que você armou os devidos controles, inclusive o sinal de regresso de emergência, está preparado para o mais solene passo de todos: “ir” até um ponto distante e voltar. Decididamente não é aconselhável tentar propositalmente esse exercício antes de haver completado todos os testes prévios e estar acostumado com eles. É muito possível que você tenha ido inadvertidamente até um ponto distante durante as fases iniciais. Se for esse o caso, você pode reconhecer a importância de obedecer a certo procedimento.

Primeiro, estabeleça o seu “alvo”. Lembre-se da regra: você deve “ir” até uma pessoa, não a um local. Talvez seja possível chegar ao último, se você tiver profunda ligação emocional com o lugar, mas os experimentos têm demonstrado pouco êxito nesse terreno. Isso, lógico, pode dever-se à personalidade do autor.

Escolha a pessoa (viva) que deseja visitar. Selecione alguém que conhece bastante. Não informe a ela que está fazendo o teste. Isso é muito importante, pois eliminará qualquer autossugestão da parte dele ou dela. Faça a escolha antes de entrar no estado vibratório e de iniciar o processo de des-

contração.

Efetue o relaxamento e o estado de vibração. Use o método escolhido para separar-se. Afaste-se até curta distância, mais ou menos dois metros do físico. Com a visão ainda em “escuridão”, cautelosamente “pense” na pessoa que planeja visitar. Pense não apenas no nome, mas na personalidade e caráter dela. Não procure visualizar um ser físico, pois é o reflexo da essência da pessoa que o atrairá, e não os atributos físicos.

Elaborando esse padrão, gire lentamente numa rotação de 360°. Em algum ponto do circuito “sentirá” a direção correta. É coisa intuitiva; uma certeza que o atrai como suave ímã. Mesmo assim, é bom verificar tudo. Passe por esse ponto no seu giro, e volte até ele. De novo o sentirá com muita força. Pare de frente para essa direção. Pense que a visão funcionará e comece a enxergar.

Para dar a si mesmo movimento rumo à sua descrição, empregue uma versão total do segundo corpo para o “estiramento”, que você praticou nos primeiros exercícios com mão e braço. O sistema mais fácil é colocar seus braços não físicos acima da cabeça, com os polegares recolhidos, como um caçador submarino a ponto de mergulhar. Com os braços nessa posição pense na pessoa que deseja visitar e estire o corpo nessa direção. Poderá se deslocar depressa ou devagar, dependendo do esforço desse gesto de estiramento. Quanto mais “esticar-se” mais rápido irá. Chegando ao seu destino automaticamente deixará de esticar-se sem percebê-lo.

Para regressar aplique método semelhante. Pense no seu corpo físico, faça o movimento de alcançar alguma coisa e estire -se, e voltará prontamente. Normalmente nada mais se exige além disso. Existe certa especulação quanto à necessidade de manter os braços na posição de nadador. Originalmente

presumia-se que tal postura interromperia um rumo, ou desviaria quaisquer objetos encontrados com as mãos, ao invés de com a cabeça. Ajuda bastante criar o gesto de estiramento, em vez de manter os braços ao lado do corpo.

Aí está. O que vem a seguir parecerá ritualístico, mas a intenção não é essa. Pode não parecer mais eficaz do que as fórmulas mágicas da Idade Média. Até hoje não há explicação de por que a técnica funciona. Talvez nos anos por vir, médicos interessados e curiosos, químicos, neurologistas e outros cientistas elaborarão teorias exequíveis que se combinarão com a ação. Se gente bastante resolver examinar o assunto empiricamente, talvez daí resulte nova ciência.

Nesse ínterim as fronteiras podem desaparecer também para você, se tiver coragem e paciência. A única maneira de aceitar e conhecer essa verdade disseminada é experimentar por si mesmo.

Boa sorte!

ANÁLISE DE ACONTECIMENTOS

Como tudo isso aconteceu? Viu-se algum caminho, ou abordagem que fizesse sentido? A melhor resposta parece estar na análise dos dados. O que exclui o uso dos movimentos secretos, a única área que levou em consideração ou aceitou meu “problema” como alguma coisa que não alucinação, já que muitos dados dos movimentos lidam principalmente com vagas generalidades. Eu queria especificações.

Raciocinei que deveria haver algum modo de organizar os dados conflitantes que eu estava acumulando. Por isso comecei a extrapolar as sólidas possibilidades e probabilidades daquilo já conhecido. O método convencional é manter um pé na luz e no solo firme enquanto se pisa cautelosamente em terreno escuro e movediço.

Os dados já conhecidos eram uma sequência de acontecimentos, sintomas e resultados. O total da minha experiência e experimentações entrou facilmente em quatro estágios cronológicos:

ESTÁGIO PRELIMINAR

Inclui todos os fatos e atividades anteriores ao sintoma de câibra no plexo solar descrito previamente. Padrões de fase pregressa da vida revelaram duas instâncias de paradoxos inexplicáveis, que pareciam relevantes para esta pesquisa.

O primeiro incidente ocorreu quando eu tinha oito anos

de idade. contei a meus pais um sonho no qual eu estava sentado numa sala forrada de madeira vermelho-castanha. A um canto ficava uma sala reservada de onde vinham música e vozes, parecendo muito uma vitrola. Em frente a essa saleta havia uma janela, por onde se viam imagens em movimento. As vozes combinavam com o que as pessoas na janela pareciam estar dizendo. Era como os filmes mostrados na escola, só que as palavras eram ouvidas, em vez de soletradas na tela. Além disso o filme na saleta era colorido, assim como as pessoas e coisas realmente são (trinta anos mais tarde sentei-me numa sala forrada de mogno e vi televisão colorida pela primeira vez). Pelo que posso recordar eu jamais vira qualquer filme colorido até a ocasião em que tive o sonho.

O segundo fato incomum aconteceu à altura da escola, quando eu tinha uns quinze anos. Numa sexta-feira à noite eu ansiava pela festa de sábado. Calculara que minhas despesas no acontecimento seriam de dois dólares. O problema era descobrir os dois dólares antes da noite de sábado.

Não houvera trabalho disponível durante a semana que me fizesse ganhar dinheiro. Por vários motivos meus pais não poderiam arcar com mais despesas. Nenhuma perspectiva de trabalho para sábado. Fui para casa na sexta-feira à noite preocupado com esse problema imediato.

Ao acordar na manhã de sábado tive a imediata e vívida convicção de que havia dois dólares debaixo de uma velha tábua no solo, ao lado da casa. Eu sabia da sua existência, pois se achava ali há bastante tempo. Entretanto, deixei o pensamento como sendo sonho ligado ao desejo, e desci para tomar café.

Depois de comer, ainda preocupado com o calamitoso problema financeiro, pensei novamente na prancha e nos dois dólares embaixo dela. Preguiçosamente, a fim de desfazer a

imagem, fui lá para fora e dei volta à casa até chegar onde estava a tábua, no solo. Parecia intocada, meio coberta com terra e folhas. Impossível que alguém tivesse inadvertidamente “perdido” dinheiro ou o tivesse colocado debaixo dela. Contudo, já que eu estava ali não faria mal dar uma olhada, só para me livrar da compulsão.

Puxei a tábua, levantando-a. havia centenas de formigas e bichinhos na terra úmida, que correram freneticamente em todas as direções. E também na terra molhada, no centro da área onde ficava a tábua, duas notas amarrotadas dobradas, de um dólar cada.

Não parei para imaginar como o dinheiro foi parar debaixo da prancha. Não mencionei o incidente, na ocasião, a não ser para um amigo. Fiquei preocupado demais: e se alguém reclamasse direitos sobre o dinheiro? Estava resolvido o problema daquela noite. O incidente fora esquecido completamente até ser chamado à pesquisa histórica pessoal.

Nada mais havia. Nenhum grande trauma: somente uma educação norte-americana numa família acadêmica. Visto tratar-se de um problema “mental”, a psiquiatria parecia a solução. Todavia, não se encontram vestígios das fortes repressões, compulsões, ansiedades e/ou fobias que normalmente aparecem nas doenças mentais.

Um exame minucioso dos fatos que levaram ao primeiro sintoma de fora do corpo (as sérias câibras) traz à luz diversos fatores que merecem ser tomados em consideração. No ano imediatamente precedente ao primeiro incidente houve apenas uma transformação fisiológica relativamente invulgar.

Durante aquele ano tive sete dentes inferiores tratados, num processo dental bastante prolongado. Isso foi examinado detalhadamente em relação ao último sintoma de “sintonização” com a situação do segundo estado, através de movimen-

tos do maxilar. É possível que os pequeninos pedaços de metal, concentrando parte do material dental, tivessem agido eletricamente, ou de alguma outra forma, no cérebro. Isso permanece como possibilidade inexplorada. Médicos, fisiologistas e especialistas em eletrônica não elaboraram teoria relativa ao assunto. A pesquisa adequada poderia provar ou desfazer a hipótese. Existem centenas de milhares de pessoas andando por aí com pedaços de metal nos dentes: logo, incidentes semelhantes teriam sido relatados. Seria interessante uma pesquisa.

Não houve outras mudanças fisiológicas significativas o bastante para serem recordadas conscientemente. O único fator nutricional extraordinário foi a ingestão de vitamina. Visto que minha esposa acreditava convictamente em nutrição, dosagens diárias de vitamina A, complexo B, C e E, mais tabletes de minerais foram rotina durante vários anos. De novo, efeito cumulativo pode ter sido a causa, mas nenhum relatório, ou estudos de pesquisas indicaram quaisquer fatores apondo o segundo estado. Diferente disso, a rotina era uma dieta normal, sem transformações importantes, pelo menos durante cinco anos.

Nos níveis de atividades psicológica e física há muito para ser observado. É inteiramente concebível que as causas do fenômeno residam aqui.

O primeiro estudo pode ser denominado “episódio da anestesia”: aconteceu uns seis meses antes do primeiro sintoma. Surgiu quando notei um invulgar efeito “anestésico” devido às emanações de um galão de cimento de contato. Eu estava instalando um tampo de mesa de canto numa parede do quarto de dormir de casa quando percebi a sensação. O latão de cimento declarava nitidamente na tampa que o conteúdo deveria ser usado em áreas bem ventiladas. Presumi cor-

retamente ser um aviso de perigo de incêndio, feito pelos fabricantes.

A sensação me fez lembrar do estranho efeito que senti-
ra no passado ao sofrer ação inicial de anestesia. Curioso: fiz
experimentos com o efeito dos vapores inúmeras vezes, no
mês seguinte, com resultados pouco significativos. Depois de
aprender que os agentes químicos dos vapores eram toluol
(um detergente comercial comum, com hidrocarboneto) e
acetona (outrora usada como anestésico), efetuei diversos
experimentos com efeitos subjetivos de ligeira anestesia, utili-
zando inalante menos volátil e relativamente seguro: o trilene.
Comparando, os resultados desses experimentos parecem ca-
minhar paralelamente aos relatórios daqueles que sofreram a
experiência do LSD. Intensamente vitais e não de todo desa-
gradáveis, os efeitos bem podem ter desencadeado um desejo
íntimo, ou necessidade de experiências além das que eu havia
realizado até aquela data.

Relutantemente cessei os experimentos, pois parecia ha-
ver perigos inerentes de efeitos fisiológicos colaterais, caso
recebessem continuação. Embora eu houvesse estabelecido
controles rígidos, não havia certeza de que eles sempre dariam
certo. Contudo, descobri alguns fatos interessantes acerca da
anestesia que satisfizeram minha curiosidade. Na Irlanda, ao
que parece, o éter era vendido às colheradas por vendedores
ambulantes, que o serviam por meio de conchas nas calçadas
todas as manhãs. Antigamente os estudantes de medicina fre-
quentemente faziam “festas do éter”, muito parecidas com as
festinhas dos usuários do LSD de “mercado negro” contem-
porâneos. Médicos relataram que o vício do éter sempre foi
muito divulgado. Comandantes de navios-tanques têm pro-
blemas com uma versão marítima dos viciados. Quando assi-
nam para entrar a fazer parte da tripulação, esses homens pa-

recem perfeitamente normais; depois são encontrados inconscientes ao lado de um respiradouro do porão de carga. Soube que são rotulados de “cheiradores”.

Posteriormente aprendi o relacionamento entre álcool e outros anestésicos. Qualquer anestésico produz uma rota do estado de consciência ao de inconsciência, além da qual vem a morte. A função do anestesista é “apagar”, ou colocar o paciente em estado de inconsciência profunda o mais rápido possível, evitando qualquer estado intermediário “violento” (área que eu evidentemente explorei). A técnica, então, é manter o paciente inconsciente quase à margem da morte. A maior vantagem do éter, quando nos primórdios de sua introdução, foi a de provocar menos efeitos colaterais possíveis que o álcool, oferecendo maior controle do grau de inconsciência. O período de consciência seguinte à sua administração era bem curto, e o estado de inconsciência bastante prolongado antes de alcançar-se o ponto terminal (morte).

Por outro lado, é bem longo o período de consciência que se segue à ingestão do álcool. Quando se alcança a inconsciência profunda, é muito mais curta a distância até o ponto final. A margem é tão estreita que a contínua administração de álcool a um paciente depois que ele tenha “apagado” bem pode provocar a morte.

Outro fato que descobri: estudos arqueológicos e geológicos dos locais onde ficam diversos antigos templos de adoração gregos e egípcios, onde ocorreram muitas visões e milagres, indicaram provável escapamento de gases subterrâneos, inclusive óxido nítrico, dentro e em volta daqueles pontos específicos, em alguma ocasião no passado. O óxido nítrico é um dos atuais anestésicos, sem odor e sem sabor.

Uns três meses após essa experiência com “drogas”, que na oportunidade foi praticamente esquecida, senti interesse

pelas possibilidades da captação de dados durante o sono. Não sei o que me provocou tal interesse, talvez influência de um meio ambiente acadêmico no passado, misturado à minha observação direta dos métodos de ensino aplicados nas aulas do primário aos meus próprios filhos.

Para explorar o potencial desse interesse elaborei alguns estudos de conceitos passados e presentes sobre a mente inconsciente e em vigília. Surgiram indícios comprobatórios de que o inconsciente registrava todos os dados de entrada sensorial durante vigília e sono. O problema era introduzir dados inteligentes e organizados durante o sono, e oferecer recordação consciente quando desejada.

O limitado material de pesquisa formal à disposição mostrou conclusões contraditórias. A simples leitura de dados para um paciente dormindo produziu apenas resultados fragmentários e erráticos. Não se fizeram estudos comparativos entre indução durante o sono (delta) profundo e o estado de sonolência (agora chamado sono REM). Nem foi feita qualquer tentativa para criar deliberadamente um estado de sono receptivo, com um tipo pavloviano de reflexo condicionado induzido, para provocar a lembrança voluntária.

Para efetuar essa pesquisa num padrão conveniente fiz gravações sonoras de auto-hipnose a fim de testar várias abordagens de uma técnica viável. Esse parecia o primeiro passo lógico, visto que os resultados vinham sendo obtidos no decorrer de trabalhos semelhantes, utilizando sono hipnótico ao invés de o estado natural de sono. A razão para o uso de gravações em fitas foi a despersonalização da técnica, e para assegurar testes idênticos entre pacientes diferentes. As fitas foram feitas para uso em cabina isolada da luz e do som.

As fitas em questão eram deliberadamente simples em seu conteúdo. Houve período de indução para criar sono hip-

nótico. Em seguida, uma série de unidades de sugestão-direção foi incorporada em padrão contínuo. Variavam de acordo com o teste e os resultados desejados. A aprendizagem de dados, por exemplo, foi confinada a tabelas de multiplicação (de doze a vinte e quatro), vocabulários espanhol e francês, e frases idiomáticas. Vinham sempre acompanhadas de sugestão com memória completa, e por sugestão pós-hipnótica de que a recordação com memória completa, e por sugestão pós-hipnótica de que a recordação poderia ser alcançada no estado consciente por uma “chave” físico-mental (tal como pensar no número 555 e simultaneamente dar pancadas com os nós dos dedos numa mesa cinco vezes).

Cada gravação de indução em fita incluía também uma sugestão de que o paciente melhoraria tanto física quanto mentalmente. Tal afirmação era, de certa forma, mais do que uma generalidade. Não foram sugeridos detalhes quanto ao modo por que se daria essa melhora. Mesmo assim, cada área funcional do corpo: sistemas nervoso, circulatório, glandular e digestivo deveria ficar completamente “normal”, segundo as instruções dadas ao paciente.

Ambas as sugestões sobre saúde e rememoração foram, então, reforçadas através de cada indução ou uso da fita. Em face de incidentes isso pode ter sido importante. Cada fita experimental foi cautelosamente anotada, e cada palavra falada seguiu identicamente um texto e um procedimento preparados.

As fitas faziam o encerramento com um exemplo de como trazer o paciente de volta à vigília completa e normal. Aqui a sugestão era extremamente simples e eficaz, sem palavras elaboradas que poderiam ser mal interpretadas pelo paciente. As fitas foram operadas para uns onze indivíduos, cujas idades variavam de sete a cinquenta anos. Continham os resul-

tados explícito valor potencial, com certo aperfeiçoamento nas técnicas.

Deve declarar-se aqui que usei as fitas experimentalmente e com maior frequência em mim mesmo. O que, muito naturalmente, levou-me a uma área maior de suspeitas em relação às experimentações fora do corpo. Todas as fitas foram examinadas palavra por palavra, som por som, e em nível de fundo baixo, procurando assim pistas para um possível “efeito” posterior. Nenhuma pista aparece, mas a suspeita permanece.

Tal experimentação terminou com o surgir do primeiro sintoma.

ESTÁGIO INICIAL

(Setembro de 1958 – Julho de 1959)

Na expectativa de alguma correlação entre efeitos, fatos, características, teorias e conclusões, foi estimulado um processo de seleção. Logo se tornou evidente que três estágios além desses três, mas permanecem anônimos. Tanto o ponto de início quanto o de interrupção do estágio inicial estão bastante claros.

Efeitos. O primeiro efeito inexplicável foi a cãibra, ou constrição, conforme relato anterior. Várias semanas depois disso foi seguido por uma impressão de haver um “raio” vindo do norte, com resultante catalepsia. Cautelosa experimentação forneceu o discernimento da sensação vibratória. Essa impressão sensorial foi posteriormente revelada como tendo sido consistentemente relatada nas experiências de espiritualistas, ocultistas e outros, no final do século dezenove. Além disso é mencionada casualmente em muitas conversas dos movimen-

tos secretos.

O efeito sensorial vibratório foi o único sintoma consistente no decorrer do estágio inicial. Todavia, pareceu evolucionário. As vibrações iniciais eram grosseiras, por vezes acompanhadas pela imagem visual de um anel de “centelhas” elétricas localizado. A frequência era da ordem de dez ciclos por segundo, de acordo com cronometragem visual. Na conclusão do estágio inicial a frequência aumentara para aproximadamente dezoito c.p.s., com muito menos desconforto para o corpo físico. Esse efeito foi induzido voluntariamente uns 50 por cento do tempo, nas últimas porções do período.

O segundo efeito foi a conscientização de um som “sibilante” de alta intensidade, escutado suavemente, porém de forma constante nos centros aurais. Estabelecido, continuou ininterruptamente por todo o período. Um especialista em ouvidos diagnosticou isso como “audição do sangue correndo pelas veias”. De qualquer outro modo a audição era normal.

A separação do corpo físico se deu aproximadamente aos três meses dentro do período, inadvertidamente na primeira instância. A maioria dos incidentes subsequentes foi induzida de propósito. Todos ocorreram apenas quando estava presente o efeito de vibração. Tornou-se mais fácil criar tal efeito à medida que o período avançava.

Não foram observados outros efeitos, manifestos ou repetitivos. Quaisquer resultados fisiológicos pareceram tranquilizadores, ao invés de enervantes ou debilitadores. Nessa fase eram óbvios subsequentes efeitos físicos não frequentes de agitação e estímulo, mas não em nível extremo. Incluíam: aceleração do batimento cardíaco, transpiração e reação sexual.

Exemplos emocionais. Por toda a metade do período, foram dominantes medos de incapacidade mental e/ou física.

Tais medos eram grandemente minorados por consultas e exames feitos pelas autoridades médicas e psiquiátricas.

Principal fator subsequente era a curiosidade, mesclada a fortes sensações latentes de ansiedade, relacionadas à exploração indireta e não registrada do desconhecido; com possível censura da comunidade e/ou família; e o medo de ser incapaz de regressar ao corpo físico.

Sequência de experimentações. Desde a primeira experiência fora do corpo, os experimentos foram da gradual familiarização com a separação “local” (três metros ou menos) até o exame objetivo através da separação parcial, e finalmente até as visitas às áreas do Local I (espaço-tempo atual).

Metodologia. Foram explorados meios para induzir ao estado vibratório, centralizando-se principalmente em gravações de fita, descritas anteriormente, e métodos para produzir completo relaxamento em plena consciência – condição indispensável ao estado vibratório. Ficou estabelecido que alcançar o estado vibratório era relativamente simples, desde que fosse vigente o estado de relaxamento quando em consciência.

O indício da respiração oral como circunstância foi confirmado. “entrar em sintonia” com o estado vibratório por meio de movimentos mínimos do maxilar físico mostrou ser um método eficiente.

Tornou-se claro que a separação ocorreu somente durante o estado vibratório. A técnica de separação evoluiu para um simples pensamento disciplinado de “para cima”, ou “para longe”. Testes sucessivos indicaram que qualquer movimento não físico no segundo corpo era instigado por exclusivo desejo ou pensamento. Permaneceram sem solução problemas de movimento controlado para locais pré-determinados e imediato retorno sem incidentes ao corpo físico.

Conclusões. As conclusões a seguir foram tiradas durante

esse período:

1) Realmente existe um segundo corpo, intercalado ou em associação com o corpo físico.

2) O segundo corpo pode se mover e agir independentemente do corpo físico.

3) Esses movimentos e ações podem ser realizados parcialmente sob controle da mente consciente.

4) Algumas entradas sensoriais no segundo corpo se registram da mesma forma que no físico; outras se situam além de uma interpretação.

5) Alguns movimentos no segundo corpo ocorrem em espaço-tempo idêntico ao da contraparte física.

ESTÁGIO MÉDIO

(Agosto de 1959 – Setembro de 1962)

Efeitos. Este período se identifica como iniciando com ligeiro problema de coronária. Não houve indício de um relacionamento entre a experimentação e a doença, embora a ausência de traços não elimine necessariamente tal possibilidade.

O estado vibratório evoluiu até se manifestar apenas como sensação de calor, nas últimas porções do período. Tal mudança resultou de uma “aceleração” gradual de frequência até as pulsações simples se tornarem imperceptíveis. O fenômeno auditivo do “ar sibilante” prosseguiu imutável no decorrer do período.

Tornou-se menos sistemática e mais natural a separação do físico, e só ocasionalmente apresentava problemas de reentrada. O estado vibratório foi propositalmente induzido nas horas diurnas, e ocorreu espontaneamente tarde da noite.

Aparentes efeitos fisiológicos, permaneceram os mes-

mos: nenhuma depressão ou debilitação, e algum estímulo. Todos foram observados muito cautelosamente, em face da oclusão da coronária.

Exemplos emocionais. Bem no princípio do período houve alguma ansiedade em relação a possíveis efeitos fisiológicos. A incapacidade de controlar totalmente a experiência de modo voluntário contribuiu para tais medos, os quais diminuíram consideravelmente no meio do período, devido principalmente à falta de indícios comprobatórios e à confiança crescente. Ainda presentes: preocupação acerca dos controles de volta ao físico e da possibilidade de falhas sérias, por ignorância, em áreas desconhecidas.

Sequência de experimentações. Visitas prolongadas ao Local I tornaram-se menos frequentes, e foram substituídas por viagens inicialmente não intencionais ao Local II. Na última porção do período foi descoberta, e subsequentemente explorada, a entrada para o Local III. O estado intermediário foi descoberto ao final do período.

Metodologia. As técnicas da “contagem” para o relaxamento foram aplicadas em testes diurnos. No final da noite os estados de sono fronteiro foram convertidos ao agora reconhecido estado de vibração-calor. Tornou-se função automática a respiração oral, e houve posterior combinação com experimentos de “sintonização maxilar”.

A separação do corpo físico através do método de 180° (recoo fora de fase) provou ser o mais eficaz e seguro. A técnica consistente no retorno positivo ao físico (retorno K) foi testada e posta em prática.

Conclusões:

- 1) Foi reafirmada a existência do segundo corpo.
- 2) Foi descoberto o Local II, com características específicas

cas diversas daqueles do Local I.

3) A existência do Local III foi presumida, com as características relacionadas com o Local I, mas em diferentes estágios de evolução científica.

4) A personalidade humana sobrevive à transição da morte, e continua no Local II.

5) A comunicação entre seres humanos pode ocorrer acima do nível oral, seja em vigília seja no sono, e/ou no segundo estado.

6) Algumas (ou a maioria?) das entidades físicas humanas viventes se separam do corpo físico durante o sono. Não é conhecido o motivo para isso.

ÚLTIMO ESTÁGIO

(Outubro de 1962 – Outubro de 1970)

A experimentação foi limitada durante esse período, devido principalmente à falta de oportunidades. Teve precedência a preocupação com assunto materiais, a avaliação do trabalho prévio atuando como esforço secundário.

Efeitos. A sensação de vibração desapareceu completamente durante o período, evoluindo para calor e depois para uma “existência” indefinível.

A separação do físico foi possível apenas nesse estado de “ser”, com esforço mínimo. Os únicos efeitos físicos assinalados foram ligeira sensação de desorientação, violência, e pequeno desconforto durante umas nove horas após um experimento específico. Não se realizou nenhum experimento especial, mas as causas disso permanecem desconhecidas.

No meio do período sofreu um trombo hemorroidário, atribuído hipoteticamente a uma experiência acontecida uns

quatro dias antes do aparecimento do sintoma. Não havia histórico médico anterior de tal problema físico.

Diminuiu durante o período a necessidade de sono. Entretanto, quando ele parecia necessário, tornava-se imperativo satisfazer essa necessidade. O não fazê-lo provocou debilidade física e mental. Uns cinco minutos de sono proporcionavam grande recuperação.

O único outro efeito significativo registrado foi a ocorrência, em dois diferentes momentos, da completa conscientização de um “local-aqui-perto”. Isso foi em consciência, em nível onde a total conscientização sensorial dos arredores físicos era ativa, contudo o ego estava a “um milímetro de distância”. Em ambas as ocasiões foi preciso uma decisão deliberada para a completa integração ao meio ambiente físico. É desconhecido o efeito de permanecer no ambiente a “um milímetro de distância”. Persistiu o som de “ar sibilante”.

Exemplos emocionais. Os medos, encontrados nos estágios anteriores foram completamente dissipados neste período. Mais importante motivo para isso: a inteira confiança nos métodos para provocar imediato retorno ao físico, quando desejado. O estudo de dados anteriores trouxe a aceitação do estado, em termos de evolução, ao invés de deterioração.

Ao mesmo tempo começaram a se manifestar preocupações secundárias com a continuidade de existência no corpo físico. Como consequência, diminuiu consideravelmente o desprezo pelos perigos físicos. Desconhecido o motivo.

Sequência de experimentações. Nenhuma sequência pré-planejada foi instituída durante o período devido às necessidades de outros assuntos. Assim, as experimentações foram esporádicas e só se realizaram quando oportuno. Foram efetuadas várias visitas comprobatórias tanto ao Local I quanto ao Local II. A maioria delas ao Local II, com resultados não es-

pecificados no tocante ao mundo físico (Local I). A experimentação em bases estritamente científicas começou na parte final do período em condições controladas de laboratório.

Metodologia. Deu-se pouca atenção a essa área, visto que dois grandes problemas permaneceram sem solução. O primeiro foi a elaboração de técnicas de relaxamento profundo, o qual era obtido com dificuldade progressiva. O segundo, o problema crônico do controle sobre o ponto de destino. Várias técnicas foram aplicadas, todas com resultados indefinidos. Reside a chave da dificuldade nos desejos conflitantes entre a mente consciente e a superconsciente, quando ambas operam a plena capacidade. No segundo estado o superconsciente é o elemento mais forte de decisão.

Conclusões:

- 1) Enquanto no segundo corpo, é possível criar um efeito físico numa entidade humana física vivente, desde que esta esteja em vigília.
- 2) Existem áreas manifestas de conhecimento e conceitos completamente além da compreensão da mente consciente deste experimentador.

CLASSIFICAÇÃO ESTATÍSTICA

A primeira providência para dar sentido a este monte de dados toscos foi estabelecer uma padronização para medida e análise. Depois de várias tentativas se tornou claro que somente poucos dos padrões típicos poderiam ser aplicados. Portanto conjecturas ou premissas eram feitas com o objetivo de permitir identificação no processo de seleção, e as conclusões realizadas são apenas tão válidas como as premissas nas quais se baseiam. São as seguintes as presunções primárias:

1. PROPRIEDADES VERÍDICAS DO EXPERIMENTADOR

Não vem incluso aqui o status do experimentador em fase da nossa sociedade, mas sim uma estimativa das características básicas do indivíduo. Por mais honesto que seja o experimentador, a credibilidade deve residir na personalidade fundamental. Em meus experimentos fico disposto a submeter-me a quaisquer exames adicionais de psiquiatra, psicólogo e médico, no interesse da elaboração de dados extras. Isso, por si só, pode ser suficiente para determinar um grau satisfatório de aceitação intelectual.

2. ANALOGIAS

Explanado, isso quer dizer que o estado observado ou a ação empreendida encontram realidade pelos mesmos padrões aplicados à sua contraparte física do “aqui agora”. Sem levar

em conta qualquer incompatibilidade patente com os atuais conhecimentos e conceitos da humanidade, a realidade da experiência é aceitável se se iguala, aproxima, ou é suficientemente semelhante aos estados de percepção e interpretação normais ao estado físico de vigília.

3. PERCEPÇÃO E INTERPRETAÇÃO

Sua precisão é presumivelmente correta dentro dos limites dos mesmos fatores produtores de erros como os encontrados no estado físico normal de vigília. Tais fatores são acidentais no treinamento e experiência ambientais, no quociente intelectual, e na formação emocional. Deve presumir-se que as entradas sensoriais no segundo estado, conquanto obviamente de natureza diversa, estão sujeitas ao mesmo processo interpretativo de raciocínio e inteligência. A análise objetiva de identificação de estrutura e aparência, de qualificação, classificação e operação ocorre em igual relacionamento com a experiência e o treinamento do indivíduo, como acontece no estado normal físico de vigília. Ademais, nos dados de percepção além de tais experiência e treinamento, a mente no segundo estado atua sob a firme ordem de identificar-se. Agindo sob comando tão inequívoco, ela se identificará dentro dos limites da experiência, em vez de aceitar a existência ou fato do desconhecido.

Em outras palavras: deve-se presumir que o experimentador está relatando com honestidade. Deve supor-se que o que acontece enquanto no segundo corpo é real, desde que de acordo com as circunstâncias de realidade apresentadas no mundo físico, em vigília. Há de pressupor-se que a mente funciona de modo análogo quando no segundo corpo, usando meios diferentes de visão, audição e tato, bem como alguns novos sentidos. Deve admitir-se que a mente se recusa a acei-

tar um elemento desconhecido ao segundo estado, mesmo a ponto de uma identificação incorreta. Como também se deve admitir hipoteticamente que as mesmas características da falha humana quanto à percepção e interpretação estão presentes.

Fornecidas essas premissas, de certa forma se torna mais fácil a seleção e a classificação de uns 589 experimentos durante um período de doze anos. Vejamos outras conclusões.

Nos sonhos, o processo de raciocínio intelectual está ausente. A consciência, conforme é compreendido o termo, não opera. Ou a participação nos fatos é em nível puramente reativo ou incontrollável, ou há uma completa não-participação, como no caso de um observador imóvel, incapaz de realizar ações deliberadas. Fica a percepção limitada a um “senso” ou, no máximo, dois. Nenhuma capacidade analítica imediata está presente ou é utilizada. A interpretação errônea associativa ocorre em qualquer percepção e fica retida como tal na memória consciente.

O segundo estado é a antítese do sonho, assim como o é o estado de vigília. Está presente o reconhecimento de uma consciência de “eu sou”. A mente procura manejar a percepção precisamente da mesma maneira que durante a plena consciência física. São tomadas decisões e realizadas ações baseadas na percepção e no raciocínio. A confirmação da percepção pode ser obtida pela ação deliberada e sistematicamente repetida. A participação é tão fundamental como no estado físico de vigília. A entrada sensorial não fica limitada a uma ou duas fontes. Padrões emocionais estão presentes numa extensão maior do que na consciência física, mas podem ser dirigidos e controlados no mesmo grau.

Se qualquer experimento não continha a maioria das condições incluídas na categoria do segundo estado foi consi-

derado sonho. As experiências restantes foram classificadas novamente. Em seguida foi analisado o meio ambiente, em busca de causas. Se houve alguma coisa criando um estado, ficou muito obscura, como demonstra a tabela:

Condições Físicas (em experimentos com êxito)	Porcentagem do Total (estado presente)
Dia	42,2
Noite	57,8
Quente	96,2
Frio	3,8
Umidade (nenhum efeito visível)	----
Pressão Barométrica (nenhum efeito visível)	----
Deitado	100,00
De pé	----
Norte-sul (cabeça para o norte)	62,4
Leste-oeste (cabeça para o leste)	19,2
Posição da Lua e dos planetas (nenhum relacionamento visível)	----

Foram obtidos resultados satisfatórios principalmente sob condições de calor, quando deitado, e na posição norte--sul. Não se conhecem efeitos claros devido à luz do sol, umidade, mudanças na pressão, localização do corpo físico, ou forças gravitacionais da Lua. Estudos mais sofisticados do meio ambiente são viáveis, porém nenhum foi feito até hoje.

A avaliação do estado fisiológico foi de certa forma fácil, conforme consta da maioria das anotações:

Estado Fisiológico (em experimentos com êxito)	Porcentagem do Total (estado presente)
Saúde normal	78,4
Ligeira debilidade	21,2
Doença ou ferimento	0,4
Cansado	46,5
Descansado	18,8
Intermediário	34,7
Antes de comer	17,5
Depois de comer	35,5
Intermediário	47,0
Possível fator catalítico (drogas, outros agentes)	12,4

Isso indica que a doença física, tão frequentemente presente na dissociação espontânea para o segundo estado, não é item significativo. O estado mais repetido é o de um ligeiro cansaço, não imediatamente após comer, no qual estimulantes medicinais ou químicos, e sedativos não tomam parte vital.

Estado Psicológico (ao começo de experimentos com êxito)	Porcentagem do Total (estado presente)
Calmo	3,2
Instável	8,9
Preocupado	64,0
Expectante	11,9
Inquieto	3,7
Estimulado emocionalmente	9,0
Estimulado intelectualmente	6,5
Aagitado	0,7
Assustado	2,7
Desconhecido	30,0

Na classificação do estado psicológico, se o “laboratório” humano único deve ser ponto de partida, parece que uma calma básica é requisito principal, com alguns tons de emoção e introspecção. Deve ser assinalado que na categoria “assustado” há vários graus de trepidação, a maior parte dos quais é observada nos primeiros estágios de experimentação; um balanço anterior aos experimentos, que produziu sensação violenta ou perturbadora. O sentimento de expectativa, em diversos graus, frequentemente ocorria simultaneamente com o de “calma”.

A seguir, a análise dos elementos de controle:

Origem do Estado (em experimento com êxito)	Porcentagem Total
Induzidos voluntariamente	40,2
Espontâneos	14,9
Indeterminado	44,9

Experimento Deliberado de Indução	Porcentagem Total de tentativas
Resultados com êxito	58,7
Produção de sono	13,6
Ineficazes	27,7

Métodos usados	Resultado c/êxito	Produtentes de sono	Inefi- cazes
Fita gravada p/indução	17,1	5,7	4,5
Relaxamento por conta- gem	24,0	4,5	12,9
Técnica por contagem	3,7	1,7	4,7
Composto	13,9	1,6	5,7

Sintomas patentes (em experimentos com êxito)	Percentual Total (estado presente)
Som de ar sibilante	45,2
Catalepsia física	11,4
Efeito vibratório	30,2
Sensação de calor	66,9
Mistos	33,8

Na classificação “espontâneo” deve-se reparar que os experimentos se tornaram “voluntários” diante da ativação da condição do segundo estado, isto é: o estado começou a manifestar-se durante circunstâncias de relaxamento normal, e eu tirei vantagem da oportunidade. “Indeterminados” foram os casos onde somente a tendência era óbvia, e a evolução do estado foi exercida com intenção deliberada.

“Resultados com êxito” incluem aqueles casos onde dois ou mais sintomas foram gerados tendo como resultado que parte, ou todo o segundo corpo foi revelado. “Produtente (ou produtor) de sono” abrange os casos durante os quais eu simplesmente me senti sonolento. “Ineficazes” se referem às instâncias em que não se obtiveram resultados visíveis, e nenhum dos sintomas foi induzido.

A eficácia das várias técnicas empregadas vem exemplificada sob o título “Métodos Usados”. As técnicas são descritas em outro ponto, e representam uma evolução baseada em simples processamentos dos testes obedecendo ao método das tentativas. Por exemplo: a fita gravada para Indução pro-vou ter bastante eficácia, mas possuía limitações inerentes e impôs restrições às resoluções próprias. Foi por essa razão que a técnica da contagem foi utilizada com maior frequência.

O item “sintomas” deve ser examinado sob o ponto de vista evolucionário. A catalepsia física foi observada apenas

nos estágios iniciais. Isso também se aplica ao efeito vibratório, que visivelmente evoluiu para a sensação de calor, e só de vez em quando foi sentido durante o estágio médio e o último. O som de ar sibilante surgiu no princípio das experimentações e continuou intermitentemente.

Em cada experimento de êxito as fontes de dados com observações foram separadas nas seguintes categorias:

Meio de Percepção	Porcentagem Total (estado presente)
Visão	67,2
Audição	82,7
Tato	69,8
Paladar	0,7
Olfato	0,3
Movimento	94,2
Outros	73,0

Deve ser assinalado que os relacionamentos de entradas sensoriais registrados acima se transformaram numa aproximação de cada uma das categorias. Isso não quer dizer que equivalentes idênticos do sistema nervoso não físico foram usados durante a percepção. No estágio atual não existe indício que prove ou refute uma estrutura semelhante no segundo estado. Nem há, também, qualquer explanação disponível quanto à baixa posição dos sentidos de paladar e olfato na escala, a não ser que ambos dependam do contato físico com a própria matéria, ou partículas desta. Entretanto, o sentido do tato pareceria ter a mesma limitação: mesmo assim ele surge como fonte primordial de entrada. A resposta possível é que o último está operando em alguma forma de nível de radiação--percepção ou, no caso do indivíduo, é mais desenvolvido que os padrões de paladar e olfato.

Movimento é considerado como classificação porque tem conotação de ação, em vez de passividade, e parece realmente uma fonte sensorial acima e além dos tradicionais cinco sentidos, muito parecido com os mecanismos de equilíbrio do corpo físico transmitindo sinais ao cérebro, independentemente de impulsos favoráveis ou conflitantes dos outros sentidos. No corpo físico esse mecanismo pode se basear na aplicação de forças gravitacionais e de inércia, o que pode ser verdadeiro também no segundo estado.

Sob a classificação de “Outros” vêm os tipos que não possuem contraparte física. Os veículos de percepção no segundo estado se mostram além do âmbito do conhecimento ou da teoria atual. A mais séria conjectura é a de que toda percepção no segundo estado é adquirida através de alguma força do espectro eletromagnético, por meio de campos magnéticos, sejam recebidos ou induzidos, ou por meio de alguma força ou campo ainda a ser identificado, em vez de contrapartes dos mecanismos. Isso poderia ser determinado apenas por estudos empíricos em meio a amplos testes de fontes múltiplas.

ANÁLISE E CLASSIFICAÇÃO

Um dos pontos-chave do fenômeno do segundo estado é quão ativa e precisamente a mente seleciona dados assimilados, e age racionalmente baseada em tais informações. Os indícios de identificação foram escalados da seguinte maneira:

	Percentual do Total de Percepções		
	Conhecidas	Semelhantes	Desconhecidas
<i>Configuração</i>			
Aparência ou formato	20,6	44,4	35,0
<i>Estrutura</i>	24,8	43,9	31,3
Componentes	17,4	32,2	50,4
<i>Animadas</i>			
Inteligentes	65,4	75,7	30,7
Subumanas	7,1	1,3	8,7
Artefatos	27,6	23,0	17,4
Desconhecidas	----	----	43,2
<i>Inanimadas</i>	21,1	46,2	32,7
Abstratas	62,1	62,2	81,8
Artefatos	37,9	37,8	18,2
<i>Fato/Ação</i>			
Observados	25,7	18,9	55,4
Participação	39,0	19,2	41,8
Análogos	----	80,4	19,6

Deduz-se desta pesquisa que a maioria das atividades do segundo corpo tem relação com as inteligências tipo humanoide operando em cenários já conhecidos ou semelhantes, e usando objetos identificáveis. Contudo, a tendência é invertida quando se efetua exame do fato em si ou da ação envolvida. Aqui isso vem revelado: que muito do assunto está além da minha experiência e do meu conhecimento.

PERTINÊNCIA DO SEGUNDO ESTADO

Em termos de dados concebidos, a maior fraqueza foi encontrada na tentativa de aplicar conhecidas estruturas físicas, científicas, históricas e sociais às experiências enquanto

no segundo corpo. As tabelas demonstrarão o problema.

Porcentagem do Total de Experimentos com êxito Diferentes ou Não

Preceitos de Ciência Física	Idêntica	Aplicáveis	Desconhecidas
Tempo	45,2	49,1	5,7
Estrutura da Matéria	38,4	41,8	19,8
Conservação de Energia	52,6	18,2	29,2
Forças de campo (interação)	12,9	3,7	83,4
Mecanismos de onda	7,4	2,0	90,6
Gravidade	37,9	17,1	45,0
Ação-reação	72,8	2,2	25,0
Radiação	2,7	26,7	70,6
Conceitos sociais hodiernos			
Organização e comunidade	22,4	50,3	27,3
Unidade de família	33,4	41,4	25,2
Relacionamento			
macho-fêmea	12,2	50,7	39,1
Processo de aprendizagem	0,8	61,8	37,4
Maturidade/envelhecimento	0,8	3,7	95,5
Associação genética	3,1	5,8	91,1
Relacionamento simbiótico	8,1	52,8	39,1
Impulsos culturais	2,7	47,0	50,3
Motivações básicas	28,0	26,0	46,0
Históricos/Religiosos			
Desenvolvimento técnico	27,0	61,3	11,7
História política	27,0	44,5	28,5
Premissas teológicas	4,9	64,2	30,9

O processo de seleção acima deve ser analisado à luz de técnica evolutiva e experiência em relação ao segundo estado.

A categoria “Tempo” se refere ao senso de passagem do tempo enquanto no segundo corpo, e não tem ligação com a medida do tempo físico. Lapso de tempo no estado físico não é apresentado por não ser pertinente à realidade do segundo estado. Na coluna “Idênticos” estão listados os fatos nos quais ocorreu conscientização da passagem de tempo. Sob o título “Diferentes/Não Aplicáveis” vêm registrados aqueles indícios nos quais o lapso de tempo surgiu diferente: acelerado, retardado, ou não existente. “Desconhecidos” demonstra onde os dados não se mostraram disponíveis através das anotações.

Os restantes conceitos científicos se referem apenas às circunstâncias, ações e meio ambiente enquanto no segundo corpo, e não têm conexão com experimentos “locais” e visitas a pessoas e lugares estritamente do “aqui agora”. Este último seguiu todas as leis “naturais”, embora isso não afetasse necessariamente os experimentos do segundo corpo.

Demonstra a análise dos conceitos sociais o desorientador problema da adaptação ao meio ambiente do segundo estado. Com tais diferenças em perspectiva, como pensamento, ação e emoção, torna-se extremamente difícil a compreensão. As incoerências vêm descritas em outro ponto do livro.

Na análise dos conceitos histórico-religiosos, os fatos registrados sob o título “idênticos” em todas três categorias são principalmente o resultado das excursões no “aqui agora”. Na segunda coluna, virtualmente todas as experiências surgem em áreas outras que não tempo espaço correntes. A terceira coluna representa dados não interpretativos ou não relatados.

Através dos padrões de evolução dos experimentos, as mudanças na percepção ocorreram definidamente, como indi-

cado no capítulo anterior. As percepções iniciais resultaram especialmente dos experimentos representados pelos dados da primeira coluna, ao passo que os cálculos da segunda e da terceira colunas representam uma sondagem nos estágios do meio e do final. Evidente que só pela aplicação de novos conceitos podem estes últimos resultados ser relegados às áreas “conhecidas”.

A classificação por meio de analogias provocou o aparecimento de outro padrão de locais.

Porcentagem de Experimentos Quando a Característica Estava Presente

	Local I	Local II	Local III
Distribuição nos Experimentos c/Êxito	31,6	59,5	8,9
Tempo	85,8	----	88,7
Estrutura da Matéria	75,4	52,5	75,8
Conservação de energia	58,3	33,9	91,9
Gravidade	54,0	23,3	87,11
Ação/reação	60,2	20,7	67,3
Radiação	73,5	91,9	42,1
Organização de comunidade	31,1	----	29,0
Relacionamento macho/fêmea	24,2	39,4	33,9
Processo de aprendizagem	1,9	----	0,2
Maturidade/envelhecimento	1,4	----	0,2
Associação genética	5,2	----	11,3
Relacionamento simbiótico	12,8	----	33,9
Impulsos culturais	5,2	----	0,8
Motivações básicas	43,1	----	71,0
Desenvolvimento técnico	68,2	----	24,2
História política	68,3	----	----
Premissas teológicas	13,7	----	----

Outro estado posterior, mas que não envolvia movimento, foi deixado sem classificação, já que não se encaixava em nenhum dos locais acima. Isso vem descrito no Capítulo 12. O Local I amolda-se estritamente ao mundo físico material, sob todos os aspectos. Os Local II é multiconfigurado, porém demonstra apenas poucos dos padrões comuns ao Local I. É uma área de campos de força, tanto conhecidos quanto estranhos, onde não existe gravidade mas, significativamente, a ela se aplicam diversas das mais vitais leis da Física. Socialmente, histórica e filosoficamente apresenta pequeno paralelo com o Local I.

O Local III oferece ministérios inesquecíveis. Tem características quase idênticas ao Local I, a não ser por várias e claras divergências, claras e inexplicáveis: são mostradas sob os títulos “Desenvolvimento técnico”, “História política”, e “Premissas teológicas”.

Somente uma exaustiva exploração do fenômeno do segundo corpo, através de enorme grupo de pesquisas, pode oferecer estudos realmente comparativos dessas áreas. Precisa-se apenas de motivação.

INCONCLUSIVO

Após todos esses anos continuo sem saber como e por que aconteceram essas divergências de “norma”. Pela aparência não há causa facilmente verificável. As ciências médica e mental não oferecem respostas precisas, o que me tornou alternadamente magoado, triste e agradecido: magoado porque fê na extensão, na amplitude da conquista científica moderna ficou totalmente abalada; triste porque a evolução em larga escala do conhecimento diretamente relacionado provavelmente não ocorrerá durante minha vida física; e agradecido por causa dos poucos cientistas de nossa era corajosos o bastante para levar a sérios, e objetivamente, conceitos capazes de refutar anos de estudos, bem como religiões tradicionais e crenças éticas.

Portanto, se nenhuma teoria científica atual se encaixa no assunto sem um volume excessivo de puxões, empurrões, torções e apertões, parece razoável sugerir uma premissa que sem dúvida dá a impressão de funcionar. Afinal, pode-se provar que o homem nada mais é do que alguns galões de água contaminada. Precisa-se tão-somente de pressão extrema para encaixar o fenômeno à teoria.

Merece consideração a premissa a seguir, inaceitável como possa parecer devido ao nosso atual estado de esclarecimentos. Nenhuma outra oferece mais explicações e deixa menos perguntas sem respostas. Com isso não queremos dizer que a coisa é necessariamente válida: só os fatos futuros pode-

rão estabelecer tal validade. Contrariamente não existe teoria conhecida que prove a falsidade do assunto. Certamente a base dessa premissa não é original aqui, mas sua aplicação sim.

Pergunta: que acontece à cobaia de laboratório quando o experimento é completado?

Num universo habitado por seres conscientes de grande variedade, a vida que germina no meio ambiente do planeta segue padrão típico. O primeiro requisito é um escudo difuso e limitador que envolve o planeta inteiro. Quando esse escudo se forma através da evolução normal da matéria do planeta, está presente o requisito fundamental para a vida animada.

Compõe -se o escudo de gases e líquidos com densidade suficiente para (1) alterar, filtrar, e/ou converter a radiação das estrelas-mães e estrelas próximas, até um ponto de tolerância necessário à vida animada; e (2) manter o calor planetário gerado internamente em nível médio, dentro dos limites exigidos pelo processo bioquímico.

Uma vez desenvolvido, o escudo só permite que atinjam a superfície do planeta luz filtrada e radiação reduzida. A visibilidade é estritamente limitada a objetos próximos da superfície, e verticalmente a menos de um décimo do diâmetro do corpo planetário. Não se podem ver estrelas, luas, ou outros planetas. No máximo pode ser enxergado ocasionalmente o cintilar indistinto do sol-pai, a mover-se de horizonte a horizonte pela rotação do planeta.

Nesse meio ambiente a vida física animada gera e evolui em ciclo que se amplia. Onde esse escudo não se desenvolveu e permanece durante período significativo, não há presença de nenhuma vida física animada. Onde o escudo degenera ou é drenado pelo espaço a fora, a vida se deteriora e morre, a menos que o conhecimento intelectual seja suficiente para elaborar e instalar um meio ambiente artificial.

A premissa aceita, então, é de que todos os corpos planetários entram em duas categorias: escudados e não escudados. Nos planetas com escudos translúcidos, a vida física animada pode evoluir. Os sem escudos permanecem estéreis, destituídos de qualquer coisa à exceção de matéria inorgânica. Só muito raramente há exceções deste caso.

Em tais condições, a vida consciente em evolução fica a par e se utiliza primeiro dessas forças naturais aprendidas diretamente. Tais forças são, em ordem de percepção e aplicação: (1) psiônica (energia do pensamento criativo), (2) bioquímica, (3) nuclear, e (4) gravitacional. O eletromagnetismo é empregado restritamente, e permanece à fumaça de um fogo utilizável.

As necessidades primárias dessas formas de vida evolutiva são satisfeitas através do desenvolvimento da força psi e a primeira delas a comunicação, é um direito inato automático. A transmissão e a recepção de informações de indivíduo a indivíduo, ou de um grupo para outro, não conhecem a espacialidade do tempo. Através da experiência e da elaboração, se ganha perícia em outras aplicações psi, tais como movimento e conversão da matéria, direção e controle de espécies secundárias, bem como comunicação e associação como aqueles no âmbito da matéria não física.

À medida que as formas de vida evoluem para sociedades e civilizações, compreensão e conhecimento acerca das restantes forças disponíveis surgem muito naturalmente. Tipicamente, são o resultado do desejo do indivíduo (e da sociedade) de ser aliviado do tédio provocado pelo uso constante e intermitente da força psi. Assim, os meios mecânicos são criados para produzir nutrição corpórea; para dirigir e controlar o meio ambiente do planeta; para transportar matéria; para multiplicar o movimento; e mesmo para modelar e ampliar a força

psi.

Através da perceptividade da psi pela não matéria as forças restantes são adaptadas e aproveitadas por aquelas necessidades. É provável que, a essa altura, a sociedade conquiste seu primeiro contato racional com outras sociedades além dos limites de seu planeta nativo, e com habitantes dos mundos não físicos.

Dando esse passo final rumo à maturidade, a organização social se funde com o todo infinitamente maior da sociedade intergaláctica. Não se trata de coincidência que o conhecimento indiscutível do relacionamento da totalidade do Criador seja o produto principal dessa união. De imediato ficam liquidadas as ilusões mal dirigidas e as conjecturas. Os padrões pelos quais a vida inteligente pode evoluir e expandir-se estão ligados indissolivelmente às regras e leis da energia, e aplicadas com igual rigor.

No passado distante muitas organizações sociais dessas ficaram a par das emanções da força psi, em baixo nível, vindas da orla externa de uma obscura galáxia. A princípio esse fenômeno provocou interesse apenas secundário. Tanto qualitativo quanto quantitativamente parecia não passar de uma transmissão animal subinteligente. Contudo, um técnico ocioso resolveu processar o ruído psi puro, de entrada, por meio de um selecionamento casual, só por curiosidade. Para surpresa sua surgiram, no computador, manifestações instantâneas da psi aplicada.

Intrigado com o fato estranho, foi feita uma sondagem para descobrir-se psi na área. Como se suspeitava, estava em curso o nascimento de uma nova sociedade. Estimulado pela descoberta de fato tão invulgar, foi transmitido o comunicado-padrão de psi para novas sociedades.

Singularmente, nenhuma resposta foi recebida. Trans-

missões sucessivas tiveram o mesmo resultado. Ali estava realmente uma raridade. Foi despachada uma equipe ecológica para investigar fisicamente essa anomalia.

Descobriram os pesquisadores que a fonte era o terceiro planeta de um sistema estelar Classe 10. Enquanto faziam a órbita do próprio planeta, medidas e observações indicaram que ele não seguia a norma para propagação da vida inteligente: o invólucro planetário gasoso não possuía as habituais características uniformes de alta filtragem. Evidentemente, isso permitia que quantidades invulgarmente grandes de radiação atingissem a superfície, chegando ao ponto de deixar o sol claramente visível da própria superfície, assim como planetas e estrelas distantes, quando vistos do lado escuro.

Além disso, devido à alta velocidade da rotação e outros fatores, saturava o planeta inteiro um campo magnético de grande intensidade. Isso, em combinação com o elemento incomum de radiação, parecia exercer profundas influências na sociedade infantil.

À curta distância, tornava-se virtualmente insuportável o ruído psi sem equipamento de proteção ou de seleção, tornava-se impossível ao grupo descer na superfície do próprio planeta. A sensação psi era de uma irracionalidade grosseira, não canalizada, descontrolada e não objetiva. Porém a observação visual mostrou indícios de agrupamentos sociais, artefatos materiais, e conquista de meio ambiente.

Felizmente um dos membros do grupo visitante trabalhara prolongadamente na arte de formar escudo individual contra a psi. Foi ele quem se ofereceu para estabelecer contato físico no próprio planeta. O que foi feito, enquanto os outros aguardavam pacientemente num abrigo no satélite infecundo e instável do planeta.

A visita em si provou a insuficiência do seu treinamento

sob condições externas. O investigador regressou pouco tempo depois em estado de exaustão mental. Conseguira, porém, fazer contato em diversos pontos da superfície. A descoberta era verdadeira: nova sociedade se formava, mas com restrições inimagináveis. Não havia conhecimento, compreensão ou uso da força psi de forma alguma. Quando se tentou a comunicação através dessa força, os habitantes ou entravam em pânico ou se prostravam e emanavam fortes reações psi como se estivessem na presença do Criador. Paradoxalmente, cuidadosas sondagens em nome da psi encontravam vagas noções ocasionais das leis universais nas mentes desses indivíduos, o que provava conclusivamente que a semente fora verdadeiramente plantada, e que aquele ambiente estava destinado a desenvolver-se para uma estrutura social de acordo com o plano, não importava qual o meio ambiente.

Ficando a par disso tudo a equipe de pesquisa retornou à sua própria sociedade a fim de ponderar sobre o problema. Em períodos posteriores outros investigadores, mais bem equipados, visitaram e observaram essa lutadora vida inteligente em ocasiões esporádicas. Todas as visitas foram realizadas dentro das normas que se aplicavam à sociedade infantil, para que não se desse apoio que pudesse instigar o domínio de uma cultura sobre a outra. Raramente se encontraram aplicações inteligentes da psi em níveis individuais, e isso foi estimulado. Todavia, a despeito de todas as precauções, apurou-se que as visitas apenas reforçavam os mitos e lendas que haviam nascido como resultado dos contatos anteriores. Tornou-se uma exceção obter-se uma reação objetiva de um indivíduo através da sondagem da psi. Nenhuma dessas reações se estendeu até a prática comum.

Em períodos recentes a situação se alterou significativamente. A rotina das comunicações via psi, mas advertências

alusivas vindas de inteligências “não-matéria”, mostraram que a sociedade em questão entrou surpreendentemente na fase nuclear enquanto ainda na bioquímica. Aplicações de energia nuclear inevitavelmente levaram à força de gravidade, que pressupõe historicamente a perspectiva original das viagens interestelares. Sem completa compreensão dos campos de força psi, o contato com outras organizações sociais, através da nova sociedade não-psi, poderia ser desastroso. Se a viagem física interestelar é efetuada, tais contatos são uma realidade.

Com essa perspectiva em vista, grupos de pesquisa têm intensificado seus esforços nos contatos, sem efeito sério sobre a dinâmica da nova sociedade. É difícil, visto estarem presentes os mesmos obstáculos. Persiste a contínua interpretação da orientação-divindade. Alguns que são contados pela sondagem psi ainda perdem sua capacidade de raciocinar, e são isolados como portadores de alguma doença. Qualquer padrão remanescente de comunicação psi é geralmente rotulado de irreabilidade ou sonho (termo usado pela sociedade para identificar atividade psi não coordenada durante períodos de recarga, semelhante àquela encontrada no meio de crianças em culturas sociais normais).

Extremamente frustrantes são as tentativas de comunicação com os líderes intelectuais. Sem exceção, foram um fracasso. Sugere a pesquisa que isso é resultado de concentração total no estudo de matéria, rejeição histórica de todos os fenômenos da força psi, e incapacidade de compreender qualquer outra comunicação além da assimilada pelos sensores de luz, som (vibração do invólucro gasoso), e variações na radiação eletromagnética (gerada e transmitida mecanicamente).

O único êxito mínimo aconteceu com indivíduos sem treinamento “científico” inibidor. Com pouco para desaprender, e sem ter de sofrer perda de prestígio, o intercâmbio pro-

duto de pensamento racional foi alcançado em diversos desses habitantes relativamente não instruídos. Infelizmente, a interpretação emprestada aos dados, recebida por tais mentes tão destreinada, frequentemente é deturpada com exagero. Além do mais, as autoridades líderes da jovem sociedade repudiavam o testemunho e as afirmações de tais pessoas, devido à sua ignorância.

O trabalho continua. Equipamento de radiação da força psi em alto nível vem sendo empregado na esperança de uma abertura que leve aos membros da sociedade durante seu estado de vigília, ativo. Quaisquer indivíduos que possuam algum grau de intelecto somado a curiosidade objetiva estão sendo ensinados, às vezes dolorosamente, à base das técnicas de força psi. Outros vêm sendo retirados de seu meio ambiente temporariamente, seja como matéria de partícula densa, seja como entidades psi, para serem testados e examinados em busca dos indícios que levem à solução do problema.

Não será realizada ação direta. Isso em nome das regras de preservação que se aplicam a todas as organizações sociais secundárias. É fato muitas vezes comprovado que tais sub-classificações se perdem consistentemente quando o contato é feito com sociedades mais avançada.

Talvez estejam incorretos os detalhes dessa hipótese, diferentes as motivações, mas a base pode não estar longe da realidade. Aliás, podemos, na verdade, não passar de interessantes cobaias de laboratório para “eles”: úteis em diversos experimentos, porém já agora não mais.

Se tal comunicação e/ou experimentação esteve e está sendo tentada, poderia, explicar muita coisa deixada sem resposta em nossa história da humanidade. Certamente seria um amplo atalho nas crenças teológicas passadas e presentes, já que os fatos atribuídos a Deus e seus assistentes de qualquer

forma assumiriam status mais prosaico.

As ciências da vida, especialmente as relacionadas à mente, personalidade e funções neurológicas teriam de se submeter a uma grande revisão. Doenças tanto mentais quanto físicas talvez fossem entendidas por um conhecimento exato, substituindo as vagas presunções que hoje prevalecem.

As ciências físicas seriam as mais adaptáveis. Aqui, a experimentação e a extrapolação seriam assunto relativamente simples, com novas informações e teorias baseadas em fundações razoavelmente sólidas.

Em nível pessoal, a hipótese descrita acima pode oferecer aceitável resposta a muito da minha própria experiência. Um reexame item por item seria necessário para enfocar o relacionamento adequado em cada circunstância. Como o filósofo, o psiquiatra, e outros que gastaram muitos anos em experimentações, treinamento e aperfeiçoamento, obedecendo a um específico vetor de conceito, estou pouco inclinado a mudar de rumo uma vez mais.

Mesmo assim as experiências seguintes não podem ser totalmente ignoradas. Ocorreram no primeiro período das experimentações e foram extraídas quase textualmente das anotações.

09/09/60 – Noite

Eu estava deitado em posição norte-sul quando subitamente me senti banhado e trespassado por um raio de luz muito que parecia vir do norte, a uns 30° acima do horizonte. Fiquei inteiramente indefeso, sem vontade própria, e senti-me como se estivesse na presença de uma força muito poderosa, digo: em contato pessoal com ela.

Tinha inteligência numa forma além da minha compreensão e veio diretamente (pelo raio?) para dentro da minha cabeça, dando a impressão de estar investigando todas as lembranças em minha mente. Fiquei real-

mente assustado porque estava indefeso para tomar qualquer providência contra essa intrusão.

Essa força inteligente entrou na minha cabeça logo acima da testa, e não ofereceu pensamentos ou palavras tranquilizadores. Parecia não estar a par de quaisquer de meus sentimentos ou emoções. Procurava impessoalmente, depressa, e visivelmente alguma coisa específica em minha mente. Após certo tempo (talvez somente instantes) foi embora, e eu me “reintegrei”, levantei-me trêmulo, e fui até lá fora para respirar um pouco.

16/09/60 – Noite

A mesma sondagem impessoal, a mesma força, pelo mesmo ângulo. No entanto, dessa vez tive a nítida impressão de que eu estava indissoluvelmente ligado a essa força -inteligência por lealdade, que sempre estivera, e que eu tinha missão a cumprir aqui na Terra. A missão não era necessariamente o meu ideal, porém eu fora designado para ela. Tive a impressão de estar trabalhando num “borracheiro”; que era uma função sem higiene, vulgar, mas era minha, e eu me entusiasmaria com ela; e nada, absolutamente nada, poderia alterar a situação.

Parecia haver canos imensos, tão antigos que se achavam cobertos de vegetação rasteira e ferrugem. Alguma coisa parecida com óleo passava através deles, mas possuía muito mais energia que óleo, sendo vitalmente necessitada, e valiosa para outra localidade (suposição: não neste planeta material). Isso vem ocorrendo há uma eternidade, e havia aqui outros grupos de força, retirando o mesmo material em bases altamente competitivas; o material era convertido, em certo ponto distante ou em outra civilização, em alguma coisa de imenso valor para entidades muito acima da minha capacidade de compreensão.

De novo a força inteligente se afastou rapidamente, e terminou a visita. Após alguns instantes me levantei, sentindo -me deprimido, e fui ao banheiro de nossa casa, sentindo realmente que deveria lavar as mãos após o trabalho. (embora estivessem limpas).

30/09/60 – Noite

O mesmo padrão do dia 16/09. Novamente a sensação de ser um borracheiro; a abordagem da entidade pelo raio (?); a investigação em minha mente, e desta vez até para ver o que controlava especificamente meu aparelho respiratório. Eu dava a impressão de estar entendendo que a entidade procurava alguma substância que permitisse respirar na atmosfera terrestre, e foi mostrada uma imagem (na minha mente) de uma bolsa, com possivelmente cinquenta ou sessenta milímetros, e trinta de espessura, pendurada num cinto à altura da cintura, mostrando as palavras: “é assim que respiramos atualmente”. Isso me deu coragem para tentar a comunicação.

Mentalmente (oralmente também?) perguntei quem eram eles, e recebi uma resposta que não pude traduzir ou entender. Então senti que começavam a partir, e pedi um indício irrefutável de que haviam estado ali, mas fui recompensado apenas com regozijo paternal.

Depois pareceram se elevar ao cume do céu, enquanto eu os chamava, implorando. Aí então tive certeza de que sua mentalidade e inteligência estavam muito além da minha compreensão. Era uma inteligência impessoal, fria, sem nenhuma das emoções de amor ou compaixão que tanto respeitamos, contudo isso pode ser a onipotência a que chamamos Deus. Visitas como essas no passado da humanidade bem podem ter sido a base para todas as nossas crenças religiosas; e nosso conhecimento atual não poderia oferecer melhores respostas do que poderíamos há mil anos atrás.

A essa altura estava clareando, e sentei-me para chorar em grandes e profundos soluços, como jamais fizera antes, porque então percebi que, sem qualquer reserva ou futura esperança de mudança, o Deus da minha infância, das igrejas, das religiões por todo o mundo não era como o havíamos adorado, e que pelo resto da minha vida eu iria “sofrer” a perda dessa ilusão.

Nós somos, então, apenas sobras ou cobaias de labora-

tório? Ou talvez o experimento ainda esteja em “processamento”.

PREMISSAS: UM FUNDAMENTO LÓGICO?

Para aqueles que possuem cultura em humanidades, o material contido aqui pode parecer a continuidade de uma linha de pensamento que tem persistido há milhares de anos. E assim é. Por que, então, torna-se importante?

Primeira resposta: este material não se originou de leituras e estudos do passado. Ao contrário: tem acontecido em pleno século vinte. A comparação veio após o fato. Se aqui existe autenticidade é possível que a moderna tecnologia, através de investigação séria e organizada e de pesquisa do postulado do segundo corpo, possa prover a humanidade com um *quantum* tão grande ou maior do que a revolução copérmica. Pode ser a fenda que se transforma em porta, que se transforma em portão a se abrir para uma nova era na história do homem.

PREMISSA: AS PERSPECTIVAS DO HOMEM EXISTENTE

Parcialmente devido à nossa sociedade intensamente materialista, ficamos acostumados e condicionados ao conceito de que a entidade humana reside inapelavelmente dentro dos limites do corpo físico. Portanto a periferia da entidade humana viva, a orla daquela área que ela afeta e por ela é afetada, estende-se além do corpo humano e da mente consciente. A composição dessa área não é material nem motora, mas de pensamento e emoção. São contínuas a transmissão e a

recepção de dados por ela influenciados, operando tanto no nível consciente quanto no não consciente a cada momento da vida, no sono ou na vigília. Os dados recebidos dessa maneira pela entidade humana podem ser benéficas ou destrutivas, segundo a interpretação a eles emprestada pela mente não consciente. Reações a essa constante entrada de dados podem ser achadas nos vários estados mentais e físicos do indivíduo.

Exemplo: a periferia estende-se tanto quanto um amigo distante. O amigo pensa em você, objetiva ou emocionalmente. Inexplicavelmente, e nesse mesmo instante, ele surge em sua mente sem a ligação de uma associação de lembranças que sugira ou provoque a reação. Isso acontece tão normalmente e com tanta frequência que lhe ignoramos o significado. Misture isso com as quase infinitas complexidades e variações nos relacionamentos humanos presentes e passados do indivíduo. Só então é possível perceber o volume e a diversidade dos dados recebidos.

A ética cristã parece uma tentativa de explicar esse fato numa parábola não objetiva. Os pensamentos sobre você que lhe são inculcados por vizinho, amigo e inimigo influem significativamente no seu ego mental e, através desse canal, se refletem no corpo físico. Torna-se claro, também, que o indivíduo com ampla e contínua experiência no relacionamento humano receberá maior entrada de influência, diretamente em proporção a tal experiência. Para os líderes mundiais, expostos à entrada de milhões de pessoas carregadas de emoções benignas ou malignas, é um fardo incalculável. Leve-se em consideração, igualmente, que o que você engendra para os outros consequentemente lhe provoca uma “retroalimentação”.

Tente visualizar uma rede invisível de nervos a se estender de você para todas as pessoas que conhece. Os sinais (pensamentos) constantemente viajam por essa rede, para e de

você. Daqueles que pensam em você com frequência, conscientemente ou não, estende-se um canal de comunicação forte e de circuito perfeito. Na outra extremidade da frequência ficam aqueles que podem pensar em você talvez uma vez por ano. Examine a totalidade de indivíduos que você conhece, bem como os que pode ter influenciado sem saber, e poderá começar a reconhecer as prováveis fontes dos muitos sinais não objetivos que o influenciam a qualquer momento determinado.

Evidentemente, varia muito o teor dos sinais, baseado principalmente no grau de emoção presente durante a transmissão. Quanto mais intensa a emoção, maior a intensidade do sinal. Quanto à questão de ser “bom” ou “mau” não altera a qualidade da transmissão.

O inverso funciona precisamente no mesmo estilo: você transmite para aqueles em quem pensa e eles são influenciados pelo que você pensou. “Pensar” refere-se, aqui, àquelas ações mentais no seu todo quase em nível não consciente, principalmente de natureza emocional e subjetiva. Quando esse tipo de transmissão e recepção ocorre consciente e voluntariamente recebe o nome de telepatia.

Muita coisa ainda se desconhece. A recepção e a transmissão aumentam dez vezes durante o sono? Quando uma entidade humana “morre” cessa o efeito? Ele se estende aos animais? Para cada resposta, cem perguntas são deixadas sem solução. Sem embargo, este é o primeiro passo num conceito muito expandido da experiência da vida física.

PREMISSA: A REALIDADE DA EXISTÊNCIA DO SEGUNDO ESTADO

Muitos, se não todos os seres humanos, possuem um segundo corpo. Por motivos ainda não conhecidos, muitos se

não todos se separam temporariamente dos seus corpos físicos durante o sono através desse segundo corpo. O que é feito sem lembrança consciente, exceto em casos raros. Muito mais raras são as ocasiões em que a separação é obtida com intenção consciente.

No entanto, o último desses casos apresenta algumas estatísticas e probabilidades espantosas. Se uma pessoa pode efetuar qualquer ato de dissociação, deve haver outras, vivendo hoje, que possam fazer o mesmo, provavelmente com mais eficiência. Porém, quantas dessas outras existem? Poderá uma pessoa dentre mil realizá-lo? Dentre dez mil? Cem mil? Um milhão? Vamos presumir que somente uma pessoa dentre mil consegue atuar no segundo corpo de forma consistente e consciente. Isso quer dizer que até este momento há mais de três mil e quinhentos humanos hoje viventes que podem operar no segundo corpo, provavelmente melhor que eu. Se organizado, tal grupo poderia controlar o destino da humanidade. Isso leva a uma pergunta: estarão alguns deles organizados hoje, e realmente controlarão nosso destino?

Antes de repudiarmos isso, tachando-o de absurdo, lembremo-nos de que eu fui capaz de afetar outro ser humano vivente fisicamente, no episódio do “beliscão”. Se uma pessoa consegue fazer isso, outras também. Nada mais que um beliscão na hora certa, no local certo, no corpo físico de outro ser humano poderia transformar o mundo. Não é preciso muita imaginação para visualizar um apertão numa artéria cerebral como causa de ataque num líder mundial. Ou um apertão salvador numa artéria cerebral com hemorragia, em outra pessoa. Só se precisa de capacidade e intenção. Se há restrições ou impedimentos para tais possíveis ações, não são aparentes.

Além disso, alguém operando no segundo corpo pode influenciar outro ser humano mentalmente. O quanto e de

que maneira é ainda incerto. Todavia, mostram os experimentos que pode ser feito. Tais efeitos podem mostrar nada mais que perturbações no sono. Poderiam resultar em inexplicáveis compulsões, medos, neuroses, ou ações irracionais. Pelos dados parece que não se precisa de nada além de técnicas aperfeiçoadas para sistematicamente se obter isso à vontade.

Talvez isso, também, já tenha sido feito.

O uso intencional do segundo corpo, então, potencialmente gera poder tão grande que outros meios são indefesos contra ele. As pessoas que exercessem esse poder bem poderiam reprimir ou desviar qualquer estudo sério e extenso nessa área de conhecimento. Se a História serve como indicação, alguma coisa já retardou o incremento nessa direção. Primeiro era um paredão de ignorância; depois, um véu de superstição. Hoje existe uma barreira dupla: a suspeita da religião convencional e o escárnio da ciência instituída.

Por outro lado, o uso de tal poder pode estar sob controle e direção de governantes vivos, inteligentes, ou impessoais, e talvez frustre uma interferência não construtiva. Há indícios de que o caso pode ser esse. Podemos apenas desejar que sim.

Vamos presumir, então, que o homem sofisticado realizará uma séria pesquisa quanto ao segundo corpo. Um a um, outros aprenderão a técnica, e a verdade se tornará generalizadamente aceita. E daí?

Primeiro, o homem ficará liberto de toda incerteza do seu relacionamento com Deus. Sua posição relativa à natureza e ao universo se tornará uma cultura inequívoca. Saberá, em vez de apenas acreditar, se a morte é uma passagem ou o final de tudo. Com tal conhecimento e experiência geral será impossível o conflito religioso. Muito provavelmente protestantes, judeus, hindus, budistas, católicos etc. continuarão man-

tendo muito de sua individualidade, sabendo que cada um tem sua colocação no Local II. Entretanto, cada qual irá enfim entender como isso é possível, e que há infinitas variações no espectro. Cada um justificará dizendo:

“Era isso que a gente estava querendo explicar o tempo todo”.

Podem ser redescobertas as técnicas da prece. O conhecimento mais do que a crença, poderá alterar vitalmente o procedimento diante do altar. Então o homem seguiria sistematicamente com sua preparação para a vida no Local II com base sólida, livre da interpretação errônea das visões distorcidas e sofridas subjetivamente, e/ou observadas por fanáticos ignorantes de muitos séculos atrás. Em o fazendo o homem poderá ter de encarar fatos um tanto desagradáveis. Os conceitos tradicionais de bom e mau, certo e errado ficarão sem dúvida sujeitos a uma radical redefinição. A verdade poderá realmente ferir durante mais de uma geração.

A prática da medicina será gravemente afetada. O reconhecimento de possível relacionamento entre a saúde física e o segundo corpo influenciará grandemente o puro método mecânico de diagnóstico e tratamento. A relação exata do segundo corpo com o físico não é agora conhecida, mas há muito a estudar. Os crescentes resultados da prática da medicina psicossomática oferecem uma pista adicional. É desafiador pensar na precisão científica nesses campos.

A psicologia e a psiquiatria ficariam logo irreconhecíveis sob o impacto dos dados sobre o segundo estado. Esse setor do conhecimento humano seria ainda mais afetado que a religião. Talvez tivessem de ser revisadas ou postas de lado as definições de neurose, psicose, inconsciente, superego, id. Indicações prévias mostram que as verdadeiras causas de doenças mentais podem ser reveladas, em vez de diagnosticadas

conclusivamente com base em teoria deficiente. Bem pode ser que muitos daqueles tachados de esquizofrênicos sofram de alguma espécie de doença do segundo corpo.

Do ponto de vista do segundo estado, um ser humano fisicamente consciente e em vigília, e que simultaneamente recebe impressões do Local II através de alguma imperfeição ou causa ainda desconhecida, bem pode ser incapaz de assimilar essa entrada de dupla realidade. As “vozes” que tantos médiuns relatam ouvir podem, na verdade, ser bem reais. A catatonia seria o simples efeito de uma dissociação do segundo corpo com certa base invulgar, como se alguém saísse de casa deixando-a com todos os aparelhos elétricos funcionando, e esquecesse de voltar. As alucinações de perseguição dos paranoicos podem ser mesmo reais interferências de espécies subumanas da camada fronteira do Local II, resultado de uma brecha involuntária na barreira, em caso específico.

O trabalho da mente em si, a operação automática dos sistemas a própria função cerebral, o relacionamento de superconsciente, alma ou espírito podem todos cair no conhecimento geral diante do novo conceito. Estados avançados de consciência tais como vêm sendo divulgados por místicos, filósofos e curiosos podem se tornar uma conquista diária para aqueles que isso desejam, ou que sabem manejá-los.

Todas essas possibilidades são suaves em comparação com a convulsão que se daria nas vidas cotidianas de todos os seres humanos se o conceito do segundo corpo se tornar fato aceito.

Primeiro, não mais seria insondável aquela terça parte das nossas vinte e quatro horas que passamos dormindo. Talvez continuássemos a chamá-la “sono”, mas pelo menos saberíamos o que estaríamos fazendo. Pelos atuais e limitados conhecimentos o sono é, antes de tudo, um processo de recar-

ga. Isso pode ser efetuado por uma dissociação do segundo corpo, de modo totalmente automático, em vários graus de distância. Em determinado caso pode se separar apenas uma fração de milímetro. Em outros, tais distâncias podem ser infinitas, por nossos padrões físicos de medida. Como tal separação pode agir como regeneradora ainda não se sabe. Como não se sabe por que alguns fazem “viagens” distantes enquanto outros permanecem próximos ao físico.

Parece haver duas explicações acerca do que hoje chamamos “sonhos”. Primeira: o sonho comum pode ser algum ato, tipo computador, do inconsciente para selecionar dados recentemente assimilados. Segunda: há experiências vividamente rememoradas chamadas “sonhos” que podem, na verdade, ser impressões recebidas pelo segundo corpo enquanto em viagem no estado liberto. Talvez existam muitas outras variedades ou subclassificações ainda sem reconhecimento. Somente a pesquisa nesse ramo definirá isso.

De qualquer modo, nosso período luxuriante e assustador chamado sono será compreendido pelo que realmente é. O resultado poderá ser uma adaptação das nossas necessidades de sono. Talvez apenas duas horas, dentre as vinte e quatro, darão para satisfazer, com essa nova compreensão. Novos estudos ainda mostrariam que cinco minutos de sono proposital a cada hora é um método muito mais eficiente de recarga. O ciclo de oito horas noturnas poderia ser nada mais que um resultado costumeiro do meio ambiente. Estudos sobre o segundo estado resolveriam essas questões.

PREMISSA: A EXISTÊNCIA DE UMA TERCEIRA FORÇA

Essa é a fonte de energia pela qual o segundo corpo opera e que é, muito provavelmente, fundamental no processo

do pensamento. Não se sabe se tal força é gerada por entidades vivas ou se é um campo de força eternamente presente, modulado de alguma forma por tais seres. Ela possui, contudo, algumas características notáveis. Apresenta relacionamento inconfundível com eletricidade e magnetismo. Pode ser concebida como um terço de uma trindade, que é cíclica. A eletricidade está para o magnetismo assim como o magnetismo está para a Força X e a Força X está para a eletricidade. Daí o rótulo “terceira força”, que não foi criado por mim. A Trindade das nossas teologias pode ter principiado quando isso era do conhecimento popular da sua narrativa.

Apresentada essa interação de eletricidade com magnetismo, parece provável que a existência de uma parte da trindade crie padrões secundários ou terciários no meio dos outros dois. Logo, pode ser que, ao pensarmos, utilizemos essa terceira força, que então é apenas ligeiramente representada numa forma puramente elétrica ou magnética. Presume-se que a ação da terceira força pode ser detectada e medida por instrumentos já elaborados. Até hoje isso não foi efetuado por meio de um estudo sério e consistente.

Por outro lado, não existem indícios de que fortes aplicações de eletricidade ou de magnetismo, ou quaisquer combinações de radiação eletromagnética gerem quantidades significativas da terceira força. No entanto, elas parecem atuar sobre a última de maneira muito parecida com a forma pela qual a luz é afetada.

Experimentos com o único transdutor conhecido, a mente humana, mostram a consciência tentando constantemente simbolizar essa terceira força em termos de eletricidade e vibração. Ela “vê” e “sente” os condutores elétricos, o clarão repentino, e frequentemente o próprio choque físico, na tentativa de traduzir esse campo de energia em experiência

conhecida. Em um teste, segundo as anotações, tentou-se uma dissociação e movimento no segundo corpo de dentro de uma caixa carregada Faraday, onde o corpo físico estava completamente cercado por um campo elétrico de corrente direta. Descobriu-se que o movimento através das paredes carregadas da caixa, enquanto no segundo corpo, era impossível. Removendo-se a carga não houve problema.

Nos primeiros estágios da experimentação, as tentativas de deslocamento a qualquer distância no segundo corpo ficaram restritas pelo que pareceu uma barreira entrelaçada de cabos e linhas de energia aéreas, muito parecidas com as usadas em muitas ruas de velhas cidades. Um dos fatores na extensão da distância do corpo físico reside no reconhecimento da natureza dessa barreira e seu relacionamento com a radiação eletromagnética. Sentindo tais forças pela primeira vez, a mente as interpretou com “fios”. Identificada, a passagem pela barreira se tornou relativamente simples.

A correlação é também indicada pela experiência registrada do segundo corpo posicionado acima da rua, posteriormente confirmado pela inspeção física, e deslocando-se através do campo magnético de cabos de força primária de alta voltagem passando por cima. Sempre que encontrada durante o segundo estado, a manifestação da terceira força foi sentida e interpretada de início como eletricidade.

Até hoje não há método comprovado de medição ou detecção da terceira força, nem haverá até que seja seriamente levada em consideração a possibilidade da existência desse terço da trindade.

PREMISSA: A EXISTÊNCIA DO LOCAL II

Essa verdade é conceito de proporções inconcebíveis para a mente humana consciente. Contudo, todos os experi-

mentos apontam essa conclusão.

Não é difícil reconhecer o Local II como alvo dos sonhos e contemplações do homem por toda a História. Como também não é difícil compreender os variados padrões a ele atribuídos nas inúmeras tentativas de interpretar esse grande desconhecido em termos reconhecíveis. Pelos indícios atuais, pode bem ser tanto céu quanto inferno, assim como pode sê-lo o nosso meio ambiente. O mais importante fator, parece, é que a maior parte do Local II não é nenhum dos dois.

Não se sabe, através dos experimentos feitos até hoje, se todo mundo que morre “vai” automaticamente para o Local

II. Igualmente não existe material comprobatório que indique ser permanente a presença da personalidade humana no Local II. Pode ser que, como num redemoinho ou turbilhão, gradualmente percamos energia, e eventualmente nos dissipemos para o meio ambiente do Local II, uma vez deixando o Local I (aqui agora). É concebível que o resultado desse processo empreste reconhecimento à imortalidade que nos diz que sobrevivemos ao túmulo, mas não para sempre. Talvez quanto mais forte a formação da personalidade, mais longa a “vida” nesse estado diferente de ser. Logo, pode ser que a sobrevivência seja tanto realidade quanto ilusão.

O âmbito do Local II parece sem limites. Nas condições encontradas até agora parece não haver formas de medir ou calcular a amplitude de profundidade desse estranho lugar que me é familiar. O movimento de seção para seção é instantâneo, rápido demais para permitir quaisquer estimativas, ou para observar posições especiais relativas de uma área para outra. Pelo que se pode presumir não há relacionamento conectivo entre os lugares do Local II e este universo físico: podem ou não coincidir, lugar com lugar. Certamente esse reino não material não tem como centro a Terra em que vi-

vemos. Antes pareceria que uma porção muito pequena envolve nosso mundo físico, formando assim nosso “porto de entrada”.

No estágio atual acredito ser impossível que a consciência humana compreenda integralmente a verdade do Local II. Seria como pedir a um computador para trabalhar num análogo para o qual não foi programado. A consciência, como a desenvolvemos até os dias de hoje, não está preparada para esse tipo de assimilação. Entretanto, isso não quer dizer que tal consciência não virá a existir. Treinando com técnicas por ora obscuras ou ainda a formar-se, a consciência bem poderia ser aprofundada ou expandida a fim de reconhecer e aceitar essa realidade.

Por outro lado, tenho plena certeza de que subconsciente, inconsciente, superconsciente, superego, alma, ou seja lá qual for o nome que recebe a nossa não consciência não material, está geralmente a par e familiarizado com o Local II. Tem sido analisado por nossos mais acatados filósofos o quanto essa conscientização influi em nosso pensamento consciente. Muitos sugerem que ela domina nossas ações quando em vigília: os registros dos experimentos parecem corroborar isso. Somos donos de nós mesmos, mas não em nível consciente. Nossas ações no Local II podem ter confirmação forçada em nossas atividades diárias, completamente irreconhecidas pelo eu consciente.

Existem literalmente centenas de páginas de anotações experimentais relacionadas a visitas no Local II, a maior parte das quais permanece além da transferência para padrões de pensamento do Local I. indubitavelmente a maioria delas também lida com aquela porção que atrai esse eu pessoal (igual atrai igual), que nada mais é senão uma fração do todo.

PREMISSA: A EXISTÊNCIA DE UMA CONTRADIÇÃO

Compartilhamos com animais e todas as coisas viventes uma ordem comum primária, recuando até o momento da concepção. Ela suplanta qualquer outro instinto. A ordem indelevelmente gravada em nosso ser: SOBREVIVA!

Foi essa dinâmica que criou a barreira do medo, que tinha de ser vencida antes que a separação deliberada pudesse acontecer. Pois uma experiência fora do corpo era muito parecida com a morte, que poderia ser chamada a falha extrema em obedecer à ordem.

Para obedecer ao impulso da sobrevivência, comemos. E com mais frequência comemos compulsivamente porque é um modo de responder ao comando primacial quando ameaçados com algo mais além da fome. Traduzimos a ordem pelo acúmulo e defesa de posses materiais. O impulso de reproduzir responde à ordem de outra maneira. Qualquer perigo para o ego convoca os mecanismos automáticos de defesa ou negação. O tão conhecido “lutar ou fugir” é a reação física à marca da sobrevivência. Sobrevivência como ordem fundamental significa evitar a morte por qualquer método disponível.

A contradição reside em que as principais noções idealistas do homem, as virtudes nobres, os grandes atos, todos possuem como base a negação e/ou rejeição desse comando primário. O homem que dá seu pão a outro, que assiste à família à custa da própria morte, que se entrega à comunidade e ao país sem benefícios diretos, que propositadamente arrisca e possivelmente sacrifica a vida pelos outros, fez a “coisa certa”.

Portanto, fazendo a coisa certa, o ato humano mais respeitado e mais divino, pelos nosso padrões, está violando diretamente a ordem primária de Deus para toda a natureza. E o

que é mais: corroborando a contradição, é impossível atingir o segundo estado sem subjugação e/ou subordinação do impulso de sobrevivência em suas formas mais básicas.

ADR⁽¹⁶⁾, de algum modo você está com os fios cruzados.

Partindo desses conceitos fundamentais, mil premissas secundárias vêm à superfície como bolhas a se elevar da massa primordial abaixo dos fragmentos orgânicos no solo do oceano. Através de camada sobre camada de falso conceito sedimentar, elas exsudam em busca da luz acima. É melhor queimar os vestígios; ignorá-los? Ou, contidas as potencialidades existentes, tentar alargar a porta de entrada?

Com a última sugestão vem esta probabilidade: no ano de 2025, um menino no Local I aperta um botão num aparelho bastante parecido com um rádio portátil. Eu recebo o sinal e volto minha atenção para ele:

- Olá, filho! – cumprimento-o calorosamente, e meu tataraneto sorri reconhecidamente.

(16) DNA = ADR = Ácido Desoxirribonucleico. (N. da T.).

Glossário

DESCASCAR: Técnica de separação do corpo físico, em que alguém se vira lentamente, deitado de bruços, e deixa para trás o corpo físico. É o mais simples e eficiente método descoberto.

DIVAGAÇÃO MENTAL: Fenômeno que costuma ocorrer no processo de relaxamento ou no “ponto de resistência”. Num e noutro caso, durante o processo de rotina, uma brecha na concentração encontra a mente pensando em coisa inteiramente diferente, embora não sonhando, e tem de ser “chamada à ordem”.

ESTIRAMENTO: Inexplicável método de iniciar o estado vibracional descrito no Capítulo 16.

FLUXO DE SANGUE: Sensação momentânea de arremetida de algo na mente, exatamente quando começa o estado vibracional.

LEVITAÇÃO: É o método mais direto – embora muitas vezes o mais difícil – de separação do corpo físico. A técnica era, simplesmente, pensar em se elevar e se afastar, e aí ocorria a separação.

MÉTODO DE ESTIRAMENTO: Usado para criar movimento de um lugar para outro. Após concentrar o pensamento no local a que se destina, a parte superior do corpo e os braços são “estirados” ou empurrados na direção desejada, sendo completado o movimento. Quanto maior o esforço de estiramento, tanto mais rápido o estiramento. Descrito no Capítulo 16.

PADRÃO MENTAL DE CENTRALIZAÇÃO SEXUAL: Método primitivo para estimular o estado vibracional,

desviando o impulso sexual para outras áreas do corpo.

PADRÃO DE RELAXAMENTO: Um dos vários sistemas empregados para obter relaxamento físico.

PONTO DE RESISTÊNCIA: Quando se alcança a condição de completo relaxamento físico, porém a mente consciente está inteiramente desperta. Assim chamado por ser o ponto em que se “resiste” a cair no sono.

PROCESSO DE RECORDAÇÃO: Meios de restabelecer o relaxamento completo ou o estado vibracional, recordando e sentindo igual condição anterior.

RELAXAMENTO FRACIONÁRIO: Método comum para obter relaxamento pela instrução mental para que cada parte do corpo relaxe.

RESPIRAÇÃO ORAL: Técnica de respirar pela boca entreaberta para intensificar o estado vibracional. Descrito no Capítulo 16.

RETORNO K: Produto de teipes de audiocondicionamento para ajudar a garantir pronto e fácil retorno ao corpo físico. Quando se deseja a volta, a letra K é o sinal mental dado conscientemente.

ROLAR: Meio para reentrar no corpo físico quando se vem de muito perto. O segundo corpo se move no mesmo eixo que o físico, depois “rola” como um tronco rola na água, até obter a junção apropriada.

SINAL DE RETORNO POR MOVIMENTO FÍSICO: O método mais seguro de pronto retorno ao físico. Quando se deseja voltar, usualmente é suficiente apenas o pensamento do corpo físico. Se é necessária a volta imediata, uma tentativa para mexer qualquer parte do corpo físico (tal como um dedo ou um pé) estimula o retorno súbito.

SUPERMENTE: Processo de pensamento e parte do ego geralmente não acessíveis ou inteiramente apreendidos

pela mente consciente. Descrito no Capítulo 14.

TÉCNICA DE CONTAGEM: Método para obter completo relaxamento através do uso de teipes de audiocondicionamento. O condicionamento proporciona certeza do relaxamento através da contagem mental de 1 a 20.

TÉCNICA DE RETORNO: É um dos métodos descritos acima para voltar e entrar no corpo físico.

UM-VINTE/LQ: Técnica de relaxamento que compreende contagem de 1 a 20.

• • •